

LUCAS VAN WIJK

OLIVEIRA
SUSSEURROS



O VALE DOS SUSSURROS

LUCAS B VAN WIJK

Arte da capa: Bruno Munayer

Acesse: <https://www.behance.net/brunomunayer>

Caso você goste deste livro, peço que, por favor, deixe uma avaliação positiva na Amazon!

É algo simples e rápido de fazer e que ajuda demais o autor independente!

Muito obrigado!

Para meus pais.

Sem vocês, meus sonhos seriam apenas isso: sonhos.

Sumário

Prólogo

PRIMEIRO DIA

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

SEGUNDO DIA

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

TERCEIRO DIA

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

QUARTO DIA

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

QUINTO DIA

Capítulo 14

Epílogo

Notas e agradecimentos

Prólogo

O homem corria pela floresta. Seu rosto estava mutilado pelos diversos galhos e arbustos que o cortavam na medida em que avançava pela densa mata. As calças já não passavam de farrapos cobrindo suas partes íntimas, e o pouco que restava da camisa fora transformado em uma proteção para as mãos, de modo que ele pudesse se agarrar aos galhos espinhosos sem aumentar a dor de seus incontáveis cortes.

O dia estava amanhecendo, mas os poucos raios de sol não conseguiam penetrar na floresta. Apenas alguns feixes de luz ultrapassavam as folhas das árvores, fazendo com que o ambiente ficasse ainda mais sombrio, agravando as alucinações do homem. A cada passo, ele ofegava e lutava para se equilibrar. Já tinha tropeçado tantas vezes que seus joelhos estavam ensanguentados.

Sons aterrorizantes assombravam sua mente. Ele podia ouvir sussurros ameaçadores através das árvores. Além da dor física que sentia, a mão da insanidade apertava seu cérebro e ele já não podia mais distinguir o que era real ou ilusão. Os ramos pareciam longas mãos que o agarravam, tentando impedir seu progresso. Enxergava diversos vultos nos cantos escuros da floresta e sentia que olhos malignos o observavam do topo das árvores. A certeza de que estava sendo perseguido era o que fazia com que corresse ainda mais.

Finalmente, quando já estava prestes a abandonar suas forças, a mata começou a se abrir e ele pôde sentir a luz do sol aquecendo seu rosto. Os sons e as visões assustadoras diminuíram até desaparecerem por completo. Aliviado, ele se jogou de costas ao chão para descansar, sentindo o vento acariciando seus cabelos. Estava agora em uma trilha aberta de terra e sabia que, se seguisse por aquele caminho, logo chegaria à beira da estrada, e então poderia pedir ajuda.

Seus lábios estavam secos e rachados. Tentou umedecê-los com a língua, mas tudo o que conseguiu fazer foi abrir novos cortes. Sentiu o gosto ferruginoso do sangue e aliviou-se por ter algo para molhar sua boca. Estava desidratado e queimando de febre. Se não conseguisse ajuda logo, morreria ali mesmo.

Juntou suas últimas forças para se colocar de pé. Sentiu as juntas de seus membros rangerem e protestarem, mas ignorou a dor. A passos cambaleantes, seguiu a trilha de terra que parecia não ter fim. Seu estômago doía e seu cérebro parecia estar sendo espetado com ferros quentes. Sentiu os cantos de sua visão começarem a escurecer e tentou apertar os passos.

— Não, não, não! Meu Deus, tenho que conseguir sair daqui... — sussurrava na tentativa de se manter lúcido.

Quando sentiu que estava perdendo o controle de seus membros, deu um tapa no próprio rosto para tentar se recuperar, deixando ali uma marca de terra e sangue. Foi nesse momento que ouviu um som se aproximando. *Um carro!* Estava próximo da rodovia, apenas mais alguns passos e estaria a salvo.

Lutando contra todos os protestos de seu corpo, ele correu pela última vez. Quando avistou a estrada asfaltada, percebeu que já não sentia mais suas pernas. Ele viu o acostamento vindo em sua direção, como se estivesse sendo atraído por ele. Não entendeu o que estava acontecendo e tentou gritar por socorro. Foi então que ouviu o som de pneus cantando e sentiu a dor do impacto no chão. Depois disso, foi só escuridão e silêncio.

PRIMEIRO DIA

27/11/1999

Sábado

Capítulo 1

Otto Weergang estava sentado em sua mesa de estudos quando tocaram a campainha. Estava distraído, observando a paisagem pela janela que se abria à sua frente. Pedra Branca se estendia até os limites do grande monte que dava o nome à cidade. O sol nascia atrás do pico, lançando sombras sobre a estrada que serpenteava seu caminho através do local. A vista era tão linda que poderia estampar um cartão postal de visitas.

Seus dedos tamborilavam a mesa de mogno ao lado do livro que tentava ler. A campainha tocou novamente, despertando-o de seus devaneios. Otto observou o relógio, eram oito horas da manhã, ninguém costumava incomodá-lo tão cedo assim. Retirou os óculos de leitura, deixando-o apoiado sobre o livro e se levantou para espiar pela janela. À sua porta estava Jonas, o enfermeiro que trabalhava na Santa Casa. O rapaz parecia agitado, esfregando as mãos e balançando as pernas sem parar. Antes que pudesse atendê-lo, a campainha tocou mais uma vez.

— Já vou! — Gritou Otto, dirigindo-se à porta. — Bom dia, Jonas. Algum problema?

— Bom dia, padre. Desculpe incomodá-lo tão cedo, mas aconteceu algo que o senhor precisa ver.

Otto, do alto de seus 1,90m, tinha que inclinar sua cabeça para baixo para encarar o rapaz. O padre franziu o cenho ao perceber as gotas de suor que brotavam na testa de Jonas. Por fim, ele abriu a porta por completo.

— Espere eu me arrumar. Enquanto isso, entre e conte-me o que aconteceu.

— Padre, acho melhor o senhor se apressar — Jonas esfregou a mão na cabeça, encabulado com a situação. Mas, ao perceber que Otto não ia a lugar algum sem vestir seu terno, entrou na casa.

O padre entrou no quarto para se trocar e o enfermeiro ficou aguardando ao lado da mesa de estudos. Curioso, observou o livro de capa azul que estava ao centro da mesa:

— Vamos, Jonas, conte-me logo o que aconteceu — a voz grave e séria de Otto veio através da porta do quarto.

— Bem... eu tinha acabado de chegar na Santa Casa hoje de manhã quando o carro do Francisco, aquele senhor que trabalha ali no armazém da esquina, parou lá na porta, cantando os pneus. Ele saiu gritando por socorro, quando eu e mais dois funcionários fomos até lá. A primeira coisa que vi foi o Francisco tentando tirar um corpo do banco de trás do carro. Eu pensei que ele estava carregando um homem morto, juro por Deus, mas quando me aproximei e chequei seus pulsos, vi que não.

— Vocês conhecem o homem?

— Nunca o vi na vida. Francisco disse que estava seguindo pela MG-347, indo para Pouso Alegre, quando, do nada, um vulto saiu do meio do mato e caiu no acostamento. Ele freou o carro na hora, com medo de atropelar o maluco, e foi socorrê-lo. O homem estava inconsciente e cheio de escoriações pelo corpo. Quando eles chegaram na Santa Casa, eu vi os primeiros sinais de desidratação, e qualquer leigo que encostasse as mãos no rosto do cara saberia que ele estava queimando de febre.

— Ele falou alguma coisa? — Otto se observava no espelho enquanto terminava de ajustar seu colarinho romano. Era jovem, com cabelos negros bem cortados e olhos verdes intensos. O rosto já estava barbeado e mantinha uma expressão de seriedade o tempo inteiro, como se jamais pudesse rir de uma piada.

— De início, não. Quando chegaram na Santa Casa, ele ainda estava inconsciente. Depois de um tempo que ligamos o soro nele e começamos a cuidar dos ferimentos, ele foi acordando e, aí sim, começou a murmurar um monte de coisas incompreensíveis.

Otto saiu do quarto vestido em seu terno negro e impecável.

— E por que então precisam de mim? — Por um momento, Otto achou que o rapaz de quem falavam estava à beira da morte e pedia a extrema-unção. Mas o que Jonas falou a seguir fez os pelos de sua nuca se eriçarem.

— Padre, dentre os vários devaneios do homem, ele gritava por seu nome. Essa era a única coisa compreensível que ele dizia.

Pedra Branca era uma cidade pequena localizada ao sul de Minas Gerais. Não tinha mais de cinco mil habitantes e suas ruas sequer eram asfaltadas. Otto chacoalhava de um lado para o outro dentro do carro de Jonas enquanto trepidavam pelo cascalho. Insistira em ir a pé, mas a pressa do enfermeiro fez com que usassem o carro.

A Santa Casa era o mais próximo de um hospital que os habitantes da cidade tinham. O local poderia facilmente ser confundido com uma casa qualquer, se não fosse o grande aviso acima da porta de entrada com a cruz vermelha. Caso algum paciente precisasse de cuidados especiais, deveria ser levado para Itajubá, a cidade mais próxima, pois o local não tinha condições para tratamentos de maior complexidade.

Jonas saltou para fora do carro e guiou o padre pelos corredores vazios do local. Eles pararam diante de um quarto onde um moribundo estava deitado em uma maca com o soro ligado na veia. O homem soltava gemidos agonizantes enquanto dois enfermeiros cuidavam de diversos ferimentos por todo seu corpo.

— Os ferimentos são o de menos — Jonas se aproximou do padre. — O pior é a condição de desidratação em que ele se encontra. Se Francisco não estivesse passando na estrada naquele momento, provavelmente este homem já estaria morto.

Otto se aproximou e observou o homem de perto. Seus olhos fechados estavam fundos, a pele ao redor estava ressecada e escura. Um dos enfermeiros estava com um pano em mãos, molhando-o em uma bacia de água e passando sobre a testa do rapaz. Otto observou que ele tremia com espasmos constantes.

De repente, os espasmos cessaram e, quando Otto voltou seu olhar para o rosto do homem, estava sendo encarado por dois olhos arregalados injetados de sangue. Suas pupilas estavam dilatadas, não deixando espaço para íris. O moribundo moveu seu braço com velocidade, derrubando a bacia de água das mãos do enfermeiro, e agarrou o pulso do padre.

— Otto Weergang! — Sua voz era rouca e saía como chiado de sua garganta. — Me ajude...

Os enfermeiros começaram a gritar alguma coisa ao redor, mas Otto não prestava atenção, estava fixado no homem à sua frente.

— Está sentindo muita dor, meu filho?

— Não... a dor não é no corpo, mas sim aqui — ele apontou um dedo para a própria cabeça. — Faça eles sumirem, padre! Por favor, faça...

Jonas se aproximou da maca segurando uma seringa.

— Vamos sedá-lo — disse ele — o monitoramento cardíaco está muito acelerado, ele está próximo a um colapso.

— NÃO! — Gritou o homem, começando a se debater. — Não posso dormir! Os pesadelos... eles vão me matar! — Ele se virou para Otto, seu olhar demonstrava profundo desespero e sua mão apertou ainda mais o pulso do padre. — Por favor! POR FAVOR! O vale... o *vale dos sussurros*...

— Como eu posso ajudar, filho? Do que você está falando?

— Vá ao Vale, padre. Precisamos da sua ajuda... precisamos acabar com os pesadelos!

Os outros dois enfermeiros seguravam o homem que se debatia enquanto Jonas encaixava a seringa no tubo de soro, preparando para a injetar o calmante.

— NÃO! PAREM! O VALE! Otto, não deixe de ir ao vale dos suss...

Pouco a pouco o calmante começou a fazer efeito e os olhos do homem se fecharam. Sua mão se afrouxou, liberando o pulso do padre. Otto assistia a tudo aquilo incapaz de dizer uma única palavra. Seu rosto continuava sério e indecifrável. Por dentro, ele estava apavorado.

O homem dormia há mais de uma hora. Otto permaneceu ao seu lado, esperando que talvez acordasse novamente, mas nada aconteceu. Seu sono parecia agitado, pois os globos oculares se moviam constantemente por trás das pálpebras.

Jonas se aproximou e entregou um copo descartável para Otto.

— Beba. Você não vai querer ficar igual a ele.

— Com certeza — o padre respondeu sem desviar os olhos do moribundo. Pegou o copo e bebeu a água em dois goles.

— Não sei como o senhor aguenta ficar de terno nesse calor, padre.

— Você ouviu o que ele disse? — Otto se virou para Jonas, ignorando sua observação. — *Vale dos Sussurros*. Isso quer dizer alguma coisa para você?

— Acho que sim, tenho certeza que já ouvi esse nome, mas não lembro onde.

Otto assentiu com a cabeça. Também já ouvira o nome.

— Padre, o sedativo que demos a ele é muito forte. Provavelmente ele vai dormir pelo resto do dia, não há muito que o senhor possa fazer por enquanto — ele fez uma pausa e o encarou. — Você o conhece?

— Não. Pelo menos, não que eu me lembre.

O monitor de batimentos cardíacos apitava em intervalos curtos ao lado da maca. Jonas apontou para ele e disse:

— Se não conseguirmos estabilizá-lo, é possível que ele tenha que ser transferido para outra cidade. Não podemos fazer mais nada por aqui. Vá para casa descansar, Otto.

— Muito bem — Otto se levantou —, se ele acordar, por favor, me avise.

— Certo — Jonas começou a esfregar suas mãos. — Padre, esse homem estava muito desidratado, ele não estava falando nada com nada, talvez estivesse apenas delirando, é um sintoma comum em pessoas com alto nível de desidratação. Além do mais, aquelas pupilas dilatadas podem significar que ele ingeriu alguma toxina, talvez alguma planta alucinógena. Precisamos fazer mais alguns exames para descobrir, mas acredito que ele acabará sendo transferido.

O padre encarou o rosto do enfermeiro e soltou um suspiro.

— Mas nada disso explica como ele sabia meu nome — disse ele, voltando-se para a porta de saída. — Qualquer novidade, não se esqueça de me avisar.

— Pode deixar. Quer uma carona?

— Não precisa, vou caminhando.

O caminho de volta para sua casa passava por uma subida íngreme e não parecia tão curto quando era percorrido a pé. Diversos pensamentos ocupavam a cabeça do padre. Ultimamente ele vinha tendo problemas em relação à sua fé e, por isso, fora afastado de suas atividades dominicais. Agora tinha todo o tempo disponível para investigar aquela situação.

Otto cresceu sem nunca ter conhecido seus pais. Lembrava-se pouco de sua infância, e seu passado era um mistério. Durante mais de dez anos de sua vida, viveu em um orfanato religioso e sua educação foi uma das razões pela qual decidiu seguir a vida eclesiástica. Aos doze anos de idade, foi adotado por uma família cristã que morava em Pedra Branca. Júlio e Isabela, seus pais adotivos, o criaram com todo carinho e educação que um filho deve receber, de modo que Otto aprendeu a amá-los como a família que nunca teve. Quando completou seus dezoito anos, Otto decidiu cursar filosofia em Santa Rita do Sapucaí e, em menos de dez anos, já estava formado e completara o seminário, sendo ordenado padre.

Há três anos, Otto presenciou um fato que mudou completamente o rumo de sua fé. Pedra Branca sempre fora uma cidade pacífica, com pouquíssimos casos de violência. A única cadeia existente na cidade abrigava somente alguns habitantes ocasionais que se envolviam em brigas de bares. Uma exceção a essa regra ocorreu

justamente no dia do aniversário de trinta anos de Otto. Era um domingo, e ele seguia para a casa de seus pais adotivos logo após a celebração da última missa do dia. Ao chegar na casa, estranhou o silêncio anormal do local, e logo reparou nas manchas de sangue espalhadas pelo chão. Ao segui-las, encontrou primeiro o corpo de Isabela com um furo na testa e sangue espalhado pelo rosto sem vida. Logo depois encontrou o corpo do pai no quintal da casa. Júlio segurava uma arma em sua mão e seu cérebro estava espalhado pelo terreiro.

O resultado da perícia realizada pela polícia foi o de crime passional. O marido deveria suspeitar que a mulher o estava traindo e, por isso, matou-a com um tiro na testa e logo depois se suicidou. Otto jamais acreditara naquela conclusão, conhecia bem seus pais adotivos e sabia que eles jamais fariam algo do tipo. Aquele crime foi forjado para parecer um crime passional, mas o *porquê* e *por quem* ele jamais chegou a descobrir. Seus pais não tinham inimigos e eram boas pessoas, não fazia sentido alguém querer vê-los mortos.

Depois desse dia o padre sentiu sua fé ser abalada. Não conseguia entender a crueldade existente em um ser humano capaz de cometer aquele assassinato. Tentou continuar seguindo a vida eclesiástica, mas se questionava constantemente sobre a existência de Deus ou a vida após a morte, pois sentia-se tremendamente abalado pelo contato direto com a morte de pessoas tão próximas. Essas dúvidas foram se acumulando em sua cabeça e foi aí que ele começou a se interessar pelas investigações paranormais. Queria descobrir evidências da existência de algo além da realidade. Sentia que só assim poderia ter sua fé de volta. Não conseguia aceitar a ideia de nunca mais ver seus pais adotivos novamente. Não conseguia entender que tipo de Deus poderia permitir que aquilo acontecesse com pessoas tão boas, que o acolheram debaixo do próprio teto, sustentando-o e educando-o com amor, mesmo não sendo de seu próprio sangue.

Nos três anos que se seguiram, Otto acompanhou e investigou diversos casos de eventos paranormais nas cidades do sul de Minas Gerais, mas nenhuma chegou a dar algum resultado satisfatório. A igreja obviamente se incomodou com as pesquisas do padre e sua falta de interesse pelo clero. Por isso, afastou-o momentaneamente de suas atividades eclesiásticas.

Agora Otto sentia que estava diante de um novo mistério que talvez pudesse solucionar suas dúvidas. Jamais, em nenhum dos casos investigados, esteve de cara com algo que o envolvesse diretamente. Aquele moribundo sabia seu nome completo, e Otto não se lembrava de conhecê-lo de lugar algum. Talvez este seria o seu teste de fé e, por isso, arriscaria ir a fundo para descobrir o que era o *Vale dos Sussurros*, que estranhamente lhe soava tão comum.

Ele estava tão perdido em seus pensamentos que mal percebeu que já estava na porta de sua casa. Assim que entrou, se dirigiu ao telefone e discou o número que já estava gravado em sua memória.

— *Alô?* — Disse a voz do outro lado da linha.

— Henrique?

— *Isso mesmo, quem fala?*

— Sou eu, Otto. Como estão as coisas?

— *Otto! Quanto tempo, cara. Não tive notícias suas nesse último ano, desistiu de me ajudar nas novas pesquisas?*

— Bem, eu estive um pouco ausente mesmo, eu sei. Mas depois eu explicarei tudo. Me diga uma coisa, você está muito ocupado por esses dias? — Otto olhou o calendário em cima de sua mesa: *sábado, 27 de novembro de 1999*. O escritório de Henrique ficava em Pouso Alegre, ele poderia ir naquele mesmo dia para Pedra Branca caso estivesse livre.

— *Deixe-me ver* — do outro lado da linha, Otto podia ouvir o barulho de diversos papéis sendo remexidos. — *Não, tá tudo tranquilo, nada que eu não possa deixar com meus subordinados.*

— Que bom! Será que pode vir para cá hoje mesmo?

— *Hoje? Agora? Por que a pressa repentina?*

— Meu amigo, faça suas malas, acho que tenho um novo caso para nós.

Capítulo 2

O relógio da igreja batia as doze badaladas do meio dia no momento exato em que o Santana verde de Henrique estacionou em frente à casa de Otto. A pessoa que desceu do carro vestia uma calça jeans desbotada e uma camisa social branca amarrotada. Henrique tinha 33 anos, quase a mesma idade de Otto, mas se vestia e agia como um adolescente desleixado. Seus cabelos já apresentavam entradas, mas mesmo assim ele os jogava para cima de modo arrepiado, dando-lhe uma aparência não condizente com sua idade.

Os dois amigos se conheciam desde crianças. Henrique, assim como Otto, nunca conheceu seus pais biológicos e os dois cresceram juntos no mesmo orfanato em Santa Rita do Sapucaí. A infância naquele local teria sido muito solitária se não fosse pela amizade dos dois. Quando Otto foi adotado, o amigo permaneceu sozinho no lugar, até completar seus dezoito anos. Essa foi uma época em que eles perderam o contato.

Atingida a maioridade e sem ter mais onde morar, Henrique passou muitas dificuldades até arranjar um emprego de ajudante em uma gráfica. Coincidentemente, essa foi a mesma época em que Otto voltou para Santa Rita para estudar filosofia. Os dois amigos acabaram se reencontrando e fizeram renascer a amizade da infância. Dividiram o aluguel de um apartamento e, quando conseguiu poupar algum dinheiro, Henrique começou o curso de jornalismo. Desde então, os dois nunca mais perderam o contato.

Otto o observava pela janela, lembrando os bons momentos de sua amizade. Assim que o viu descer do carro, correu para abrir a porta. Os dois amigos se cumprimentaram com um forte abraço e tapas nas costas.

— Otto, Otto! Já faz quase um ano que você nem me dá notícias, cara. Achei que já tinha desistido de nossos estudos — Henrique sorria ao encarar o amigo. Otto devolveu o sorriso, que não se encaixou muito bem em seu rosto sério. — Cara, sua aparência tá uma merda! O que rolou durante esse tempo que ficou sumido?

O padre se desvencilhou do abraço do amigo e ofereceu a cadeira de estudos para que ele se sentasse.

— Não aconteceu nada demais — respondeu, enquanto puxava um banco para si. — Estive por aqui mesmo, mas como fui afastado da Igreja, resolvi dar um tempo aos estudos para ver se as coisas esfriavam, sabe?

— Porra, Otto! Já que ficou afastado, aí é que você devia ter investido seu tempo livre nisso! — O amigo correu os olhos pela sala de estar do padre. Além da mesa de estudos, havia somente um sofá encostado na parede à esquerda e uma mesa redonda com quatro bancos de madeira do lado oposto. Sabia que o restante da casa se resumia à cozinha, um banheiro e o quarto de Otto. Nada de TV, computador ou qualquer outro meio de entretenimento. — Que desgraça, cara, o que você ficou fazendo esse tempo todo?

Otto balançou a cabeça indicando a mesa de estudos. Ao lado dela, uma estante se estendia até o teto, repleta de livros.

— Aproveitei para estudar outras coisas — respondeu.

Henrique observou a estante sem curiosidade e pegou o livro que estava em cima da mesa. Seu nome estava gravado na capa.

— É, estou vendo quantas coisas novas você esteve estudando.

— Bem, ultimamente voltei a me interessar pelo assunto — o padre fez uma pausa e passou as mãos pelos cabelos. — Na verdade, eu nunca deixei de me interessar, meu amigo, resolvi apenas dar um tempo.

O livro, que se tratava de um estudo sobre casos paranormais, foi escrito pelo próprio Henrique. Atualmente ele era dono de uma pequena editora em Pouso Alegre e dirigia um jornal impresso que circulava pela cidade. O amigo sempre nutriu interesse por casos sobrenaturais e, por isso, dedicou boa parte de seus estudos a esse assunto. Quando Otto sentiu sua fé vacilar, recorreu a ele e, juntos, começaram a realizar diversas investigações e estudos sobre a vida após a morte, na frustrante tentativa de comprová-la. O livro que ele estava segurando fora publicado no ano anterior e tinha diversas contribuições do padre.

— E então? — Henrique jogou o livro de volta na mesa e abriu os braços em questionamento. — Qual é a grande novidade que me trouxe para cá?

A conversa que tiveram por telefone foi muito curta, e agora Otto a completava, contando sobre o moribundo que estava no hospital e tudo mais que aconteceu durante aquelas poucas horas da manhã. Henrique ouvia tudo atentamente e, quando Otto terminou de falar, ele disse:

— *Vale dos Sussurros*... cara, eu sei o que é isso!

— Sério? — Otto arregalou os olhos. — Então diga! Esse nome não me é estranho. Cada vez que o repito, sinto um fio em minha memória querendo ser puxado, mas não consigo alcançá-lo.

— É claro que você sente, pois já deve ter ouvido este nome. O Vale dos Sussurros é uma região aqui por perto. Se não me engano, fica justamente entre

Pedra Branca e Santa Rita — ele coçou sua barba por fazer, e franziu a testa. — Você tem algum mapa da região por aí?

Otto se afastou e logo voltou com um guia de viagens em mãos. Henrique o abriu e retirou uma folha dobrada que esticou pela mesa de estudos. Lá estava um mapa ampliado de Minas Gerais. Ele apontou o dedo no local onde estava escrito *Pedra Branca* e o seguiu em linha reta para a esquerda até *Santa Rita do Sapucaí*. O espaço entre as duas cidades era circundado por quatro rodovias diferentes e não apresentava nenhuma descrição.

— Eu não sei exatamente o local, mas essa é uma região montanhosa. Por causa do terreno irregular, a área é desabitada. As poucas fazendas que existem por ali não vão muito além dos limites das rodovias. O Vale dos Sussurros fica mais ou menos por aqui — ele apontou para o centro do local —, cercado por vários montes.

O padre ficou encarando o mapa, suas mãos se juntando e se afastando, como se estivesse batendo palmas silenciosamente, um sinal de que estava pensativo.

— E o que será que esse lugar tem de especial? — Perguntou.

— Eu não sei, mas eu me lembro do nome, pois tenho certeza de que me deparei com ele em um dos meus documentos. Espere um instante, vou ver se consigo mais algumas informações — ele retirou um celular grotesco do bolso e franziu a testa ao encarar a tela.

— Use o telefone. Nós ainda não temos cobertura de sinal aqui na cidade.

— Não sei como você aguenta viver nesse fim de mundo — Henrique balançou a cabeça enquanto colocava o celular de volta ao bolso.

Enquanto o amigo discava o telefone e conversava com alguém do outro lado da linha, Otto continuou encarando o mapa aberto à sua frente. Suas mãos ainda estavam agitadas, pois tentava organizar seus pensamentos. Obviamente o Vale dos Sussurros não era uma região desabitada, caso contrário, de onde surgira aquele homem que conhecia seu nome? E por que ele veio diretamente à Pedra Branca, procurando pelo padre? De onde ele o conhecia?

Dizer que aquilo tudo era *estranho* era um eufemismo. Justamente no momento em que Otto sentia sua fé fracassar, um estranho aparecia em sua cidade, chamando por seu nome. Seria aquilo um sinal de Deus? Fosse o que fosse, ele já sabia o que deveria fazer. Tinha que ir até o Vale dos Sussurros descobrir o que aquele lugar misterioso escondia.

Henrique desligou o telefone e se virou para Otto. Segurava um bloco de anotações em suas mãos.

— Eu sabia que já tinha ouvido falar nesse lugar! — Ele olhou as anotações em suas mãos e começou a falar. — Pedi para que um dos meus empregados consultasse alguns estudos recentes realizados para o jornal e, há alguns meses, foi feita uma reportagem especial sobre a história das cidades aqui do sul de Minas. Dentre os assuntos tratados, o Vale dos Sussurros foi mencionado.

“De acordo com o que esse rapaz encontrou, parece que aquela região que apontamos no mapa era rica em minérios e, no início dos anos cinquenta, foi explorada por uma mineradora famosa — ele folheou seu bloco de notas —, Irmãos Samael, esse era o nome da empresa. Os trabalhadores da mineradora formaram um pequeno vilarejo no lugar e viviam por lá. No final dos anos sessenta, aconteceu um acidente no local, parece que uma das minas desabou e mais de cinquenta mineradores morreram soterrados. Depois disso, a mineradora Irmãos Samael faliu e o lugar ficou abandonado.

“Acho que isso explica algumas coisas. As pessoas devem ter continuado morando no lugar até hoje. Eles devem ter fazendas por lá, não sei...”

Otto coçou o queixo e disse:

— Sim, isso explica algumas coisas, mas muito pouco. Tudo que você está falando aconteceu há mais de trinta anos. Mesmo que ainda existam habitantes no local, o que levou um deles a sair de lá e caminhar por mais de trinta quilômetros em um terreno montanhoso para me encontrar? Eu sei que eu nunca vi aquele homem antes e, mesmo assim, ele quase morreu para chegar até aqui.

— Bem, meu amigo, para desvendar esse mistério, acho que teremos que ir até lá. E, adivinha só?

O padre deu um de seus raros sorrisos, já sabendo o que o amigo ia dizer.

— O lugar ficou com a fama de ser assombrado! — Henrique esfregou as palmas de suas mãos enquanto falava. — Depois de tantos fracassos, finalmente encontramos um caso que talvez valha a pena investigar! Pelo que o rapaz do escritório me contou, os fazendeiros que vivem lá por perto dizem que ainda é possível ouvir o murmúrio daqueles que morreram no acidente através das árvores da floresta que cerca a região.

— Isso explica por que o lugar é chamado de Vale dos Sussu...

O toque do telefone o interrompeu. Otto atendeu e reconheceu de imediato a voz de Jonas. Ele parecia nervoso.

— *Padre, ele acordou.*

Quando Otto e Henrique chegaram na Santa Casa, o local estava um caos. Do lado de fora eles já ouviram os gritos histéricos de alguém que se encontrava em profundo desespero. Uma ambulância estava parada na porta do lugar com as luzes da sirene acesas. Os dois amigos se apressaram pelos corredores até chegarem no quarto onde estava o moribundo.

Diversos enfermeiros se amontoavam ao redor da maca, tentando imobilizar o paciente que se debatia. Otto reparou nos respingos de sangue espalhados pelo piso branco. O homem na maca empurrava, arranhava e tentava morder todos que estavam ao seu redor, demonstrando uma força impossível para alguém em seu estado físico.

A porta do banheiro do quarto se escancarou e Jonas saiu de lá. Ele pressionava uma toalha empapada de sangue em seu rosto. Assim que viu o padre, correu em sua direção, ignorando Henrique.

— Otto! Ele surtou! — O enfermeiro tirou a toalha de seu rosto e Otto entendeu porque ela estava ensopada de sangue. Em sua bochecha estavam dois cortes profundos em semicírculos, que faziam a carne quase se desprender do rosto. Durante os poucos segundos que ele afastou a toalha do rosto, o sangue começou a vazar, preenchendo os sulcos e escorrendo por seu rosto. Otto pensou que aquele pedaço de pele fosse se despregar do rosto do enfermeiro, mas ele logo o cobriu novamente com a toalha. — O desgraçado acordou sussurrando um monte de palavras incompreensíveis e eu fui imediatamente ligar para o senhor. Logo depois que desligamos, eu aproximei meu rosto do dele, na tentativa de ouvir melhor, já que ninguém conseguia entender o que ele dizia... foi aí que ele me mordeu. Todos ficaram sem reação no momento em que eu comecei a gritar, mas logo vieram me ajudar. Ele se debatia com tanta força, que foram necessários quatro enfermeiros para imobilizá-lo. Já injetamos outra dose de calmante em seu soro, mas não adiantou nada.

Atrás de Jonas, o moribundo continuava se debatendo e gritando. Otto pôde ver as veias estufadas em seu pescoço, sangue escorria por seu nariz e boca. O rapaz já não parecia mais um ser humano, mas sim uma criatura bestial. O enfermeiro falava alto para conseguir se comunicar com o Padre.

— Já estamos preparando a ambulância para levá-lo para Itajubá, mas se ele não se acalmar, acredito que...

Nesse momento, os dois enfermeiros que seguravam as mãos do homem foram empurrados para o chão e ele logo se libertou dos outros dois que imobilizavam suas pernas. O homem se jogou para fora da maca e correu em direção ao padre. A agulha de soro presa em sua veia de despreendeu violentamente,

deixando um rasgo em seu braço. Seus olhos estavam vidrados e ele continuou gritando enquanto seu corpo raquítico se movimentava como uma assombração.

Otto instintivamente levantou os braços para se proteger do ataque, mas o homem passou direto por ele e seguiu em direção a Henrique, que começou a se afastar de costas, até ir de encontro à parede, ficando sem saída. O moribundo começou a cambalear e caiu de bruços no chão a três passos de alcançá-lo. Sangue começou a se esvaír de suas narinas, espalhando-se pelo piso.

Os três homens ficaram sem reação por alguns segundos, e o quarto foi tomado por silêncio enquanto a poça de sangue aumentava. Por fim, Henrique quebrou o silêncio:

— Mas que merda foi essa? — Ele ainda estava com as costas apoiadas na parede, com os olhos arregalados e respiração ofegante.

Um dos enfermeiros correu até o corpo caído e checkou seus pulsos.

— Ele está morto.

A toalha que Jonas pressionava contra o próprio rosto começou a pingar e ele nem percebeu. Ainda estava estupefato, não conseguia desviar os olhos do corpo caído no chão. Otto se aproximou e apoiou as mãos no ombro do enfermeiro.

— Jonas... você precisa cuidar desse corte. O homem está morto, deixe que os outros cuidem do corpo, vá tratar desse ferimento.

Finalmente ele encarou o padre e piscou os olhos várias vezes, como se acabasse de acordar.

— Certo... certo, é melhor pedir para alguém limpar isso aqui e dar alguns pontos. Com licença... — Ele saiu pela porta sem dizer mais nada.

— Otto, o que foi isso que acabou de acontecer? — Henrique voltou a perguntar.

O padre se aproximou do corpo caído, tomando cuidado para não pisar na poça de sangue, e o observou. Os olhos do cadáver ainda estavam abertos e Otto percebeu que mantinham a mesma expressão vidrada de quando ele se levantou da maca. As pupilas estavam tão dilatadas que era quase impossível adivinhar a cor de sua íris. Aquele olhar demonstrava medo, mas não um medo qualquer, o homem estava *assombrado*, como se estivesse em contato com coisas incompreensíveis pela mente humana.

Otto fechou as pálpebras do homem e, com o sinal da cruz, fez uma prece silenciosa. Sua fé podia estar abalada, mas ainda assim achou necessário interceder por sua alma.

— Eu não sei — respondeu ele. — Mas vamos descobrir.

Os outros enfermeiros se aproximaram do corpo e começaram a organizar a situação. Um deles se virou para Otto e disse:

— Padre, nós cuidaremos de tudo agora, vocês podem ir embora se quiserem.

— Certo, meu filho. Muito obrigado. — Ele se virou para a porta do quarto e saiu. Henrique foi atrás dele.

— O que vamos fazer agora?

— Já falei, vamos descobrir o que está acontecendo. Vamos descobrir onde fica esse Vale dos Sussurros e vamos até lá para entender por que esse pobre coitado morreu.

— Mas você não acha melhor esperar?

— Nós não temos tempo a perder, Henrique.

— Talvez eles descubram alguma coisa sobre aquele homem, você não acha?

— Se eles não descobrirem nada até agora, não vai ser depois de sua morte que descobrirão. As respostas para essas perguntas estão apenas em um lugar, e é para lá que nós vamos.

— E a causa da morte? Não seria melhor esperarmos apenas por isso?

Otto estancou seus passos e se virou para encarar o amigo. Seu rosto mantinha a expressão séria e impassível, mas uma ruga se formou em sua testa quando respondeu:

— Você acha que isso importa? Desidratação, derrame, infarto, qualquer que seja a resposta... você realmente acha que importa? As pessoas aqui não se interessam pelo que aconteceu. Esse rapaz será enterrado como indigente e nunca mais ninguém ouvirá falar nele. Esse homem veio até aqui e chamou por meu nome! Acredito que ele já tenha cumprido sua missão. Sinto que tenha morrido, mas não podemos deixar que sua morte seja em vão. Temos que encontrar onde fica esse vale maldito e descobrir o que está acontecendo! Seja o que for, eu sinto que não é algo que possa esperar. Temos que ir agora! — Otto fez uma pausa e encarou o amigo: — Eu só quero saber uma coisa: você ainda está, ou não, comigo?

Henrique o encarou e forçou uma careta, como se estivesse ofendido.

— É claro que estou, Otto!

— Muito bem, então vamos! — Ele se virou novamente e caminhou para a rua.

— Hum... então *ceis tão quereno sabê* onde é que eu encontrei aquele moribundo? Posso *sabê purquê*? — Francisco estava apoiado na porta do seu mercadinho, fumando um cigarro de palha, enquanto encarava Henrique. Ele usava um boné desgastado e tinha o rosto coberto por uma barba branca. Usava uma camisa xadrez com uma calça jeans velha e botinas pretas.

— Nós queremos saber de onde ele veio — respondeu Henrique.

— E isso *num é trabai pra pulícia*? — O velho, que tinha a fama de ser mal-humorado, não estava querendo colaborar. Henrique já estava quase desistindo, quando Otto saiu do carro, se aproximou e falou com sua voz imponente:

— Boa tarde, Francisco.

— Boa tarde, *sinhô* Otto — ele tirou o boné da cabeça e fez uma pequena reverência.

— Veja bem, o homem que você encontrou hoje de manhã acabou de morrer — Francisco se benzeu —, mas antes disso acontecer, ele falou meu nome e pediu a minha ajuda. Agora, para que eu possa ajudá-lo, eu também preciso da sua ajuda. Será então que você poderia nos dizer onde exatamente o encontrou?

O velho torceu o boné em suas mãos e atirou para longe o toco de cigarro que estava em sua boca. Ele não queria ajudá-los, mas também tinha medo de desrespeitar o pedido de um padre, mesmo sabendo que Otto não estava mais celebrando as missas em Pedra Branca. Por fim, ele disse:

— Certo... eu *tava seguino* pela MG-347, indo pra Pouso Alegre. Mal tinha saído da cidade quando vi o *rapaiz* saindo que nem um *difunto* do meio da mata. Quase que eu *atrupelo ele*. *Num* tenho nenhuma referência *pá dá*, mas acho que *num* andei nem cinco *quilômetro* antes de *encontrá* o *homi*.

— Bom, isso já ajuda — Otto coçou o queixo. — Você sabe me dizer se por ali tem alguma estrada de terra?

— *Oia* padre, *seguino* reto eu sempre passo por uma estradinha. Acho que *praqueles lado* tem uma fazenda. É *mió* o *sinhô* *perguntá* por lá.

— Muito bem. Obrigado pela ajuda, Francisco — o padre começou a se virar, mas voltou a olhar para o velho. — Ah, mais uma coisa. Você já ouviu falar de um lugar chamado *Vale dos Sussurros*?

Francisco o encarou por um momento, seu rosto se manteve carrancudo, mas Otto podia jurar que viu uma sombra de medo passar por ali.

— Não. Nunca ouvi *falá*. *Cum licença*. — O velho colocou o boné na cabeça e voltou para dentro do armazém.

Os dois amigos voltaram para dentro do carro e Henrique começou a dirigir.

— Você acha que ele estava mentindo?

— Não sei — Otto observava a paisagem pela janela. Nuvens escuras começavam a tomar conta do céu. — Algumas pessoas são muito supersticiosas. Talvez ele já tenha ouvido histórias sobre o lugar e por isso se assustou quando eu perguntei. Sua atitude não quer dizer que esteja escondendo alguma coisa de importância.

— É... não é à toa que bastou você sair do carro para que o desgraçado começasse a falar. Comigo, parecia que eu estava tentando tirar leite de pedra.

Otto deu um de seus raros sorrisos e depois os dois ficaram em silêncio enquanto o carro continuou rodando. As ruas de cascalho logo deram espaço à rodovia asfaltada e os dois amigos seguiram adiante até que Pedra Branca desaparecesse por completo, restando somente uma estrada deserta, lindas paisagens verdes e um céu cinzento sobre suas cabeças.

O mapa estava aberto no colo do padre e ele tentava calcular onde exatamente estavam. De acordo com Francisco, havia uma estradinha de terra e uma fazenda por ali. O painel do Santana indicava que eles já tinham andado quase dez quilômetros e ainda assim não tinham visto qualquer sinal de civilização. Havia apenas árvores e mais árvores de ambos os lados da rodovia.

— Veja! — Otto apontou pela janela. Em um espaço onde a vegetação diminuía, ele viu um distante rebanho de gados caminhando pela mata. — Diminua um pouco a velocidade, Henrique, acho que estamos próximos de alguma fazenda.

Logo depois de uma curva na estrada, Henrique viu uma entrada no meio da mata que seguia por uma subida íngreme e desaparecia pela vegetação.

— Será que arriscamos seguir por aquele caminho? — Apontou o local para Otto.

O padre consultou o mapa e disse:

— Não temos nada a perder. Se encontrarmos uma fazenda, paramos e perguntamos se estamos no caminho certo. Caso contrário, seguiremos em frente e o máximo que pode acontecer é termos que voltar para a rodovia.

— Certo... — Henrique girou a direção e, assim que entraram na estrada de terra, o carro começou a chacoalhar e a poeira se levantou ao redor.

O caminho alternava entre subidas e descidas constantes. Não era mais possível ver o céu, pois estavam cercados por diversas árvores, cobertos por suas copas. A estrada era tão estreita que seria impossível dois carros passarem lado a lado. Caso alguém surgisse na direção contrária, Henrique provavelmente teria que jogar o carro para dentro da mata.

Depois de alguns quilômetros pelo caminho irregular, as árvores finalmente começaram a se distanciar e os dois amigos puderam ver o céu. Estava mais cinzento ainda. Ocasionais brilhos de relâmpagos indicavam que uma tempestade estava por vir.

— Pare o carro! — Henrique pisou no freio com tanta força, que o carro derrapou e os dois foram lançados para frente.

— *Putá que pariu!* Que susto, Otto! O que foi?

— Desculpe assustá-lo, mas acho que vi alguém ali — pela janela do passageiro, Henrique viu um homem com um chapéu de palha montado em um cavalo negro a alguns metros de distância. Otto desceu do carro e se aproximou, mas uma cerca o separava da relva onde estava o homem. — Ei! Ei, você pode nos ajudar?

O homem ergueu a cabeça quando ouviu a voz que o chamava. Logo ele cavalgou até a cerca e cumprimentou Otto com um aceno de cabeça. Era um rapaz jovem, de olhos tão azuis que parecia ser cego. Estava descalço e sem camisa, apenas com uma calça preta e seu chapéu de palha.

— O que vocês querem?

— Desculpe incomodá-lo, mas acho que estamos perdidos...

— Sim, com certeza vocês estão perdidos. Ninguém vem para esses lados. Essa é uma propriedade privada.

— Tudo bem, mas eu ainda estou atrás da cerca, não estou...

— Não interessa! Voltem agora — o homem olhou para cima. — Vai chover, é melhor vocês voltarem correndo, antes que fiquem atolados. Essa não é uma área segura.

— Escute, nós só queremos saber se o Vale dos Sussurros é por essa região.

O rosto do rapaz se contorceu em uma expressão de raiva. Ele se abaixou e olhou para Henrique e arregalou os olhos em espanto.

— Vá embora! Este não é um lugar para forasteiros. Considere isso como um alerta amigável e *vá embora agora!*

— Mas...

— VÁ EMBORA! VÁ EMBORA AGORA! — O homem virou seu cavalo e cavalgou para longe, passando pela relva e desaparecendo entre as árvores.

Otto voltou para o carro e colocou seu cinto. Henrique o encarava de olhos arregalados e perguntou:

— Que porra foi essa, cara? Isso está ficando cada vez mais estranho.

— Para mim, isso só quer dizer que estamos no caminho certo. Vamos em frente.

Sem questioná-lo, Henrique engatou a primeira marcha e voltou a dirigir. As árvores diminuía cada vez mais enquanto avançavam e o caminho agora era uma constante subida. O céu continuava cinzento e já era possível ouvir os estrondos dos trovões, mas nenhuma chuva caía.

Quando chegaram ao cume da montanha, Henrique diminuiu a velocidade do carro e os dois amigos ficaram boquiabertos com o que viram. O caminho a diante era uma descida longa e escarpada que levava até uma floresta ao sopé da montanha. Essa floresta se estendia por um grande vale, cercado por diversas outras montanhas.

Aquele provavelmente era o Vale dos Sussurros, tão escondido como o centro de um vulcão. Não era de se espantar que poucas pessoas tenham ouvido falar sobre ele. Otto percebeu que na base de uma das montanhas havia uma clareira. Forçou sua visão e pensou ter enxergado algumas construções lá.

— Você também está vendo? — Perguntou para Henrique e ele balançou a cabeça em afirmativa.

— Deve ser de lá que veio o moribundo.

O carro iniciou a descida pela montanha, mas a trilha era ainda mais estreita e o caminho ainda mais íngreme, o que fazia com que ele constantemente derrapasse. Henrique diminuiu a velocidade para não perder o controle do carro.

Foi então que a chuva começou. Pequenos pingos começaram a molhar o para-brisa, mas logo começaram a engrossar. Relâmpagos estouravam por todos os lados e de repente eles estavam presos em meio à maior tempestade que já tinham visto. Era tanta água que caía em cima do carro, que eles mal conseguiam enxergar através dos vidros.

Henrique tentou frear, mas o carro derrapou na terra molhada e rapidamente começou a ganhar velocidade. Ele tentava guiar o carro cegamente, mas já não tinha controle nenhum sobre o veículo. Otto arregalou seus olhos ao ver o longo e tortuoso caminho que se seguia em frente.

— Puta merda, puta merda! Se o carro bater nessa descida, provavelmente vamos morrer — Henrique balbuciava enquanto ainda tentava controlar o carro. Tentou engatar a marcha ré e acelerar, mas de nada adiantou, serviu apenas para perder ainda mais o controle do veículo.

Ele começou a gritar involuntariamente, enquanto Otto permaneceu quieto. Estava fazendo uma oração silenciosa, torcendo para que ficassem bem.

O carro se desviou completamente da estrada de terra e os solavancos faziam com que os dois amigos batessem as cabeças nos vidros e no teto. Era apenas uma questão de tempo até que colidissem com uma árvore ou capotassem.

Um raio estourou ao lado deles, incendiando uma árvore, e então Otto conseguiu enxergar através do para-brisa. Estavam quase no fim da descida, mas logo a frente havia uma grossa árvore. E a velocidade do carro só aumentava.

Não houve tempo para raciocinar. Ele apenas ouviu o som do impacto, de vidros se estilhaçando e sentiu seu corpo ser arremessado para a frente com uma forte pancada na cabeça.

Capítulo 3

Otto Weergang...

Tudo estava escuro. Sabia que seus olhos estavam fechados, mas não conseguia abri-los. Tentou se mover e descobriu que não sentia seus membros. De repente, um calor inundou seu corpo e ele ouviu o inconfundível som do crepitar de chamas. Sentiu que fagulhas tocavam sua pele, queimando-o levemente.

Tentou se mover novamente, mas seu corpo permaneceu imóvel. Apurou seus ouvidos e então ouviu os sussurros.

Um coro de vozes ressoava uma ladainha em diversas línguas. Reconheceu o aramaico, grego, hebraico, mas não conseguiu distinguir o que diziam. O coro foi aumentando sua intensidade e o tom foi se tornando ameaçador. Pela primeira vez, em muito tempo, sentiu medo. Temeu não só por sua vida, mas por sua sanidade. As fagulhas que tocavam sua pele agora ardiam, sentia que sua pele se enrugava e começava a se desprender do próprio corpo.

Ouviu novamente o chamado.

Otto Weergang...

A voz era grave, se sobrepondo aos sussurros ao seu redor. Ele não podia ver quem estava falando mas, pelo tom de voz, imaginou a mais peçonhenta das criaturas. Nenhum humano seria capaz de falar daquela forma, sedutora e ameaçadora ao mesmo tempo.

Tentou ignorar a voz e os sussurros. Se pudesse mover seus braços, teria estourado os próprios tímpanos para deixar de ouvir aqueles sons torturantes. Mas não conseguiu fazer nada, ficou apenas sentindo sua pele queimar, até que reconheceu o latim dentre as várias línguas recitadas pelo coro infernal:

— Ave Dominus Mendacium! Ave Caecus Dei!

Salve o Senhor da Mentira! Salve o Deus Cego!

A dor se tornou insuportável e ele tentou gritar, mas som algum escapou de sua garganta. Os títulos demoníacos deixaram-no aterrorizado, desejou morrer a ficar naquele suplício.

Otto Weergang! Este é um território proibido!

A voz era como o sibilo de uma serpente, invadindo seus ouvidos e instalando-se em sua mente como um parasita. Sentia a maldade naquele som quase como se fosse palpável. Tentou ignorá-lo, mas não conseguia.

Corpo e alma pagarão por sua heresia e seu sangue regará essa terra!

Vozes ainda recitavam seu coro em línguas desconhecidas, mas quando as ameaças proclamadas se silenciaram, todos os sons ao seu redor diminuíram, como se estivessem se afastando. Pouco a pouco tudo se calou e ele foi deixado somente com o leve crepitar das chamas. As dores de sua tortura também desapareceram. Moveu seus braços e percebeu que tinha novamente o comando sobre seus membros. Suas pernas estavam dormentes e sentiu que algo o pressionava no tórax, como se estivesse deitado com alguém se equilibrando em seu peito.

Finalmente, abriu os olhos.

De início, Otto pensou que estivesse cego, pois ainda continuava na escuridão. Mas então um relâmpago estourou no céu, iluminando tudo ao seu redor.

Ele não entendeu onde estava. Sua mente estava confusa e demorou a captar as imagens que se formaram ao seu redor. A primeira coisa que compreendeu foi o som. Não era o crepitar de chamas que estava ouvindo, mas sim o som dos pingos de chuva se espalhando pelos entulhos ao seu redor.

Quando o próximo clarão iluminou o céu, entendeu que aqueles entulhos eram a lataria destruída do que um dia fora um carro. O peso que sentia em seu peito fazia parte desses destroços, pois estava preso dentro do carro. Tateou ao seu redor, tentando se livrar do cinto de segurança que o prendia.

Por fim, conseguiu se libertar e saltou para fora, caindo em uma relva molhada. Respirou com dificuldade, sentindo dores no peito e nas pernas. Ainda estava confuso, não se lembrava do que tinha acontecido. Um novo raio iluminou o céu e Otto reconheceu as diversas árvores que o cercavam.

Nesse momento, um forte vento soprou seu rosto e vozes sussurrantes se espalharam pela mata. À medida que o vento aumentava, os sons se ampliavam. O padre jogou as mãos sobre seus ouvidos, tentando ignorar aqueles sussurros enlouquecedores. Foi então que se lembrou de onde estava. Sua memória retornou como um forte impacto. Lembrou-se do moribundo morrendo, de Jonas sangrando, do cavaleiro com chapéu de palha, do carro derrapando e...

— Henrique!

Otto se levantou e contornou o carro, tateando, procurando por seu amigo. O vento diminuiu e, junto dele, os sussurros desapareceram.

Estava imerso em escuridão e não conseguia encontrá-lo. Apalpou o que restou do banco de motorista, mas não havia nada ali. Agachou-se e procurou pelo

mato e terra, mas tudo o que conseguiu foi cortar suas mãos em uma planta espinhosa.

— Henrique! — Gritou novamente, na esperança de que, se o amigo estivesse consciente, respondesse ao seu chamado.

Mas nada aconteceu.

Quando um novo clarão iluminou o céu, Otto tentou apreender o máximo que conseguiu da área ao seu redor, e então enxergou um vulto jogado no chão, logo depois da árvore na qual o carro colidiu.

Correu para lá, mancando e tropeçando, até alcançá-lo. Apalpou o corpo do amigo, verificando se estava tudo bem. Não encontrando nenhum ferimento grave ali, segurou sua cabeça em suas mãos e tentou acordá-lo, mas ele estava inconsciente.

Otto ficou parado, sem saber o que fazer. Sua mente tentava trabalhar, mas não conseguia alcançar nenhuma resposta. Passando as mãos pelo cabelo do amigo, sentiu um longo corte logo acima de sua testa. Percebeu um líquido viscoso naquela área, que soube imediatamente ser sangue.

Eles não poderiam ficar parados ali, pois Otto não sabia a gravidade daquele ferimento. Se Henrique não acordasse, seria necessário carregá-lo pela floresta até encontrar algum lugar onde pudessem pedir ajuda. Mas o padre não sabia se conseguiria carregá-lo por muito tempo. Sua perna também estava machucada e ele mal conseguia se movimentar.

O vento começou a soprar novamente e os sussurros voltaram, aumentando gradativamente.

— Calem a boca! CALEM A BOCA! — Ele começou a gritar em desespero e jogou as mãos nas orelhas, deixando a cabeça de Henrique cair em seu colo.

Um longo trovão ressoou pela floresta, suprimindo todos os outros sons. Quando a luz penetrou pelas folhas das árvores, Otto afastou-se de impulso do corpo que estava em seu colo, deixando-o rolar pelo chão. A cabeça que estava ali não era de Henrique, mas sim de um cadáver com um buraco em sua cabeça. Pedacos de cérebro estavam espalhados pelo gramado e olhos arregalados o encaravam. Aquela era uma cena gravada em sua memória, aquele era o corpo de Júlio, seu pai adotivo.

Os relâmpagos piscaram e quando tudo foi iluminado novamente, Otto percebeu que fora tudo uma ilusão. Era Henrique que estava deitado ali, e não seu falecido pai.

— Meu Deus! Eu estou ficando *louco*... — Otto sussurrava para si mesmo. — Dai-me forças, pois não posso morrer aqui... não *dessa forma*.

Aproximou-se novamente do corpo do amigo e puxou seu braço por cima de seus ombros, levantando-o do chão. Sentiu sua perna protestar, Henrique era muito pesado. Colocou-o novamente no chão e segurou seus dois braços, teria que arrastá-lo.

À exceção dos esporádicos relâmpagos, Otto se movimentava na completa escuridão da floresta. Não sabia para onde estava indo, mas não parou. Era isso, ou se entregar à morte.

O corpo de Henrique era arrastado pela mata, eventualmente trombando com algumas pedras ou arbustos. O padre sentia pelo amigo, mas era o melhor que podia fazer. Caminhou assim por algum tempo, não tinha noção das horas, nem de quanto tempo ficou apagado após o acidente. Estava molhado, fraco, com fome e com sede. Parava ocasionalmente para tomar fôlego e tentar beber algumas gotas de chuva que se acumulavam nas folhas das árvores.

A cada rajada de vento, novos sussurros surgiam na floresta. Otto tentou ignorá-los, pois não podia mais parar. Ouvir aqueles sons, porém, o deixava à beira da insanidade. Estava arrependido por ter ido àquele lugar, por não ter dado ouvido aos diversos sinais de alerta, por não ter voltado quando foi avisado pelo cavaleiro de chapéu de palha. Se ao menos tivesse escutado seu amigo e esperado um pouco, não teriam pegado aquela tempestade e não estariam nessa situação. Mas agora era tarde demais para se lamentar, por isso continuou seguindo em frente, apesar de todas as queixas de seu corpo.

Quando estava prestes a desistir, abandonado por todas as suas forças, um novo clarão iluminou uma passagem entre as árvores. Otto percebeu que aquilo era uma trilha de terra. Se a seguisse, acabaria encontrando alguma civilização ou, caso desmaiasse, poderia ser encontrado por alguém.

Com as esperanças renovadas, o padre seguiu por aquele caminho. Mas a esperança não era capaz de lhe dar forças físicas. No terceiro passo dado, ele desabou.

— Otto — a voz de Henrique o chamava —, me ajude...

O padre levantou sua cabeça e viu o amigo a alguns passos de distância. Estava deitado de costas na terra.

Otto se levantou com esforço e começou a caminhar em sua direção. Ainda estavam na trilha de terra, mas algo estava diferente. O céu estava amarelado, talvez estivesse amanhecendo.

Não, não é isso...

A iluminação da trilha era artificial demais. Aquilo parecia o palco de um teatro, uma peça macabra. A cada passo que dava, Henrique parecia mais distante.

— Otto, por favor — a voz do amigo era gorgolejante, como se estivesse se engasgando com alguma coisa —, me ajude!

Onde estou?

O padre começou a correr. Tentou chamar pelo amigo, mas não conseguia dizer nada. Quanto mais ele corria, mais Henrique se afastava. O amigo começou a tossir, e Otto percebeu gotas de sangue sendo cuspidas no ar.

— O-Otto... v-você me deixou — ele engasgou novamente e sangue jorrou de suas narinas e boca enquanto tentava completar a frase — m-morrer...

Por fim, ele parou de engasgar, ficando imóvel no chão. Nesse momento, os passos do padre começaram a ter efeito e ele cobriu a distância até o amigo rapidamente, como se estivesse andando em uma esteira em movimento.

O rosto de Henrique estava salpicado de sangue e seus olhos estavam fechados. Otto o segurou em seus braços, chamando inutilmente por seu nome. O sangue ainda escorria por suas narinas, mas não havia mais respiração ali.

— *Quem são esses?* — Uma voz rouca perguntou de algum lugar.

Otto largou o rosto do amigo falecido e procurou de onde vinha aquela voz.

— *Não sei, mas acho que estão mortos...* — Respondeu outra voz, mais jovem.

— Quem está aí?! — Otto gritou, sem saber para onde dirigir sua pergunta.

— *Lúcio!* — O mais jovem chamou. — *Este aqui ainda está vivo, mas tem um ferimento feio em sua cabeça.*

— Quem está... — uma mão agarrou o tornozelo do padre antes que ele terminasse a pergunta. Ao olhar para baixo, viu Henrique. Suas pálpebras estavam abertas, revelando dois olhos amarelos de serpente. Sua boca se escancarou e, sem movimentar os lábios, um sibilo demoníaco escapou dali:

Bem-vindo ao Vale, padre!

Em um impulso, Otto chutou o amigo para longe e tentou correr, mas a voz rouca que ouvira antes falou novamente, como se estivesse bem ao seu lado:

— *Olha só, Elias, esse aqui é um padre* — Otto sentiu algo se aproximando de seu rosto e a voz soou como se gritasse em sua orelha: — E ele também está vivo.

Otto abriu os olhos e viu que estava de bruços em um chão de terra. Assustado com a mudança repentina de cenário, moveu-se bruscamente, tentando se levantar.

— Opa! Parado aí, meu amigo! — A voz rouca exclamou logo atrás dele, fazendo com que estancasse seus passos. — Vai virando para cá, devagar... eu disse *devagar!*

Quando terminou de se virar, viu um velho com uma longa barba branca apontando uma espingarda para sua cara. Ainda estavam na trilha de terra que percorrera com Henrique na noite passada. Já não chovia mais e o dia estava amanhecendo. Ele enxergou o corpo do amigo tombado no chão, logo atrás do homem com a arma. Ao seu lado, estava de pé um rapaz assustado, provavelmente da mesma idade de Otto, observando o que acontecia.

— Muito bem — o homem com a espingarda se aproximou —, não é todo dia que recebemos visitantes por aqui. Agora me diga, quem é você?

Otto estava sem palavras, demorou a entender que estivera em um sonho, nada do que aconteceu era real. Olhou novamente para Henrique e ficou contente por ver que ainda respirava. Seu amigo não estava morto. O velho armou a espingarda e a aproximou ainda mais do padre.

— Olha aqui, não pense que só porque você é um padre que eu não puxarei o gatilho. Responda minha pergunta!

— Não! — Otto levantou os braços. — Não atire! Meu nome é Otto Weergang, e eu prometo responder a qualquer pergunta que fizer, mas agora eu preciso que vocês ajudem aquele homem — ele indicou Henrique com um movimento de cabeça —, caso contrário ele vai morrer!

O velho encarou o rosto sério do padre por alguns segundos e analisou o estado de destruição do terno que estava usando. Sem abaixar a arma, ele cuspiu no chão e disse:

— Eu não confio em gente de fora, acho melhor você mesmo pegar o seu amigo e voltarem exatamente para o lugar de onde vieram!

— Por favor, não faça isso. Ele vai morrer!

— Isso não é problema meu.

— Lúcio — o rapaz mais jovem se aproximou —, nós não podemos deixar aquele homem aqui, veja o estado dele! Não conseguirão andar nem vinte passos antes de desabarem novamente.

— Não é problema meu — repetiu o velho sem alterar seu tom de voz.

— Mas eu acho que é problema meu! Se você não quer ajudar, eu ajudarei!

— Não ouse me desobedecer! — O velho desviou a arma de Otto, apontando-a para o rapaz.

— Então atire em mim — disse ele em tom de desafio, dirigindo-se para o corpo de Henrique, ignorando a arma apontada. Ele se agachou e jogou o corpo em seus ombros como se não pesasse mais que um saco de arroz.

Balançando a cabeça em tom de reprovação, o velho finalmente abaixou a arma.

— Esse garoto perdeu completamente o respeito pelos mais velhos — foi atrás dele e fez um sinal com as mãos, ordenando que Otto o seguisse. O mais jovem retirou um cantil de sua cintura com sua mão livre e o jogou para o padre:

— Beba. Vamos seguir por um longo caminho e não quero ter que carregar outro corpo.

— Muito obrigado pela ajuda — o padre mancava, tentando manter o mesmo ritmo dos dois homens. Tomou toda a água do cantil em dois longos goles e enxugou a boca. — Vocês podem me dizer onde exatamente estamos?

O velho soltou um bufo de escárnio e respondeu:

— Duvido muito que vocês chegassem ao Vale dos Sussurros sem saber para onde estavam indo!

SEGUNDO DIA

28/11/1999

Domingo

Capítulo 4

Enquanto caminhavam, a floresta ao redor da trilha foi se dissipando, dando espaço a campos abertos, onde Otto percebeu a presença de diversos pastos e plantações. Viu também as figuras de algumas pessoas ao longe, fazendo trabalhos manuais, cuidando de rebanhos de gado, colhendo legumes e frutas ou arando a terra. O local parecia parte de uma gigantesca fazenda. Quando passavam por perto, alguns homens voltavam sua cabeça diretamente para o padre e era possível sentir o olhar de desconfiança que eles lhe dirigiam.

O vento assoprava livremente e ele não ouvia mais os sussurros ameaçadores da noite passada. As construções logo começaram a aparecer. De início, viu apenas três ou quatro casas espaçadas umas das outras, próximas dos campos de produção. Eram casas pequenas e simples, exatamente como aqueles casebres que se vê ao longo das estradas. A trilha então se abriu em uma ampla área de terra batida e Otto se viu dentro de um pequeno vilarejo.

Os campos de plantações e as árvores da floresta deram espaço a um amontoado de construções rústicas. Não existiam ruas, calçadas ou praças, apenas o chão de terra e umas vinte casas de pedra ou madeira. Algumas eram grandes, outras pequenas. O vilarejo era circundado pela floresta em suas extremidades.

Uma igreja se erguia ao centro do local, com suas paredes descascadas e pedras desabando. Parecia abandonada, mas era a única edificação que tinha mais de um andar, o que a tornava visível a partir de qualquer posição. A alguns metros da igreja estava o que parecia ser o único prédio comercial do vilarejo, uma construção de madeira semelhante aos *saloons* do velho oeste, com barris empilhados do lado de fora e uma placa acima da porta dizendo “Central Administrativa”.

Otto sentiu como se tivesse voltado ao passado. Não podia acreditar que um lugar como aquele ainda existia em um mundo com tanta tecnologia. Olhou ao seu redor procurando por carros ou cavalos, mas não encontrou nenhum, e se questionou como as pessoas dali mantinham contato com o mundo exterior. A coisa que mais chamou sua atenção, porém, foi o fato de não haver ninguém pelo

vilarejo. Desde que abandonaram os campos de plantação, o local parecia deserto, quase fantasmagórico.

— Elias — o velho parou de caminhar e dirigiu-se para o mais jovem —, leve esses homens para Laila e peça para ela cuidar dos seus ferimentos. Enquanto isso, irei reunir o conselho para decidir o que faremos depois.

O rapaz assentiu e seguiu para a direita, enquanto Lúcio foi para o lado oposto. Antes de segui-lo, Otto ouviu um som e virou-se na direção de uma cabana distante, que se destacava por ser uma das mais belas casas do lugar. Uma garota de pele negra estava parada ali, apoiada no umbral da porta recém-aberta. Seus cabelos estavam desgrehados e ela tinha uma aparência de extremo cansaço. Ela encarava o padre com olhos arregalados, marcados por profundas olheiras, e a outra mão estava apoiada em cima de sua grande barriga de grávida. Ela abriu sua boca, como se quisesse dizer alguma coisa, mas desistiu e voltou-se para dentro da casa, fechando a porta atrás de si.

Otto ficou pensativo por alguns segundos, mas então voltou a caminhar.

— Onde estão todos? — Perguntou a Elias. — Desde que chegamos, não vi mais ninguém, tudo parece deserto.

— Não somos muito sociáveis por aqui — o rapaz olhou para trás, lançando um olhar desconfiado para Otto. — Estamos tendo alguns... *problemas*. As pessoas não gostam de sair de suas casas, a não ser que tenham que trabalhar.

— Que tipo de problemas?

— Não interessa — eles pararam diante de uma casa com diversos vasos de plantas espalhados ao seu redor e Elias começou a bater na porta de madeira. — Laila... Laila! Abra a porta, precisamos de ajuda!

Uma fresta se abriu e uma voz feminina arrastada veio do lado de dentro.

— O que foi, garoto! Pare de me importunar... — a porta se abriu um pouco mais e o rosto enrugado de uma senhora apareceu. Ela era baixa e carrancuda, seus cabelos brancos se espalhavam desordenadamente sobre sua cabeça, que exibia uma boca aberta com dentes podres e um nariz adunco. Parecia uma bruxa saída dos mais horrendos contos de fada. Mas o que mais chamava atenção ali eram seus olhos cegos, que não se fixavam em lugar nenhum enquanto ela falava. — É *você*, meu querido?

— Cale a boca, velha! — Elias empurrou a porta para dentro, arrancando-a das mãos da velha. — Pare de delirar! Nós precisamos da sua ajuda com esses...

— Você o trouxe de volta?! — Laila exclamou roucamente, com tons de insanidade. Gotas de saliva saltavam para fora enquanto ela gritava.

Elias a ignorou e entrou na casa. Otto o seguiu. Todas as janelas estavam fechadas, deixando o ambiente na quase total escuridão. A única iluminação do local vinha de uma vela acesa em cima de uma mesa no centro da sala. O padre sentiu-se sufocado com a mistura de aromas de álcool, plantas e putrefação que havia no lugar. O corpo desfalecido de Henrique foi deixado em cima de um amontoado de almofadas espalhadas pelo chão, e Elias voltou-se novamente para a velha:

— Laila! — Ele apoiou as mãos em seus ombros, tentando fazer com que a mulher se concentrasse. — Você precisa cuidar dos ferimentos daquele homem!

A velha continuou delirando, com o olhar desvairado, falando palavras em diversas línguas desconhecidas. Elias levantou sua mão e a abaixou, dando-lhe um forte tapa no rosto. Otto ficou horrorizado e adiantou-se para segurar seu braço, antes que ele batesse novamente na mulher.

— Não faça isso! — Sua voz grave se sobrepôs ao caos. — Ela é apenas uma senhora, pelo amor de Deus!

— Ela é completamente maluca, padre — Elias tentou livrar seu braço do aperto, mas acabou desistindo. — Muito bem, faça como quiser!

Otto soltou seu braço e o rapaz saiu da casa, deixando-o sozinho com a velha e o corpo de Henrique. Laila agora estava mais calma, mas seus olhos continuavam inquietos, olhando para todos os lados sem se concentrar em nada especificamente.

— Minha senhora, desculpe incomodá-la, mas precisamos de sua ajuda. Aquele homem que Elias trouxe para cá é meu amigo, Henrique, e eu sou...

— Otto *Weerrrrrgang!* — Sua voz saiu como um silvo, quando a mulher fixou o olhar pela primeira vez no rosto do padre. — Eu sei quem você é.

— C-como... — ele engoliu em seco e sentiu suas mãos tremerem. — Como você sabe meu nome?

A mulher soltou uma longa gargalhada, que mais parecia um cacarejo, e ignorou a pergunta. Virou-se de costas e começou a analisar o corpo de Henrique. Enquanto o observava, puxava para si alguns vasos de plantas e mascava suas folhas. De todas as plantas espalhadas pelo local, Otto reconheceu apenas algumas. Em cima da mesa também estavam pequenas frutas pretas, parecidas com jabuticabas.

Laila cuspiu uma pasta esverdeada em cima de um pedaço de pano e, com cuidado, aplicou-o na nuca de Henrique. Depois continuou procurando por outros ferimentos ao longo do corpo, fazendo sempre um processo semelhante com cada um deles. Otto a observava pensativo, suas mãos estavam suando. Mais uma vez

alguém sabia seu nome, e ele tinha certeza de que nunca tinha visto aquela mulher antes. Obviamente era uma lunática, mas isso não explicava nada. Cogitou se ela seria realmente uma bruxa. De repente ela o encarou com seus olhos cegos, interrompendo seus pensamentos.

— Ele vai ficar bem — apontou para Henrique. — Agora vamos dar uma olhada em seus ferimentos. — Otto instintivamente começou a se afastar quando a mulher se aproximou. Não queria que ela o tocasse. — Deixe de ser tolo, Otto!

— Como você sabe o meu nome? — Perguntou novamente.

— Eu sei de muita coisa, garoto. Sei, por exemplo, que há um corte em sua perna e um forte hematoma em seu peito. Agora eles podem não estar doendo tanto, mas se eu não cuidar disso, as coisas poderão ficar complicadas.

Pela primeira vez, Otto olhou para baixo e viu as manchas de sangue em sua perna direita. Um rasgo nas calças revelava um profundo corte naquele lugar. O sangue já estava coagulado, mas o ferimento parecia feio, prestes a infeccionar. Até aquele momento, a dor que estava sentindo não o incomodava tanto, mas ao encarar o que a causava, foi como se um interruptor fosse acionado em seu cérebro e a dor se multiplicou.

A velha o aguardava, seus olhos direcionados para algum ponto distante. Otto se aproximou relutante, deixando que ela o tocasse. Laila parecia saber exatamente onde estavam seus ferimentos, pois cada um de seus toques era perfeitamente dirigido em alguma parte do corpo dolorida. Ela cuidou de cada um deles da mesma forma que fizera com Henrique e, depois, pegou uma pequena vasilha de madeira e começou a amassar algumas sementes enquanto caminhava pela casa, adicionando líquidos de alguns frascos à mistura.

Por fim, ela voltou para perto do padre e entregou-lhe a tigela. Ele aproximou-a do nariz e cheirou, mas era apenas o aroma de ervas desconhecidas. Sua aparência era de um amarelo viscoso.

— O que é isso?

— Padre, os machucados externos são simples de se tratar, mas as suas maiores feridas estão aqui — ela se colocou na ponta dos pés e esticou os braços, batendo com o indicador na testa de Otto —, e esses são mais complicados. Considere este como o remédio para sua *alma*.

Otto arqueou as sobrancelhas, afastando a tigela.

— Eu não vou tomar isso sem saber o que é.

Ela soltou outra de suas risadas assustadoras.

— Otto, Otto... tudo o que eu quero é salvar sua alma, mas a escolha é sua.

— Tudo bem, se a escolha é minha, eu não vou tomar — devolveu a tigela para a mulher. — Agradeço pela ajuda e me desculpe pelo incômodo — dito isso, deu-lhe as costas e começou a se afastar em direção à porta. As dores em sua perna já estavam mais suportáveis.

Quando estava prestes a sair, ouviu o som de algo se quebrando e virou-se para Laila. Ela tinha jogado a tigela no chão e o encarava com o rosto transfigurado de ódio. Sua voz saiu como um sibilo ameaçador:

— Você vai morrer aqui, Otto Weergang — ela esticou seu braço, apontando-lhe um dedo magro — e sua alma permanecerá neste vale para sempre!

O padre sentiu um calafrio subir-lhe a espinha, mas não disse nada. Apenas voltou o rosto para frente e continuou caminhando.

O padre caminhou pelo vilarejo deserto até se encontrar com Elias, que estava parado diante da igreja abandonada conversando com uma mulher morena, que mantinha os cabelos presos em um rabo de cavalo. Ao perceber a presença de Otto, dispensou-a com um gesto, e a garota virou-se para trás, revelando um belíssimo rosto de detalhes simétricos e delicados. Seus olhos eram de uma cor dourada, capaz de seduzir o mais fiel dos camponeses.

— Boa sorte, forasteiro — disse ela ao cruzar seu caminho. Sua voz parecia se manter no ar por vários segundos, como uma espécie de encantamento.

Enquanto ela se afastava, Otto involuntariamente a seguiu com os olhos. Até o seu modo de caminhar era sensual. Quando se virou novamente, Elias o encarava com um sorriso acusador e o padre sentiu seu rosto corar.

— Tudo bem, padre, não precisa se envergonhar. Ela produz esse efeito em qualquer homem.

— Não sei do que... — Otto tentou manter sua expressão séria, mas acabou pigarreando. — Quem era ela?

— Beatriz é filha de um de nossos chefes, Tursan. Ela também nasceu antes dos acidentes nas minas, assim como eu...

— Então vocês nasceram por aqui? — O padre se lembrou da história que Henrique havia lhe contado e resolveu aproveitar aquela deixa para saber mais sobre o vale. — Conte-me mais sobre este lugar, Elias. O que está acontecendo por aqui?

Elias o encarou, cogitando se deveria, ou não, respondê-lo. Pela primeira vez, Otto reparou como aquele homem parecia estar cansado. Seus olhos eram marcados por profundas olheiras, e rugas de preocupação se acumulavam por todo seu rosto, fazendo-o parecer muito mais velho do que realmente era.

— Agora não há tempo, conversaremos mais tarde — ele se virou. — Venha comigo, o conselho já está reunido.

Sem novos questionamentos, Otto o seguiu até o prédio parecido com um *saloon* de velho oeste. Seu interior era espaçoso, semelhante a um auditório, com cadeiras espalhadas por todos os lados e uma grande mesa no lugar em que deveria estar um palco. O cheiro do local era de serragem, mas o padre também sentiu um leve aroma de comida, o que fez seu estômago se queixar. Só então percebeu que deveria estar há mais de doze horas sem comer.

Três pessoas estavam sentadas à mesa. O velho ao centro era Lúcio, mas Otto não reconheceu os outros dois. À sua direita estava um gigantesco homem negro que, apesar da excelente forma física, também aparentava ser idoso, pois o rosto era coberto de rugas e os tufo de cabelo que brotavam em sua cabeça eram brancos como algodão. Do outro lado estava um pequeno senhor de rosto simpático, sua cabeça era completamente careca e ele usava um par de óculos redondos, sendo impossível não o assemelhar a Gandhi.

— Aproxime-se, padre — ordenou a voz rouca de Lúcio.

Elias se sentou em uma das últimas cadeiras do local e disse que o aguardaria ali. Otto seguiu por entre as cadeiras até ficar frente a frente com os três velhos, reparando como todos eles pareciam exaustos. O pequeno Gandhi fez um gesto, pedindo para que ele se sentasse.

— Estamos reunidos hoje por uma causa extraordinária — Lúcio começou a falar, desviando o olhar do padre para seus dois colegas. Era como se estivessem em um tribunal. — Como vocês já sabem, nessa manhã, eu e Elias estávamos fazendo a ronda pela velha trilha, quando encontramos este homem e um outro desmaiados no meio do caminho. Como não somos acostumados a receber visitantes, eu imediatamente quis expulsá-los, mas Elias não permitiu e os trouxe para cá. Por isso, devemos agora tomar uma decisão sobre o que fazer com esses estranhos. Nossa vila não precisa de novos habitantes...

— Mas também não podemos deixá-los à mercê da morte — o pequeno senhor interrompeu com uma voz fraca. — Meu filho fez muito bem em trazê-los para cá.

— Nós *não* recebemos visitantes! — O velho homem negro falou com uma voz grave que ecoou pelo salão. — Eles não podem ficar aqui, Davi, e você sabe

disso. Existem *regras*!

— E elas devem ser seguidas — continuou o velho chamado Davi. — Mas nem por isso deixaremos dois pobres homens morrerem perdidos neste fim de mundo.

— E o que você sugere que façamos então? — Perguntou Lúcio.

— Bom, estamos quase no fim do mês e logo Eduardo estará aqui. Talvez ele possa...

— Todos sabemos que ele não faz o transporte de pessoas! — A voz grave novamente ecoou.

— Nós já temos problemas demais por aqui, Tursan — Davi o encarou, mantendo sua expressão serena. — Eu não vou permitir que suas regras estúpidas custem a vida desses dois rapazes.

— Não são as *minhas* regras! O que você está sugerindo também já nos causou problemas no passado, você realmente espera que essa seja uma boa solução?

— Tudo o que eu espero é que não tomemos uma decisão que custe a vida desses homens. Além do mais, eles não são nossos habitantes, não precisam ser submetidos às nossas regras.

Otto desviava seu olhar de um para o outro, tentando acompanhar aquela discussão. Tursan, o gigantesco homem negro, se opunha firmemente à alternativa apresentada por Davi. A presença do padre parecia ser completamente ignorada por aqueles homens. Lúcio ponderava silenciosamente e, por fim, acabou se manifestando, silenciando os outros dois.

— Parem com isso! Essa discussão não levará a lugar nenhum. Deveremos votar para chegar a um consenso. Davi já deixou clara sua posição, mas quero saber de você, Tursan, o que sugere?

O velho se empertigou na cadeira, parecendo ficar ainda maior.

— Sugiro que os coloquemos de volta na trilha, e que eles encontrem seu caminho pelo Vale dos Sussurros. Se conseguiram chegar até aqui, acredito que também consigam voltar.

— Não é tão simples assim! — Exclamou Davi, mas Lúcio o silenciou com um gesto de sua mão.

— A decisão, pelo visto, está em minhas mãos — disse ele, enquanto alisava sua barba branca e encarava o padre, como se finalmente notasse sua presença. — E isso me faz pensar... como é mesmo seu nome?

— Otto, senhor. E meu amigo se chama Henrique.

— *Otto...* e como foi que vocês chegaram até aqui?

Pela primeira vez, Otto narrou, em rápidas palavras, os acontecimentos do último dia, começando pelo encontro com o moribundo que o alertara sobre o vale, e terminando com o acidente de carro que deixara Henrique inconsciente. Quando terminou, sentiu-se exausto e percebeu como aquilo tudo acontecera em pouco mais de um dia, o que parecia quase impossível.

Os três anciãos trocaram olhares desconfiados entre si e Tursan perguntou:

— Que fim teve o homem que você encontrou?

— Ele não resistiu e acabou falecendo — ele desviou o olhar para suas mãos cruzadas em seu colo.

— Pode me dizer exatamente como isso aconteceu? — Lúcio perguntou.

Apesar de estranhar a pergunta, o padre contou os estranhos eventos que levaram à morte do moribundo. Ao final, ouviu Tursan soltar um bufo de desprezo, sussurrando algo para si mesmo.

— Muito bem — Lúcio se pôs de pé —, está claro que vocês chegaram até aqui guiados por diversos eventos inusitados e, por isso, não acho que devem pagar pelos seus erros. Estou de acordo com Davi. Eduardo Caronte deve chegar dentro de três dias, e então veremos se ele poderá levá-los de volta para essa *Pedra Branca* — Tursan quis protestar, mas Lúcio o calou apenas com um olhar severo. — Até lá, teremos que decidir apenas onde você ficará.

Nesse momento, Elias se aproximou e disse:

— Ele pode ficar conosco, pai? — Davi assentiu com a cabeça.

— Então estamos resolvidos — ele encarou Otto e disse em um tom de ameaça: — Eu espero que você não nos cause problemas, padre! — Com um gesto de suas mãos, Lúcio dispensou todos do local.

Otto não queria se mover. Tinha muitos questionamentos a fazer e sentia-se perdido. Quem era Eduardo? De quais regras estavam falando? O que estava acontecendo? O que *era* aquele lugar? Mas, ao ver os velhos se levantando e indo embora, decidiu que teria que guardar aquelas perguntas para outra ocasião. Acabou se levantando também e seguiu Elias para fora do salão.

Ao sair, foi tomado de surpresa por um céu azul e um vento quente que agitou seus cabelos. As nuvens de chuva se dispersaram, permitindo que raios de sol iluminassem a vila. Otto observou as belas montanhas que os cercavam por todos os lados e novamente pensou como seria difícil sair daquele local sem a ajuda de

um meio de transporte qualificado. Estava prestes a dizer alguma coisa para Elias, quando reparou na mulher que vinha correndo em sua direção. Reconheceu-a imediatamente ao ver sua pele negra e a grande barriga que carregava uma criança.

— Padre! — Ela exclamou enquanto se aproximava. — Padre, onde está Gabriel? O que aconteceu com o meu Gabriel?

— Rosa, por favor... — Elias começou a falar, tentando acalmá-la, mas ela passou direto por ele, ignorando-o e se jogando nos braços de Otto.

— Meu Gabriel, onde ele está? — Ela começou a chorar.

A mulher continuou repetindo a mesma pergunta, e Otto a segurava sem saber o que fazer. O corpo da mulher era delicado, extremamente magro, como se não se alimentasse direito. Seus olhos eram negros e profundos, dando-lhe uma aparência de doente. Pelo tamanho de sua barriga, ela devia estar próxima de dar à luz, e o padre temeu pela saúde do bebê.

— Acalme-se, minha filha — ele dizia, enquanto tentava consolá-la. — Eu não sei do que você está falando. Quem é Gabriel?

— É o marido dela — Elias se aproximou, ajudando o padre a segurá-la.

— Padre, ele foi procurar por você! Onde ele está? — Ela continuava histérica.

— Procurar por mim? Do que você está... — a compreensão o atingiu como uma bala e ele imediatamente se lamentou pela mulher. Gabriel era o moribundo encontrado em Pedra Branca, e ele não podia revelar seu destino a ela. Não naquela situação.

— O que foi? O que aconteceu com ele? DIGA! — Ela percebeu a mudança na expressão de Otto e começou a gritar.

Antes que pudessem acalmá-la, o corpanzil de Tursan apareceu novamente, atraído pelos gritos da mulher.

— O que está acontecendo aqui? — Sua voz imponente silenciou todas as outras. — Rosa, saia dos braços desse homem agora!

— Papai! — A mulher finalmente recobrou o equilíbrio e correu em direção a Tursan, batendo em seu peito. — Por favor, me diga o que aconteceu com Gabriel!

— Ele está morto, garota!

— NÃO! — Rosa soltou o grito mais angustiante que Otto já ouvira. O sofrimento daquela mulher foi totalmente transferido para aquele berro e ela novamente dirigiu o olhar marejado para Otto. — Por favor, diga que não é verdade...

Ele quis dizer alguma coisa, mas ficou sem reação, apenas continuou a encará-la em silêncio. Por fim, a mulher acabou fechando os olhos e desabando diante de Tursan. Ele a tomou nos braços antes que caísse no chão e lançou um olhar de ódio para Otto.

— Você mal chegou aqui e já está causando confusões! Fique longe de minhas filhas, ou vai se arrepender — ele se afastou com Rosa nos braços, como se carregasse uma criança adormecida.

Elias apoiou a mão no ombro de Otto e disse em um tom natural, como se nada tivesse acontecido:

— Vamos, já é quase hora do almoço e nós sequer tomamos o café da manhã.

A simples menção de comida fez o estômago do padre roncar, mas ele ainda ficou parado por algum tempo, pensando na pobre garota que perdera o marido. Ficou escandalizado com a forma que Tursan tratara a própria filha, mesmo sabendo que ela estava grávida. Mas aquele não era um assunto em que deveria se meter, já estava com problemas demais. Por isso, seguiu Elias em silêncio, remoendo os próprios pensamentos.

— Não se preocupe, Otto. — Davi o encarava através de seus óculos redondos enquanto lhe passava um pedaço de pão recém assado. — Tursan é um grande cão que ladra, mas não morde. Ele não vai lhe fazer mal algum.

A casa de Elias e Davi era simples, porém aconchegante. Era dividida em dois pequenos cômodos, uma sala e um quarto. Como Otto suspeitara, não havia energia elétrica no vilarejo, de modo que eles não possuíam quaisquer eletrodomésticos ou aparelhos eletrônicos. Na sala onde estavam havia apenas uma mesa com quatro banquetas de madeira e um fogão a lenha, no qual estava sendo preparada uma sopa. O outro cômodo era ocupado por duas camas com colchões de palha e um pequeno armário rústico.

Assim que chegaram, Davi já estava preparando a refeição e deixou algumas roupas secas para Otto, uma simples camisa de linho e uma calça de lã. O padre se sentiu nu sem o seu terno, mas ficou grato por ter algo novo e limpo para se vestir. Quando voltou à sala, Elias estava contando ao pai os acontecimentos de momentos antes.

— Não estou preocupado com as ameaças daquele homem — Otto respondeu, enquanto mordia um grande pedaço do pão. — Estou mais preocupado é com a filha dele.

— Rosa é uma mulher forte, ela vai ficar bem.

— Eu apenas lamento que o marido dela tenha morrido em minhas mãos. Mas, por Deus, vocês podem me dizer o que está acontecendo por aqui? Como Gabriel sabia quem eu era, e por que ele estava me procurando?

Elias trocou um rápido olhar com o seu pai antes de responder.

— Este não é um lugar bom, padre. Coisas estranhas sempre acontecem por aqui, ainda mais depois do acidente nas minas.

— Então me expliquem — Otto tomou um gole de água para empurrar o pão seco que estava preso em sua garganta. — Digam-me tudo que puderem sobre este vale, por favor. Eu vim para cá pensando que, quando Gabriel chamou por meu nome, esse era um chamado de Deus. Mas agora descubro que alguém o enviou especificamente para me procurar. Vocês não imaginam a confusão que está em minha cabeça! Meu amigo está semiconsciente nas mãos de uma curandeira estranha e eu não faço ideia do que está acontecendo ou do porquê que estou aqui!

— Talvez tenha sido um *chamado* que o trouxe para cá — Davi ajustou seus óculos —, mas não de Deus.

Otto parou de comer e o encarou.

— O que quer dizer com isso?

— Você já está familiarizado com a história deste lugar?

— Só um pouco — ele se lembrou novamente da história que Henrique lhe contou —, mas gostaria de saber mais.

Davi assentiu e começou a falar.

De acordo com ele, a região do Vale dos Sussurros sempre existiu, mas nunca fora habitada por causa das várias montanhas que cercavam o local. Perto da década de cinquenta, iniciou-se uma especulação sobre as diversas fontes de minério e pedras preciosas que existiam ali e, em 1952, a mineradora chamada *Irmãos Samael* começou a explorar a região. Davi falava as datas com exatidão, pois foi um dos primeiros contratados da mineradora, já que era um renomado engenheiro na época.

Os fundadores da mineradora eram Lúcio e seu irmão, Carlos Samael. Eles eram ambiciosos e não queriam perder tempo. Por isso, logo contrataram um grande número de empregados e, juntos, fundaram aquele pequeno vilarejo em que se encontravam agora. Como o local era isolado, todos os trabalhadores deveriam se mudar para lá enquanto a mineração continuasse.

De início, eles constantemente mantinham contato com as cidades vizinhas para conseguirem suprimentos e materiais de trabalho. Com o passar dos anos, aquele vilarejo acabou se tornando autossuficiente, já que alguns dos habitantes não tinham interesse em trabalhar nas minas e acabaram formando fazendas, com gados e plantações na mesma região.

Os próprios irmão Samael viviam ali para inspecionar de perto o trabalho que estava sendo realizado nas minas. Quase quinze anos depois, em 1966, aconteceu o acidente que, do dia para a noite, destruiu todo o império idealizado por aqueles irmãos.

— Eu me lembro perfeitamente da data — disse Davi, com um olhar distante. — Era uma quinta-feira, primeiro de dezembro de 1966. Na época, Elias tinha apenas três anos de idade e, por causa dele, eu constantemente me atrasava para ir às minas. Foi graças a isso que ainda estou vivo!

“Eu estava nesta mesma sala, preparando o café da manhã para nós, quando ouvi um estrondo, seguido do grande tremor de terra. Agarrei Elias e saí de casa desesperado, imaginando que as montanhas estavam desabando ao nosso redor. Mas não era isso...”

O barulho que ele ouviu foi o desabamento das minas. Dezenas de mineiros morreram soterrados naquele dia, dentre eles, o próprio Carlos Samael. Várias autoridades foram até lá, tanto para investigar, como para tentar resgatar sobreviventes, mas não houve sucesso em nenhuma das duas tarefas. Nunca se soube o que causou o desabamento das minas, assim como não restou nenhum sobrevivente dentre aqueles que estavam trabalhando naquele dia.

Depois desse desastre, os trabalhos da mineradora foram abandonados e a empresa acabou falindo. Muitos dos empregados foram embora do Vale, mas vários outros já tinham estabelecido uma vida por ali e, por isso, resolveram ficar. Dentre eles, o próprio Davi e seu filho.

— E por que o senhor resolveu ficar? — Perguntou Otto.

— Eu conheci Sarah, a mãe de Elias, quando vim para cá. Infelizmente, ela faleceu no parto e eu não tinha mais ninguém que me ajudasse a cuidar da criança. Tive que me virar sozinho e, aqui, isso era possível. Quando aconteceu o desabamento, eu já tinha uma vida estabelecida aqui e pensei que não teria muitas chances no *mundo lá fora*. Eu não tinha muito dinheiro para nos sustentar e não conseguiria trabalhar e cuidar de um filho pequeno ao mesmo tempo. Por isso, decidi ficar.

— Mas por que não saíram daqui quando Elias cresceu?

Elias, que ficou calado durante toda a história, soltou uma risada de escárnio e respondeu:

— Nada é tão simples assim.

Ignorando o comentário do filho, Davi continuou sua história:

— Depois que as coisas se acalmaram, nós conseguimos viver bem por alguns anos. Não tínhamos problemas por aqui e o vilarejo conseguia se sustentar tranquilamente. É claro que ainda mantínhamos contato com o *mundo exterior*, até mesmo por que precisávamos de algumas ferramentas, utensílios e roupas que não era possível produzir por aqui. Mas isso não interessa, o problema é que, cerca de dez anos depois do acidente nas minas, coisas *estranhas* começaram a acontecer.

“De início foram os sussurros. As pessoas podiam jurar que a floresta estava viva, pois qualquer um que caminhasse por ali podia ouvir diversas vozes cochichando através das árvores. Logo se espalhou a lenda de que os espíritos daqueles que morreram nas minas assombravam o vale e, assim, surgiu o famoso nome *Vale dos Sussurros*.

“Eu, pessoalmente, não vejo nenhuma ligação entre esses sons e o acidente das minas. Para falar a verdade, eu acho que esses sussurros sempre assombraram essas florestas, mas as pessoas os ignoravam. Só depois do acidente é que elas começaram a prestar atenção e então fizeram a ligação de uma coisa com a outra.”

— Eu já ouvi esses sons — disse Otto —, são realmente assustadores.

— Sim, eu também já os escutei, padre, mas isso aconteceu muito antes do desabamento das minas. Por isso estou dizendo, não vejo qualquer relação entre um evento e o outro. Bom, de qualquer maneira, o que importa é que as pessoas fizeram essa ligação e, pior do que isso, algumas delas começaram a enlouquecer.

— Como assim?

— Nos primeiros anos, as pessoas iam e vinham para cá, pois, como eu disse, não havia problema algum. Mas logo as movimentações começaram a diminuir e novas pessoas raramente chegavam, assim como quase ninguém saía daqui. Quando tentavam sair, elas simplesmente não conseguiam.

“As pessoas que tentaram abandonar o vilarejo nessa época, acabavam reaparecendo dias depois, mortas! Em raros casos, encontramos alguns sobreviventes, mas todos em um estado de loucura indescritível. Eles não conseguiam dizer nada com nada, ficavam paranoicos ou em estado catatônico. Por fim, também morriam, ou acabavam se suicidando.

“Nesse momento, surgiu uma grande desordem entre os próprios habitantes, pois todos estavam com medo e não sabiam mais o que fazer. Foi assim que surgiu

a necessidade de eleger alguns líderes, e então foi criado o conselho, formado pelos membros mais velhos do vilarejo: eu, Lúcio e Tursan. Em nossa primeira reunião, estabelecemos diversas regras para nossos moradores, dentre elas, a de que ninguém mais deveria sair do vale, a não ser que houvesse o consentimento unânime do conselho. Essa, até hoje, é nossa regra mais rigorosa.

“É claro que ainda existem pessoas que tentam sair, sendo que alguns nunca mais retornam, de modo que jamais saberemos se estão vivos ou mortos. Um desses casos foi o próprio Gabriel.”

— Por que ele resolveu sair daqui? E de onde ele me conhecia? — Otto estava juntando e separando suas mãos sem perceber. Tudo aquilo lhe dava muito para refletir, mas ainda assim não respondia a todas as suas perguntas.

— De onde ele te conhecia, eu não sei responder. Talvez Rosa possa te ajudar. Já o *porquê*, tem relação com outro estranho acontecimento deste vale... diga-me, Otto, você não reparou nada estranho ao chegar aqui?

Ele pensou por um momento enquanto suas mãos ainda se movimentavam.

— Bem, a primeira coisa que estranhei foi no quão deserta é esta vila. Vi pouquíssimas pessoas quando cheguei, e todas elas me pareceram extremamente exaustas.

— Você é um bom observador, padre. O vilarejo ser deserto não é realmente o mais estranho, mas sim o fato de não haver crianças por aqui. Ainda que todos os moradores não saíssem de suas casas, seria possível ouvir o choro ou as brincadeiras e bagunças típicas de crianças pequenas. Mas nada disso existe por aqui.

“Desde o acidente, nenhum outro casal que vive aqui conseguiu ter filhos. Por isso você não encontrou ninguém por aqui com menos de trinta anos. É um evento estranho e inexplicável, e jamais poderia ser considerado uma mera *coincidência*, pois tínhamos muitos habitantes e casais naquela época...”

— Mas a própria Rosa está grávida, e aquele bebê está próximo de nascer!

— Exatamente! E isso nos leva ao mais recente mistério, e também responde às suas outras perguntas. Como eu disse, faz mais de trinta anos que ninguém consegue engravidar por aqui e, de repente, Rosa nos aparece com a notícia de que estava grávida. Todos ficaram espantados, pois aquilo era um acontecimento inédito. Algumas pessoas duvidaram, mas assim que sua barriga começou a crescer, não era mais possível contestar.

“O problema é que coisas estranhas começaram a acontecer desde a gravidez de Rosa, e eles começaram a temer pela saúde da futura criança. Por isso, Gabriel

recorreu ao conselho, pedindo que ele e Rosa pudessem sair do vale para procurar ajuda médica do lado de fora. Na realidade, o que ele mais queria era tentar sair da má influência deste local. Obviamente eu concordei com seu pedido, mas Lúcio e Tursan foram veemente contra. Eles alegaram que era muito perigoso, ainda mais para Rosa, que carregava um filho e era filha de um dos membros do próprio conselho.”

— Como ele planejava sair daqui? — Otto o interrompeu.

— Da mesma forma que você e seu amigo. Como você já deve suspeitar, nós ainda temos um contato com o *mundo exterior*. Desde o início da exploração deste vale, Eduardo Caronte sempre foi o responsável pelo nosso transporte de cargas, de modo que ele já está bem acostumado com a trilha que passa por aqui e até hoje ele nos serve, vindo exatamente no primeiro dia de cada mês para trazer o que precisamos e levar o que vendemos. Ele é um homem estranho e ninguém entende porque não sofre os efeitos do Vale. No início, tentamos usá-lo para nos ajudar a sair daqui, mas, na primeira tentativa, os passageiros surtaram e quase o mataram. Numa segunda tentativa, duas pessoas simplesmente morreram dentro do carro. Desde então, ficou estabelecida a proibição do transporte de pessoas por Caronte.

— Mas vocês nunca tentaram pedir ajuda de pessoas do lado de fora?

— Claro que já! Mas Eduardo diz que ninguém atendia ao pedido de ajuda, o que é muito estranho. Nunca saberemos se ele está dizendo a verdade ou não, mas ele continua sendo nosso único contato com o lado de fora.

“De todo modo, Gabriel ficou indignado com a decisão e decidiu arriscar a sorte, fugindo sozinho do vale para procurar ajuda. Foi assim que ele acabou batendo em sua porta. Pelo visto, ele teve sucesso em sair daqui, mas não conseguiu fugir completamente da influência maligna deste lugar.”

Otto acalmou suas mãos por um momento e olhou de Davi para Elias.

— Certo... isso já me ajuda a entender muita coisa. Mas o que aconteceu para que Gabriel ficasse tão desesperado para sair daqui?

Davi retirou seus óculos, apoiou o braço em cima da mesa e começou a coçar seus olhos antes de responder:

— Pesadelos... todos nós começamos a ter pesadelos pouco tempo antes de Rosa engravidar — ele parou de coçar os olhos e encarou Otto. — Todas as noites, a qualquer momento que cochilamos, temos pesadelos horríveis. Ninguém mais consegue dormir em paz, por isso estamos todos exaustos. Temos medo de fechar nossos olhos e adormecer.

Capítulo 5

A porta da igreja rangeu ao se abrir. Por dentro, o local era sombrio e deserto. Filetes de luz penetravam pelas frestas das janelas de madeira, fazendo com que partículas de poeira dançassem diante dos seus olhos. Seis bancos de madeira se espalhavam pela nave, todos empoeirados e rachados, como se não fossem utilizados há muito tempo. Otto caminhou até a primeira fileira e se apoiou em um deles, encarando a grande cruz de madeira que se elevava no altar.

O padre estranhou a nudez do local. Além da cruz e dos bancos, não havia mais nada. Não imaginou como uma missa poderia ser celebrada ali sem o sacrário. Talvez aquele fosse um local meramente simbólico, construído pelas mãos de alguns fiéis, mas sem jamais receber a presença de um padre. Percebeu, porém, que o lugar não recebia visitas há vários anos, diante de seu estado de conservação.

Otto passou suas mãos pela base da cruz, raspando a grossa camada de poeira, deixando um rastro de suas palmas pelo caminho. Sua cabeça estava fervilhando com milhares de pensamentos. Sentia que seu corpo estava cansado, mas seu estado mental não permitia que descansasse.

Logo depois do almoço e da conversa com Elias e Davi, o padre pediu licença e deixou a casa, refletindo sobre tudo que haviam lhe contado. Caminhou por um tempo pelo vilarejo, perdido em seus pensamentos, quando se viu diante da pequena igreja. Agora, estava ali sem saber o que realmente procurava, ainda sentia um grande vazio no lugar onde deveria estar sua fé. Ele queria entender o que estava acontecendo, queria acreditar que aquele era o caso que procurara durante os últimos três anos, queria que aquilo comprovasse a existência de coisas para além da mera compreensão humana. Mas não acreditava. Ele sentia que existia uma explicação racional por trás de todos os mistérios daquele lugar.

Parado diante da cruz, Otto fechou seus olhos e as palavras de Davi ecoaram em sua mente: *Talvez tenha sido um chamado que o trouxe para cá, mas não de Deus.*

Um chamado...

Ele se lembrou de quando ainda era uma criança e estava no orfanato. Teresa, a diretora do lugar, se aproximou e gritou seu nome. Ele estava brincando com Henrique no momento e fingiu não escutar, quis se esconder, pois temia que fosse levar uma bronca, provavelmente por algo que não tinha feito.

Mas não era isso. Quando ela o chamou novamente, Otto percebeu algo diferente, havia bondade em sua voz. Aquele era um chamado para algo bom e não para repreendê-lo. O que ela queria era apresentá-lo para Isabela, sua futura mãe adotiva.

Otto nunca se esqueceu do momento em que a conheceu. Ela estava irradiante com seus longos cabelos castanhos cacheados espalhados sobre seus ombros e um sorriso no rosto, capaz de aquecer qualquer coração. Ao fundo, estava Júlio, seu marido, que inicialmente parecia ser um homem carrancudo, mas logo se mostrou tão bondoso quanto sua mulher.

Apesar da simpatia de Isabela, Otto se sentira ameaçado. Tinha vivido por tanto tempo naquele orfanato, que não tinha certeza se queria sair dali. Quando ela o viu, aproximou-se cuidadosamente e se ajoelhou na sua frente. Com as mãos em seus ombros, ela falou algo que ficou gravado para sempre em sua memória:

— Você é uma criança especial, Otto, e eu espero que nos dê a chance de te mostrar isso.

Sua voz era gentil, e logo quebrou todo o receio que ele tinha.

Ficou triste por abandonar Henrique naquele lugar, mas ele era apenas uma criança. Não demorou muito para que fizesse novas amizades em seu novo lar, esquecendo-se do velho amigo, que reencontraria anos mais tarde.

Pensar nessa época fez ele se recordar de como era bom se sentir bem-vindo em um lugar diferente. Isabela e Júlio foram as melhores pessoas que passaram por sua vida. Enquanto esteve com eles, Otto compreendeu o significado de *confiança*, e isso fortaleceu sua fé, pois descobriu a bondade nas pessoas. Essa bondade foi o que confirmou a decisão de se tornar um padre. Ele sentira o chamado daquela vocação, queria colocar sua fé em evidência. Mas então seus pais morreram e tudo aquilo se desfez em questão de segundos.

Relembrar tudo fez com que ele se sentisse ainda mais vazio. Desde que entrou na trilha que levava ao vale, ele recebeu apenas ameaças e reações estranhas de quase todas as pessoas que estavam ligadas àquele lugar. Estava em uma situação totalmente contrária àquela de suas lembranças, pois ele não foi convidado a entrar ali. Era um intruso. Mas, de alguma forma, ele sentia que tudo o que estava acontecendo se relacionava com o seu passado, com a memória de seus pais adotivos.

De olhos ainda fechados, ele apertou mais a base da cruz e, apesar do abalo em sua fé, sussurrou:

— Deus, por favor, guiai-me.

O som ecoou pelas paredes do local e ele percebeu como suas palavras estavam vazias, desprovidas de crença. Por mais que tentasse, não conseguia mais acreditar nelas.

Uma voz sibilante surgiu em sua memória, como se respondesse ao seu pedido.

Corpo e alma pagarão por sua heresia...

Otto arregalou seus olhos e se afastou da cruz.

...e seu sangue regará essa terra!

Ele não era bem-vindo naquele lugar. Seus sonhos, as pessoas que encontrara, os sinais, tudo indicava que aquele vale era a personificação do próprio mal. Algo em seu coração dizia que nunca deveria ter atendido ao *chamado*, pois ele realmente não veio de Deus.

Restava descobrir, então, de onde tinha vindo.

Otto se virou e saiu correndo da igreja. Lembranças dos sonhos que tivera disparavam como *flashes* em sua cabeça. Agora ele já estava ali, não tinha outra saída, a não ser obter algumas respostas.

Quando sua cabeça finalmente se acalmou, ele estava diante de uma das mais belas casas do vilarejo. Aquela cabana, ele reconheceu, era onde tinha visto Rosa pela primeira vez. Era a casa de Tursan.

O padre hesitou por um momento. Sabia que, se queria obter alguma resposta, deveria começar por Rosa, já que tudo se iniciara ali. Por outro lado, Tursan era um homem de temperamento forte e parecia não gostar de Otto. Se ele estivesse em casa, não deixaria sua filha sair para conversar e ainda levantaria mais suspeitas contra o padre. Mesmo assim, teria que arriscar, por isso bateu na porta e esperou.

Otto se espantou ao ver quem estava diante dele no momento em que a porta se abriu. Não era Rosa, muito menos Tursan, mas sim Beatriz, que o encarava com curiosidade, enquanto um sorriso dançava em seus lábios.

— Olá de novo, forasteiro — sua voz era como o canto de uma sereia atraindo o pescador. Otto tinha se esquecido que ela também era filha de Tursan. — Posso ajudar?

Ele não conseguiu responder, sentia-se enfeitiçado pela beleza daquela mulher. Seus olhos amarelos pareciam querer sugá-lo para um vórtice, de modo que ele nunca conseguiria sair de lá. Tentou ao máximo sustentar aquele olhar, mas acabou desviando seu rosto, temendo não conseguir pronunciar palavra alguma enquanto a encarasse.

— R-Rosa está em ca-casa? — Ele não entendia porque se sentia tão envergonhado diante dela. Devia estar parecendo um idiota naquela situação.

Percebendo o constrangimento do padre, Beatriz soltou uma risada e apoiou a mão em seu peito. Aquele toque o deixou desconfortável e, por impulso, ele quis se afastar. Mas se esforçou para ficar parado enquanto ela dizia:

— Não fique nervoso, Otto — ela aproximou a boca de sua orelha e sussurrou: — eu não mordo.

Todos os pelos de seu corpo arrepiaram com aquela aproximação. Um alarme em sua mente começou a apitar. Aquele mulher era perigosa. Otto deu um passo para trás, afastando o contato de Beatriz, e a encarou novamente, recobrando o controle.

— Sua irmã está em casa, Beatriz? Gostaria de falar com ela.

Seus olhos amarelos se estreitaram e ela fez um beicinho, como se estivesse ofendida. Quando ela estava prestes a responder, uma gigantesca sombra se aproximou da porta e a puxou para trás.

— O que está fazendo aqui? — A voz grave de Tursan poderia ser ouvida por todo o vilarejo. — Eu falei para você se manter longe das minhas filhas!

Otto tentou responder, mas Tursan levantou suas mãos enormes em um gesto para que ele se calasse.

— Vá embora! Não me interessa o que o conselho decidiu, se eu te ver novamente, quebrarei todos os seus ossos e farei com que se arrependa de ter vindo para cá!

O velho estava bufando de raiva e sua voz ainda ecoava por todos os lados. Otto queria argumentar, mas achava que uma pessoa como aquela não teria capacidade de dialogar. Por isso, começou a se afastar, passo a passo, enquanto ainda o encarava. A silhueta de Beatriz estava atrás de seu pai, e ele percebeu que ela estava rindo, achava graça de tudo aquilo.

Quando já estava a alguns metros de distância, Tursan bateu a porta com um estrondo, deixando-o sozinho na rua de terra. Teria que pensar em algum outro modo de falar com Rosa, e precisava ser rápido, pois algo lhe dizia que não sobreviveria aqueles quatro dias no vilarejo.

Davi estava balançando sua cabeça em reprovação quando Otto terminou de contar o que tinha acabado de acontecer. Ele segurava um cigarro de palha aceso

entre seus dedos.

— Eu preciso falar com Rosa — o padre disse —, mas Tursan não permite que eu me aproxime nem um centímetro de sua filha. O que aquele homem tem contra mim?

— Depois de tudo que te contei, você deveria entender porque ninguém gosta de gente estranha por aqui. Ele não confia em você, Otto. A verdade é que ninguém confia em ninguém por aqui.

— Você precisa me ajudar, Davi! Rosa é a única pessoa que talvez consiga me explicar como Gabriel me conhecia.

— Bem... — Davi deu um último trago em seu cigarro enquanto olhava para o teto. — Conversar com Tursan está fora de questão. Não sei porque aquele velho é tão mal-humorado! Se não fosse por sua amizade com Lúcio...

— Lúcio! Você não pode falar com Lúcio? Talvez ele consiga convencê-lo a me deixar conversar com Rosa.

— Sem chances — ele o encarou. — Lúcio também não gosta de você, jovem.

O rosto sério de Otto se franziu, estava perdendo a paciência.

— As pessoas por aqui não tem nada mais para fazer além de me odiarem? Será que não posso aproveitar algum momento que Tursan não esteja em casa para falar com Rosa?

Davi se levantou e caminhou até a janela. Jogou o toco de cigarro para fora e encarou o céu por alguns segundos antes de responder:

— Rosa raramente fica sozinha. Quando Tursan tem que sair de casa, ele sempre deixa Beatriz com ela. A garota está sempre sob observação, e se você fosse até lá em algum momento que Tursan estivesse fora, Beatriz com certeza contaria para seu pai. Os resultados disso seriam desastrosos.

— O que eu posso fazer então? Preciso falar com Rosa de qualquer forma, mesmo que tenha que enfrentar seu pai!

— Isso não será necessário — Davi o encarou. — Logo estará anoitecendo, e o vilarejo irá se reunir no salão principal para o jantar. Como já não temos muitos habitantes, esse foi um hábito que surgiu para nos mantermos ao menos um pouco unidos. Nessa noite, tentarei distrair Tursan e pedirei para que meu filho distraia Beatriz quando eles estiverem saindo. Dessa forma, você poderá ir atrás de Rosa para questioná-la sobre o que quiser. Mas você deverá ser rápido! Tursan não é um homem que se distrai facilmente.

— E se ela ficar perto deles?

— Não ficará. Darei um jeito de afastar Tursan para algum canto do salão e Beatriz não será motivo para se preocupar. Se alguma coisa por acaso der errado, você deverá se virar rapidamente. Quero que entenda que eu não sou nenhum querido de Tursan, aquele homem se preocupa apenas consigo mesmo e com suas filhas. Se ele descobrir que eu estou lhe ajudando, terei grandes problemas!

— Davi, eu não tenho palavras para agradecê-lo. Sei que você não tem obrigação nenhuma de me ajudar, mas desde que cheguei aqui, você e Elias foram as únicas pessoas que me acolheram bem e, por isso, serei eternamente grato.

Não fazia nem um dia que Otto estava naquele lugar e marcas de cansaço já se acumulavam em seu rosto. Davi segurou seu braço e disse:

— Você é uma boa pessoa, Otto. Isso é uma raridade por aqui. É por isso que estou te ajudando.

Aquele comentário soou estranho aos ouvidos do padre e, pela primeira vez, ele olhou ao redor da casa e percebeu que Elias não estava ali. Ao perguntar para Davi onde ele estava, o velho respondeu:

— Está no horário da segunda ronda pela trilha. Elias e Lúcio são os responsáveis por verificar os arredores do vilarejo, são os únicos que podem ir além dos limites das fazendas e caminhar pelas florestas do vale.

— Mas ele não tem medo? Você mesmo me disse que as pessoas que entraram nas profundezas da floresta acabaram ficando loucas.

— Isso não é problema para eles. Lúcio conhece bem os limites dessa caminhada, eles sabem se guiar por lá sem sofrerem os efeitos do vale. Além disso, estão sempre juntos, o que dificulta a possibilidade de se perderem.

Otto trocou mais algumas palavras com Davi enquanto esperava o tempo passar e compreendeu melhor o sistema de auto sustento da vila.

Com exceção dos fazendeiros, que ficavam mais distantes do vilarejo em si, as pessoas que viviam ali não tinham muito o que fazer. Cada um contribuía da forma que podia, fosse como artesãos, costureiros, cozinheiros, pedreiros, dentre outras habilidades que pudessem ser úteis. Eles trabalhavam de acordo com a necessidade. Cada um usufruía de seu próprio trabalho e do trabalho do outro. A vila funcionava na base do escambo.

Os fazendeiros eram os que mais trabalhavam, pois cuidavam da agricultura e do gado. Era deles que vinha o maior sustento da vila, já que forneciam alimentos para todos. Quando Eduardo chegava no início de cada mês, ele levava os produtos

excedentes para fora e os vendia. Com o que arrecadava, comprava outros tipos de mantimentos e utensílios e trazia de volta para a vila.

Quando Otto questionou sobre a pequena igreja que havia no vilarejo, Davi explicou que ela foi construída pelas mãos dos próprios habitantes que sentiam falta de um lugar para oração. Na vila nunca existiu um padre e, como Otto imaginou, a igreja era meramente simbólica. Depois do acidente nas minas, as pessoas pouco a pouco pararam de frequentar o local.

De acordo com Davi, havia também um seletto grupo de pessoas que ainda explorava as minas ao redor do vale, pensando que talvez pudessem encontrar algo de valioso por lá. Tursan era o homem que chefiava esse grupo, mas ele mesmo quase nunca saía de casa. Próximo às minas, havia um largo rio que desembocava em um lago, de onde vinha a água que utilizavam por ali. Um outro grupo de pessoas, chefiado pelo próprio Davi, era responsável pelo transporte e distribuição dessa água pelo vilarejo, o que era feito com os diversos barris que ficavam do lado de fora do salão principal.

Antigamente, aquele salão era a sede administrativa da mineradora, onde Carlos e Lúcio moravam. Porém, desde o acidente que causou a morte de seu irmão e sua esposa, Lúcio deixou o lugar para ser um centro de reuniões, já que não queria mais viver sozinho em um local tão espaçoso.

Aproveitando o assunto, Otto quis saber mais sobre os irmãos Samael, mas Davi lhe disse que, na época, não os conhecia muito bem. Não chegou a conhecer a esposa de Lúcio, apenas sabia que eles nunca tiveram um filho, pois ela era estéril. No dia em que aconteceu o acidente, ela também estava na mina e acabou soterrada, junto com todos os outros mineiros.

Já Carlos, o irmão de Lúcio, era um homem estranho. Ele vivia ocupado e as pessoas quase nunca se encontravam com ele. Quando estava nas minas, ficava isolado de todos os outros mineradores em áreas proibidas ou inacessíveis. O próprio Davi nunca trocou uma palavra com ele, só o conhecia de vista. Pelo que se lembrava, ele não era casado, mas tinha um romance com Laila, a curandeira. Na época do acidente, ela estava grávida, e todos os habitantes da vila acreditavam que o bebê era de Carlos. Dias depois do acidente, Davi descobriu que ela perdera a criança, e imaginou que isso aconteceu por causa da dor de ter perdido seu amante. Ou, talvez, aquele era apenas o início do estranho evento que passou a assolar o vale, fazendo com que todas as mulheres ficassem incapazes de engravidar.

Quando Davi terminou de falar, o pôr-do-sol já espalhava um brilho avermelhado pelo casebre e lançava sombras das montanhas sobre o vilarejo. Ao

falar sobre Laila, o padre lembrou que não teve notícias de seu amigo desde que o deixara com aquela mulher.

— Já está tarde — ele disse enquanto se levantava —, e eu tenho que ver como está Henrique. Agradeço mais uma vez por tudo, Davi.

— Não precisa agradecer, acredito que você faria o mesmo por mim, caso estivéssemos em posições contrárias — ele se espreguiçou e apontou para a porta. — Vá então, não se esqueça de nos encontrar no salão principal assim que escurecer.

Otto assentiu e saiu.

Todas as janelas da casa estavam fechadas. Otto tentou escutar alguma coisa pelo lado de fora, mas tudo era silêncio. Ele se aproximou da porta, bateu três vezes e esperou.

Ninguém respondeu.

— Laila! — Gritou, dando mais algumas batidas.

Silêncio.

Ele tentou abrir a porta, mas estava trancada. Rodeou a casa e não encontrou nenhuma outra entrada ou qualquer janela aberta.

— Henrique? Laila? — Ele continuou batendo insistentemente na porta. Estava começando a ficar preocupado. — Tem alguém aí?

Por fim, ouviu uma movimentação vindo de dentro da casa. A porta se abriu em uma festa e Laila apareceu. Seus olhos cegos encaravam o horizonte e ela continuava emburrada, exatamente como da última vez que a viu.

— Eu posso ser cega, mas eu não sou surda, garoto. O que você quer?

— Me desculpe, pensei que não estivesse em casa. Vim ver como está Henrique. Ele melhorou?

— Ele ainda precisa de cuidados — sua voz arrastada se calou. O padre hesitou por um momento, e então deu um passo à frente.

— Posso entrar para vê-lo?

— Não.

— Como assim? Por que não?

— Ele precisa descansar. Vá embora, *padre*! — Os dedos magros da mulher apertaram a porta, puxando-a para si. Otto reparou que eles estavam manchados de vermelho e suspeitou que aquilo fosse sangue. Temendo pelo amigo, ele tomou coragem para enfiar seu pé entre a fresta da porta, impedindo que ela se fechasse.

— Laila, está tudo bem com Henrique?

— Eu já respondi sua pergunta, agora saia daqui! — Ela continuou tentando fechar a porta, mas o pé do padre a impedia.

— Deixe-me entrar, quero ver como ele está — ele empurrou a porta na direção contrária e Laila começou a gritar:

— Saia daqui! Você não é bem-vindo em minha casa!

— Eu só quero ver meu amigo, qual é o problema?

— Como ousa?! Você recusou os meus cuidados, padre, sua alma é impura! Saia da minha casa! Eu não quero sua heresia! SAIA!

Heresia?

Otto ficou paralisado. Essa palavra aparecia mais uma vez para assombrá-lo, mas agora isso não era um sonho. Ele parou de tentar empurrar a porta e perguntou:

— O que você quer dizer com isso?

Laila cuspiu em seus sapatos e seus olhos brancos sustentaram seu olhar, como se pudesse enxergá-lo.

— Quer dizer que você é um porco traidor! — Sua voz arrastada saiu mais calma, em um tom de ameaça: — Saia daqui. Não vou pedir novamente.

— Mas...

— O que está acontecendo por aqui? — A voz rouca veio de trás do padre. — Laila, esse homem a está incomodando?

Lúcio se aproximou e parou ao lado de Otto. A espingarda estava apoiada em suas mãos, de modo ameaçador. Elias também se aproximou e segurou o ombro do padre.

— Vamos embora — ele disse em um tom conciliatório. — Seu amigo está bem, eu garanto.

Ele olhou novamente para as mãos manchadas de Laila, e depois para a arma nas mãos de Lúcio. Ele o encarava, como se o desafiasse a fazer algum movimento que justificasse um disparo.

Sentiu-se impotente. Queria ver seu amigo, saber se ele estava bem, mas não podia fazer nada naquela situação. As coisas naquele lugar pareciam apenas piorar. Elias deu um pequeno aperto em seu ombro, incentivando-o a se afastar. Por fim, ele cedeu e tirou seu pé da fresta. Laila desapareceu dentro de casa, sem nenhuma palavra, e a porta se fechou com um clique.

— Rapaz — Lúcio abaixou sua arma e parecia estar zangado —, se eu encontrar você causando mais algum incômodo por aqui, não hesitarei em enviá-lo de volta para o caminho de onde veio!

O padre começou a argumentar, mas viu que Elias fazia um movimento com a cabeça, pedindo para que ele se calasse. Com um suspiro, ele abaixou sua cabeça e pediu desculpas para Lúcio. O velho apenas soltou um de seus bufos de desprezo e se afastou.

— Estou preocupado com Henrique — falou para Elias, e contou sobre as manchas nas mãos de Laila e a atitude estranha da curandeira.

— Não se preocupe, ela devia estar trabalhando em algumas misturas, aquilo provavelmente não era sangue.

— Mas por que me impedir de entrar?

— Oras, porque ela é apenas mais uma das pessoas que não gostam de você — a verdade daquelas palavras pairou no ar. A cada momento, Otto acreditava que estava fazendo mais inimigos naquele lugar. — Amanhã você tenta visitá-lo novamente. O jantar já está começando, vamos embora.

Naquele momento, a noite já caíra por completo e o vilarejo estava submerso na escuridão. O calor fora substituído por um vento frio cortante, que assoprava através das árvores da floresta que os cercavam, trazendo consigo o baixo som de um coro de vozes sussurrantes.

Os pelos de Otto se arrepiaram ao ouvir aquele som outra vez. Ele seguia Elias em direção ao prédio central e a única iluminação que os guiava vinha da luz do céu estrelado e da lua cheia.

— Eu pensei que não era possível ouvir os sussurros da floresta por aqui.

— Normalmente não, mas, nas noites em que o vento está muito forte, é possível ouvi-los daqui.

Quando se aproximaram do prédio principal, foram recebidos pela luz de diversas lamparinas acesas. Pela primeira vez, Otto teve noção da quantidade de pessoas que havia na vila. Ao entrarem, contou umas quinze cabeças, mas imaginou que o dobro disso ainda deveria chegar, ou já tinham saído. Dentre os

que estavam lá, Otto reconheceu os rostos de alguns fazendeiros que observara ao entrar na vila. Viu também Lúcio, Davi e Tursan, mas não havia sinal de Rosa.

O jantar era servido na larga mesa onde o conselho se reunia, e as pessoas se sentavam ao redor dela, comendo e conversando. Aquela era a primeira vez que Otto sentiu o silêncio ser quebrado no vilarejo. Apesar da conversa ser em tons baixos e esparsos, parecia uma festança, quando comparada com o silêncio mortuário que se espalhava por todos os lados.

Elias se sentou ao lado de seu pai, e Otto o seguiu. A comida era simples, composta em sua maioria por panelas de sopa, arroz e feijão, cestas de frutas e pães, e uma travessa com pedaços de carne. O padre estava faminto, o aroma do lugar fez seu estômago começar a gemer. Pegou uma tigela e começou a se servir.

Todas as pessoas que estavam sentadas se calaram ao perceber sua presença. Olhares curiosos o fuzilavam, a maioria demonstrando alguma ameaça. Apesar de se sentir desconfortável, o padre tentou ignorá-los e continuou a se servir, como se nada estivesse acontecendo, até que uma voz quebrou o silêncio:

— E quem é você?

Otto engoliu em seco enquanto procurava quem tinha feito a pergunta.

— Cale a boca, Tom — a voz de Lúcio se elevou do outro lado da mesa. — Todos vocês já sabem muito bem que estamos com dois *visitantes* por aqui, mas logo eles estarão de partida, então tratem de voltar a concentração para suas comidas e deixem o *garoto* em paz!

— Mas qual é seu nome? — Outra voz perguntou.

— Otto... Otto Weergang — o padre respondeu instintivamente.

O homem chamado Tom tentou dizer mais alguma coisa, mas Lúcio se levantou e o calou apenas com o olhar. As pessoas logo perderam o interesse por Otto e a conversa voltou a fluir. Com a comida em mãos, o padre se sentou do outro lado de Davi. Enquanto comia, observava as pessoas ao seu redor, procurando por Rosa, mas não viu sinais dela.

— Davi — ele sussurrou —, não vejo Rosa nem Beatriz em lugar algum.

— Elas já devem estar chegando.

Um senhor calvo, sentado diante de Otto, continuava a encará-lo. Ele era tão magro que seus braços pareciam pequenos gravetos que poderiam ser quebrados com o simples bater do vento. Seu rosto era chupado, marcado por diversas manchas escuras. Seus olhos encovados e vazios não desviavam do padre nem mesmo enquanto ele enfiava uma colher de sopa na boca murcha.

— Sabe — ele finalmente falou em uma voz fraca —, eu conheci um *Weergang* no passado.

Os olhos do padre se arregalaram.

— É verdade? E quem era...

— Ignore o que Rafael fala — um jovem sentado ao lado do velho se intrometeu na conversa. — Ele não bate bem da cabeça.

— Não, não... — ele continuou — eu realmente conhecia um *Weergang*. Como era mesmo o seu... *Miguel!* Miguel *Weergang*, esse era o nome dele.

— Claro... — o homem falou em tom de chacota — o senhor já conheceu muita gente, não é mesmo? Assim como também já saiu e voltou deste vale.

— O senhor já saiu daqui? — Otto perguntou.

— Mas é claro que não! Rafael é doido, ele não fala nada com nada. Não o leve a sério...

O velho balançou sua cabeça e disse:

— As pessoas são tolas, Otto — ele olhou para o outro extremo da mesa e se calou. Ao seguir seu olhar, o padre percebeu que Lúcio o estava encarando, faíscas pareciam saltar de seus olhos.

Ele estava prestes a perguntar mais alguma coisa para Rafael, quando Davi cutucou sua perna e apontou para a entrada do salão. Beatriz e Rosa entraram pela porta e se dirigiram para a mesa de jantar. Cada uma das garotas se sentou de um lado de Tursan e começaram a comer.

Otto se sentiu mais uma vez hipnotizado pela beleza de Beatriz, mas logo conseguiu recobrar sua consciência e virou-se para frente, pronto para retomar a conversa com Rafael, mas o velho não estava mais lá.

— Para onde ele foi?

— Quem? — O homem que estava sentado ao lado do velho respondeu. — Rafael? Ele já saiu. Aquele velho é assim, ele vem e vai sem ninguém perceber.

Otto começou a bater suas mãos, pensativo. *Outro Weergang*, esse não era um sobrenome comum, ainda mais em um vilarejo pequeno como aquele. Será que Rafael era simplesmente doido, ou será que ele sabia de algo a mais? Essas eram mais respostas que ele deveria buscar. Mas, agora, deveria se concentrar em outra coisa.

Voltou a observar o outro canto da mesa. Rosa comia em silêncio e lágrimas escorriam de seus olhos. Enquanto ela usava uma mão para levar colheradas de

sopa à boca, a outra descansava em sua enorme barriga. Tursan e Beatriz trocavam algumas palavras com as pessoas ao seu redor, ignorando-a completamente. Otto sentiu pena daquela mulher, pensou novamente no bebê que carregava e no pai que ele nunca teria. Se pudesse fazer algo para amenizar sua dor, ele faria, mas não conseguiu pensar em nada.

— E então, *Otto* — o homem sentado à sua frente começou a falar —, como você chegou até aqui?

O padre desviou sua atenção de Rosa e encarou o rapaz. Ele tinha os olhos escuros e sustentava uma expressão arrogante. O padre já não gostava dele por causa forma como tinha tratado Rafael anteriormente. Pensou em responder a verdade, mas acabou simplesmente dizendo:

— Eu me perdi.

O homem arqueou as sobrancelhas, deixando evidente que duvidava da resposta do padre, mas se calou ao ver que ele não renderia conversa. Otto voltou a comer em silêncio, mas já não sentia mais o gosto da comida, pois tinha muito o que pensar, e gostaria de não ser incomodado. Ao seu lado, Davi terminou o jantar, enrolou um cigarro e o acendeu com um fósforo. O cheiro de tabaco dominou o ar, eliminando de vez o apetite do padre. Ele afastou sua tigela e aguardou em silêncio.

De repente, Elias se levantou e caminhou para o outro lado da mesa. Otto viu que Beatriz tinha terminado seu jantar e estava se levantando. Ao seu lado, Davi deu um aperto em seu ombro, indicando que estava na hora de tentar conversar com Rosa, não poderia perder aquela oportunidade. Feito isso, ele se dirigiu a Tursan e começou a trocar algumas palavras com o velho.

Tursan parecia impaciente, Otto sabia que aquele papo não duraria muito tempo. Perto dele, Beatriz parecia entretida com Elias, dando risadas com o que ele lhe contava. Rosa, por outro lado, permaneceu sentada e calada entre eles. Com um olhar de súplica, ela disse algo para Tursan e então se levantou, dirigindo-se para a porta do salão.

Aquele era o momento.

Otto também se levantou e a seguiu, saindo para a rua de terra. Do lado de fora, ele enxergou apenas o vulto da mulher grávida se afastando. Ela já estava a alguns passos de distância e ele pensou em gritar seu nome para alcançá-la. Quando estava prestes a abrir a boca, alguém agarrou seu braço e o puxou para um beco entre o salão e a igreja. A luz da lua iluminou o rosto magro de Rafael.

— Otto Weergang — ele disse —, nós precisamos conversar!

O padre olhou para o vulto de Rosa se afastando e novamente para Rafael. Por mais que quisesse conversar com aquele homem, não sabia se conseguiria outra chance para falar com Rosa, não podia parar ali.

— Eu não... — ele começou a responder, prestes a dispensar o velho.

— Meu jovem, você está em perigo. Escute!

Otto franziu o cenho. Não sabia do que Rafael estava falando. Até onde sabia, aquele velho podia ser doido. Ele tinha que falar com Rosa, e não com ele. Pelo menos, não agora.

— Escute, Rafael, eu preciso...

— Esqueça a garota! Fui eu! Fui eu quem enviou Gabriel atrás de você.

— O que...? Como...? — O padre estava paralisado. Esqueceu completamente o vulto de Rosa e encarou o velho à sua frente. Suas mãos magras ainda apertavam seus braços. Tinha tantas perguntas que queria fazer, mas ficou sem palavras.

— Você não entende? Estar aqui não é uma coincidência, ou um chamado do destino, padre... é uma *armadilha*! Você foi enganado, eu fui enganado!

— Espere um pouco! Do que você está falando?

— Você não se lembra? É claro que não... como poderia? — Os olhos de Rafael se movimentavam de um lado para o outro, observando tudo ao seu redor. Ele parecia realmente insano. — Mas isso não importa. Temos que sair daqui agora... não podemos perder tempo.

Otto estava prestes a fazer uma nova pergunta, quando ouviu o som da porta do salão se abrindo e passos se aproximando. Antes que pudesse soltar um pio, as mãos enrugadas de Rafael taparam sua boca. O velho se aproximou e cochichou em seus ouvidos.

— Me encontre amanhã em frente ao lago, próximo ao ocaso — ele apertou mais sua boca e disse: — Tome cuidado, Otto. E não conte nada a *ninguém*.

Dito isso, o velho começou a se afastar e Otto se virou em direção aos passos vindos do salão. O vulto de um velho barbudo apareceu na entrada do beco e a inconfundível voz rouca perguntou:

— O que você está fazendo aqui? — Lúcio deu um passo à frente, permitindo que a luz da lua iluminasse seu rosto. Ele espiou por cima dos ombros do padre que, ao seguir seu olhar, viu que Rafael já tinha desaparecido, sem deixar sinais. — Espero que não esteja causando mais confusões...

— Não — Otto apressou em responder. — Eu... apenas ouvi um... *barulho* e vim ver o que era.

Lúcio deu mais alguns passos e ficou cara a cara com Otto. Ele era tão alto quanto o padre e seu olhar era ameaçador.

— E o que era? — Sua voz continuava calma, porém ameaçadora.

— Acho que era apenas... o vento — ele sabia que não estava sendo convincente, mas não podia ficar calado.

— O *vento*? — Lúcio soltou uma risada. — Então agora você tem medo do vento, padre?

A porta do salão se abriu novamente e novos passos se aproximaram. Dessa vez, um vulto gigantesco ocupou a entrada do beco.

— Lúcio — a voz de Tursan ecoou —, precisamos conversar. Agora.

O velho continuou encarando Otto por alguns segundos. Por fim, se virou e seguiu Tursan para fora do beco. O padre só percebeu que estava segurando sua respiração quando finalmente a liberou. Seu coração estava disparando como o motor de um carro prestes a se fundir.

Capítulo 6

— E então? — Davi perguntou. — Conseguiu falar com Rosa?

Eles estavam de volta ao casebre. Uma lamparina estava acesa em cima da mesa, fazendo com que suas sombras dançassem pelas paredes do lugar. Otto pensou em responder, contando a verdade, mas as palavras de Rafael ecoaram em sua mente:

Não conte nada a ninguém.

Ele confiava em Davi e queria lhe contar tudo, mas não podia confiar cegamente em seus instintos. Por isso, mentiu.

— Sim... e não. Quando eu estava quase a alcançando, Lúcio apareceu e me impediu de falar com ela — Davi ajustou seus óculos e ficou em silêncio. Pela sua expressão, ele não acreditou naquelas palavras, mas mesmo assim não disse nada. — E onde está Elias?

O velho abanou a cabeça em reprovação.

— Com Beatriz. Aquela mulher não é uma boa companhia, ainda mais com o pai que tem!

— Me desculpe fazer vocês passarem por isso por nada.

— Não se preocupe — ele se levantou e foi até o fogão. — Você deve estar cansado, rapaz. Vou fazer um chá para nós dois, ele ajuda com... bem, você sabe, os *pesadelos*.

Um colchão recheado de feno estava esticado no chão da sala. Davi disse que Elias poderia dormir ali, de modo que Otto dormisse em sua cama, mas o padre recusou. Ele mesmo dormiria ali, não queria incomodar ninguém.

Pensar nos pesadelos o deixou intrigado. Se essa história toda fosse verdade, Henrique provavelmente estaria preso em um sono inquieto desde que chegaram ali. Ele queria entender porque Laila não deixou que o visitasse. Será que o amigo estava doente? Estaria ele morrendo?

Otto estava aflito. Prometeu a si mesmo que, assim que amanhecesse, daria um jeito de entrar naquela casa, nem que para isso tivesse que enfrentar Lúcio. O som da chaleira apitando o despertou de seus devaneios. Davi pegou duas xícaras e as encheu com a bebida fumegante. Sentou-se em frente ao padre e lhe entregou uma delas.

— O que te preocupa? — Perguntou enquanto adoçava sua bebida.

Antes de responder, Otto tomou a xícara em suas mãos e começou a assoprar o chá para esfriá-lo. O calor exalado dali era, de certo modo, confortador. Sentiu-se mais uma vez tentado a contar tudo para Davi, mas o alarme em sua mente voltou a apitar.

— Tudo — ele respondeu. — Henrique, este lugar, os sussurros, Lúcio e Tursan... *tudo* me preocupa! E, para piorar, também estou com medo de pegar no sono depois de tudo que me contaram.

— Não tema, meu amigo — aquela era a primeira vez que Davi se referia a ele como um amigo. — Eu já descobri que, quanto mais nos preocupamos, mais problemas temos. O melhor a fazer é se manter calmo e esperar pelo melhor. As coisas vão ficar bem, Otto, acredite.

Vê-lo falando daquele jeito apenas ressaltou sua semelhança física com Gandhi. Suas palavras o confortaram, e Otto o admirou ainda mais. Se tivesse que contar com uma amizade naquele lugar, seria com Davi. Arrependeu-se de esconder dele o que Rafael havia lhe contado e, por isso, acabou falando.

Em rápidas palavras, o padre contou o que realmente o havia impedido de conversar com Rosa, e revelou tudo que Rafael havia lhe falado. Por fim, pediu desculpas por não ter lhe contado a verdade logo no início.

— Tudo bem, eu entendo — Davi tomou um gole de seu chá e o encarou. — Rafael é louco, padre. Eu não acredito que suas palavras possam ser levadas a sério.

— Louco ou não, ele me disse coisas que fazem sentido. Como ele poderia saber meu nome? Não é possível que estivesse inventando tudo.

— No início do jantar, você disse seu nome a todos. Ele apenas ouviu e criou as fantasias em sua cabeça.

— Mas foi ele quem disse meu nome a Gabriel!

— E quem pode confirmar isso? — Aquela pergunta o atingiu como um soco no estômago. Estava tão excitado por ter encontrado algumas respostas, que sequer chegou a considerar que fosse tudo uma farsa. — Me desculpe, Otto, não queria desanimá-lo, mas é porque todos nós conhecemos a fama de Rafael. Ele foi ficando cada vez mais demente à medida que envelhecia. Ninguém o leva a sério.

— Mas isso não impede que eu o encontre amanhã.

— Claro que não. Eu apenas o alertei para não se decepcionar, caso descubra que tudo isso é apenas uma fantasia daquele homem.

Otto estava desapontado. Perdera a oportunidade de falar com Rosa por algo que provavelmente era uma mentira. Ele levou a xícara à boca e sorveu um gole do chá. Seu gosto era amargo como fel e ele sentiu sua boca se repuxar com repulsa enquanto o líquido descia por sua garganta.

— É ruim, eu sei — Davi estava rindo de sua careta.

— Ruim não, é horrível — ele empurrou o chá para longe. — O que é isso?

— Uma mistura de ervas — deu de ombros. — Laila diz que elas ajudam a ter um sono mais tranquilo. Ninguém nunca questionou mais que isso, já que parece funcionar.

Se havia alguém de quem Otto mais desconfiava naquele lugar, essa pessoa era Laila. Pensando nisso, ele se recusou a tomar o resto do chá. Davi concordou e jogou o que sobrou pela janela. Ele usou um balde de água para lavar as xícaras e se despediu.

— Bem, eu estou bastante cansado, já não tenho mais idade para ficar acordado até essas horas. Boa noite e boa sorte, Otto. Apague a lamparina quando for dormir, acredito que Elias ainda vai demorar para voltar — dito isso, ele entrou para o quarto e se deitou.

Otto também estava exausto. Sentia suas pálpebras pesando, mas não queria dormir. Tentou resistir durante um tempo, perdido em seus pensamentos, mas acabou cedendo às necessidades de seu corpo. Apagou a lamparina e se deitou no colchão ao lado da mesa. O feno o espetava e não era muito confortável, mas, em seu estado de cansaço, parecia a cama mais confortável de todos os tempos. Não demorou a pegar no sono e mergulhar na escuridão.

Uma criança chorava ao longe.

Ele não queria acordar, estava tão cansado que se recusou a dar atenção.

O choro não cessou.

Uma criança?

Ele abriu os olhos, mas não enxergou nada. Estava confuso, sem entender onde estava. Apalpou as coisas ao seu redor até esbarrar nos pés de um banco. Apoiando-se nele, levantou-se e continuou se guiando pelo tato.

Sentiu a mesa e descobriu um objeto em cima dela, uma caixa de fósforos. Puxou um e o acendeu, iluminando a sala ao seu redor. A visão do casebre fez com que ele se recordasse do dia anterior. Estava no Vale dos Sussurros.

Pegou a lamparina e a acendeu. O choro ainda ressoava do lado de fora. Mas não havia crianças no vale. Lembrou-se de Rosa e franziu a testa. Teria nascido o seu bebê? De repente, percebeu que aquele era o choro de um recém-nascido, seu primeiro sopro de vida.

Correu em direção ao quarto para alertar Davi, mas ele não estava lá. A casa estava deserta. Ficou sem saber o que fazer e acabou decidindo sair sozinho, Rosa talvez precisasse de sua ajuda.

Do lado de fora, a escuridão parecia um manto negro cobrindo o vilarejo. Não havia estrelas no céu e a lamparina iluminava apenas um pequeno raio de distância. Um vento frio arrastou consigo sussurros ameaçadores e tremulou a chama em suas mãos, fazendo com que as sombras ao seu redor se movimentassem, como se tivessem vida própria.

Havia algo errado ali.

Ele seguiu em direção ao som lamuriante, levantando poeira a cada passo dado. Pela sua orientação, já deveria ter dado de cara com alguma casa vizinha, mas tudo ao seu redor se resumia a um deserto de terra batida.

Viu um reflexo adiante. Apertou o passo e percebeu que estava diante de uma lagoa escura. O choro parecia vir do outro lado. Caminhou pela orla durante vários minutos, até contorná-la. Parou diante de um riacho que desaguava no local. Uma trilha de terra o acompanhava para dentro de uma densa floresta, seguindo em direção ao som do pranto.

Ele seguiu em frente, guiado apenas pelo choro e a luz da lamparina.

Em um dado momento, a trilha se bifurcou seguindo o rio pela direita e adentrando ainda mais a floresta pela esquerda. Ele seguiu à esquerda, pois sentia que o choro estava se aproximando.

A trilha se encerrou abruptamente no sopé de uma montanha. Um portal feito com troncos de madeira circundava a entrada de uma caverna. Uma mulher estava deitada com as pernas abertas logo ali, e um homem estava sentando em sua frente, segurando um bebê ensanguentado que não parava de chorar.

— Querida — ele disse em uma voz distante —, é um menino!

A mulher levantou sua cabeça e arregalou os olhos. Ao mesmo tempo que parecia estar exultante, também parecia preocupada. Ela começou a chorar.

— O que vamos fazer? — Perguntou entre soluços. — Eles não vão nos deixar em paz!

Ele observou o homem usar uma faca para cortar o cordão umbilical e enrolar o bebê em um conjunto de panos. Nenhum deles reparou na sua presença ali, parecia ser um fantasma que se limitava a observar o que acontecia.

Um homem ofegante com um chapéu de palha surgiu na entrada da caverna e se apoiou nos batentes de madeira.

— Eles estão chegando, Miguel!

A luz da lamparina foi refletida pelos olhos verdes do homem que segurava a criança, mas nem assim ele a notou. Apenas correu até o outro e lhe entregou o bebê.

— Por favor, meu amigo, cuide para que ele fique bem... leve-o daqui!

O rapaz hesitou por um momento, mas acabou assentindo e tomou a criança em seus braços. A mulher ainda chorava, sem conseguir se levantar.

— E o que vocês vão fazer?

Ele cerrou os dentes e respondeu:

— Vamos acabar com essa loucura...

Nesse momento, um vento fortíssimo apagou a chama da lamparina e varreu todos os sons.

Estava tudo escuro, frio e silencioso.

Tentou procurar por outro fósforo, mas descobriu que estava nu. De repente, não tinha mais nada em suas mãos ou em seu corpo.

O coro de vozes explodiu ao seu redor.

— *Ave Dominus Mendacium! Ave Caecus Dei!*

— CALEM A BOCA! — Ele gritou, e o eco de sua voz calou todas as outras.

O chão de terra abaixo de seus pés começou a tremer e um par de olhos vermelhos flamejantes iluminou a escuridão.

Você me pertence, Otto Weergang.

Os olhos se aproximaram revelando sua magnitude. Ele tentou correr, mas mãos surgiram de todos os lados, agarrando seus membros e queimando sua pele. Tentou se livrar daquelas garras bestiais, mas não conseguiu. Elas viraram seu corpo e ele foi obrigado a encará-lo. Os horrores daquela visão não poderiam ser descritos em palavras humanas. Sentiu sua sanidade se esvaindo pouco a pouco. Tudo o que conseguiu fazer foi gritar.

E então gritou.

Gritou até o ar em seus pulmões se extinguir.

— Está tudo bem, Otto! Foi só um sonho!

Ele ainda estava gritando, a lamparina acesa fazia com que as sombras dançassem ao seu redor. Demorou a reconhecer o rosto que o observava.

— Foi só um sonho — Elias dizia, segurando os braços de Otto, que ainda se debatiam.

Pouco a pouco, o padre recobrou a consciência e se sentou. A porta do quarto se escancarou e Davi entrou apressado na sala.

— O que aconteceu? Sonhos ruins? — Elias o encarou e assentiu com a cabeça. — Eu pedi para que tomasse o chá, mas ele se recusou.

Otto ainda estava se sentindo tonto. Nunca tivera um sonho tão vívido como aquele. Os lugares em que as garras o apertavam ainda pareciam arder. Solto um longo suspiro e encarou os dois ao seu redor.

— O que...?

— Pesadelos, padre — Elias respondeu —, pesadelos. Assim que cheguei em casa, vi que você estava se remexendo no colchão. Quando me aproximei para ver se estava tudo bem, você arregalou os olhos e me encarou por alguns segundos, até que começou a gritar loucamente.

— Eu... — Otto balançou a cabeça e tentou novamente organizar seus pensamentos — Me desculpem, foi horrível...

— Nós sabemos. Todos aqui já passaram por isso.

Davi abriu a janela, deixando que uma brisa entrasse para acalmá-lo. Do lado de fora, o céu ainda estava escuro, sem sinais do amanhecer.

— Faz muito tempo que me deitei?

O velho balançou a cabeça.

— Uma hora, duas no máximo. E você — ele se virou para Elias —, estava com aquela mulher *até agora*?

— Estava fazendo um favor para você, pai!

— Era para distraí-la somente durante o jantar! Beatriz não é uma boa mulher, você sabe disso, meu filho...

— Já sei, já sei! — Ele se virou e entrou no quarto gritando: — Eu sei me cuidar!

Otto se levantou, tomando cuidado para não tropeçar, e sentou em um banco.

— Você quer tomar aquele chá agora?

Ele estava prestes a recusar, mas então imagens turvas de seu pesadelo surgiram em sua mente. Qualquer coisa seria melhor do que passar por aquilo novamente.

— Tudo bem — acabou respondendo.

Enquanto Davi preparava a bebida, deixou-se desabar no banco. Ainda se sentia exausto, mas não queria dormir novamente. Agora ele entendia porque todas as pessoas daquele vilarejo pareciam estar tão cansadas.

A xícara foi entregue em suas mãos e Davi se despediu. Otto ouviu ele discutindo com seu filho por trás da porta do quarto, mas não deu importância. Tomou todo o conteúdo da xícara, apagou a lamparina e se deitou novamente, rendendo-se ao cansaço.

Pela primeira vez, em muito tempo, rezou para não ser assombrado.

TERCEIRO DIA

29/11/1999

Segunda-feira

Capítulo 7

O amanhecer lançou sua primeira luz pelas frestas da janela, e Otto ainda estava acordado. Não conseguira pregar os olhos, temendo cair novamente na tormenta de pesadelos assombrosos.

Há algumas horas, viu Elias sair de casa para sua primeira ronda. Agora, Davi também já estava de pé, preparando o café da manhã. O padre saiu do colchão e se sentou à mesa, abandonando qualquer esperança de conseguir dormir. Seus olhos pareciam pequenas bolsas cheias de areia. Seu corpo estava dolorido e sua cabeça latejava como se estivesse sendo alfinetada constantemente.

— O chá não funcionou? — Perguntou o velho, colocando um pedaço de pão recém assado e uma xícara de café fumegante à sua frente.

— Não sei. Não cheguei a dormir para descobrir.

— É assim mesmo, mas uma hora ou outra você vai acabar tendo que descansar. Nenhum de nós conseguiu ficar mais de dois dias sem dormir.

Otto balançou sua cabeça e ficou em silêncio, não estava com humor para conversar. Sentia-se desorientado, seus pensamentos flutuavam em sua mente longe do seu alcance. Não estava conseguindo raciocinar, justo naquele dia em que precisaria de todas as suas habilidades mentais.

Enquanto comia, tentou fixar em sua mente tudo o que deveria fazer naquele dia. Em primeiro lugar, daria um jeito de se encontrar com seu amigo. Estava preocupado com a situação de Henrique e sentia que Laila estava escondendo alguma coisa. Em segundo lugar, tentaria novamente conversar com Rosa, mas ainda não sabia como faria isso. Por fim, não podia se esquecer do encontro com Rafael, o velho lhe disse para encontrá-lo perto da lagoa ao pôr do sol.

Ele estava com pressa para visitar seu amigo, mas não tinha forças para enfrentar a resistência de Laila. Uma simples xícara de café não era o suficiente para sustentá-lo. Precisava fazer algo para clarear sua mente.

De repente, além de cansado, o padre percebeu que também se sentia *sujo*. Apesar das roupas limpas, seu corpo estava suado e sujo de terra. Esteve tão

preocupado com outras coisas que nem atentara para sua higiene. Passou as mãos pelos cabelos desgrenhados, sentindo sua oleosidade com repulsa.

— Davi — ele perguntou —, onde eu posso tomar um banho por aqui?

O velho ergueu as sobrancelhas.

— No lago, uai.

— O que?! Sem nenhuma privacidade?

— Bem — ele deu de ombros —, basta escolher um lugar mais reservado. Mas não se preocupe, ninguém vai incomodá-lo.

Ele se levantou, foi até o quarto e voltou com uma toalha e um pedaço de sabão. Otto agradeceu e saiu, pensando como seria estranho banhar-se em um lugar aberto.

O lago ficava no outro extremo da vila, seguindo por uma pequena trilha entre as árvores que cercavam o local. Quando o encontrou, ficou deslumbrado com a paisagem que se estendia à sua frente. As montanhas se erguiam ao fundo, e o sol parecia repousar entre eles, lançando sombras pela floresta que rodeava um lago de águas cristalinas. Sua limpidez refletia tudo ao seu redor, como um grande espelho colocado ao centro de uma clareira.

Otto se aproximou da margem, com uma estranha sensação de familiaridade, como se já tivesse passado por ali. Um calafrio correu sua espinha quando o reconheceu. Na escuridão da noite, não era tão belo, mas com certeza era o mesmo lugar, a lagoa de seu sonho. Como seria possível sonhar com algo que nunca tinha visto antes? Sabia que, se seguisse sua orla, acabaria em outra trilha de terra, que levaria até a entrada da caverna onde fora assombrado.

Mas não queria descobrir isso agora. As lembranças de seu pesadelo ainda eram vívidas o suficiente para fazê-lo temer seus próprios passos. Ele apenas observou seu reflexo nas águas, e se espantou com a própria aparência. Além de sujo, parecia mais velho. Seus cabelos, que sempre foram negros como a noite, estavam quase grisalhos. Seus olhos, sempre atentos, estavam fundos e desfocados, assim como os de todos os outros habitantes do vilarejo.

— Estou me tornando uma vítima deste lugar — sussurrou para si mesmo.

Caminhou ao redor do lago, até encontrar uma área cercada por diversas árvores e arbustos, distante da saída da trilha que o levara até ali. Retirou os sapatos e a camisa, deixando-a pendurada em um galho. Quando estava abaixando suas calças, ouviu um som vindo do lago. Assustado, ele se virou e viu que alguém estava nadando ali.

Reconheceu de imediato a pele morena e os olhos dourados.

Beatriz emergiu das águas, completamente nua, exibindo as curvas de seu corpo enquanto caminhava em direção ao padre. Ele desviou o olhar rapidamente e murmurou um pedido de desculpas, envergonhado com a situação.

— O que foi? Nunca viu uma mulher assim antes? — Sua voz era provocante e ela parecia estar totalmente confortável naquela situação.

— Não sabia que você estava aqui, me desculpe...

Ele juntava todas as suas forças para não gaguejar. Beatriz se aproximou e tocou em seu peito. Sua mão estava gelada e o contato gerou a sensação de uma corrente elétrica correndo por ali. Otto lutava contra a vontade de encará-la, de absorver sua beleza com o olhar.

— Está tudo bem, *padre* — sua mão foi descendo, acariciando sua barriga com o indicador. Ela reparou na toalha que ele segurava. — Precisa de alguma ajuda?

O toque dela era agradável, e ele estava quase cedendo ao seu encanto. Sua voz era apenas um sussurro provocante em seu ouvido. A mão desceu ainda mais, passando por seu abdômen e tocando o elástico de suas calças. Quando ela começou a abaixá-las, a mente de Otto pareceu explodir com o som de um alarme.

— Não! — Ele segurou sua mão e a afastou.

Sem dizer nada, ela agarrou sua cintura com as duas mãos, puxando-o para si. Ele se virou e a encarou, não se deixando seduzir. Segurou suas mãos e as afastou novamente. Ele lutava para não desviar os olhos para o corpo escultural parado à sua frente. Tinha plena noção de sua nudez, mas apenas sustentou o olhar de Beatriz.

— Vamos lá, eu sei que você me quer...

— Não! — Ele repetiu e se afastou. — Sinto muito, mas não.

Os olhos amarelos que o observavam com lascívia transfiguraram-se em um olhar de ódio. Ela passou as mãos pelo próprio corpo, tentando atrair o olhar do padre, enquanto falava:

— Não seja idiota! Quem você acha que é? Ninguém me rejeita dessa maneira!

— Não, Beatriz — ele continuou a encará-la, ignorando os gestos sensuais que fazia —, não estou interessado.

Ela abriu a boca para falar algo mais, mas a fechou. Estava incrédula. Provavelmente nunca fora rejeitada antes. Se virou de costas e se afastou

murmurando:

— Seja como quiser, Otto. Mas você ainda será meu.

Somente depois que ela desapareceu entre as árvores, Otto conseguiu soltar sua respiração. Seu corpo tremia. Jamais imaginou que teria tanto controle sobre si próprio. Ficou orgulhoso por resistir.

Ele tirou o resto da roupa e entrou no lago. Mergulhou nas águas, deixando-se levar pela serenidade daquele lugar. Não conseguia tirar a imagem de Beatriz de sua cabeça. Tentou relaxar, esvaziar sua mente e descansar.

Sentia-se rejuvenescido depois do banho. O cansaço da noite mal dormida ainda o incomodava, mas a sensação de limpeza atenuava a tensão de seu corpo. A dor de cabeça passou assim que saiu do lago. Agora que estava com sua mente limpa, novamente no controle de suas capacidades mentais, sentiu-se encorajado a confrontar Laila. Dirigiu-se até lá, confiante de que encontraria Henrique acordado.

Sua casa, como sempre, estava completamente selada. Otto bateu na porta e esperou. Enquanto ela não o atendeu, continuou batendo. Não desistiria.

Ouviu passos vindos do lado de dentro e o som da fechadura sendo aberta.

— O que... — a voz de Laila surgiu pela fresta, mas antes que pudesse terminar de falar, Otto empurrou a porta e entrou. — Sai daqui, garoto! Saia agora!

Ignorando-a, ele caminhou pelos cômodos escuros, procurando por Henrique. O cheiro de incenso e ervas dominavam o ar. A fumaça densa, somada à pouca iluminação do lugar, impedia-o de enxergar qualquer coisa.

A casa de Laila era dividida em apenas três cômodos. A sala de estar, onde a encontrara pela primeira vez, seu quarto, e uma cozinha, que era usada como uma despensa para diversas substâncias que ela usava em suas poções e remédios. Henrique não estava em lugar nenhum. As almofadas onde fora deixado estavam desorganizadas pela sala e os outros cômodos estavam todos desertos.

O padre estava em pânico, temendo pela vida de seu amigo. Sabia que não deveria ter confiado naquela velha. Desde que chegara ao vale, ela lhe pareceu uma pessoa perigosa.

Laila começou a gritar, ameaçando-o das piores maneiras possíveis. Saliva saltava para fora de sua boca quando Otto a agarrou pelos ombros, fazendo com que se calasse.

— Onde ele está? — Perguntou em um tom controlado.

— Não interessa, sua peste!

— Onde ele está? — Repetiu, aumentando a força de seu aperto. A velha estava desvairada, seus olhos se moviam rapidamente por todos os lados enquanto ela balbuciava coisas ininteligíveis. — ONDE ELE ESTÁ? — Ele começou a sacudi-la, mas logo parou, tomando consciência de sua fragilidade.

Ele a liberou de seu aperto e voltou a olhar pela casa. Henrique definitivamente não estava lá. Quando voltou para a sala, os olhos cegos de Laila o encaravam. Por um segundo, pensou que ela pudesse enxergá-lo. Sua expressão estava contorcida de ódio, exatamente como na vez que o amaldiçoara por não tomar o remédio que tinha lhe dado.

— Criatura desprezível — ela se aproximou e cuspiu em sua cara. Seu tom estava assustadoramente calmo. — Saia da minha casa agora!

— Por favor, Laila, me diga onde está Henrique! — Otto estava suplicando. Tentou manter sua compostura. Não queria irritá-la ainda mais, mas tinha que saber o que tinha acontecido com seu amigo.

— Ele está bem, seu idiota — Ela o empurrou em direção à porta. — Seu amigo não compartilha de sua estupidez. Ele aceitou meus cuidados e, agora, poderá sair deste vale.

— Mas onde ele está?

Ela não respondeu, apenas continuou a arrastá-lo. Ele quis resistir, mas era como se uma força invisível estivesse ajudando a velha, ele não podia fazer nada. Quando percebeu, já estava do lado de fora da casa e ela o encarava. Por fim, disse:

— Você logo vai encontrá-lo — e bateu a porta em sua cara, trancando-a pelo lado de dentro.

Otto imediatamente sentiu o impulso de voltar a bater, queria uma resposta concreta. Mas, antes que pudesse se mover, um barulho chamou sua atenção. Era o som de algo sendo arrastado do outro lado da casa.

O padre deu a volta até o lugar de onde ouvira o ruído e ficou encarando os limites das árvores que cobriam a longínqua floresta. Não sabia o que estava ali, ficou receoso de se aproximar, não queria adentrar novamente aquela mata.

Foi então que ouviu um gemido de dor. Alguém clamava por ajuda.

Ignorando seus temores, Otto correu, empurrando galhos e arbustos para o lado e foi logo encoberto pelas sombras das árvores. Não raciocinou para onde estava indo e, ao tomar consciência de seus passos, percebeu que já não sabia mais onde estava.

Com passos cautelosos, tentou refazer o caminho de volta. Tudo parecia igual naquela floresta. Não conseguia se guiar. Pouco a pouco, o pânico começou a se instalar em sua mente e ele voltou a correr sem rumo. Os galhos de árvores pareciam garras monstruosas ao seu redor. A cada segundo, a floresta parecia ficar mais escura. Pensou estar delirando e rezou para que tudo aquilo fosse apenas mais um sonho.

Mas não era.

Quando a exaustão dominou seu corpo, ele parou de correr e se apoiou em uma árvore, deixando-se cair sentado. Folhas secas flutuaram ao seu redor. Ele inspirou e expirou lentamente, tentando se acalmar, recuperar o controle sobre sua mente e seu corpo. Tudo estava silencioso demais. O único som audível era o de sua própria respiração.

Ele não podia estar muito longe do vilarejo, tinha que encontrar uma forma de se guiar. Caso contrário, ninguém jamais o encontraria ali. Tentou gritar por ajuda. Sua voz ecoou pelas árvores, percorrendo seu caminho até desaparecer, deixando para trás o silêncio.

Gritou novamente e se pôs de pé. Não ficaria parado ali, não permitiria que aquele vale o consumisse, destruísse sua sanidade e levasse embora o seu corpo. Lutaria até o fim contra aquela loucura. Deu seu primeiro passo e, junto com o som das folhas sendo amassadas, ouviu novamente o gemido.

Dessa vez, seguiu o som com calma, tomando cuidado para não se desviar. Otto apertou seus passos e acabou tropeçando em um corpo caído. De início, achou que era um cadáver, mas logo percebeu que ele respirava, e era dele que vinham os gemidos.

O padre se aproximou e tocou o homem caído. Seu rosto estava sujo de terra, marcado por diversos cortes, e os cabelos desgrehados, dando-lhe a aparência de uma assombração. Mesmo assim, ele reconheceu a longa barba branca de Lúcio.

— Lúcio! Lúcio, você está bem?! O que aconteceu?

Ao encontrá-lo, o pavor da floresta se dissipou e o pânico de estar perdido se transformou na curiosidade e medo de descobrir o que tinha acontecido ali.

O velho tentou falar alguma coisa, mas tudo o que conseguiu foi balbuciar palavras sem sentido. Otto tentou levantá-lo do chão, mas ele era pesado demais. Pensou em procurar por ajuda, mas ficou com medo de se perder novamente. Estava preso, sem saber o que fazer.

Enquanto raciocinava, verificando se Lúcio permanecia consciente, ouviu passos vindos do outro lado. Levantou sua cabeça na direção do som e viu três

homens se aproximando. Reconheceu um deles como um dos habitantes com quem se encontrara no jantar do dia anterior. Não conhecia os outros dois.

— O que... — um deles começou a perguntar, quando um gigantesco homem surgiu entre as árvores.

— Tursan! Pelo amor de Deus, me ajude! — Otto gritou ao enxergá-lo.

— Que diabos está acontecendo aqui? Lúcio! O que você fez com ele, seu maldito!

— Eu não fiz... — antes que pudesse terminar de se explicar, Tursan cobriu a distância entre eles com três largos passos e o empurrou longe, apanhando o corpo de Lúcio em seus braços.

— Padre, desde que você chegou aqui, só tem nos causado confusão!

— Mas eu não fiz nada! Apenas o encontrei aqui...

— Não me interessa! — Ele se virou para Otto, mas antes que pudesse fazer qualquer ameaça, um dos homens que o acompanhava tocou seu braço e disse:

— Chefe, agora não é o momento. Temos que tirá-los daqui.

Os três homens trocavam olhares desconfiados entre si, enquanto Tursan e Otto se encaravam em desafio. O velho parecia querer contestar e, por um momento, o padre pensou que ele o abandonaria naquele lugar. Por fim, ele apenas fez um gesto de desprezo e começou a caminhar pela mata, junto com os outros três. Otto os seguiu até descobrir que estavam a apenas alguns metros dos limites da floresta. A sensação de se entranhar pela floresta havia sido uma mera ilusão.

Estavam seguindo para a casa de Laila, quando Lúcio começou a se debater nos braços de Tursan. Ele estava inquieto, seu corpo se movia em espasmos, como se tivesse sofrendo uma convulsão.

— *Elias...* — ele começou a falar — Elias... na... floresta.

Otto arregalou seus olhos ao entender o que ele dizia. Aquele era o horário em que Lúcio e Elias faziam a ronda matinal pelos bosques. Alguma coisa deve ter acontecido com eles, fazendo com que se separassem e deixando Lúcio naquele estado. Independentemente do que fosse, Elias ainda estava perdido.

Ao expor suas preocupações aos homens ao seu redor e sugerir que fossem procurar por Elias, Tursan deu de ombros.

— Não podemos fazer nada. Ninguém conhece essas matas, a não ser Lúcio e Elias. Se entrarmos ali, ficaremos perdidos em questão de segundos.

— Mas ele está em perigo!

— Esqueça, padre. Vamos torcer para que Elias saiba se cuidar.

Otto olhou para os outros homens em desespero. Ninguém lhe ofereceu ajuda. Não era possível que estivessem falando sério. Pelo estado de Lúcio, se ele não tivesse sido socorrido, provavelmente estaria morto. Agora eles deixariam Elias na mesma situação apenas porque não tinham coragem de entrar na floresta sozinhos?

Enquanto ele pensava, Tursan e os outros homens entraram na casa de Laila, deixando-o abandonado. Se eles se recusavam a ajudar, Otto teria que agir sozinho.

Sem pensar duas vezes, ele correu de volta para a floresta.

Não demorou para que os sussurros começassem. Otto quis tapar seus ouvidos, temendo enlouquecer, mas resistiu. Que mal poderiam fazer?

O vento assoprava de todos os lados, agitando as folhas das árvores. O padre fechou os olhos e deixou a brisa correr por seu corpo e os sons penetrarem seus ouvidos enquanto parava para descansar. Ele estava tomado por uma calma divina, não temia a floresta naquele momento, pois estava concentrado em encontrar Elias e salvá-lo.

Quando o vento cessou, os murmúrios também se foram. Nesse momento, ele abriu os olhos e compreendeu.

Não são sussurros...

Satisfeito com sua conclusão, ele seguiu em frente. Não tinha um rumo, deixou-se guiar apenas por seus instintos. Logo encontrou uma trilha e deduziu que era por ela que Elias e Lúcio caminhavam em sua ronda. Ele a seguiu, procurando constantemente por sinais que indicassem o afastamento dos dois homens daquele caminho.

Seu senso de orientação lhe dizia que ele estava seguindo para a entrada do vilarejo, o mesmo caminho que o trouxe até ali. Aquela trilha deveria tangenciar as fazendas daquele local e seguir para o rio, levando até as velhas minas que Davi mencionara. Livre de seus medos, aquele lugar não parecia tão assustador. Na verdade, era até belo, com tons de verde se espalhando por todos os lados, banhados por poucos raios solares que se infiltravam entre as densas folhagens.

Uma desordem de folhas secas amassadas e galhos partidos chamou sua atenção. Otto se abaixou para enxergar melhor e reparou nas diversas pegadas que se espalhavam por ali. Era impossível segui-las, pois não pareciam ter um rumo certo.

Tentando encontrar algum padrão naquelas marcas, ele compreendeu que uma luta fora travada ali. Duas ou mais pessoas se enfrentaram, e uma delas sucumbiu, o que explicaria uma larga área de relva amassada. Naquele ponto, havia outro intrincado padrão de rastros, como se algo tivesse sido arrastado por alguns metros e, depois, carregado. A partir de um certo ponto, não havia nenhum outro sinal perceptível aos seus olhos.

Ele nunca fora um caçador, não tinha grandes habilidades com rastros. Por isso, mesmo não enxergando nada mais por aquela área, seguiu a direção indicada pelas últimas pegadas, onde algo havia sido arrastado.

Embrenhando-se floresta adentro, ele logo se deparou com um estranho monte de capim. Ao se aproximar, percebeu que era um corpo coberto pelo mato. Correu em sua direção e começou a limpá-lo, revelando o rosto de Elias. Ele estava inconsciente.

Quando Otto terminou de retirar a folhagem de cima de seu corpo, percebeu que seus braços estavam presos por cordas e uma mordaca improvisada tapava-lhe a boca. Elias abriu os olhos no momento em que o padre lutava para arrancar as cordas de seus pulsos. Seu olhar estava desorientado e ele tentou gritar, mas foi abafado pela mordaca.

Assim que seus braços estavam livres, ele se levantou em um pulo e arrancou o pano da boca. Estava em pânico.

— O que você fez comigo?!

— Acalme-se Elias, eu acabei de...

— Você tentou me matar! — Elias correu em sua direção, prestes a agredi-lo. Mas ele ainda estava trêpego, e acabou caindo no chão. O padre correu em sua direção, segurando seus braços antes que ele pudesse levantar.

— Elias! Me escute, não fui eu!

— Então o que você estava fazendo comigo? — Ele lutava para se libertar do aperto.

— Eu estava te salvando — Otto rapidamente contou o que havia acontecido nas últimas horas. Elias estava prestes a gritar por ajuda, mas desistiu assim que ouviu suas palavras. Ele se acalmou e Otto deixou que se levantasse.

— Minha cabeça... — ele passou a mão na nuca, revelando um grande hematoma.

— Você não se lembra do que aconteceu?

— Não... quer dizer, sim. Mais ou menos... eu estava fazendo a ronda com Lúcio, quando ele viu alguns rastros estranhos pela trilha. Ele pediu para que eu aguardasse ali enquanto verificava o que era. Eu me lembro de um grito... o grito dele! E, então, senti uma forte dor na nuca.

— Você chegou a ver alguém?

— Não sei... não me lembro. Talvez... alguns vultos? Não sei. Só sei que quando eu senti a dor, pensei que alguém estivesse tentando me matar. Depois disso, tudo se apagou. Eu acordei agora, com você soltando meus pulsos. De início, pensei que estivesse me prendendo.

— Obviamente vocês foram atacados por alguém, mas eu não acredito que queriam te matar.

— Atacados? Mas por quem?

— Isso eu não sei, mas temos que descobrir.

Elias passou a mão por sua cabeça novamente, sentindo o machucado.

— E como está Lúcio?

— Ele vai ficar bem, não estava muito ferido.

Quando estava prestes a fazer uma nova pergunta ao padre, um forte vento começou a assoprar, e o ar vibrou com o som dos sussurros da floresta. Elias tapou seus ouvidos com as mãos e se jogou de costas nas árvores, deixando-se escorregar para o chão. Ele apertou seus olhos e gritou para Otto:

— Rápido! Tampe os ouvidos!

Otto balançou a cabeça em negativa e se ajoelhou ao lado do amigo. Seu rosto estava sério, sem demonstrar qualquer medo. Fez um sinal para que ele retirasse as mãos do ouvido. Elias se recusava a obedecer, ele temia aqueles sons da mesma forma como uma criança teme as criaturas embaixo de sua cama. Agora que o padre conhecia a irracionalidade daquele medo, tentou acalmá-lo, queria lhe mostrar que estava tudo bem. Mas os olhos de Elias demonstravam um pânico incapaz de ser superado por qualquer razão lógica.

Perdendo a paciência, Otto agarrou os braços do amigo e os puxou para baixo, liberando seus ouvidos.

— NÃO! — Ele gritou, enquanto se debatia. — O que você está fazendo?!

— Pare com isso! Escute, não são sussurros!

Naquele estado de pânico, seria impossível convencê-lo. Ele continuava se debatendo, tentando se livrar das mãos que o seguravam, mas Otto se mantinha

firme. Por fim, liberou as mãos do amigo, mas antes que elas se dirigissem às suas orelhas, o padre lhe deu um forte tapa no rosto.

O pânico foi substituído pela raiva, e Elias tentou revidar. Otto se levantou, impedindo que Elias o alcançasse. O amigo estava perplexo.

— Quem você pensa que é? — Ele também se levantou, ignorando as vozes ao seu redor.

— Preste atenção, Elias, pelo amor de Deus! Você não percebe que os sussurros já não o incomodam mais? — Ao ouvir aquelas palavras, a raiva novamente se transformou em medo, como se a percepção do som ao redor acionasse um mecanismo de pavor em sua mente. Ele começou a se contorcer, agarrando a própria cabeça. — São as árvores! Não são vozes, mas apenas o vento farfalhando as folhas das árvores. Não precisa ter medo!

Otto correu e segurou o corpo do amigo. Depois de compreender a verdade por trás daqueles sussurros, o padre já não sentia mais medo. Não sabia explicar por que o vento causava sons idênticos a vozes murmurantes naquela floresta. Talvez fosse o formato das folhas das árvores e seu posicionamento. De qualquer forma, tinha certeza de que não eram vozes, e isso explicava por que surgiam somente quando o vento assoprava. Elias, porém, ainda não compreendia aquilo e se recusava a acreditar.

— Não! Eu não posso escutar as vozes, e elas vão me enlouquecer!

— Escute! Se são vozes, o que elas estão dizendo?

— Eu não sei... EU NÃO SEI! — Ele empurrou o padre e agarrou as próprias orelhas. Parecia querer arrancá-las de sua cabeça.

— Você não sabe — Otto gritava, tentando superar o som do vento — porque *não são vozes!* Ninguém vai ficar louco, acredite...

Pouco a pouco, o vento foi diminuindo e o som foi desaparecendo. Elias ainda estava apavorado, recusa-se a acreditar nas palavras do padre. O medo estava tão entranhado nele, que era difícil fazê-lo acreditar no que dizia.

— Está tudo bem, Elias — Otto se aproximou —, já acabou.

O padre apoiou as mãos em seus ombros. Ele estava se acalmando, mas ainda tremia. Aquela era a primeira vez que via a reação de outra pessoa aos sons da floresta. Lembrou-se de quando chegou ao vale e da sua própria reação. Ele também achou que estava ficando louco. Aquele estranho farfalhar das árvores era capaz de confundir qualquer mente humana.

— Me desculpe por isso — Otto apontou para a marca avermelhada de sua palma no rosto do rapaz.

— Tudo bem — ele tocou o próprio rosto —, acho que eu mereci.

Os dois ficaram em silêncio por alguns minutos. Seria necessário um tempo para que Elias digerisse as palavras do padre. Afinal, ele, mais que ninguém, sabia que a percepção que as pessoas tinham do mundo ao seu redor eram facilmente manipuladas de acordo com suas crenças. Elias cresceu em meio aos rumores de que o Vale dos Sussurros era assombrado, ele foi instigado a acreditar nisso, o que acabou se tornando uma realidade. Uma pessoa na sua condição dificilmente perceberia que aquilo não era o som de vozes. Não seria do dia para a noite que essa percepção mudaria.

Apesar de tudo, mesmo sendo o som realmente parecido com sussurros, Otto se questionou até que ponto os moradores do vilarejo não sabiam da verdade. Será que alguns deles não tinham interesse em esconder isso? Será que a assombração do vale não seria, de certa forma, *vantajosa*? Os pensamentos fluíam em sua cabeça, tentando tomar forma, dar sentido àquele raciocínio. Mas a voz de Elias o interrompeu:

— Quer dizer então que eu sempre temi... *o vento*?

— Sim.

— Durante anos? O vento?! Eu me protegia do vento? Isso não é possível!

— Elias, eu sei que é difícil...

— Deve haver outra explicação. Aquelas vozes eram tão...

— Não existe nenhuma voz, você mesmo viu! Quando o vento parou, todos os sons desapareceram. Sempre foi assim, mas você não percebia porque tinha muito medo, porque acreditava que o vale era mal-assombrado.

— Eu não posso acreditar...

— Espere — uma brisa suave começou a assoprar seus cabelos —, escute!

Um som abafado, quase inaudível, se espalhou ao redor deles. Quando Elias se calou, os sussurros se tornaram perceptíveis. O som era baixo, mas ainda assim inconfundível.

Otto apontou para as árvores. Suas folhas se agitavam levemente, como se estivessem dançando ao ritmo do som murmurante.

— Está vendo? O som está fraco porque isso é apenas uma brisa. Caso fosse um vendaval, estaríamos ensurdecidos com os sussurros.

A boca de Elias estava escancarada enquanto ele observava as árvores. Ele reconheceu a verdade e estava incapaz de pronunciar qualquer palavra. Apenas balançou a cabeça em concordância.

— Vamos, amigo — Otto segurou seu braço, dando-lhe apoio. — Temos que voltar para o vilarejo e descobrir o que aconteceu com vocês.

Enquanto caminhavam para fora do bosque, os sussurros foram ficando para trás até desaparecerem por completo. Junto com eles, ficou para trás também o medo de Elias.

Capítulo 8

O vapor exalado pelo chá subia pelo ar, dançando em padrões intrincados. Otto segurava a xícara com as duas mãos, esperando a bebida esfriar, enquanto milhares de pensamentos se debatiam em sua cabeça. O dia mal começara e já estava mais agitado do que anos inteiros de sua vida. Algo lhe dizia que o ataque sofrido por Elias era sua culpa, ainda não entendia por que, mas queria descobrir. Além disso, pensava também em Henrique. Onde estaria seu amigo? Ele tinha que procurá-lo, mas não sabia nem por onde começar.

Ao seu lado, Davi estava discutindo com seu filho. Aquela era a primeira vez que via o velho perder sua paciência. Ele ficou furioso quando soube o que tinha acontecido. Era inaceitável que alguém tivesse sido covardemente atacado daquela forma, debaixo dos narizes de todos os habitantes do vale.

Desde que chegaram ali, Davi não parou de falar. Ele queria reunir o conselho imediatamente para decidir o que fazer. O responsável por aquele ataque tinha que ser descoberto e punido.

— Isso não vai ficar assim! — Ele apontou o dedo para Elias enquanto caminhava de um lado para o outro na pequena sala. — Já faz anos que vivemos aqui, e nunca tivemos problemas com violência. Alguma coisa *muito estranha* está acontecendo — ele parou de andar e encarou Otto. — Sinto muito, padre, mas acho que isso está relacionado a você de alguma forma.

— Eu sei — ele respondeu, sem levantar a cabeça. — Sinto muito.

— Não, pai! — Elias se levantou. — Se não fosse por Otto, eu não sei quanto tempo eu ficaria preso naquela floresta. Eu poderia *morrer* lá!

— Eu sei, eu sei. Não estou dizendo que seja culpa dele, apenas não acredito que esse evento seja uma mera coincidência com sua chegada ao vale.

— Seja como for, ele me salvou. E não foi só isso... — Elias contou ao pai a verdade por trás dos sussurros da floresta. Quando terminou de falar, a sala caiu em silêncio. Davi alisava seu bigode de modo pensativo.

— Isso explica muita coisa. Eu já suspeitava que esse vale não tinha nada de assombrado, mas não sei como nunca percebemos algo tão óbvio. Quem diria... esses anos todos, ficamos com medo do *vento*!

— As pessoas acreditam apenas no que querem acreditar — disse Otto, ainda de cabeça baixa. — Os sons sempre estiveram lá, mas vocês só passaram a dar mais atenção a eles depois de pensar que o vale era mal-assombrado. De alguma forma, vocês foram instigados a temer esse vale.

— Mas nada disso explica a loucura daqueles que tentaram sair daqui.

— Talvez... — uma ideia surgiu na mente do padre e ele finalmente levantou a cabeça e encarou Davi. — Você conhece alguém que tentou fugir daqui?

Ele balançou a cabeça e soltou um suspiro. Sua expressão furiosa foi substituída por pesar.

— Conheci... Marina. Ela era a irmã de Sarah.

— O que aconteceu com ela?

— Quando os rumores de assombração começaram a surgir, ela foi uma das primeiras a tentar sair daqui. Eu tentei impedir, mas ela era uma mulher teimosa, quando colocava uma coisa na cabeça, ninguém mais conseguia tirar. No dia seguinte ao que ela partiu, alguns fazendeiros encontraram seu corpo na floresta. Ela não conseguiu percorrer nem cinco quilômetros antes de morrer.

— Alguém conseguiu descobrir a causa da morte?

— Não. Assim como todos os outros corpos que foram encontrados, Marina não tinha nenhum ferimento grave pelo corpo, parece ter simplesmente desabado.

— Ela não apresentou qualquer tipo de sangramento?

— Não. Eu vi seu corpo assim que ele foi encontrado, ele estava marcado apenas por alguns arranhões, mas nenhum grave o suficiente para causar sangramentos.

Otto começou a apertar suas mãos, estava inquieto.

— Me diga uma coisa, antes de tentar fugir, as pessoas tomavam alguma precaução?

— Como assim?

— Bem, todos acreditavam que o vale era mal-assombrado. Também sabiam que as pessoas que tentavam fugir apareciam mortas alguns dias depois. Mas, mesmo assim, outros continuavam tentando. Então eu me pergunto: quem, em sã consciência, tentaria fugir depois de repetidos casos de morte, sem tomar uma precaução?

— Mas que tipo de precaução podemos tomar? Ninguém sabe o que causa essas mortes. Algumas pessoas simplesmente nunca mais retornaram, pode ser que tenham sobrevivido. Tudo por aqui é um mistério!

— Mas vocês têm uma prevenção em relação aos pesadelos — Otto apontou para o chá. — Não seria possível fazer algo semelhante para evitar as *más*

influências do vale? Será que *Laila* não poderia fazer algum tipo de chá entorpecente para facilitar a travessia das pessoas?

— Agora que você está mencionando isso — Elias se manifestou —, eu me lembro que, quando eu era criança, eu via Laila oferecendo ajuda para aqueles que diziam querer ir embora.

— Realmente — Davi concordou —, no dia em que estava decidida a ir embora, Marina recebeu a visita de Laila. Ela chegou a me contar que aquela mulher lhe ofereceu uma ajuda, mas não chegou a dizer o que era...

— Acho que sei o que era! — Otto se levantou da cadeira, batendo as palmas das mãos. Davi e Elias trocaram olhares, surpresos com a reação do padre. Esperaram por mais respostas, mas ele ficou calado.

— Então? — Elias perguntou. — O que era?

Otto estava distraído, andando de um lado para o outro. Lembrou-se de Gabriel e de suas pupilas dilatadas. Jonas lhe alertara que ele talvez tivesse ingerido alguma planta alucinógena, mas isso nem chamou sua atenção no momento. Agora, porém, tudo começava a fazer sentido.

— Otto?

— Ah? O que?

— Você disse que sabia o que Laila entregava para aqueles que queriam ir embora. O que era?

— Me desculpem, não posso dizer por enquanto. Preciso ter certeza antes de fazer qualquer acusação.

— Acusação? — Davi o encarou. — Do que você está falando?

— Eu não acho que o vale dos sussurros seja mal-assombrado. Muito menos que essas mortes tenham sido acidentais...

— Você acha que Laila está por trás disso?

— Aquela velha é louca — Elias exclamou. — E *cega*!

— Vocês não têm nenhum médico por aqui? Alguém que pudesse descobrir a causa da morte dessas pessoas?

— Não. Laila é o mais próximo de um curandeiro que temos.

— É claro...

— Otto! — Davi se aproximou e falou em tom de voz baixo: — Você está querendo dizer que...?

O padre o calou com um gesto de sua mão.

— Por enquanto, eu não estou querendo dizer nada — seu rosto sério encerrou a discussão. Por mais que confiasse em Elias e Davi, não queria dizer mais nada. O melhor agora seria tentar comprovar sua teoria. Mas, para isso, precisava visitar a casa de Laila mais uma vez. A última coisa que ele queria nesse momento era rever aquela velha louca.

Para piorar sua situação, ainda não tinha notícias de Henrique. Tanto Davi, quanto Elias ficaram surpresos quanto Otto lhes contou sobre o desaparecimento do amigo.

— São poucas as pessoas por aqui que gostam de Laila — Davi lhe disse. — Acredito que, se seu amigo estiver na casa de outra pessoa, seria na de Lúcio, a única pessoa que tem algum vínculo de amizade com aquela louca.

Se suas suspeitas sobre Laila estivessem corretas, seu amigo poderia estar em perigo. E provavelmente estava.

A voz de Tursan retumbava para além da porta fechada. Otto se aproximou e encostou a mão na maçaneta, mas desistiu ao ouvir aquele som. Se fosse para entrar ali, era melhor esperar por um momento em que Laila estivesse sozinha ou a casa estivesse deserta.

Encostou a cabeça na porta, na tentativa de escutar o que diziam. Apenas a voz de Tursan era audível, os outros sons eram apenas murmúrios abafados e incompreensíveis.

— Elias é o culpado, simples assim! — Exclamou a voz grave. Tursan parecia nervoso. — Não temos uma solução melhor que essa.

Uma mulher, provavelmente Laila, respondeu. Apesar de não entender o que ela dizia, foi possível captar algumas palavras. Pelo tom de sua voz, percebia-se que ela estava repreendendo alguém, dizendo que deveriam ter feito alguma coisa em relação a algo que Otto não conseguiu escutar.

— E o que vamos fazer com Otto? Aquele padre já nos causou problemas demais!

Outra voz respondeu, mas dessa vez foi um mero sussurro, impossível saber até mesmo quem falava. Otto ouviu uma tábua ranger e, em seguida, passos se aproximando da porta. Seu coração disparou em pânico, alguém estava prestes a sair da casa. Se o vissem por ali, xeretando assuntos alheios, não tinha ideia do que

poderia acontecer. Provavelmente iriam puni-lo de alguma forma, o que acabaria com qualquer possibilidade de investigar suas suspeitas.

Sem pensar no que estava fazendo, Otto correu para o lado, tentando se esconder no beco entre uma casa e outra. No meio do caminho, acabou esbarrando um dos vasos de Laila e sentiu o estômago embrulhar quando ouviu o som dele se espatifando no chão.

Fez uma prece para que ninguém tivesse ouvido aquilo. Apressou-se em juntar os fragmentos e escondê-los da melhor forma que conseguiu. Ouviu a porta da casa se abrindo. Era impossível enxergar quem estava ali.

— Bom — disse Lúcio —, vamos tentar resolver isso da melhor forma possível. Vou chamar Davi e reunir o conselho. Ele não ficará contente com as notícias.

Reunir o conselho? O próprio Davi já queria fazer isso, mas por que Lúcio afirmava que ele não ficaria feliz?

— Nós vamos com você — disse Tursan. — É melhor você vir também, velha.

— Você sabe muito bem que eu não saio de casa — respondeu Laila.

— Você não teve problemas em quebrar essa regra com *o garoto*, né? — O coração de Otto pulsava como um tambor de guerra. *Garoto?* Estariam falando de Henrique? Apurou sua audição, mas Laila apenas bufou e respondeu:

— Medidas urgentes... você sabe muito bem o que eu estava fazendo!

— Falando nisso... — antes que Otto reconhecesse aquela voz, todos se calaram. Otto queria saber o que estava acontecendo, mas não ousou se mover. Em meio ao silêncio, ouviu passos no chão de terra. Alguém se aproximava.

Gotas de suor brotaram em sua testa. De repente, o ar parecia espesso demais para que conseguisse inspirar. Não podia se mover, pois corria o risco de alguém escutá-lo ou enxergá-lo. Apertou-se ainda mais contra a parede da casa e ficou imóvel como uma estátua, rezando silenciosamente para que parassem de se aproximar.

— Lúcio! Tursan! — Uma voz distante gritou. Alguém corria naquela direção. — Temos um problema!

Otto sentia que estavam prestes a encontrá-lo, por isso, aproveitou a distração momentânea para se afastar o mais silenciosamente possível. Correu agachado para a parte de trás da casa, no exato momento em que um vulto despontava no beco.

Conseguiu se esconder a tempo e finalmente soltou a respiração. Ainda podia escutar o que diziam do outro lado da casa.

— O que foi? — Perguntou Lúcio.

— Davi... — o homem bufava — ele quer reunir o conselho.

— E qual é o problema?

— Elias! Ele está com o pai!

— O que?! Isso é...

— Calem a boca! — A voz de Laila exclamou. — Não é seguro discutir por aqui. Vão! Vão embora! Vocês têm problemas para resolver. Me deixem em paz agora.

Várias vozes masculinas responderam em concordância e todos se afastaram. Otto continuou em silêncio e esperou até escutar a porta da casa se fechar com um baque. Finalmente podia se mover em segurança.

Levantou-se, batendo a terra de suas calças, e percebeu que estava exatamente onde queria estar, no quintal de Laila. Ali era o lugar em que ela cultivava suas plantas. Otto se lembrava de ter visto uma planta dentro da casa da velha e, se estivesse certo, encontraria ali outros exemplares daquela espécie.

O quintal se estendia até os limites da floresta, com diversos tipos de plantas que ele nunca vira antes. Ficou imaginando de onde Laila tirava seus conhecimentos sobre botânica. A mulher parecia realmente uma bruxa.

Encontrou um jardim com diversas flores roxas e rosadas, algumas eram parecidas com lírios, outras eram mais fechadas, com formato cilíndrico. Ele conhecia aquelas plantas, era justamente por elas que estava procurando. Dentre os diversos ramos daquele jardim, havia pequenas bagas pretas, parecidas com jabuticabas. Otto pegou algumas delas e guardou em seu bolso. Quando estava saindo do quintal, uma das janelas da casa se abriu.

— Muito bem, garoto. Vejo que não posso mais subestimá-lo — a aparição de Laila foi como um soco no estômago, fazendo com que Otto sentisse vontade de vomitar. Seu coração batia em um ritmo desesperador e ele não sabia o que fazer. Pensou em ficar calado, afinal, a mulher não podia enxergá-lo. Mas isso não adiantaria, ela já sabia que ele estava ali. — Venha cá, vamos conversar.

Ficou com receio de se mover. Tinha três escolhas: sair correndo, obedecê-la ou continuar parado, fingindo não que não tinha ninguém ali. Enquanto não tomava sua decisão, continuou recorrendo à terceira opção.

— Vamos, Otto! Não me obrigue a ir até aí. Eu sou uma mulher velha e cansada. O que você acha que as pessoas vão fazer quando descobrirem que você estava xeretando meu quintal?

Otto balançou a cabeça impotente. Uma hora ou outra teria que confrontá-la novamente. Aquela era a primeira vez que ela o convidava para entrar de livre e espontânea vontade.

— Certo... — ele deu a volta e esperou até que ela abrisse a porta. Agora, mais que nunca, ele estava com medo daquela mulher. Mas decidiu não deixar que isso transparecesse em sua voz.

Quando a porta se abriu, Otto imediatamente sentiu um cheiro de ervas no ar. O aroma despertou alguma lembrança em sua mente, mas ele não conseguiu se agarrar a ela.

— Vamos, entre! Está esperando o que? — A voz arrastada da mulher despertou um alerta de segurança em sua mente. Ele queria se lembrar de algo, mas a memória continuava se esquivando.

— Eu... — ele deu alguns passos hesitantes para trás, mas, antes que se afastasse, a velha agarrou seus pulsos com mãos magras que pareciam garras diabólicas.

— Você *vai* entrar! — Sua voz era um sibilo raivoso e ela tentou puxá-lo para dentro. O aroma das ervas se intensificou, e então ele se lembrou.

A floresta!

Momentos antes, quando encontrou Lúcio no bosque, ele ficara em pânico, pensando que estava perdido. A floresta, em si, parecia um labirinto interminável, e os sussurros soavam muito mais ameaçadores do que realmente eram. Tudo isso, na verdade, aconteceu porque estava dopado. Ele esteve na casa de Laila antes de entrar na mata, inalando o cheiro daquelas ervas tóxicas, o que provavelmente o deixara em um estado de transe e paranoia.

A velha já sabia que ele entraria a força em sua casa, foi tudo planejado. Ela queria que ele se intoxicasse e ficasse perdido na floresta, provavelmente com o intuito de fazê-lo acreditar que aquele lugar era mal-assombrado. Mas o tiro acabou saindo pela culatra e, quando o efeito das alucinações passou, ele acabou descobrindo a verdade por trás daquele mito.

Agora que sabia disso, ele jamais desejaria entrar novamente naquela casa.

— Não! Me solte — o padre puxou seus braços para trás, se livrando do aperto da velha. — Eu sei o que você fez, Laila!

— Do que você está falando? — Ela tentou agarrá-lo novamente, mas ele se esquivou. Laila exibia uma expressão confusa nada convincente. — Otto! Venha...

— Eu já disse que não! Você espera que eu inale suas malditas ervas outra vez? Essa é mais uma das formas que você convence as pessoas de que esse lugar é amaldiçoado? Eu já sei de tudo!

O rosto de Laila se enrugou em uma careta.

— Você se acha muito esperto, não é? Realmente pensa que alguém ficará do seu lado nessa briga? Eu já disse, e vou repetir: você vai *morrer* aqui! Faça o que quiser, seu desgraçado! Sua hora está chegando.

A porta se fechou com um baque surdo, sem permitir que Otto respondesse. Em um acesso de raiva, ele deu um soco na porta e continuou socando-a. Aquela era a primeira vez que perdia a compostura em muito tempo.

— VOCÊ OS MATOU! EU SEI O QUE VOCÊ FEZ! — Ele continuou gritando e socando, até suas mãos ficarem dormentes. Ele tomou fôlego para recuperar o controle e se apoiou na parede, perguntando mais a si mesmo do que a ela: — E Henrique? Onde ele está?

Quando finalmente se virou para ir embora, enxergou Rosa parada ali, encarando-o atônita. Ela estava chorando.

— Eu ouvi o que você disse para Laila! — Ela correu para seus braços, lágrimas voando enquanto avançava. — O que quis dizer com isso?

— Fique calma, minha filha — Otto a segurou em seus braços, olhando para todos os lados, verificando se Tursan estava por perto. A vila estava deserta.

— Não! Você não entende? Antes de fugir, Gabriel veio até aqui, procurando por alguma coisa que o ajudasse a cruzar o vale...

Otto soltou um suspiro e disse:

— Eu já imaginava.

— Por que? — Ela o encarou com seus olhos negros marejados. — Por favor, padre, eu preciso saber! Laila teve alguma coisa a ver com a morte de Gabriel?

Aquele era um momento crucial. Se revelasse suas suspeitas, corria o risco de deixar Rosa histérica, o que era um risco para o bebê que carregava em seu ventre. Por outro lado, sabia que não podia enganar aquela mulher. Ele tinha que ganhar tempo.

— Venha comigo, prometo que tentarei explicar tudo.

Ela permaneceu relutante por um momento, mas acabou concordando e eles seguiram juntos para a casa de Davi. Otto estava preocupado com a possibilidade de encontrar com Tursan ou Beatriz no meio do caminho. Se algum dos dois o visse com Rosa, estaria em apuros.

Enquanto caminhavam, ficou refletindo sobre as últimas palavras de Laila. Realmente, mesmo se apresentasse suas suspeitas aos membros do conselho, provavelmente apenas Davi o apoiaria. Ao que tudo indicava, Tursan e Lúcio estavam encobrindo os atos da velha. Mas qual o interesse que tinham em aprisionar as pessoas na vila? Por que fazer todos pensarem que ali era um lugar mal-assombrado?

Quando Otto chegou no vale, pensou que estava atendendo a um chamado de Deus, um teste de sua fé. Davi, porém, lhe disse que talvez não fosse um chamado *divino*. Agora ele estava compreendendo que sua presença ali não era uma mera coincidência ou um ato do destino, mas sim algo premeditado. Ele sentia que tinha alguma relação com aquele lugar, mas não conseguia descobrir o que era. Talvez Rafael pudesse lhe dar as respostas que procurava, mas tinha que esperar até o anoitecer para encontrá-lo.

Tudo isso fez com se lembrasse novamente de Henrique. Onde ele estaria?

— Padre — a voz de Rosa interrompeu seus pensamentos —, você precisa me ajudar. Eu tenho que sair daqui.

— O que...?

— Este lugar. Algo ruim está acontecendo por aqui.

— Do que você está falando?

— Eu não sei... não posso...

Otto parou de caminhar e se virou para ela, segurando seus ombros.

— Rosa, se você quer que eu a ajude, me conte o que você sabe.

Ela balançou a cabeça. Novas lágrimas brotavam em seus olhos.

— Eles querem o meu bebê!

— Seu filho?! — Suas palavras lhe acertaram como um baque físico. — Quem? Por que?

— Eu não sei, padre, realmente não sei.

— Então por que você acha que eles querem seu filho?

— Eu não *acho*. Eu *sei*! Simplesmente *sei*. Você precisa acreditar em mim! Temos que sair deste lugar o mais rápido possível...

Otto a observou por alguns segundos. Rosa não parecia estar no controle de sua sanidade. Ele não sabia se podia acreditar em suas palavras. Mas, diante de tudo que viu até agora, ele também não podia desconsiderá-las.

— Tudo bem, minha filha, eu vou ajudá-la. Mas precisamos dar um passo de cada vez, vamos com calma.

Eles voltaram a caminhar em silêncio até chegarem na casa de Davi.

A porta estava aberta, mas o lugar estava deserto. Não havia sinais de ninguém por lá. Otto se lembrou que Davi queria reunir o conselho para discutir os acontecimentos recentes, talvez eles estivessem na central administrativa. Era estranho, porém, terem deixado a casa aberta. Parecia que tinham saído às pressas.

Alguns gritos chamaram sua atenção. Era a voz de Davi. O som vinha do outro lado da vila.

— O que é isso? — Perguntou Rosa.

— Eu não sei — Otto começou a se afastar, indo em direção aos sons. — Espere aqui! Vou ver o que está acontecendo.

O padre correu, não dando tempo para que ela contestasse.

Quando estava chegando ao salão principal, percebeu um alvoroço do lado de fora. Tursan estava segurando Elias enquanto Davi protestava, dizendo que aquilo era injusto, que eles estavam mentindo. O velho gritava em desespero ao ver seu filho ser arrastado pelo gigantesco homem negro.

Parado na entrada do prédio, estava Lúcio. Apesar dos arranhões, ele parecia estar bem, sem nenhum sinal da histeria que o dominava quando foi encontrado na floresta. Seus olhos atentos observavam tudo que estava acontecendo e ele não movia um músculo para intervir.

Outras pessoas já se acumulavam ao redor da confusão. Todos observavam sem fazer nada. Dois homens seguraram Davi pelos braços quando este tentou partir para cima de Tursan. Ele continuava gritando, sua expressão demonstrava raiva e desespero.

— O que está acontecendo? — O padre gritou, chamando a atenção de todos.

— Otto! — Davi se virou para ele. — Que bom que você chegou. Eles querem levar Elias, estão dizendo que foi ele quem atacou Lúcio!

— Mas isso não faz sentido...

— Cale a boca! — A voz de Tursan se sobrepôs a todos os sons, instaurando o silêncio em meio àquela confusão. — Se você se intrometer nesse assunto, juro que acabo com sua raça!

Ele continuou arrastando Elias, que se debatia em seus braços sem conseguir se livrar do aperto. Não havia esforços que competissem com a força de Tursan. Pela primeira vez, Lúcio se adiantou e disse:

— Sinto muito, Otto, mas esse assunto já foi resolvido. O conselho julgou Elias como o culpado pelo ataque que sofri naquela floresta. Ele deverá ficar detido até resolvermos o que fazer.

— Eu não fiz nada! Vocês sabem disso, seus malditos — Elias cuspiu na direção de Lúcio e continuou se debatendo.

Culpado? Que tipo de julgamento era esse que acontecia em menos de uma hora? Havia alguma coisa errada ali, aqueles dois homens claramente tinham interesse em ver Elias encarcerado.

— Eu não sei como foi possível chegar a essa decisão sem ouvir a palavra de Otto — Davi gritou para que todos escutassem —, afinal, foi ele quem encontrou meu filho desmaiado naquela mesma floresta! Eu não posso permitir que vocês o levem, enquanto o verdadeiro culpado continua livre por aí, ameaçando nossa segurança!

Os homens começaram a discutir novamente entre si, enquanto Elias continuava sendo arrastado por Tursan. Otto tinha que tomar uma decisão, mas não podia enfrentá-los naquele momento. Sentiu-se impotente, não tinha nada que pudesse fazer para impedir que Elias fosse levado.

Ele teria que resolver isso de outra forma. Correu para Davi, tocando os braços dos homens que o seguravam.

— Soltem-no — ele disse. Os homens trocaram olhares entre si e hesitaram. — Agora — a voz de Otto era fria e imponente. Por mais que aqueles dois não quisessem obedecer, eles acabaram soltando os braços de Davi.

Antes que o velho corresse em direção ao seu filho, o padre o segurou.

— Vamos esperar pelo momento certo.

— Mas...

— Sinto muito, mas não podemos fazer nada agora. Veja quantas pessoas estão ao nosso redor. Vamos embora.

Davi lançou um último olhar aflito para seu filho, e então se virou.

— Eu espero que você saiba o que está fazendo.

Assim que entraram na casa, Rosa se levantou e perguntou:

— O que aconteceu?

Sem dizer uma palavra, Davi desabou em uma das cadeiras. Ele não estava triste, seu cenho franzido demonstrava que estava com raiva. A decisão do conselho o deixou indignado, e ele queria resgatar Elias quanto antes possível.

Enquanto esquentava um pouco de comida, Otto contou à Rosa o que tinha acontecido. Ele não entrou em muitos detalhes, até mesmo porque não sabia como ocorrera aquele julgamento. À medida que falava, lembrou-se da conversa que escutara na casa de Laila. Tursan tinha dito que *Elias era o culpado*. Agora ele compreendia o que significavam aquelas palavras.

Ao mencionar isso para Davi, o velho fez um muxoxo e respondeu:

— Esses desgraçados estão tramando alguma coisa e querem colocar a culpa em Elias...

O cheiro da comida fez com que o estômago de Otto roncasse. Já tinha passado a hora do almoço, e ele estava faminto. Quando ficou pronta, ele pegou três tigelas e perguntou para Rosa:

— Escute, eu não quero mais encrencas por hoje. Seu pai não vai suspeitar que você está aqui?

— Não se preocupe. Ele estava tão ocupado nessa manhã que nem prestou atenção em mim. Além disso, Beatriz está nas minas, então ninguém notará minha ausência.

— Nas minas? — Otto ergueu as sobrancelhas. — O que ela está fazendo lá?

— Cuidando do trabalho de papai, supervisionando a exploração.

Aquela informação despertou algumas suspeitas.

Deixando isso de lado, ele serviu a comida e se sentou à mesa. Enquanto comia, ficou pensando nas suas novas descobertas. Queria contar tudo para Davi, mas não sabia se podia confiar em Rosa. Ele sabia, porém, que se não contasse, ela não o deixaria em paz. Além disso, ele lhe devia essa informação. Por fim, acabou dizendo:

— Acredito que eu descobri por que vocês não conseguem sair do vale.

Davi parou uma colherada no meio do caminho e o encarou boquiaberto. Rosa largou seu talher e apoiou a mão na barriga, esperando que ele continuasse. Os três ficaram paralisados em silêncio por alguns segundos.

Otto retirou do bolso as frutas que apanhou no jardim de Laila e as colocou em cima da mesa. Eram redondas e pretas.

— O que é isso? — Perguntou Davi.

— Bagas de beladona.

— E daí? — O velho deu de ombros.

— A beladona é uma planta tóxica, capaz de matar um ser humano adulto quando ingerida em grandes quantidades. No dia em que cheguei aqui, vi várias dessas frutinhas na casa de Laila e pensei que fossem jabuticabas. Mas, quando você me disse que sua cunhada procurou por ela antes de tentar deixar o vale, eu fiz a ligação entre uma coisa e outra. Os sintomas daqueles que tentaram fugir se encaixavam perfeitamente nos sintomas de intoxicação por beladona. Por isso, fui procurar por provas na casa de Laila, e acabei encontrando um jardim não só com ramos de beladona, mas com diversas outras plantas tóxicas e psicotrópicas.

— Você está querendo dizer que Laila estava envenenando as pessoas com essas plantas?

— Eu sei que essa é uma acusação grave, mas acredito que sim. O chá de beladona é utilizado como um entorpecente alucinógeno, o que agravaria os sussurros da floresta e criaria alucinações para aqueles sob seu efeito. Isso explica por que vocês achavam que os sobreviventes estavam loucos quando voltavam. Coincidentemente, eles morriam dias depois, nas mãos da própria Laila, a única curandeira que vocês têm por aqui — ele se virou para Rosa e perguntou: — Você me disse que Gabriel a procurou antes de tentar fugir, certo?

Ela concordou com um aceno de cabeça. Seus olhos estavam inchados.

— Quando eu o encontrei, ele estava delirando, lutando contra a própria loucura antes de morrer. Suas pupilas estavam dilatadas e a pele ressecada, sintomas comuns do envenenamento por beladona, mas isso nem me passou pela cabeça no momento.

“Eu acredito que, sempre que alguém tentava sair desse vilarejo, Laila lhe entregava um cantil com uma bebida que dizia ser algum tipo de calmante, que ajudaria a enfrentar os efeitos malignos do vale, assim como ela deve ter feito com Gabriel.

“A verdade, porém, é que não existem *efeitos malignos*. Os sussurros são apenas efeito do vento farfalhando as folhas das árvores. A bebida de Laila, na verdade, era uma mistura de diversas plantas psicotrópicas e tóxicas, capaz de gerar alucinações e a morte com o consumo excessivo.

“Quando as pessoas começavam a ouvir os sussurros, elas tomavam essa bebida, achando que os sons diminuiriam. Na verdade, acontecia o contrário. O estímulo cerebral fazia com que os sons ficassem insuportáveis, além de gerar alucinações. Dessa forma, eles bebiam ainda mais, na tentativa de superar a loucura que lhes era induzida, acabando, por fim, em uma overdose.”

Quando parou de falar, Otto se lembrou de quando era uma criança e presenciou a morte de um dos seus colegas do orfanato. O garoto tinha ingerido uma daquelas frutinhas venenosas, o que causou um alarde colossal na escola. Os diretores destruíram todas as plantas de beladona que existiam por lá, e ainda fizeram questão de alertar a todas as crianças sobre seus efeitos.

A beladona, além de parecer inofensiva, tinha um gosto adocicado, o que atraía facilmente as crianças. Foi graças àquele infeliz acidente que Otto tinha tanto conhecimento sobre a planta. A morte marcara tanto sua infância, que ele nunca se esqueceu das lições sobre os perigos da beladona.

Davi coçou seu bigode e perguntou:

— Mas tem uma coisa que eu não consigo entender. De todos os corpos que encontramos na floresta, o que mais demorou para ser encontrado foi em um intervalo de três dias e, mesmo assim, já estava em processo de decomposição. Isso me leva a acreditar que ninguém conseguiu durar mais do que algumas horas dentro da floresta...

— O tempo de sobrevivência varia de acordo com a velocidade que o veneno é ingerido.

— Certo, mas como Gabriel conseguiu chegar até sua cidade ainda consciente?

— Ao que tudo indica, Laila possui amplos conhecimentos de botânica. Os chás que ela produz não devem conter apenas beladona, mas também outras plantas. No caso de Gabriel, acredito que ela tenha feito uma mistura com o objetivo de afetá-lo a longo prazo, o que daria tempo de me encontrar.

— Mas por que? Por que envenenar as pessoas que querem ir embora? Por que criar a ilusão de que esse vale é mal-assombrado? E por que ela iria querer atrair você até aqui?

— Eu ainda não tenho respostas para todas essas perguntas, mas acredito que depois de conversar com Rafael, ficaremos mais esclarecidos.

— Isso é muito grave, Otto. Temos que levar essas informações até o conselho! Talvez isso ajude a comprovar a inocência de Elias.

— Eu não acho que seja uma boa ideia. Acredito que Lúcio e Tursan estejam envolvidos nesse complô — ele revelou os fragmentos da conversa que escutou na casa de Laila. Quando terminou de falar, virou-se para Rosa e perguntou: — Você acha que seu pai poderia estar encobrindo os atos de Laila?

A garota se remexeu na cadeira e hesitou. Ela claramente sabia de alguma coisa, mas não tinha coragem de falar. Otto a confortou:

— Está tudo bem, Rosa, você pode confiar em mim. Quanto mais soubermos, mais rápido solucionaremos o que está acontecendo por aqui. Só assim podemos entender por que Gabriel morreu e punir os responsáveis por isso.

Ao ouvir o nome de seu falecido amante, ela começou a chorar novamente, e acabou se abrindo.

— Meu pai não é uma boa pessoa... — ela soluçava entre as palavras. — Ele quer meu filho, eu sei que quer! Ele, Lúcio e aquela *bruxa* estão planejando alguma coisa, mas eu não sei o que. Só sei que tem alguma ligação com aquele *maldito lugar*.

— Que lugar?

— Aquela mina! Eles estão procurando alguma coisa ali.

A *mina*? Otto se lembrou da história contada por Davi. A mineradora Irmãos Samael foi para o vale não apenas para explorar minérios e pedras preciosas. Eles estavam procurando por *alguma coisa*, exatamente como foi dito por Rosa. Talvez, para chegar ao fundo desse mistério, ele teria que visitar aquele lugar. Quando disse isso, Davi se levantou subitamente e se opôs.

— Você não deve ir lá, Otto! Aquele é um lugar perigoso. Além do mais, Tursan está sempre de olho nas pessoas que entram e saem dali.

— Mas eu tenho que descobrir o que eles estão procurando!

— Você não entende? — O velho balançou a cabeça. — Eu não acho que o desabamento das minas foi um acidente. O que quer que eles estivessem procurando na época, eu acho que conseguiram encontrar. E não era algo bom. Era algo que nunca deveria ter sido encontrado!

Se Davi achou que aquelas palavras fossem acovardar o padre, ele se enganou. A informação apenas o incentivou ainda mais a procurar por respostas. Ele estava determinado a ir até as minas o mais rápido possível.

Antes de sair da casa, ele se virou para Rosa e finalmente lhe fez a pergunta que estava presa em sua garganta desde que chegara naquele lugar.

— Escute, Rosa, eu preciso saber de uma coisa... como Gabriel sabia meu nome? E por que ele foi me procurar?

A garota desviou o olhar do padre e ficou encarando o próprio colo. Por fim, respondeu:

— Ele sabia que eu não conseguiria fugir daqui sem ajuda, por isso resolveu ficar comigo. Não podíamos confiar em ninguém, a não ser em nós mesmos. Quanto mais minha barriga crescia, mais coisas estranhas aconteciam, até o ponto em que se tornou insuportável permanecer aqui. Foi então que Gabriel encontrou alguém que lhe contou sobre você, padre — Rosa começou a soluçar entre as palavras. — Ele não tinha escolhas! Tudo o que queria era me ajudar, por isso resolveu seguir aquela pista... o que acabou... acabou... — ela não conseguiu terminar a frase, pois estava em prantos.

— Tudo bem, tudo bem. Fique tranquila, minha filha. Agora eu estou aqui, e não permitirei que a morte de Gabriel tenha sido em vão. Para isso, preciso da sua ajuda. Quem foi a pessoa que o ajudou a me encontrar?

Ela enxugou os olhos e tentou controlar os soluços.

— Eu não o conheço muito bem, não é uma pessoa muito sociável. Além do mais, dizem por aí que ele é louco. Seu nome, se não me engano, era... Rafael.

O caminho que levava às minas era sinistramente familiar. Enquanto caminhava pela orla da lagoa, lembrou-se do pesadelo que tivera na noite anterior. Aquela coincidência fazia apenas com que pensasse que existia alguma ligação entre ele e o vale.

Ao terminar de contornar a lagoa, adentrou a trilha de terra, seguindo as instruções passadas por Davi. Na luz do dia, o ambiente não era tão assustador. Pelo contrário, era belíssimo, com longas árvores e pássaros cantantes acompanhando seus passos. Anteviu a bifurcação da trilha e seguiu na direção correta, chegando finalmente à entrada da mina.

Por um segundo, pensou que fosse enxergar um casal ali. Chegou até mesmo a ouvir o choro distante de um bebê recém-nascido, mas tudo era apenas sua imaginação. O lugar estava deserto. O portal feito com troncos de madeira cercava a boca de uma caverna escura, com um túnel profundo, que parecia levar ao infinito.

Ele ficou receoso de entrar ali. Não tinha nenhuma fonte de iluminação que o guiasse lá dentro. Após os primeiros passos que desse, a luz do sol desapareceria e

ele ficaria perdido nas sombras daquele lugar desconhecido, assombrado pelos sons e imagens que sua mente cega poderia criar. Apenas cogitar essa situação o deixou com calafrios. Ele se sentia mal naquele lugar, o ambiente era perturbador e negativo, como se forças invisíveis e malignas estivessem trabalhando ali.

Deu alguns passos hesitantes em direção à abertura, com a sensação de que aquilo era uma enorme boca prestes a engoli-lo. Apoiou as mãos nos troncos de madeira e apurou sua visão na tentativa de enxergar algo ou alguém. Ignorando os sons dos pássaros e insetos do lado de fora, ele não conseguiu ouvir nada. O corredor seguia silenciosamente em direção à escuridão, até ser completamente absorvido por ela.

— Olá? — Ele gritou, ouvindo sua própria voz ecoar pelas paredes. — Tem alguém aí?

Ficou parado, esperando, até seu eco desaparecer, fazendo retornar o silêncio mortuário. Sentiu-se um idiota ao perceber que ninguém o atenderia. Precisava encontrar uma lanterna ou qualquer outra fonte de iluminação para se guiar. Não podia ir embora sem antes descobrir o que havia ali.

Afastou-se da entrada e observou o campo ao seu redor. A caverna ficava na base de uma das montanhas que cercavam o vale. O bosque tangenciava aquele local em um semicírculo. Naquele espaço não havia árvores, apenas grama e os restos de alguns equipamentos que outrora pertenceram aos mineiros que trabalharam ali. Otto procurou por alguma lamparina dentre os velhos instrumentos, mas não encontrou nada. Enxergou apenas os fragmentos de um velho trilho escondido pela relva e deduziu que pertenciam às vagonetas que transportavam os minérios de dentro para fora da mina.

Quando estava prestes a desistir e voltar por todo o caminho, ouviu um som vindo de dentro da mina. Aproximou-se novamente da entrada e enxergou um pequeno ponto de luz ao fim do túnel, que aumentava de tamanho à medida que se aproximava.

A fonte daquela luz logo se revelou como uma tocha nas mãos de uma mulher.

— Beatriz? — O rosto da mulher se iluminou quando ela estava a apenas alguns passos de Otto. Seus olhos dourados e tentadores refletiam as chamas do archote. Ela estava suja de terra, com os cabelos desgrehados, mas continuava exalando sensualidade.

— O que você está fazendo aqui? — Ela perguntou quando percebeu quem estava ali. — Veio me procurar, foi?

— N-não. Eu só queria conhecer esse lugar.

— Oh — ela mordeu os lábios —, que pena. Sinto em desapontá-lo, mas ninguém pode entrar aqui.

— Por que não?

Ela continuou caminhando em círculos ao redor do padre, observando-o de cima a baixo, sem respondê-lo. Havia algo de assustador naquele movimento, como se ele fosse uma presa, e ela um predador prestes a dar o bote.

— Me diga uma coisa, *Otto* — ela finalmente falou, sem parar de andar —, desde quando eu lhe devo alguma explicação?

— Isso não faz sentido. Eu poderia entrar ali a qualquer momento...

— Ah, é mesmo? E por que não entrou?

— Preciso de algo para iluminar meu caminho.

A risada repentina de Beatriz o assustou. O som era ao mesmo tempo doce e assustador. Ela parou de rodeá-lo e lhe apontou a tocha acesa.

— Quer dizer, então, que se eu te der isso, você entraria ali? — Ele assentiu com a cabeça e fez um movimento para pegar a tocha. Antes que a alcançasse, ela a puxou de volta. — Você não é tão inteligente quanto parece. Escute bem, pois este será meu único conselho a você, *fique longe daqui!*

Dito isso, ela se virou e começou a caminhar pelo túnel, de volta à mina. Otto sentiu um ímpeto de segui-la, mas logo desistiu. Seria impossível fazer isso sem ser notado. Ficou parado, tentando encontrar uma solução, quando a voz dela veio ecoando pelas paredes da caverna:

— No momento certo, você poderá entrar.

Por fim, a luz da tocha foi tragada pela escuridão, assim como a silhueta de Beatriz. Otto ficou novamente sozinho, remoendo aquelas últimas palavras.

Independentemente do que Beatriz dissesse, ele ainda queria entrar naquela mina. Sentia que encontraria algumas respostas ali. Imaginou que talvez existisse outras entradas e resolveu seguir a base da montanha. Mesmo se não houvesse outra abertura, talvez encontraria algo de útil naquela área.

Assim, adentrou novamente o bosque, caminhando entre as árvores, sem nenhuma trilha para guiá-lo. Seguiu vários passos sem encontrar nenhuma outra abertura naquela base de pedra e já estava quase desistindo, pensando em voltar antes que se perdesse.

O vento balançou as folhas das árvores, trazendo consigo o som dos sussurros. Otto não estava com medo, mas assustou-se ao ouvir algo a mais. Parou de caminhar e prestou atenção. Ouviu o som de folhas secas se partindo. Alguém o seguia.

O som vinha do lado oposto da montanha. Aquela pessoa estava dentro do bosque, sem nenhuma ajuda para se guiar, e estava fazendo muito barulho. Um perseguidor seria mais cuidadoso do que isso. Talvez alguém estivesse perdido, precisando de ajuda. Ou seria aquilo uma armadilha?

Otto não sabia o que fazer. Ficou parado, analisando a situação mentalmente, quando o som ofegante começou a se aproximar. Ele agora não tinha para onde correr. Quem quer que fosse, apareceria a qualquer momento e ele tinha que estar preparado. Por isso, agachou-se, pronto para saltar naquela pessoa e derrubá-la. Otto nunca tinha se envolvido em uma briga, mas, se fosse necessário, aquela seria sua primeira.

Os arbustos ao seu lado começaram a balançar, e ele se escondeu entre as árvores da melhor forma que pôde. Alguém finalmente apareceu ali, mas só era possível enxergar suas pernas, calças jeans rasgadas e sujas. Aquela pessoa deu mais alguns passos em sua direção e Otto decidiu arriscar a sorte, levantando-se subitamente, prestes a atacar.

— *Put a que pariu!* — O homem gritou quando o percebeu, tropeçando nos arbustos e caindo de costas no chão.

O padre correu para socorrê-lo e, quando viu quem estava ali, sentiu-se genuinamente feliz pela primeira vez desde que chegou naquele lugar.

Estatelado no chão, Henrique o encarava com os olhos arregalados de susto.

Capítulo 9

Otto ajudou o amigo a se levantar. Henrique estava sem camisa, deixando à mostra os ferimentos resultantes do acidente de carro. Ele estava coberto de terra, com os cabelos ensebados e despenteados. Antes de trocarem quaisquer palavras, os dois se abraçaram.

— Otto! Caramba, como é bom te ver! — Os dois finalmente se afastaram e Henrique o observou de cima a baixo. — Cara, que porra é essa que você está vestindo? É tão raro vê-lo sem aquele terno, que esse momento merecia uma foto!

Otto riu e explicou:

— Meu terno se rasgou depois do acidente — agora que sabia que seu amigo estava bem, não tinha a menor vontade de vestir sua máscara de seriedade.

Os dois permaneceram naquele local conversando por alguns minutos, e então começaram a caminhar de volta ao vilarejo. Durante o caminho, Henrique explicou que não se lembrava de muitas coisas, apenas de *flashes* do carro perdendo o controle no meio da floresta e de tudo se apagando depois disso.

Quando ele acordou, estava em um cômodo mal iluminado, com cheiros estranhos, sendo tratado por uma velha que mais se parecia com uma bruxa. Otto explicou que aquela era Laila, a curandeira do vilarejo, e contou tudo o que tinha acontecido desde que o carro colidira com as árvores. Henrique escutou atentamente e, quando terminou, assentiu com a cabeça e continuou sua história.

— Eu não sei quais tipos de remédios aquela velha me deu. Só sei que, depois de um tempo, eu apaguei novamente. Fiquei perdido em um limbo de sonhos estranhos e assustadores, até que acordei por aqui.

— Aqui?! No meio da floresta?

— Não. Era um lugar tão escuro que, por um momento, achei que tinha ficado cego. Fui me guiando pelo tato, até encontrar uma luz que me levou à saída. Caminhei durante um bom tempo, pensando que estava perdido, até que o encontrei!

Ao que tudo indicava, Henrique acordou dentro das minas. Mas o motivo de ter sido levado para lá ainda era um mistério. Mais uma justificativa para Otto querer entrar naquele lugar e descobrir o que ele escondia.

O padre questionou o amigo, na tentativa de despertar outras lembranças, mas ele não se recordava de mais nada, pois ficou desacordado durante a maior parte do tempo. Disse que se lembrava de Laila o alimentando com algum tipo de sopa, mas

não sabia dizer se estava na casa dela, ou em algum outro lugar. Sua mente estava obscurecida.

Os cortes em seu corpo ainda estavam abertos, mas nem se comparavam com a situação anterior. Era inegável que Laila tinha habilidades para curar ferimentos. Otto apenas temia que ela tivesse envenenado seu amigo com suas ervas alucinógenas.

Logo que chegaram na orla da lagoa, Henrique soltou um assobio. Ele ficou encantado com a beleza do local. Disse que estava louco para mergulhar naquelas águas e relaxar. Mas eles não tinham tempo para aquilo agora.

Continuaram caminhando e conversando. Otto lhe contou tudo o que descobrira sobre aquele lugar. Falou de Davi, Elias e os problemas em que estavam metidos. Contou também sobre Laila e suas plantas venenosas, revelando a suspeita que nutria por aquela mulher.

De tempos em tempos, Henrique o interrompia para fazer alguma pergunta. O amigo estava completamente perdido e só queria ir embora. Ao ouvir o plano que tinham para deixar aquele lugar com Eduardo Caronte, o misterioso motorista que passaria pela vila dali a três dias, o amigo ficou com um pé atrás. Não achava que as coisas seriam tão simples assim depois de ter ouvido tudo o que aconteceu durante o tempo que ficou desacordado.

O padre também expressou suas suspeitas ao amigo. Disse que estava investigando aquele estranho lugar por conta própria, apenas com o apoio de Davi. Logo ele se encontraria com Rafael e poderia obter respostas mais satisfatórias.

Ao ouvir aquilo, Henrique parou de caminhar e perguntou:

— Você confia mesmo nesse homem?

— Eu não confio em ninguém, essa é a verdade. Mas ele é minha melhor chance de entender mais sobre esse lugar e, principalmente, por que estou aqui.

— Mas já não te falaram que ele é louco? E se estiverem armando uma armadilha?

— Duvido muito. Se quisessem me fazer algum mal, oportunidades não faltaram — ele voltou a caminhar, fazendo um sinal para que o amigo o acompanhasse. — Rafael disse que conheceu alguém no passado com o mesmo sobrenome que o meu. Você não acha isso estranho? Depois de tudo que aconteceu por aqui, eu não acredito mais em coincidências. Não posso perder a oportunidade de encontrá-lo. Além disso, foi ele quem disse meu nome à Gabriel, nós só estamos aqui por causa dele.

— Está certo, cara. Mas então deixe eu ir com você! Se acontecer alguma coisa, poderei socorrê-lo.

Aquele era um bom plano. Otto ficou contente com a preocupação do amigo, mas decidiu recusar. Rafael tinha sido bastante enfático ao dizer para ele ir sozinho. O velho já tinha fama de louco, qualquer suspeita o faria desistir da conversa. Ele não podia arriscar perder aquela chance, mesmo que para isso tivesse que ir sozinho.

Henrique não ficou feliz com aquela decisão, mas acabou concordando. Se acontecesse alguma coisa, ele pelo menos não era mais um peso morto, poderia ajudar de outras formas.

Quando chegaram ao vilarejo, as ruas estavam desertas, sem nenhum sinal da agitação de horas antes. Enquanto seguiam para a casa de Davi, Otto apontava para as construções ao seu redor, explicando ao amigo quem eram os moradores que conhecia. Ao se aproximarem da casa de Tursan, ele contou rapidamente a história de Rosa e os estranhos eventos que cercavam sua gravidez. Henrique ficou surpreso ao descobrir que o moribundo que os levara até aquele lugar era o marido dela.

Otto finalmente parou de caminhar e apontou para o casebre à sua frente. Quando entraram, Rosa já não estava mais por lá, e Davi estava debruçado sobre a mesa, com a cabeça entre os braços. O velho parecia estar dormindo, mas levantou a cabeça assim que ouviu os passos, revelando olhos inchados e desfocados.

— Quem está aí? — Sua voz estava embargada, como se estivesse bêbado. Era de se esperar que ele lamentasse a prisão de seu filho, mas Otto jamais suspeitou que aquele velho senhor guardasse bebidas dentro de casa.

Os dois se aproximaram, e ele arregalou os olhos ao enxergá-los. Levantou-se da mesa em um pulo e desatou a falar. Não estava interessado no que tinha acontecido, ou como Otto encontrara o amigo. Ele queria apenas usar Henrique como prova contra Laila e suas loucuras. Tudo em sua cabeça estava direcionado ao seu filho, e ele pensava que, com isso, talvez pudessem resgatá-lo.

Essa era justamente a ideia do padre, mas não podiam fazer isso agora. Eles estavam exaustos, precisavam descansar um pouco. Assim que Davi se acalmou, assaram um pão e se sentaram à mesa, discutindo os eventos que se desenrolaram durante as últimas horas.

Quando terminaram de falar, a casa ficou em silêncio, enquanto todos que estavam ali ficaram perdidos em seus próprios pensamentos. Era evidente que tudo o que estava acontecendo naquele lugar estava relacionado à Laila, mas a prisão de

Elias também deixou claro que outras pessoas estavam envolvidas. A questão era: em quem podiam confiar?

Se Tursan e Lúcio estivessem em conluio com a velha cega, de nada adiantaria levar Henrique até o conselho. Isso, na verdade, poderia deixar o amigo novamente em perigo. Talvez a melhor opção seria deixá-lo escondido por um tempo, até que pudessem traçar um plano melhor.

O raciocínio de Otto sempre foi afiado e não era comum que ele demorasse para ter uma ideia melhor do que aquela, mas ele estava tão cansado naquele momento, que não conseguiu sair do lugar. Precisava desesperadamente de um cochilo, o que trouxe de volta a lembrança do pesadelo que teve na noite anterior.

Pela janela aberta, Otto observou as sombras das montanhas sendo lançadas ao seu redor. Teria que esperar até o pôr do sol para se encontrar com Rafael. Até lá, talvez pudesse descansar um pouco, por mais que estivesse com medo dos pesadelos que possivelmente o assombrariam.

Ao seu lado, Henrique estava bastante desperto. O amigo passou a maior parte do tempo desacordado, a última coisa que ia querer agora era dormir. Otto, pelo contrário, sentia que a qualquer momento poderia desabar e Davi lhe ofereceu a cama de Elias para descansar. O padre se levantou, pediu licença aos amigos, e aceitou a oferta, rezando para não ser novamente atormentado por sonhos ruins.

Tudo estava *tão escuro*. Que horas seriam?

Rafael!

Levantou-se rapidamente da cama. Teria perdido a hora? Se não o encontrasse, ficaria sem as respostas que tanto procurava. Tateou pelo quarto na esperança de encontrar alguma fonte de luz que o ajudasse a se guiar. Onde estariam Davi e Henrique? Por que ninguém o chamou?

Desistiu de procurar e alcançou a porta. Ela parecia estar empenada. Ou trancada. Forçou sua visão, mas nada era visível. Guiou-se cegamente até o lugar onde ficava a janela do quarto, mas não a encontrou. Fez o sinal da cruz para se benzer, sabia que alguma coisa estranha estava acontecendo ali.

Não estava mais na casa de Davi. Aquele era outro lugar. Estava preso!

Será que Elias também estava por ali? Quem poderia tê-lo capturado enquanto dormia? Aquilo não fazia sentido... ele teria acordado.

Ouviu o ranger da porta se abrindo atrás de si. Foi banhado por uma luz bruxuleante e ficou apreensivo. Sabia que olhos o observavam, mas não queria virar e encará-los. Sentia a maldade naquele lugar. Estava com medo.

Passos vieram em sua direção, aumentando progressivamente enquanto se aproximavam. Alguém estava ali, observando-o por trás. Sentia a respiração pesada em seu ombro e o ranger de dentes sedentos por sangue. Ele prendeu a respiração, pois não tinha nada mais que pudesse fazer. Ficou rezando silenciosamente para que aquela criatura fosse embora.

Os segundos pareciam horas. Pensou que ficaria parado ali por uma eternidade. O pânico o dominava de tal maneira, que não conseguia mais mover um músculo. Desejou que, se a criatura não fosse embora, pelo menos fizesse alguma coisa, em vez de ficar ali, bufando em seu ombro.

Ele apertou os olhos, tomou coragem e gaguejou:

— Q-q-quem está a-aí?

Não houve sinal algum de resposta. Apenas o mesmo ranger de dentes e respiração ofegante. Fosse quem fosse, talvez estivesse tentando apenas assustá-lo. Ele não poderia ficar ali pelo resto da vida. Em algum momento, teria que tomar coragem e encará-la.

Com esse pensamento em mente, apertou os olhos mais ainda e se virou. Seu estômago embrulhou ao sentir o fedor pestilento do ar exalado por aquela besta. Não era algo humano. Mesmo que tomasse toda a coragem do mundo para si, ele não conseguiria abrir os olhos e encará-la, apenas torceu para que ela fosse embora.

Mas ela não foi. Continuou parada ali, quebrando o silêncio fúnebre do local com seus ruídos hediondos.

De olhos ainda fechados, ele começou a caminhar para trás, afastando-se da coisa que estava parada ali, esperando ser encoberto pela escuridão do quarto e salvo do perigo. Caminhou até esbarrar em uma parede, ficando sem saída.

Agora já não tinha nenhuma outra opção. Teria que abrir os olhos e encarar o que quer que estivesse ali.

Inspirou com dificuldade, sentindo todos seus membros, internos e externos, se estremecerem, e abriu os olhos. Um calafrio subiu por sua espinha, arrepiando todos os pelos de seu corpo.

Não havia nada ali.

O quarto estava deserto, iluminado agora por um filete de claridade cintilante que passava pela porta aberta. Soltou o ar lentamente, aliviado pela primeira vez por estar sozinho. Caminhou até a porta aberta e observou o lado de fora.

Estava em uma sala irregular, com paredes de pedras rústicas, iluminada por diversas velas espalhadas ao seu redor. O teto era coberto por estalactites, que apontavam para baixo como ameaçadoras pontas de lanças, prestes a cair como uma tempestade de punição enviada por Deus para aqueles que se encontrassem logo abaixo.

Aos seus pés, pequenas estalagmites também se formavam no chão de terra, ameaçando empalar qualquer pessoa desatenta que passasse por ali.

A luz das velas tremeluzia, fazendo com as sombras daquelas estacas dançassem ao seu redor em um bizarro espetáculo, dando-lhe a sensação de estar dentro da boca de uma gigantesca fera.

Ele claramente estava dentro das minas. Mas como fora parar ali ainda era um mistério.

Olhou ao seu redor, procurando por alguém, ou alguma pista, mas não encontrou nada. Estava sozinho, acompanhado apenas pela luz das velas e o som gotejante daquela caverna sombria.

Começou a caminhar, seguindo pelo único caminho possível, ouvindo seus passos ecoarem pela escuridão em direção ao infinito desconhecido. Pensou em gritar por ajuda, mas temeu que o som de sua voz causasse um desabamento.

Não tinha outra escolha, senão seguir em frente.

A cada passo dado, a quantidade de velas ia diminuindo, até se extinguirem por completo, levando consigo a luz que o guiava. Ele retirou da parede a última que encontrou, torcendo para que sua chama durasse tempo o suficiente para levá-lo embora dali.

Continuou caminhando à luz da simples vela em sua mão, sentindo a cera quente escorrendo entre seus dedos à medida que derretia.

Já não tinha ideia do quanto tinha percorrido, mas não sentia que estava próximo da saída. Temeu ficar perdido naquele lugar, morrer ali. Talvez esse fosse o plano de quem abriu a porta de sua suposta cela. Cogitou a ideia de retornar ao ponto de partida, mas sabia que ficaria abandonado na escuridão antes de alcançá-lo.

Quando percebeu que a vela já não passava de um pequeno toco de cera em suas mãos, arrependeu-se de não ter pegado outras. A única opção que tinha agora era correr, por isso acelerou seus passos.

A caverna de repente se abriu, alargando-se em todas as direções, deixando-o como um minúsculo ponto de luz em uma imensidão de escuridão. Ele já não sabia mais para onde seguir.

Não queria desistir, mas via a pequena chama em sua mão como um cronômetro para a própria vida. Assim que ela se extinguísse, ele também iria.

Girou o próprio corpo, olhando em todas as direções, na esperança de encontrar algo ou alguém que o ajudasse. Estava desesperado, sentindo a própria mão queimar com o último consumo de oxigênio do pavio ardente. Aquele seria o seu fim, abandonado em uma mina assombrada de um vale que ninguém mais conhecia.

Arrependeu-se de todas as decisões tomadas desde o dia em que encontrara Gabriel semimorto em Pedra Branca. O pânico da morte se instalou em sua mente e ele abandonou todas as esperanças no momento em que a luz se apagou.

Sentou-se no chão, arfando de medo. A escuridão sufocante parecia consumi-lo como se estivesse se alimentando dele. Não era apenas o seu corpo que estava sendo destruído, mas também a sua mente e o resto de sua fé.

Ele queria chorar, mas não permitiu que suas lágrimas regassem aquele solo repugnante. Se fosse para morrer ali, não deixaria que sua derrota fosse simples assim. Lutaria com toda sua força até o fim. Por isso, colocou-se de pé novamente e voltou a caminhar pela escuridão, sem enxergar um palmo a sua frente.

Tropeçou por diversas vezes e colidiu com as paredes da caverna, mas continuou seguindo. Não tinha ideia de qual direção tomar, mas qualquer coisa seria melhor do que abandonar as próprias forças.

Estava com frio e machucado quando viu uma pequena fonte de luz. Estava distante, mas indicava claramente a direção a ser seguida. Ele correu, e a luz aumentava a cada passo dado.

Finalmente, ele a alcançou.

Era uma fogueira acesa no meio da caverna. Pelos rastros e pegadas no chão, era possível dizer que alguém esteve ali segundos antes.

Infelizmente, não havia nenhuma tocha, vela, ou qualquer outro instrumento por ali que permitisse levar o fogo consigo. O melhor a fazer seria ficar por ali, esperando pela pessoa que acendeu aquele fogo. Talvez, assim, pudesse ir embora.

Não demorou muito para que dois pontos de luz surgissem ao longe. Ele se levantou e esperou. Aqueles brilhos se aproximavam lentamente, aumentando de tamanho pouco a pouco.

Apenas quando estava a alguns metros de distância, ele percebeu que não eram fontes de luz. Eram dois olhos amarelos, que refletiam as chamas da fogueira. Os olhos piscaram, encarando-o, enquanto todos seus membros se paralisavam. Foi tomado por um medo incompreensível ao encarar aqueles olhos. Temeu ouviu a voz sibilante que já ouvira antes, o som venenoso e tentador de uma serpente maligna, entrando em seus ouvidos e destruindo-o por dentro.

Mas não foi isso que escutou.

— Quem está aí? — Perguntou a voz feminina. A figura se aproximou ainda mais, sendo iluminada pela luz do fogo, revelando o corpo nu e perfeito de Beatriz.

Aquela visão foi como um tapa na cara, despertando-o de seu medo e instalando uma estranha sensação de *déjà vu*. Ela o encarava, pela primeira vez, com um legítimo aspecto de dúvida. Apesar de estar nua, não havia nenhuma provocação ou insinuação de sensualidade por parte dela.

Encorajado por aquela situação, ele se preparou para responder, quando uma outra voz, vinda de trás, disse:

— Eu... eu não sei — era uma voz masculina familiar, mas irreconhecível, pois estava rouca e abafada.

Ele se virou rapidamente e viu uma figura parada ali, encoberta pelas sombras. Sua silhueta comprovava ser um homem. Ele permaneceu parado, enquanto Beatriz se aproximava.

— Está tudo bem — ela disse, segurando seu rosto com as duas mãos. A sensualidade estava de volta em seus gestos e sua voz. — Você está de volta. E acho que já está pronto.

Ela guiou o homem, fazendo com que ele se deitasse no chão, e subiu em cima dele. A luz ainda não revelava seu rosto, mas era possível perceber que ele também estava nu.

Antes que Beatriz começasse a fazer qualquer movimento, ele a empurrou para o lado e disse:

— Espere! — Seu corpo se levantou e ele olhou ao redor. — Tem mais alguém aqui.

— Isso é impossível...

— Cale a boca! — A figura negra do homem começou a se aproximar e, pouco a pouco, a luz das chamas começou a iluminá-lo. Ele vinha em sua direção, farejando o ar. Seu corpo estava tenso e atento.

Quando estava a apenas alguns passos, seu rosto foi iluminado, revelando uma criatura bestial. Seus olhos também eram amarelos, mas emitiam luz própria. Suas feições, apesar de serem vagamente conhecidas, eram deformadas, parecidas com algum tipo de animal selvagem, com chifres e orelhas e bode. Sua boca se abriu, revelando dentes pontiagudos, e um silvo saiu dali:

— *É você, Otto?*

Os olhos de serpente o encararam diretamente, deixando-o apavorado e congelado. Não conseguia mais se mexer. Sentiu repulsa do cheiro asqueroso exalado por aquele ser, mas o medo se sobrepôs a qualquer outra sensação.

Ele quis gritar, mas não podia ser notado.

Apesar da proximidade, sabia que aquela criatura, por alguma razão, não conseguia enxergá-lo. Por isso, ficou parado, esperando que ela se afastasse.

Ele soltou um outro sibilo e disse:

— *Tudo bem, sua hora está chegando...*

O fogo e todos os sons se extinguíram. Otto ficou outra vez sozinho no escuro.

Um estrondo vindo do lado de fora o acordou. Otto estava suando frio. Demorou a entender que tudo aquilo fora apenas outro sonho. Ele ainda se sentia extremamente cansado, provavelmente não dormira mais que alguns minutos.

Sentou-se na cama e enxugou a testa. Suas mãos tremiam.

Ao abrir a janela do quarto, viu que já era quase noite. O céu estava rosado e o sol lançava sua última luz pelo vale. Para além das montanhas, diversas nuvens negras se acumulavam e se aproximavam. Um clarão irrompeu entre elas e, segundos depois, outro estrondo fez estremecer o vale. Uma tempestade estava chegando.

Otto fechou novamente a janela e foi para a sala de estar. Não havia ninguém por ali. Estranhou ver a casa deserta, pois Davi deveria tê-lo acordado antes do anoitecer.

Sentiu um frio na barriga ao imaginar que poderia estar dentro de outro pesadelo. Lembrou-se dos olhos amarelos do homem com aparência de bode, e sentiu vontade de vomitar. Mais uma vez, aquilo não parecia ter sido um simples sonho, sua visão era tão real como aquela sala em que se encontrava agora. Distinguir o pesadelo da realidade era cada vez mais difícil.

Ele estava ficando paranoico. Tinha que se controlar.

Mergulhou a cabeça em uma bacia de água fria e se enxugou. Aquilo parecia bem real, mas ainda assim não foi o suficiente para acalmá-lo. Saiu de casa para procurar por Davi e Henrique.

As ruas do vilarejo estavam desertas. Um forte vento espalhava terra por todos os lados, fazendo com que a camisa do padre pregasse em seu corpo.

O céu parecia escurecer mais a cada segundo. Aquele ambiente sombrio lançou outra onda de dúvidas em sua cabeça. Em poucos minutos, estaria na hora do jantar e todos se reuniriam no salão principal. Mas por que não via ninguém por ali?

Caminhou em direção ao prédio administrativo, na esperança de encontrar Davi ou qualquer outra pessoa por lá, quando se lembrou.

Rafael!

Ele deveria encontrá-lo antes do pôr do sol. Aquele encontro era tão importante, mas ele acabou se esquecendo depois que acordou.

Otto correu pelas ruas, em direção à trilha que levava ao lago, torcendo para que Rafael ainda estivesse por lá. Quando passou diante do prédio principal, avistou Davi, que lhe chamou com um gesto.

— Me desculpe — Otto respondeu, sem parar de correr —, mas não posso agora.

Assim que deixou as últimas construções e adentrou as árvores, ouviu um grito vindo do outro lado.

Ele conhecia aquela voz. Era Henrique.

O grito se repetiu e Otto apertou seus passos. Gotas de suor se acumulavam em suas costas. Outro relâmpago estourou no céu e, mais uma vez, Henrique berrou. O amigo estava próximo, vindo em sua direção. Ele clamava por ajuda.

Atrás de Otto, diversas pessoas saíam de sua casa e também começaram a seguir pela trilha, atraídas pela algazarra. Os habitantes trocavam palavras de curiosidades uns com os outros, questionando o que estava acontecendo.

A tempestade que se aproximava lançou fortes rajadas de vento, arrastando os fracos sussurros da floresta até aquele local.

No fim da trilha, prestes a avistar o lago, Otto colidiu com seu amigo, que corria na direção contrária. Os olhos de Henrique estavam vidrados, como se tivesse acabado de enxergar um fantasma.

— O que foi? — Otto perguntou, segurando-o pelos ombros.

Antes de responder, Henrique desabou em seus braços. Várias pessoas saíam da trilha, formando uma multidão ao redor dos dois. Eles cochichavam entre si, enquanto observavam àquela estranha cena.

— O que aconteceu, Henrique? — Otto repetiu. — Está tudo bem?

— E-eu estava... — ele parecia em choque, e tentou se recompor. — Eu só queria t-tomar um banho...

— Certo, mas o que aconteceu? Você se assustou com os sussurros?

— Não! Eu encontrei u-um c-co-corpo...

O amigo gaguejava tanto que ficava difícil entender o que ele dizia.

Antes de perguntar novamente, Otto ouviu passos atrás de si. Alguém estava tentando abrir caminho entre as pessoas. Ouviu a voz rouca perguntar:

— Que diabos está acontecendo aqui?

— Lúcio — o padre se virou para encará-lo —, espere um...

O velho barbudo franziu a testa ao ver Henrique.

— O que *ele* está fazendo aqui?!

A expressão descontente de Lúcio gerou um turbilhão de emoções em Otto, fazendo com que todas as suas suspeitas explodissem em sua mente. Se ainda restava alguma dúvida do envolvimento daquele homem nos estranhos eventos do vale, elas se extinguíram naquele momento.

Deixando sua raiva transparecer, Otto inflou o peito e deu alguns passos à frente. Sustentando o olhar de Lúcio, disse:

— Sou *eu* quem deve perguntar o que ele está fazendo aqui — seu tom de voz era frio e baixo, muito mais intimidante do que qualquer berro ou ameaça.

Lúcio teve que olhar para cima para encará-lo. Os dois estavam muito próximos um do outro. Ele tentou se manter firme, mas acabou dando um passo para trás. Abriu a boca para responder alguma coisa, mas antes que dissesse uma palavra, a voz de Henrique o interrompeu:

— Pessoal — ele parecia estar mais calmo —, será que podemos deixar isso para depois? — O confronto entre Otto e Lúcio tinha feito com que todos se esquecessem de sua presença ali por alguns segundos. Agora, toda a atenção estava voltada para ele novamente. — Tem *alguém* ali... e eu acho que está morto.

— O que?! — Otto se voltou novamente para o amigo, segurando-o pelos ombros. — Onde? O que você estava fazendo aqui?

— Eu queria me limpar... Davi disse que as pessoas tomavam banho nesse lago, então vim para cá — ele tomou fôlego e continuou: — Quando fui tirar minha roupa, perto daquelas árvores — ele apontou para a mesma clareira onde Otto encontrara Beatriz naquela manhã —, me deparei com... c-com...

Não era preciso terminar a frase. Todos ali já tinham entendido o que ele queria dizer. Otto fez um gesto para que ele se calasse, não queria ver o amigo novamente em estado de pânico.

Naquele momento, o sol lançou sua última luz e se escondeu por trás do horizonte. Todos ali estavam encobertos pela escuridão. Alguém na multidão acendeu uma lamparina e, juntos, eles seguiram para o local onde Henrique havia apontado.

A reação do amigo foi um pouco estranha. Quando Gabriel morreu de uma forma pavorosa na Santa Casa de Pedra Branca, Henrique nem se abalou tanto. Mas agora ele estava aterrorizado. Otto mal podia imaginar o estado do cadáver que encontrariam.

Ao chegarem na entrada da clareira, todos pararam de caminhar abruptamente e soltaram um gemido em uníssono. O padre abriu caminho entre eles, tentando enxergar o que estava ali.

Além do som do vento e das lamentações, ele ouvia um rangido constante, como o de um balanço de cordas sendo compelido pelo vento. Finalmente, cruzou o caminho até a entrada da clareira e olhou para o lugar que todos encaravam. Seu sangue gelou.

Uma corda tensionada estava presa em uma das árvores. Na sua outra extremidade, um corpo inerte estava preso pela cabeça, oscilando levemente ao balanço do vento, gerando o rangido que ouvira antes.

Otto não precisou se aproximar para confirmar quem era a pessoa enforcada. Um novo relâmpago estourou no céu, lançando luzes sobre a clareira, iluminando o rosto pálido e inexpressivo de Rafael.

Capítulo 10

Gotas começaram a cair do céu e o som da chuva quebrou o silêncio entre aqueles que se acumulavam ao redor do corpo de Rafael. Ninguém quis se aproximar ou emitir uma palavra, estavam todos estupefatos com situação. A princípio, tudo indicava que se tratava de um suicídio, mas Otto duvidava dessa hipótese. Ele foi o primeiro a se aproximar e ver de perto a situação.

Rodeou o corpo de Rafael, observando-o. Não era nenhum detetive, mas tentou encontrar qualquer pista que pudesse revelar o que realmente acontecera ali. Sob a fraca luz do lampião, enxergou o rosto do falecido em uma expressão inerte de desespero. Sua pele pálida, olhos esbugalhados e a língua para fora davam-lhe uma aparência assustadora. Otto reparou em seus braços, que pendiam frouxamente para baixo, e viu alguns arranhões ali. Filetes de sangue seco se espalhavam entre profundos sulcos nas palmas de suas mãos e seus dedos estavam arroxeados.

Era evidente que aquele incidente tinha acontecido recentemente. O corpo estava flácido e, ao tocar sua tez, percebeu que ainda estava quente. Se tivesse chegado um pouco mais cedo ao encontro com aquele homem, talvez o encontraria ainda vivo.

Otto olhou para cima, encarando o céu negro sem estrelas, carregado de nuvens, e se questionou sobre os motivos que levaram àquele cenário. Deixou que as gotas da chuva molhassem seu rosto enquanto tentava chegar a uma resposta. De alguma forma, sabia que a morte de Rafael era sua culpa. Se os dois jamais tivessem cruzado caminhos, ele ainda estaria vivo.

As pessoas paradas ao seu redor logo começaram a se dispersar. Pouco a pouco, estavam perdendo o interesse naquela mórbida atração. Otto os observou com o canto dos olhos, pensando quem poderia ser o responsável por aquilo. Rafael era um velho debilitado e muito magro. Qualquer pessoa seria capaz de imobilizá-lo e carregá-lo sem grandes dificuldades. Porém, ninguém tinha como saber que ele estaria naquele local.

Não conte nada a ninguém.

As palavras de Rafael ecoaram em sua mente. Ninguém, à exceção de Davi e Henrique, sabia que eles iriam se encontrar naquele lugar. E Otto não conseguia suspeitar de nenhum dos dois amigos, tinha certeza de que eles não iriam traí-lo.

Lembrou-se então de Lúcio, que quase o viu conversando com Rafael no dia anterior. Talvez ele tenha escutado parte da conversa entre os dois. A suspeita

estava se formando na cabeça do padre, quando um movimento ao seu lado interrompeu seus pensamentos.

O corpo de Rafael despencou com um baque suave, estatelando-se na relva molhada. Próximo das árvores, estava Lúcio. Ele desamarrou a outra extremidade da corda, liberando o cadáver de seu grilhão fatal.

— Vai ficar só observando? — Ele encarou Otto. — Não fique parado! Me ajude a levá-lo de volta ao vilarejo.

As pessoas ao redor estavam reduzidas a apenas três observadores. Dentre elas, Henrique, que agora segurava a lamparina de olhos arregalados em um aparente estado de choque.

Lúcio se aproximou do corpo caído e começou a retirar a corda de seu pescoço. O velho não parecia ter cuidado com seus movimentos, tratando o cadáver de forma brusca e desrespeitosa, como se não passasse de um tronco de madeira prestes a ser levado para a fogueira.

— Otto — ele chamou novamente, enquanto tentava desatar o nó com impaciência —, você vai ficar realmente parado aí?

— Não seria melhor levá-lo em uma maca, ou algo do tipo? — Sair carregando uma pessoa falecida como se fosse um pacote dispensável não parecia correto.

— Não temos nada disso por aqui. Vamos ter que carregá-lo — o nó finalmente se desfez, e a corda foi retirada do pescoço de Rafael. Lúcio tentou levantar o corpo sozinho, mas não conseguiu sustentá-lo, deixando-o cair desajeitadamente no chão. — Uma ajuda aqui seria bem-vinda!

Por mais que Rafael fosse magro e debilitado, Lúcio não conseguia carregá-lo sozinho. O homem era velho e não tinha força nenhuma. Ele jamais teria sido capaz de forjar aquele suicídio sozinho. Seria necessária a ajuda de outra pessoa e o primeiro suspeito que veio em mente foi Tursan, que era gigantesco e imensuravelmente forte. Criar aquela cena e carregar o corpo de Rafael não seria esforço nenhum para ele.

Sem manifestar suas suspeitas, Otto pediu licença para Lúcio e se agachou ao lado do cadáver. Os olhos de Rafael ainda estavam abertos e a água da chuva se acumulava ali, escorrendo como lágrimas. O padre fez uma prece por sua alma e fechou suas pálpebras, trancafiando aqueles olhos na eterna escuridão.

Não queria que Rafael fosse levado desajeitadamente por duas pessoas até o vilarejo, por isso decidiu carregá-lo sozinho. Ao levantá-lo, espantou-se com seu peso, era mais leve do que imaginava.

Juntos, todos voltaram pela trilha, guiados pela luz do lampião. Outro trovão ribombou ao longe. Parecia trazer consigo o anúncio de que aquela seria uma longa noite.

Ao chegar na vila, Davi foi o primeiro a correr em sua direção.

— O que aconteceu com ele? — ele apontou para o corpo nos braços de Otto.

— Morto — não tinha a necessidade de dizer mais nada. Não naquele momento. Sua cabeça estava a mil, observando todos ao seu redor. Estava em frente ao salão principal. Tursan e Beatriz estavam parados ali, apenas observando. Nenhum dos dois parecia surpreso com a situação, o que apenas fez a suspeita de Otto aumentar.

Outras pessoas começaram a surgir, fazendo perguntas, emitindo suspiros e conspirando entre si. Uma algazarra estava se formando e o jantar daquela noite, que nem tinha começado, já estava acabado. Ninguém mais teria vontade de se reunir para comer depois daquela tragédia.

Apesar de todos estarem falando ao mesmo tempo, Otto percebeu que muitos habitantes não estavam apenas assustados, mas sim suspeitos. Trocavam olhares entre si e erguiam as sobrancelhas, temendo que pudessem ser os próximos. Ao apurar seus ouvidos, o padre captou trechos de algumas conversas.

— *Isso não está certo...*

— *...já faz mais de trinta anos, você não acha que...*

— *Meu Deus! Está acontecendo de novo!*

Ele queria escutar alguma coisa por inteiro, mas o caos já estava instaurado e era impossível distinguir o que cada pessoa falava. Começou a virar de um lado para o outro, até perceber que Davi o segurava, gritando por cima de todos os sons:

— Venha! Temos que levar o corpo embora daqui — o velho começou a andar, seguido por Otto, Henrique e, pouco a pouco, por diversos outros habitantes, que já estavam se acalmando do espanto inicial.

Não sabia para onde estavam indo, mas decidiu não questionar. Continuou apenas carregando o cadáver de Rafael, ainda lamentando o ocorrido. O velho falecido parecia sereno em seus braços, como se finalmente tivesse alcançado a paz naquele lugar amaldiçoado. Talvez ele estivesse contente por sair dali, mesmo que o único caminho para isso fosse a morte.

Quando deixou seus devaneios de lado, percebeu que estavam seguindo pela trilha que saía do vale. Aquele era o lugar onde tinha sido encontrado por Lúcio e Elias.

Pensar em Elias fez Otto perceber o quanto as preocupações daquele dia apenas aumentavam em níveis exponenciais. Não chegava nem perto de resolver um problema e já surgiam outros. Nunca em sua vida esteve tão exausto como naquele momento, e jamais acreditou que pudesse ficar metido no meio de tantos mistérios. Mal podia acreditar que estava no vale há apenas dois dias. Sentia-se tão próximo de Davi e Elias, que parecia conhecê-los há muito mais tempo. Tudo que queria era vê-los bem, mas, para isso, tinha que tirá-los daquele lugar.

Ele não chegaria a lugar nenhum se não se concentrasse em uma coisa de cada vez. Por isso, resolveu focar na situação atual. Rafael estava morto e Otto agora precisava descobrir, de outra forma, o que o velho tinha para lhe falar. Alguém naquele vale não queria que ele revelasse seus segredos, e o padre tinha que descobrir quem era essa pessoa.

Olhou para o corpo em seus braços, procurando por alguma nova pista. Rafael vestia uma camisa de botões e calças marrons surradas. Seu bolso esquerdo estava estufado, algo estava guardado ali. Seu assassino provavelmente estava com pressa e não percebera esse detalhe. Otto fez uma nota mental para se lembrar de verificar o que era aquilo, sem que ninguém percebesse o que estava fazendo.

Davi interrompeu seus passos, parando abruptamente. Otto não percebeu que eles haviam embrenhado na floresta. Estavam em uma mata fechada, onde diversas estacas de madeira em formato de cruzes se erguiam pelo chão de terra. Até onde a luz do lampião alcançava, contou mais de dez cruzes.

Aquele deveria ser o lugar mais próximo de um cemitério que os habitantes do vilarejo tinham. Todas as cruzes indicavam os lugares em que os antigos moradores haviam sido enterrados.

Mais pessoas surgiram dentre as árvores, carregando consigo outros lampiões. A luz do fogo fazia com que a sombra das árvores e das cruzes dançassem em um ritmo trôpego, dando àquele cemitério um tom sinistro.

Um homem de pele pálida, olhos morteiros e longos cabelos negros se aproximou de Otto. Ele segurava uma pá apoiada em seus ombros e se parecia com o mais bizarro membro da *Família Addams*.

— Você pode deixá-lo ali — ele apontou para uma árvore com um archote aceso preso em seus galhos. — Eu cuido do resto.

Otto assentiu e depositou delicadamente o corpo de Rafael no local indicado pelo homem. Antes de se levantar, retirou discretamente o conteúdo que vira no bolso do velho. Sentiu que estava segurando uma chave e uma folha de papel amassada. Guardou-os em seu próprio bolso e voltou ao lado de Henrique.

O homem que segurava a pá foi até a árvore, fixou uma cruz rústica de madeira no chão e começou a cavar uma nova cova. Enquanto isso, Lúcio se adiantou pelo pequeno grupo de pessoas que rodeavam o local, levantou sua própria lanterna e perguntou:

— Alguém gostaria de dizer alguma palavra?

Todos ficaram em silêncio. Otto olhou ao seu redor e viu as pessoas apenas trocarem olhares entre si, como se estivessem envergonhadas. Tursan e suas filhas não estavam entre aquelas pessoas.

Otto cogitou a ideia de dizer alguma coisa, mas não conseguiu pensar em nada. Acabou ficando calado, lamentando aquele desfecho. O pálido coveiro terminou de cavar a cova e entregou o corpo de Rafael para que a terra molhada o consumisse. Aquele foi um ritual estranho, sem velório, funeral, atestado de óbito ou preparação do corpo. Rafael acabara de morrer e já estava sendo enterrado. Otto se questionou se seria assim com todos que morriam no vale. O lugar era realmente ultrapassado e seus habitantes não pareciam ter qualquer tipo de cerimônia ou formalidade com situações que o mundo burocrático exigiria.

No momento em que a última pá de terra foi jogada, o céu se iluminou com novos relâmpagos, como se o próprio Deus estivesse lançando uma maldição sobre aquele lugar. A chuva aumentou, encharcando roupas e cabelos, fazendo com que as pessoas se dispersassem.

— Vamos embora, meu amigo — Henrique segurou seu pulso e, junto com Davi, eles seguiram a trilha de volta ao vilarejo.

As ruas estavam desertas, sem qualquer sinal do alvoroço de momentos antes. Cada pessoa foi para sua própria casa, descansar e se recuperar do susto. Se não fosse pelo som da chuva e do vento uivante, o vilarejo estaria tomado por seu costumeiro silêncio mortuário.

Os três homens caminhavam lado a lado, quando viram Lúcio em frente ao salão principal. Uma lanterna tremeluzia aos seus pés, enquanto o homem lutava com as duas mãos para fechar as portas do local. Davi correu em sua direção e o ajudou. O vento forte teimava em empurrar as portas para dentro e, enquanto Davi fazia força para segurá-las. Lúcio usou um cadeado e uma corrente para mantê-las fechadas.

— Obrigado — agradeceu em um tom mal-humorado. — O jantar já era. Se vocês quiserem comer alguma coisa, terão que se virar — ele estava prestes a ir embora, mas Davi o segurou.

— Lúcio, você viu o que aconteceu com Rafael! Meu filho está preso e, mesmo assim, uma pessoa morreu. Isso prova que ele não é o culpado pelo que aconteceu com vocês na floresta... você tem que liberá-lo!

— Os atos daquele velho demente não inocentam o seu filho. Rafael se matou.

— Você não pode estar falando sério — Otto deu um passo à frente. — Você realmente acredita que aquilo foi um suicídio?

— Padre — Lúcio o encarou com o olhar fumegante —, desde que você chegou, só tem nos causado problemas. Não espere que eu vá levar seus devaneios a sério. Eu vi Rafael enforcado naquela forca com os meus próprios olhos e ainda retirei a corda do seu pescoço! Ele era louco e, claramente, um suicida!

Otto queria discutir, apontar as possíveis provas de que a cena de suicídio fora forjada, perguntar por qual motivo Rafael teria se matado e apresentar todas as suas suspeitas. Mas não podia fazer isso. Lúcio estava longe de ser uma pessoa de confiança. Nada que dissesse poderia convencê-lo. Ele apenas lutaria mais e mais para afirmar que Rafael tinha se matado.

Um problema de cada vez...

O melhor a se fazer naquele momento era ir embora, mas Davi não descansaria enquanto Elias estivesse preso.

— E eu? — Henrique se manifestou pela primeira vez. — Como vocês explicam o que aconteceu a mim?

Lúcio e o encarou atônito, percebendo sua presença apenas naquele momento. Otto achou que não fosse responder, mas ele logo se recompôs e sorriu de forma debochada, mostrando seus dentes amarelos entre os pelos brancos de sua barba.

— Você é um caso à parte, Henrique. Cuidaremos disso mais tarde — sem dizer mais nada, ele se livrou do aperto de Davi e foi embora.

Suas últimas palavras ficaram ecoando na mente de Otto. O ele queria dizer com aquilo? Estaria Henrique em perigo? Um bolo se formou em seu estômago, mas ele fez esforço para se acalmar.

Enfiou a mão no bolso e retirou os objetos que encontrara no corpo de Rafael. Primeiro, descobriria o que aquele velho tinha de tão importante para lhe falar. Depois, correria atrás de outras respostas.

Um problema de cada vez...

Assim que entraram, Davi correu até seu quarto e voltou com uma garrafa em mãos. Ofereceu a bebida a Otto e Henrique, mas ambos negaram.

— Bom — ele deu de ombros e desabou em uma cadeira —, depois de tudo o que aconteceu, eu preciso de uma bebida.

Ele abriu a tampa da garrafa e entornou o líquido pelo gargalo. Otto não achou aquilo uma boa ideia, mas ficou calado. Apenas tirou os objetos que estavam em seu bolso e os colocou em cima da mesa.

— O que é isso? — Henrique se aproximou e observou a folha de papel amassada.

— Eu os encontrei no bolso de Rafael. Peguei sem que ninguém observasse, mas ainda não sei do que se trata.

— Isso aqui parece algum tipo de registro e... Otto! Veja isso!

O padre se aproximou e observou o papel. Parecia uma lista com diversos nomes seguidos de datas, números e informações, todos digitados em uma antiga máquina de escrever. Dentre eles, Henrique apontava para um ponto específico, em que estava escrito:

MIGUEL WEERGANG

Nascimento: 25/02/1930

Número de inscrição: 06235.1952.07.21

Info.:

- Entrada em 1952

- Casou-se com Joana Santos Garcia em 1960 (registro à parte)

- Falecido em 01/12/1966 devido ao desmoronamento das minas (registro à parte)

Espremida entre as informações, havia uma anotação feita à mão:

Joana estava grávida. Seu filho sobreviveu.

Otto ficou boquiaberto ao ler aquilo.

No primeiro dia em que se encontrou com Rafael, o velho chegou a mencionar o nome *Miguel Weergang*, mas o padre não deu muita importância.

Agora, porém, estava arrependido por não ter dado ouvido ao único homem que parecia ter informações sobre sua ligação com aquele vale.

— Davi — ele perguntou, sem tirar os olhos do papel —, qual era a função de Rafael na época em que a mineradora ainda funcionava?

— Ah... não me lembro muito bem. Ele era contador, ou notário, algo do tipo. Era um homem que não colocava a mão na massa, ficava apenas atrás da mesa, fazendo algum trabalho burocrático. Por que?

— Dê uma olhada nisso — ele lhe entregou o papel. Davi ajustou os óculos e tentou focar os olhos. A bebida parecia já estar fazendo algum efeito, mas, mesmo assim, ele conseguiu ler o que estava escrito.

— Meu Deus — ele sussurrou. — Quer dizer então...

— Que eu nasci aqui, sim.

— Espere um pouco — Henrique deu um passo à frente. — Isso tudo pode ser apenas uma coincidência. Só porque os sobrenomes são os mesmos, não quer dizer que você seja filho deste... — ele olhou novamente para o papel — *Miguel*.

— Não, meu amigo. Seriam coincidências demais! Veja as datas. O acidente que o matou coincide justamente com o ano em que eu nasci! E tem mais... — Otto se lembrou do pesadelo que tivera na sua primeira noite, um bebê nascendo em frente às minas. Aquilo talvez tenha sido, de alguma forma, uma visão do passado.

Ao revelar essa história, Henrique cruzou os braços e balançou a cabeça.

— Isso é loucura, Otto! Você não pode acreditar que esse homem seja seu pai baseando-se apenas em um *sonho* e um pedaço de papel.

Por mais que seu amigo estivesse com razão, Otto tinha certeza daquilo que estava dizendo. Desde que chegara ao Vale dos Sussurros, ele sentia uma ligação com o lugar, como se estivesse conectado a ele de alguma maneira. Até aquele momento, não soubera dizer o que era essa ligação, mas agora sabia. Ele quis colocar esse sentimento em palavras para os amigos, mas não conseguiu.

Davi se levantou e bateu a garrafa na mesa, fazendo com que gotas respingassem por todos os lados.

— Veja bem, eu não acho que isso seja loucura. Mas, ainda assim, precisamos de mais informações para afirmar qualquer coisa.

— Exatamente! — Henrique assentiu.

— Mas Rafael está morto — o tom de Otto era de súplica. — Não temos nenhuma outra fonte de informação que possa nos ajudar.

— Talvez a ficha de registro de Joana, sua suposta mãe, tenha algo a mais. Temos apenas que encontrá-la.

A chave de Rafael ainda estava em cima da mesa. Naquele momento, todos a encararam e Otto se questionou se o velho não tentou deixar uma mensagem para ele.

— Onde ficam esses registros? — Henrique perguntou.

— Na própria casa de Rafael, se não me engano.

— E onde ele morava? — Otto apanhou a chave, já decidido sobre o que fazer.

Davi soltou um suspiro e explicou da melhor forma que pôde o caminho até o lugar. Rafael morava em um canto isolado da vila, próximo aos limites da floresta que a cercava. Ir até lá no meio da noite era arriscado, pois a trilha era muito escassa e qualquer pessoa despreparada corria o risco de se perder na mata.

— Eu vou com você — disse Henrique.

— Não. Não podemos correr o risco de chamar atenção — alguém não queria que Otto descobrisse suas origens e, por isso, Rafael estava morto. Esse era o único motivo plausível para seu assassinato, o que indicava que outra pessoa também sabia daquela história. — Eu vou sozinho, e voltarei o mais rápido possível. Não se preocupem.

Ninguém protestou. Otto guardou a chave no bolso, pegou um lampião e saiu.

O vento assoprou e ele foi recebido por pesadas gotas de chuva que molhavam seu cabelo e faziam com que sua roupa grudasse no corpo. À medida que caminhava, seus pés afundavam no barro das ruas.

Apesar de ser protegido, o lampião não resistiu ao vento e acabou se apagando. O céu escuro estava encoberto de nuvens, não permitindo que a lua iluminasse seu caminho. Tinha apenas duas opções: ou voltava para dentro da casa, ou arriscava seguir o caminho às cegas, em meio à chuva e a escuridão.

Resolveu seguir em frente. Um alarme em sua mente lhe dizia que, se não partisse naquele momento, seria tarde demais. Da mesma forma que Rafael fora eliminado para que nada sobre seu passado fosse descoberto, qualquer outra evidência também não demoraria a ser apagada.

Por outro lado, sabia também que era uma decisão insensata. Queria rezar e acreditar que seria guiado na escuridão por mãos divinas, mas não conseguiu. Se sua jornada pelo Vale dos Sussurros deveria aumentar sua fé, estava seguindo exatamente pelo caminho oposto.

Apesar de não encontrar nenhuma explicação científica e racional para certos eventos daquele lugar, ele não se sentia mais próximo da sua fé. As coisas estranhas por que passara apenas mostravam um tom mais sombrio do sobrenatural. O vale era um lugar ruim, um lugar de maldade, e ele não conseguia entender como Deus poderia mandá-lo para lá (se é que havia mandado) justo no momento em que procurava por respostas positivas.

A descoberta sobre seu passado poderia fazer parte dessa jornada. Mas, mais uma vez, as palavras de Davi ecoaram em sua mente:

Talvez tenha sido um chamado que o trouxe para cá, mas não de Deus.

Realmente, a maldade que sentia ali não poderia vir de Deus. Ele tinha medo, porém, de descobrir de onde viera.

Perdido em seus pensamentos, nem percebeu os passos que dera. Estava agora encoberto pelas árvores, e a chuva não passava de um gotejar esporádico. Tentou acender o lampião, torcendo para que seus fósforos não estivessem molhados, e teve sucesso.

Sentiu-se aliviado com a nova fonte de luz. Conseguiu enxergar a trilha à sua frente e viu que estava no caminho certo. Olhou para cima, sentindo as gotas escorrerem por seu rosto. Talvez alguém lá em cima estivesse ouvindo suas queixas. Tentou acreditar nisso e seguiu em frente.

A trilha passava por uma pequena parte da floresta. As árvores ali eram bem espaçadas, o que tornava os sussurros quase inaudíveis, mesmo com o vento forte da chuva recente.

Em um certo momento, as árvores deram espaço a um campo aberto, lotado de arbustos e grama alta. Nos limites desse campo, tangenciando a verdadeira floresta que cercava o vale, havia uma cabana caindo aos pedaços. Otto mal conseguia enxergá-la sob a fraca luz do lampião. Ao se aproximar, percebeu que seu estado era ainda pior do que imaginava. O local parecia abandonado, com janelas trincadas e tábuas apodrecidas. Suas paredes estavam cobertas de mofo e lodo por quase todos os lados.

Era difícil acreditar que alguém pudesse viver em um lugar daqueles. Agora era compreensível por que as pessoas pensavam que Rafael era um homem louco. Aquela casa parecia sair dos mais macabros contos de terror, e Otto sentiu um arrepio subir sua espinha enquanto caminhava em direção à entrada.

A porta da cabana estava fechada. Pelo seu estado de conservação, qualquer pessoa que a pressionasse com um pouco de força, conseguiria arrombá-la. Mas isso não seria necessário, afinal, Otto estava com a chave. Assim que ouviu o clique da fechadura, ele tentou abri-la, apenas para descobrir que estava empenada. Tentou mais uma vez, sem sucesso.

Temendo causar um acidente com o lampião aceso, deixou-o no chão e usou as duas mãos para agarrar a maçaneta e empurrar a porta para dentro. Tomou um impulso e usou seu corpo como um aríete humano, lançando-se com toda a força em direção à porta. O impacto fez com que ela se escancarasse de uma vez e o padre caiu de lado no chão, levantando poeira como se uma tempestade de areia o cercasse.

Pôs-se de pé e casa inteira pareceu ranger, como se estivesse incomodada com sua presença. Ficou contente por ter tomado a decisão de deixar o lampião do lado de fora. O chão daquele lugar, além de empoeirado, tinha folhas de papel espalhadas por todos os lados. A chama do lampião seria o suficiente para incendiar tudo aquilo em questão de segundos. Otto pegou de volta sua única fonte de luz e encostou a porta atrás de si.

A cabana de Rafael era ainda menor que a casa de Davi, ou, talvez, essa fosse a impressão causada por tantos armários espalhados pelo lugar. Pilhas de papéis, pastas e livros, tornavam o ambiente sufocante e estreito. A sala em que estava era ligada a um pequeno quarto, onde mal cabia a única cama que havia ali. Em frente à janela esquerda da sala, ficava uma larga mesa de estudos abarrotada de mais pilhas de papéis, uma cadeira de madeira e uma máquina de escrever enferrujada.

Apesar de o local ser pequeno, Otto não sabia por onde começar sua busca. Rafael parecia ser extremamente desorganizado. Tudo ali era uma bagunça sem fim. Folhas velhas e quebradiças estavam juntas de anotações recentes, os livros não possuíam anotações em suas capas e os registros não estavam em ordem alfabética ou numérica. Encontrar qualquer pista seria um trabalho hercúleo.

O padre pegou o primeiro livro que encontrou e o abriu. Uma nuvem de poeira voou em sua direção e ele começou a tossir. Tentou ler o que estava escrito e viu apenas nomes aleatórios com números de inscrição, identidade e endereçamento. Aquela provavelmente era a lista dos empregados da mineradora. Abaixo de cada registro, havia uma assinatura. Otto ficou surpreso em descobrir que os nomes estavam em ordem alfabética. Era a primeira vez que via um sinal de organização em meio àquele caos. Ficou decepcionado, porém, ao descobrir que diversas páginas estavam faltando. O lugar em que deveria estar os registros das

letras J a O pareciam ter sido arrancados, o que lhe impedia de encontrar qualquer coisa sobre Miguel e Joana, seus supostos pais.

Como não tinha mais utilidade, Otto largou o livro e continuou procurando em outros lugares.

Diversas páginas avulsas apresentavam apenas números e datas. Pareciam fazer parte da contabilidade, o que também era trabalho de Rafael. Muitos dos livros não continham qualquer informação útil. Não havia nada que mencionasse seus pais.

Quando já estava quase desistindo de procurar pelos armários, uma ideia lhe surgiu como uma centelha em sua mente. Rafael estava prestes a encontrá-lo, e a página com o registro de Miguel estava com ele, o que indicava que, recentemente, ele esteve procurando pelos registros que continham informações sobre tudo relacionado à Otto. Isso explicaria por que ele não encontrava nada de útil nos armários. Essas informações foram removidas.

Otto parou o que estava fazendo e olhou para a mesa de estudos. Vários livros e mais papéis estavam espalhados sobre ela. O padre se sentou na desconfortável cadeira de madeira, apoiou o lampião com cuidado em cima da mesa e começou a folhear o que estava ali, assim como Rafael fizera antes de morrer.

Seu raciocínio estava correto, todos aqueles livros continham informações relevantes sobre os empregados da Mineradora Irmãos Samael. Ali estavam registros, certidões, folhas de pagamento e perfis das pessoas que moravam no vale. Infelizmente, nada estava em ordem alfabética, mas não demorou muito para que Otto encontrasse a primeira informação que lhe chamasse a atenção. Sob a fraca luz do lampião, ele leu:

JOANA SANTOS GARCIA

Contratada em: 05.08.1952

Idade: 20

Função: cozinheira

Ao lado do nome, havia uma foto em preto e branco e Otto sentiu seu coração disparar. Ali estava o rosto de uma jovem mulher de cabelos negros compridos. Aquela era a mulher que ele viu dando à luz uma criança em frente às minas em seu pesadelo. Ele tinha certeza que era ela.

Mais abaixo, na mesma folha de papel, estavam informações adicionais, como o salário que ela recebia, o horário de trabalho, e o esboço de um contrato com a assinatura da mulher. Nada daquilo era útil, mas, mesmo assim, Otto ficou

encarando o papel por alguns segundos, sem entender exatamente quais eram os sentimentos que o dominavam. Surpresa? Confusão? Tristeza? Não sabia.

O mais importante, naquele momento, era encontrar mais informações que o ligassem àquela mulher. Otto suspeitava que Joana fosse sua mãe. Porém, sem outras provas, essa afirmação pareceria loucura.

Relutante, ele deixou o papel de lado e continuou procurando.

Os minutos se passavam à medida que Otto descobria mais informações sobre seus supostos pais. Um dos livros mantinha o controle de onde as pessoas moravam no vilarejo. Ali estava descrito que Joana se mudara para a mesma casa de Miguel em 1960, coincidentemente, o mesmo ano em que o registro de Miguel datava sua união com aquela mulher.

Pelo que estava vendo à sua frente, Otto compreendeu que tudo naquele lugar acontecia de forma informal. A vila era tão isolada do resto do mundo, que parecia ser uma sociedade à parte, com seus próprios costumes e normas. Não era de se espantar que Rafael fosse tão desorganizado com seus registros, afinal, ele sabia que aquilo jamais teria muita utilidade. Ele provavelmente não era nem servidor público, mas apenas a pessoa responsável por manter uma certa ordem burocrática no local.

Ao encontrar o registro completo de Miguel, Otto descobriu que ele era descendente de holandeses que vieram para o Brasil no início do século. Seus pais faleceram quando ele ainda era criança e, mesmo que isso não constasse nos papéis, era possível deduzir que ele aceitara trabalhar na mineradora por se encontrar abandonado e em grandes dificuldades financeiras. Ele trabalhava como minerador, fazendo trabalho braçal na exploração das minas. A última anotação em seu registro indicava que, no dia em que ocorrera o desmoronamento, ele estava dentre os trabalhadores que foram soterrados.

Junto ao registro de Miguel havia uma nota presa com um clipe. Otto a retirou e viu que se tratava de um bilhete escrito à mão:

Meu amigo, a hora está chegando. Espero poder contar com sua ajuda!

Ps.: caso aconteça alguma coisa comigo ou Joana, por favor, leve meu filho para longe deste lugar. Se for um garoto, dê-lhe o nome de Otto, em homenagem ao meu pai.

Ali estava sua prova! Não era mais possível dizer que tudo aquilo era apenas coincidência. Otto realmente nascera no Vale dos Sussurros. Seus pais biológicos trabalhavam lá e, aparentemente, eles eram amigos de Rafael. Estava explicado como o velho o conhecia. Se o que estava escrito naquela nota realmente aconteceu, ele foi o responsável por levá-lo embora do vale, por ordens dos seus próprios pais.

O que Otto não conseguia entender, porém, era o motivo pelo qual Rafael o chamara de volta ao vale, depois de trinta anos daqueles acontecimentos.

A confusão tomou conta de sua cabeça. Eram tantas descobertas a serem digeridas em tão pouco tempo, que Otto não sabia se iria aguentar. Ele juntou todas as informações que considerava úteis, dobrou-as e enfiou dentro das calças. Restava apenas um livro à sua frente e, para sua surpresa, descobriu que era um registro de óbitos. Ele já sabia que Miguel falecera nas minas, mas ainda não tinha informações sobre o paradeiro de sua mãe. Uma fagulha de esperança ainda estava acesa em seu coração, mas ela logo se apagou quando viu seu nome em uma das páginas.

Joana também estava dentre os mineiros soterrados, o que era uma coisa estranha, tendo em vista que sua função era de cozinheira. O que ela estava fazendo dentro das minas naquele dia? Otto se lembrou do seu sonho, em que a mulher estava em trabalho de parto diante das minas. A mulher era sua mãe e o bebê era ele mesmo.

Lágrimas brotaram em seus olhos, embaçando sua visão. Durante sua vida inteira, seu passado fora um mistério, mas ele nunca se importou muito com isso. Seus pais adotivos eram tão bondosos que, desde que saíra do orfanato, ele nunca teve a curiosidade de pesquisar sobre suas origens. Ele era uma pessoa feliz. De repente, uma série de eventos, iniciando pela misteriosa morte de seus pais e terminando com a chegada de Gabriel em Pedra Branca, o jogou em um vórtice de enigmas que, agora, descobriu estarem ligados ao seu passado. Nada daquilo podia ser mera coincidência. Ele estava no Vale dos Sussurros por um motivo. Um chamado realmente o levou até ali. Mas a questão era: um chamado de *quem*?

O vento assoprou pelas frestas da janela semidestruída à sua frente, fazendo a casa inteira ranger com sua fúria. As folhas de papel começaram a voar para todos os lados e a chama do lampião se apagou, deixando Otto na completa escuridão. Do lado de fora, a chuva era apenas uma garoa. Ele secou as lágrimas em seu rosto e estava prestes a acender um fósforo, quando ouviu as vozes.

— ... nós o encontramos e então destruímos o resto.

— Mas e se o livro não estiver lá?

— Tem que estar! Lúcio disse que Rafael conseguiu uma cópia. Aquele *padre* está cada vez mais suspeito, não vai demorar para que ele venha até aqui procurar por alguma pista. Ele não deve saber de nada antes da hora...

Fontes de luz surgiram entre as árvores ao longe. Dois homens vagamente familiares conversavam entre si, segurando tochas em suas mãos. Carregavam garrafas de vidro consigo, que tilintavam enquanto eles se aproximavam da cabana.

Otto prendeu sua respiração e agachou, escondendo-se atrás de mesa. Já vira aqueles dois homens de relance durante o jantar do primeiro dia, eles pareciam próximos de Lúcio e Tursan, o que, por si só, já era algo suspeito. Eles estavam ali prestes a destruir qualquer evidência da casa de Rafael para que o padre não as encontrasse.

Enquanto os homens se aproximavam e Otto pensava em seu próximo passo, ele esbarrou a mão em um livro caído ao lado da mesa. Ao contrário de todos os gigantescos livros de registro que se espalhavam pela casa, aquele era pequeno e fino, com capa de couro dura, parecido com um diário. Na escuridão em que se encontrava, era impossível ler alguma coisa, por isso ele o guardou em suas calças, junto com todas as outras anotações.

Agora ele tinha que dar um jeito de sair dali sem que percebessem sua presença. Lentamente, ele engatinhou em direção à porta. Quando estava prestes a alcançá-la, ouviu os passos do lado de fora. Os dois homens já estavam ali.

Abandonando qualquer tentativa de discrição, Otto correu para o lado oposto e se jogou embaixo da cama de Rafael. Tábuas rangeram durante seu trajeto e aquele era o pior lugar possível para se esconder, mas não tinha outra escolha. A poeira do lugar o deixou com vontade de espirrar. Quando achou que não podia mais segurar, a porta da cabana se abriu com um estrondo e os dois homens entraram, fazendo com que ele engolisse seu espirro.

— Você ouviu alguma coisa? — Perguntou o que entrou na frente.

Debaixo da cama, ele conseguia enxergar apenas os pés caminhando pela casa, iluminados pela luz bruxuleante das tochas. Rezou para que os homens não percebessem as pegadas deixadas por ele.

— Não... *porra*, olha a bagunça desse lugar! — Enquanto caminhavam, eles levantavam ainda mais poeira e apagavam os rastros deixados pelo padre.

Outra rajada de vento passou pela porta aberta, fazendo com que folhas de papel voassem pela sala.

— Qual a chance de encontrarmos alguma coisa no meio dessa zona? — Um dos homens se aproximou da cama e seus pés ficaram a poucos centímetros do

rosto de Otto. — Não seria melhor apenas *tacar* fogo em tudo? O livro é só uma cópia mesmo. Ele vai queimar junto com todo o resto.

A casa ficou em silêncio enquanto o outro parecia ponderar sobre a questão.

— Está certo... *que se foda!* Eu não vou perder a minha noite procurando por um maldito livro no meio desse caos.

O tilintar das garrafas ressurgiu e Otto viu um líquido sendo espalhado pelo chão. O forte cheiro de álcool tomou conta de suas narinas enquanto os homens se afastavam, molhando tudo que podiam em seu trajeto em direção à porta.

— Espere — um deles gritou. — Será que não corre o risco de o incêndio se espalhar pela floresta?

— Não se preocupe, vem aí uma tempestade das boas. Assim que a casa virar cinzas, o fogo vai se apagar.

E então veio o som do álcool se inflamando e o crepitar das chamas se espalhando pela casa. Otto saiu de baixo da cama em desespero, arranhando suas costas, enquanto o fogo e o calor consumiam tudo ao seu redor. A porta da frente estava tomada por gigantescas labaredas, e ele não podia arriscar sair por ali.

A fumaça dominou o ar, travando seus brônquios. Seus olhos ardiam enquanto ele procurava por outra saída. O único caminho livre do fogo dava em uma janela na outra extremidade da cabana. Sem pensar duas vezes, ele correu naquela direção, desviando-se das chamas, e saltou, quebrando vidros e batentes. Não se preocupou com o barulho que estava fazendo.

Aterrisou na terra molhada, aliviado por conseguir respirar novamente. Cacos de vidro se espalhavam ao seu redor e a fina garoa que caía do céu refrescou seu rosto. À sua frente, o fogo aumentava exponencialmente, levando consigo todos os vestígios do que um dia fora a casa de Rafael.

Otto ficou de pé, sentindo seu corpo protestar, e correu para a floresta. Suas calças estavam pesadas com todos os documentos que carregava ali. Torceu para que nenhum dos homens o enxergasse.

— *Putá que pariu!* — Henrique gritou assim que Otto abriu a porta e entrou cambaleando na sala. Seu rosto estava coberto de fuligem e suas roupas sujas de lama. — Que susto, Otto! O que aconteceu com você, cara?

Davi, que estava cochilando com a garrafa de cachaça em seus braços, acordou com um pulo, assustado com o grito de Henrique. Os dois ajudaram a

limpar o padre e cuidar de seus ferimentos enquanto ouviam o relato sobre o que tinha acabado de acontecer.

— Então é verdade — Davi comentou, ajustando seus óculos. — Você realmente nasceu aqui...

— Sim — Otto retirou os documentos que estavam nas suas calças e os espalhou em cima da mesa. Agora que estava sob a luz das lamparinas, conseguiu enxergar melhor o pequeno livro que encontrara e sentiu um nó no estômago.

— O que é isso? — Henrique perguntou e espiou sobre seus ombros. Quando viu os símbolos, ele arregalou os olhos em espanto e ficou calado.

Sua capa continha estranhos símbolos que se juntavam, formando um círculo. No centro havia uma inscrição em letras perturbadoras: *Culto de Samael*. Os símbolos e o título eram dourados e estavam em alto relevo na capa de couro preta.

Apesar de não reconhecer aqueles símbolos, Otto sentia que eles exalavam maldade. A verdade é que ele não queria abrir o livro. Tinha vontade de imediatamente jogá-lo no fogo. Mas isso não seria possível, ele tinha que descobrir o que aquilo significava.

— Está tudo bem com você, Henrique? — Davi perguntou. Otto percebeu a palidez na face do amigo. Suas mãos estavam tremendo e ele apontou para a mesa.

— Esse livro... onde você o encontrou?

— Estava no meio das coisas de Rafael... o que foi? Você sabe o que é isso?

— Eu... n-não... — ele parecia confuso e assustado demais para falar.

— Ei, ei, ei — Davi buscou um copo de água —, fique calmo e nos diga o que está acontecendo.

Henrique tomou o copo em suas mãos e bebeu pouco a pouco. Ele parecia estar refletindo, pensando no que falar enquanto se acalmava. Por fim, ele largou o copo em cima da mesa, virou-se para o padre e perguntou:

— Você sabe o que é *Goetia*?

Otto assentiu. Goetia era uma antiga prática de invocação de espíritos e demônios. Durante seus estudos acerca do sobrenatural, o padre se deparou com algumas referências a essa prática, mas nunca se aprofundou muito no assunto. Sabia apenas que ela estava descrita em um antigo grimório, *A Chave de Salomão*, supostamente atribuído ao antigo rei de mesmo nome.

Apesar de nunca ter estudado a própria Goetia ou a Chave de Salomão, Otto sabia que existia uma lista de demônios citados nessa prática. Ele olhou novamente

para a capa do diário e sentiu um calafrio. Estaria aquele livro relacionado à Goetia?

— Eu sei o que você está pensando — continuou Henrique —, e a resposta é *não*. Eu já li muito sobre invocações e possessões, e nunca me deparei antes com esses símbolos. Sei que eles não pertencem à Goetia, mas é inegável a sua semelhança.

— Pelo amor de Deus, do que vocês estão falando? — Davi perguntou.

— Samael não é um mero sobrenome — Otto lhe explicou —, é também o nome de um conhecido demônio do cristianismo. Em algumas tradições, ele se confunde com o próprio Lúcifer, o anjo caído que tentou usurpar o trono de Deus — ele fez uma pausa e passou a mão por sua barba, que já estava começava a ficar áspera. — Eu não fiz essa relação antes, por que jamais suspeitei que um simples sobrenome ou o título da mineradora pudessem estar relacionado a algo tão hediondo. E, se Henrique estiver certo, esse livro trará consigo práticas de invocações demoníacas. Talvez a invocação do próprio Samael.

— Espere um pouco. Vocês estão me dizendo que existe um culto satânico aqui no vale? Isso é um absurdo! Como poderiam esconder isso de todos nós?

— Talvez — Henrique o encarou — exista muito mais gente envolvida nisso do que você imagina. Pode ser algo que vem acontecendo há muito tempo... desde a fundação da mineradora.

O velho ficou boquiaberto, incapaz de emitir qualquer outro som.

Todos os outros documentos espalhados pela mesa foram, de repente, esquecidos. Por mais que Otto quisesse saber mais sobre seus pais biológicos, sua atenção naquele momento estava voltada para outra coisa: o pequeno livro negro.

— Bem... só há uma maneira de descobrir do que tudo isso se trata — ele se sentou e tocou levemente a capa do livro, sentindo repulsa, como se uma corrente de eletricidade estivesse perpassando seu braço. Não queria descobrir o que se escondia por aquelas páginas, mas não tinha outra opção.

Do lado de fora, o céu começou a lançar novos trovões pelas montanhas. O que era uma simples garoa se transformou em uma tempestade que assobiava um mal presságio pelas janelas abertas. Davi correu para fechá-las.

Aquela *realmente* seria uma longa noite.

QUARTO DIA

30/11/1999

Terça-feira

Capítulo 11

Os minutos rapidamente se transformavam em horas na medida em que os três homens desvendavam o conteúdo daquele livro sombrio. Estavam todos exaustos e tudo o que Otto mais queria era um momento de descanso, mas não podia se permitir esse luxo. Algo lhe dizia que o tempo era curto, como um fluxo contínuo de água correndo por seus dedos, escapando do seu controle.

Quanto mais liam o pequeno livro negro, mais suas suspeitas se confirmavam. O Culto de Samael realmente era um rito satânico, mas diferente de tudo que já tinham visto. Ele não trazia instruções de evocação, regras de adoração, métodos ritualísticos ou qualquer outra informação prática. Dentre aquelas páginas havia uma história com descrições bizarras. Era um livro de doutrinas que descrevia em detalhes toda a história por trás daquela loucura.

O Culto de Samael já existia há mais de um século. Foi fundado por Alexander Samael, um lunático abastado que acreditava ter uma conexão com o mundo espiritual. Com a ajuda de sua riqueza e de companheiros tão loucos como ele, foi criada uma seita que tinha como objetivo idolatrar uma criatura do plano espiritual. Essa criatura era Samael, um demônio descrito em diversas tradições religiosas e, coincidentemente, com um nome que o ligava diretamente a Alexander.

O livro não explicava de onde surgira essas ideias. Provavelmente, tudo era fruto das ilusões de Alexander, mas acabou ganhando força e espaço graças ao poder daquele homem. Não demorou para que a seita crescesse a ponto de a simples adoração não ser mais suficiente. Os cultistas desejavam entrar em contato com o próprio Samael, eles queriam liberá-lo do plano espiritual e trazê-lo para o plano real. Foi assim que surgiram os métodos ritualísticos assombrosos que, ao longo dos tempos e das tentativas, foram se adaptando.

A ideia inicial era usar o próprio Alexander como um receptáculo para Samael. O homem alegava que conseguia se comunicar com o demônio e, seguindo suas ordens, criou um ritual para recebê-lo em seu próprio corpo. O livro trazia em detalhes os terríveis métodos utilizados, que envolviam tortura,

sacrifícios e sofrimento. Samael se alimentava da maldade e da dor e, para invocá-lo, seriam necessários esses elementos.

Os próprios membros do culto se voluntariavam para os rituais, mas nada parecia funcionar. Não demorou para que eles comessem a usar outras pessoas em seus métodos, capturando-as contra suas vontades. O que era descrito no livro de forma tão banal como meios para um fim, era visto por Otto como uma confissão brutal de sequestros, torturas e assassinatos cometidos no passado. A maioria das pessoas usadas nos rituais de Samael provavelmente foram dadas como desaparecidas em sua época, mas ali estava a prova do que realmente acontecera. Tudo era assustador demais. Pensar que tais relatos eram verdadeiros fazia o estômago de Otto se embrulhar.

Davi, que também acompanhava a leitura daquelas atrocidades, pegou novamente sua garrafa e voltou a beber. Em pouco tempo, o velho caiu no sono com o queixo apoiado no peito e a respiração pesada.

As páginas seguintes traziam apenas mais informações detalhadas sobre os processos de invocação que continuavam a falhar. Em determinado momento, Alexander percebeu que ele já estava velho e debilitado, não poderia mais ser o receptáculo de Samael. Foi então que compreendeu algo que sempre esteve diante de seus olhos: era necessário um corpo novo e saudável. Era necessário um bebê, uma criança que já viesse à vida portando o demônio em si.

Alexander, na época, tinha apenas um filho e estava velho demais para ter outros. Oswald, seu filho, já era adulto e também fazia parte do culto. Percebendo que seu pai já estava debilitado e não tinha muito tempo de vida, aceitou tomar seu lugar e continuar com as tentativas dos rituais. A loucura de seu pai acabou por acometê-lo e isso continuou acontecendo pelas gerações seguintes.

Com o passar dos anos, a força do culto aumentou, ao invés de diminuir. A linhagem dos Samael seguia adiante e, sempre que um novo bebê estava prestes a nascer, eles faziam de tudo para invocar o demônio na criança, mas nunca tiveram sucesso. Algo ainda estava faltando.

Foi apenas na quarta geração da família que os irmãos Lúcio e Carlos descobriram o que faltava. A verdade era que apenas os rituais e o uso de um bebê como receptáculo não eram o suficiente para trazer Samael ao mundo humano. Era necessário encontrar um lugar exato para que isso pudesse acontecer, um ponto de conexão entre o nosso mundo e o mundo espiritual. Uma fenda que permitisse a passagem do demônio.

Com essa teoria em mente, os irmãos investiram grande parte do dinheiro da família em pesquisas e exploração. Dessa forma, foi fundada a Mineradora Irmãos

Samael, uma empresa de fachada, cujo verdadeiro objetivo era encontrar o lugar onde ficava essa fenda.

Anos de pesquisa analisando mitos, lendas, teorias e outros tipos de rituais foram necessários para que acabassem cruzando caminho com o Vale dos Sussurros. A região era misteriosamente relacionada a diversos relatos sobrenaturais e aterrorizantes. Era um lugar abandonado, onde nenhum morador da região tinha o costume de visitar. Uma força invisível existia no lugar, afastando tudo e todos dali.

Isso foi mais que suficiente para despertar o interesse de Lúcio e Carlos. Não demorou para que a mineradora demonstrasse interesse em explorar a área. Assim que eles se estabeleceram, formando a pequena vila que subsistia até os dias atuais, logo descobriram uma estranha energia exalada pelas cavernas locais. Novos rituais se iniciaram junto com a exploração. A ideia era utilizar a possível fenda que existia ali para trazer Samael à vida.

— Isso é loucura — disse Otto, folheando o resto do livro —, fruto de um delírio coletivo. A família Samael usou de seu poder para iludir e atrair pessoas a essa bizarrice. Tudo é muito mais perigoso do que eu imaginava.

— Esse culto... é como uma espécie de *religião* — Henrique respondeu.

— Uma religião *satânica*! Nós acabamos de ler descrições detalhadas de assassinatos... *assassinatos*, Henrique! E o pior de tudo é que não sabemos quem está envolvido ou não. Estamos cercados de possíveis homicidas e eu não sei mais em quem confiar.

— E isso tudo... — antes que pudesse terminar sua frase, Davi começou a se remexer na cadeira, arregalou os olhos e gritou. Seu corpo tremia em espasmos, fazendo com que a garrafa em seu colo caísse no chão se espatifando em diversos cacos de vidro.

Henrique e Otto correram em sua direção, segurando seus ombros e cabeça, tentando fazer com que se acalmasse. Pouco a pouco, o velho foi recuperando o controle de seu corpo. Em um de seus últimos espasmos, mordeu a própria língua. Sangue escorreu por seus lábios, queixo e pescoço.

— *Porra!* — Henrique pegou o primeiro pedaço de pano que encontrou e começou a enxugá-lo. — Você está bem, Davi?

— E-eu... — ele ainda tremia e sua boca empapada de sangue o impedia de completar qualquer frase. O velho se virou e cuspiu uma pasta viscosa avermelhada no chão.

— Mas que desgraça! — Henrique se afastou em um salto. — Que merda está acontecendo aqui?

— D-desculpe — Davi enxugou a boca em seu braço, deixando um rastro vermelho em sua manga. Seus olhos ainda estavam arregalados, demonstrando profundo terror. — Malditos pesadelos.

— Está tudo bem — disse Otto, ainda segurando seus ombros. — Já acabou.

— É, eu espero que sim... o que eu perdi?

Os dois amigos trocaram olhares entre si e então contaram resumidamente tudo que descobriram. Davi os ouviu atentamente, interrompendo em alguns momentos para fazer um comentário ou pergunta. No final, ele retirou seus óculos e coçou os olhos. O silêncio pairou sobre eles durante aqueles poucos segundos.

— Então é verdade — ele finalmente disse, colocando novamente os óculos. — Sempre existiu um ritual satânico acontecendo bem debaixo do meu nariz. Como eu nunca percebi isso antes?

— Davi, quem você acha que está envolvido nessa loucura?

— Bem, Lúcio sem sombras de dúvida faz parte desse culto, afinal, ele pertence à própria família Samael. Já Tursan, apesar de eu não compreender seu envolvimento, também parece fazer parte...

— Jesus! — Otto alternou o olhar entre os dois homens. — Agora nós temos uma explicação para os envenenamentos. A morte daquelas pessoas provavelmente fazia parte dos sinistros rituais dessa gente. Laila também está envolvida!

— Eu ainda tenho uma pergunta — Davi o encarou. — E você, Otto? Onde entra nessa história toda?

Até aquele momento, o padre não tinha parado para pensar nisso. Eram tantas as informações que dançavam em sua mente, que ele sequer fez as ligações entre elas. No momento em que Davi fez a sua pergunta, tudo se juntou imediatamente, tomando forma e sentido. Ele sentiu um frio em sua barriga, mas antes que pudesse responder, Henrique se virou para Davi e perguntou:

— Quando foi mesmo que aconteceu o desmoronamento das minas?

— No meio dos anos sessenta...

— Não — Otto o interrompeu, já sabendo o que o amigo estava pensando —, ele quer saber a data exata. No meu primeiro dia aqui no vale, você disse que se lembrava exatamente da data. Qual era?

— Ah sim. Foi em dezembro. Primeiro de dezembro de 1966, um pouco antes do amanhecer.

Henrique mordeu os lábios e disse:

— Exatamente há trinta e três anos...

— ...provavelmente no mesmo dia em que eu nasci — Otto olhou para os outros papéis espalhados pela mesa, ligando os últimos pontos.

Ele nunca soube a verdadeira data do seu aniversário. A única coisa que constava em sua certidão era a data em que fora entregue ao orfanato: três de dezembro de 1966. Quando foi adotado por Júlio e Isabela, em 14 de janeiro de 1978, passou a comemorar seus aniversários nessa data, sem nunca se questionar sobre isso.

Agora, bastava juntar todas as informações daqueles documentos para chegar à conclusão de que Otto nascera há exatos trinta e três anos, naquela mesma vila onde se encontrava, pouco antes de seus pais morrerem soterrados pelo desmoronamento das minas.

— E o que isso quer dizer? — Davi se levantou cambaleante. — Não estou conseguindo acompanhar o pensamento de vocês!

— Davi — o padre lhe dirigiu um olhar sério —, era para *eu* ser o receptáculo de Samael.

— Não! — os dois homens olharam para Henrique. — Isso não está certo — ele folheou o livro negro e continuou falando: — De acordo com o que está aqui, a família Samael sempre escolheu um de seus descendentes para ser o portador. Por que razão eles escolheriam justamente *você* para ocupar essa posição?

Os dois amigos se encararam em silêncio. Realmente, o que Henrique disse fazia sentido. Otto sabia que, de alguma forma, seus pais e ele mesmo estavam relacionados ao que acontecera naquela época, principalmente com o desmoronamento das minas. Mas ele ainda não conseguia entender qual era essa relação.

— Bem — Davi interrompeu seus pensamentos —, talvez você tenha algum laço familiar com eles.

— Não, não, não. Nós estamos perdendo alguma coisa — ele começou a organizar os documentos, enquanto Henrique continuava folheando o livro. — Existe alguma informação que não estamos vendo, algo que me ligue diretamente a esse *maldito culto*!

Ele estava tão cansado... talvez, se tirasse um pequeno cochilo, conseguiria raciocinar melhor.

— *Laila...* — Davi sussurrou. O padre parou o que estava fazendo e o encarou.

— Hã? O que você disse?

— Laila!

Henrique também levantou os olhos do livro e o observou.

— O que tem ela?

— Ela estava grávida naquela época! E todos suspeitavam que Carlos era o pai.

— Então era para essa criança ser o verdadeiro portador...

— Sim! Mas ela perdeu o bebê. Talvez, por isso, eles acabaram escolhendo você para o ritual, Otto, um substituto.

— Mas você não disse que ela perdeu o bebê *depois* do acidente?

— É o que eu pensava. Mas a verdade é que ninguém sabe qual foi a data certa. Tudo o que sabemos é que em um dia ela estava grávida e, no outro, já não estava mais.

— *Meu Deus* — Otto apertou suas mãos —, então isso faz sentido.

Ele estava tremendo. Durante a maior parte de sua vida, Otto se dedicou a Deus, ainda mais pela influência de seus pais adotivos. Agora, como se não bastasse descobrir segredos de seu passado, ainda tinha que digerir a informação de que fora usado como um instrumento em um culto satânico. Era quase uma ironia do destino saber que uma pessoa destinada a ser o portador de um demônio acabou se tornando um padre.

— Otto — Davi o despertou de seu devaneio —, o que você acha que está acontecendo? Eu ainda não entendo...

— Isso não é óbvio? — O padre estava sério. Suas mãos ainda tremiam, mas sua voz era firme e sombria. — O passado se repete. Eles querem terminar o que começou naquela época.

— Como assim?

— Rosa! — Otto descruzou suas mãos e deu um soco na mesa. — Da mesma forma que me usaram como um substituto há trinta anos, agora eles querem usar o bebê de Rosa para invocar Samael.

Sem o acesso à fenda mencionada pelo livro negro, nenhum novo bebê poderia servir como portador do demônio. Laila, sabendo disso, utilizou de seus conhecimentos botânicos para impedir que qualquer pessoa engravidasse durante

esse período de tempo, fazendo assim uma preparação para o que estava prestes a acontecer.

Durante os últimos anos, as minas voltaram a ser exploradas pelo restante dos habitantes e a suposta fenda já deveria estar acessível novamente quando Rosa engravidou. Otto não sabia dizer se sua gravidez teria sido acidental ou proposital. Talvez Laila tenha escolhido diretamente a garota, ou talvez tenha sido apenas um golpe do destino. O importante é que eles estavam prontos para mais uma tentativa de trazer Samael ao mundo através do seu bebê.

Os pesadelos, assassinatos, delírios e todos os outros estranhos eventos do Vale dos Sussurros provavelmente faziam parte do ritual que estava sendo preparado para este momento. Lúcio e Laila sabiam de todos os segredos e práticas por trás do culto satânico, de modo que estavam apenas continuando o trabalho iniciado há tanto tempo.

Assim que Otto terminou de explicar seus pensamentos, Henrique estava com a testa franzida e não disse nada, apenas assentiu com a cabeça. Davi, que ainda estava de pé, finalmente se sentou e perguntou:

— Mas por que Rafael, sabendo de tudo isso, quis que você voltasse para cá?

— Eu não sei... acho que ele acreditava que eu poderia ajudar Rosa. Afinal, eu já escapei das mãos desse culto no passado.

Ninguém disse mais nada e o silêncio pairou sobre eles durante alguns minutos. O único som audível era o da tempestade golpeando a janela de vidro. Do lado de fora, o sol começava a nascer, tentando lançar sua luz através das nuvens carregadas de chuva, mas o clima continuava sombrio.

Os olhos de Otto começaram a se fechar ao relaxante som da chuva. Quando estava prestes a adormecer, a voz Davi o despertou:

— Você acha eles estão usando Elias nesse *ritual*?

— Sinto muito, Davi, mas não vou mentir — o padre apontou para o livro negro em cima da mesa. — Depois de ler tudo o que estava ali, eu acho extremamente possível que Elias esteja sendo usado como um instrumento para esse ritual.

Uma lágrima brotou no canto do olho do velho e começou a escorrer. Ele retirou os óculos e a enxugou.

— E o que nós vamos fazer agora? — Ele perguntou em uma voz sussurrante. — Não podemos ficar parados!

— Eu sei, eu sei... o tempo está se esgotando, mas eu vou pensar em alguma coisa — Rosa era a prioridade naquele momento. Seu bebê estava prestes a nascer, o que significava que eles logo a levariam para as minas. Na verdade, se as coisas se repetissem exatamente como há trinta anos, o ritual deveria acontecer no dia seguinte. O padre sabia que o momento era propício, afinal, estavam prestes a entrar no terceiro milênio. Ele não tinha ideia do que fazer, mas, mesmo assim, respondeu: — Eu prometo.

Batidas na porta o despertaram. Davi arqueou as sobrancelhas em questionamento. A chuva ainda estava forte do lado de fora, quem estaria ali naquele momento?

— Vão para o quarto — ele sussurrou, enxotando os dois dali. — Ei, levem esses papéis, não podemos levantar suspeita!

Henrique juntou rapidamente tudo que estava em cima da mesa e eles entraram no pequeno cômodo, fechando a porta atrás de si. Do outro lado, ouviram o ranger das dobradiças e o vento uivante adentrando a sala.

— Davi — disse a voz rouca de Lúcio —, será que posso entrar?

O velho começou a gaguejar uma resposta, mas então o som de um clique o calou. Passos fizeram com que as tábuas do chão protestassem. Havia mais de uma pessoa ali.

— Onde eles estão? — Uma voz reverberou por toda a casa. Era Tursan.

— E-eu n-n-não...

— Escute aqui! Nós não temos tempo para isso, ou você responde, ou arrancamos a resposta à força!

— M-mas eu... — sua voz foi interrompida pelo som de uma pancada, seguida de um baque surdo. Algo caiu no chão e rolou pela sala.

Outra pancada, seguida de um gemido de dor, bastou para que ficasse claro que Tursan estava batendo nele. Henrique se empertigou, mas continuou calado atrás da porta fechada. Do outro lado, passos estavam se aproximando, enquanto Davi continuava sendo espancado.

Não demoraria para que Lúcio os encontrasse ali. Foi esse pensamento que fez com que Otto escancarasse a porta gritando:

— Parem com isso!

Lúcio imediatamente se virou em sua direção. Estava com a espingarda em mãos, mas a apontou para o chão. Seus olhos emitiam um estranho brilho amarelado, causando calafrios no padre.

Ao lado da pequena mesa de madeira, Davi estava caído com sangue escorrendo pelo rosto. Seus óculos estavam tortos e trincados. Tursan estava de pé diante do velho, pronto para agredi-lo novamente, mas parou no momento em que Otto apareceu. O homem negro era tão grande que quase encostava no teto do pequeno casebre.

— Otto, meu querido — a voz de Lúcio soava diferente —, estava procurando por vocês — ele esticou os olhos e encarou Henrique.

Antes de responder, analisou rapidamente o ambiente ao seu redor. Os olhos de Tursan também pareciam emitir um brilho amarelo. Os dois homens pareciam desvairados. A espingarda nas mãos de Lúcio estava carregada. Se fizesse qualquer movimento brusco, correria o risco de levar um tiro.

Atrás de si, Henrique deu alguns passos hesitantes e parou ao seu lado.

— O que vocês querem? — Ele perguntou.

Tursan começou a rir, mas o som era assustador. A gargalhada ribombava como um tambor ensurdecador. Lúcio também se juntou a ele com uma risada rouca e lunática. O som ecoava por todos os lados, trazendo a loucura consigo. Otto quis tapar seus ouvidos, mas não ousou se mover. Esperou com esforço até que os dois se calassem. Por fim, os risos cessaram e eles ficaram sérios.

— Não se faça de bobo. Você já sabe muito bem o que queremos.

A perna de Davi se moveu com um pequeno espasmo. Ele tentou balbuciar alguma coisa, mas não conseguiu. As feições de Lúcio se transfiguraram de raiva. Ele virou para trás e gritou:

— ACABE COM ESSE PUTO INTROMETIDO!

Sem possibilitar qualquer reação de defesa, Tursan ergueu o corpo magricela do chão, segurou seu pescoço com as duas mãos e o torceu sem a menor dificuldade, como se estivesse matando um frango. Todos os membros se afrouxaram no momento em que houve o estalo do osso se quebrando. O corpo foi jogado de volta ao chão como se não passasse de um objeto descartável.

Um grito subia por suas cordas vocais e seu cérebro comandava com todas as forças que ele se movesse, mas Otto não conseguiu sair do lugar ou emitir qualquer som.

— O que foi, Otto? — A voz de Lúcio readquiriu seu tom casual e ele caminhou em sua direção. — Não consegue sair daí?

Seu corpo inteiro estava paralisado. Sua mente continuava funcionando normalmente, mas não conseguia enviar comandos para seus membros. Lúcio sorriu de forma cínica e sussurrou em seus ouvidos:

— Vamos tentar uma coisa, hã? Siga-me.

Suas pernas começaram a se mover contra a sua vontade e ele o seguiu até o outro lado da sala, parando próximo à janela. Não entendia o que estava acontecendo. Aquele velho parecia ter total controle de seu corpo. Ele queria gritar, espernear, correr, mas tudo o que fez foi ficar parado ali, como um cão domesticado.

Do outro lado, Tursan soltou uma risada debochada enquanto o observava.

— Veja só, você nos pertence, *padre*. Você é apenas mais um instrumento do Deus Cego — ele lhe entregou a espingarda. — Tome, segure isso. Muito bem! Agora aponte para Henrique.

O pânico o dominou no momento em que viu a arma em suas mãos sendo apontada para seu melhor amigo. Henrique também estava inerte, sem dizer uma palavra. Gotas de suor escorriam por seu rosto. Otto quis soltar a arma, mas ela continuou firme em suas mãos.

— Viu só? Não é simples? Se Samael quiser que você atire, você vai atirar — Lúcio se aproximou e passou um dedo pelo cano da espingarda. — Será que ele quer? Será que eu dou a ordem?

Otto queria argumentar. Tentou implorar para que ele parasse com aquilo, mas ficou calado, com todos os sons presos em sua garganta.

— Acho que ele mesmo vai querer fazer isso, não é? — Disse Tursan, e os dois começaram a rir.

— Olhe para mim!

Sem abaixar a espingarda, virou o rosto e o encarou. O brilho amarelo em seus olhos anunciava a maldade por trás daquele velho. Ele deu um passo para o lado e disse:

— Veja, Otto.

Não havia nada ali. Apenas a janela fechada e a chuva a golpeando. Ele não sabia o que deveria observar. As montanhas? O céu cinzento? As casas?

Foi então que percebeu os dois pontos amarelos.

Pensou que fossem faróis, mas logo viu que não. Aquilo não estava do lado de fora, era um reflexo. Estava encarando a si mesmo, sua própria figura espelhada fracamente no vidro da janela. Os pontos amarelos eram seus próprios olhos.

Sentiu-se aterrorizado e sua mente explodiu com gritos surdos.

Os mesmos olhos demoníacos de Lúcio e Tursan também estavam nele. Os dois homens estavam certos, ele era apenas mais um instrumento de Samael. Ele estava perdido, fora consumido por aquele vale.

— Muito bem, meu querido — Lúcio sussurrou em seus ouvidos. — Agora você já sabe o que deve fazer.

Sim. Ele sabia.

Ainda sem o controle sobre seu corpo, sentiu que estava apontando o cano da espingarda para o próprio maxilar. Sem hesitar, puxou o gatilho.

Ele levantou a cabeça assustado.

Henrique e Davi estavam à sua frente, observando-o com curiosidade.

— Está tudo bem, Otto? — Perguntou o amigo.

Gotas de suor brotavam em sua testa e ele sentiu suas mãos tremerem. Então foi tudo um sonho? Adormecera sem querer?

— O que aconteceu?

— Eu é que te pergunto. Você deve ter cochilado.

Cochilado? Uma sensação estranha o dominava.

— Por quanto tempo?

Os dois homens trocaram olhares confusos e Davi respondeu:

— Não sei, foi questão de segundos. Nós ficamos em silêncio por um tempo e você deve ter dado uma *pescada*.

Alguma coisa estava errada. Aquele sonho foi diferente dos anteriores. Otto não sabia explicar o porquê, mas sentia que aquela estranha ilusão tinha algo para lhe dizer. Era algo como um formigamento na mente. A imagem do cano da espingarda apontado para sua própria cabeça ainda estava vívida em sua memória.

Segundos... isso não fazia o menor sentido. Como pôde imaginar tudo aquilo em apenas alguns segundos? A não ser...

— Cara, está tudo bem? — Henrique se levantou e o observava de perto. — Esse olhar vidrado está me assustando. O que aconteceu?

Otto olhou para todos os lados. Tudo parecia perfeitamente normal. Do lado de fora, a chuva continuava caindo e o sol ainda tentava se esgueirar pelas nuvens. As janelas e a porta da casa estavam fechadas. Nenhum visitante inesperado passara por ali. Por que, então, ele estava tão nervoso?

— Eu acho — começou a responder — que tive uma visão.

— *Visão?* — Davi também se aproximou. — Do que você está falando?

— Não sei exatamente. Só sei que nesses poucos segundos que cochilei, eu tive uma espécie de pesadelo. Mas foi diferente dos anteriores.

— Diferente *como?*

O padre contou para eles os eventos que se passaram em sua cabeça.

— E o que isso tem de diferente? — Perguntou Davi. — O que você disse me parece como qualquer outro pesadelo.

— Mas não é! — Ele não conseguia explicar. Era como se uma voz em sua mente o alertasse. Era algo que não podia ser colocado em palavras sem parecer que estava louco. — Foi uma visão. Um *aviso*.

— Aviso? — Henrique franziu a testa. — Aviso de quem? De *Deus*? — Ele soltou um bufo de escárnio. — Você não pode estar falando sério.

— Eu não sei... não consigo explicar. Mas vocês têm que acreditar em mim. Algo está para acontecer, e nós temos que sair daqui!

Os três ficaram em silêncio trocando olhares entre si. Henrique parecia querer protestar, mas, antes que dissesse alguma coisa, Davi assentiu.

— Certo, eu não ousou duvidar de você, padre. Vamos embora daqui. Temos que achar Elias de qualquer forma.

Os dois seguiram para a porta, mas foram interrompidos por Henrique.

— Eu não queria desanimar vocês, mas, caso não perceberam, o céu está desmoronando do lado de fora. Se vamos sair daqui, precisamos *no mínimo* de um plano. Para onde você pretende ir, Otto?

Parando para pensar, ele realmente não tinha nenhum plano. Tinha que encontrar Elias e Rosa, pois ambos estavam em perigo, mas não sabia por onde começar. A verdade é que, naquele momento, a única coisa que conseguia pensar era em sair daquela casa. Ele esperava a qualquer momento que alguém batesse na porta.

— Davi, você acha que... — antes que terminasse a frase, Otto viu dois vultos na janela. Ele correu até lá e enxergou Lúcio e Tursan ao longe. Os dois usavam mantos pretos e seguiam em direção ao casebre de Davi.

Seu coração disparou. O sonho foi realmente um alerta. Eles tinham que sair dali rapidamente, aproveitar enquanto os dois homens ainda estavam longe. Sem dizer uma palavra, agarrou a mão de Henrique e o puxou para perto da porta. Fez um sinal para que todos ficassem calados e então a abriu lentamente.

Gotas de chuva espirraram para dentro da sala. O vento estava tão forte que parecia querer arrancar a porta de suas mãos e jogá-la para dentro. Um relâmpago ressoou ao longe e Otto aproveitou o estrondo para sair correndo com Henrique e Davi em seu encalço.

Assim que abandonaram a proteção do pequeno casebre, suas roupas se encharcaram e seus corpos ficaram rígidos com a baixa temperatura. As ruas do vilarejo haviam se transformado em um monte pastoso de lama, tornando cada passo um desafio. Não demorou para que seus pés ficassem encobertos pelo barro.

De repente, como um passo bizarro de magia, uma névoa espessa os encobriu, tornando impossível enxergar um palmo à frente do nariz. Por um lado, aquilo era bom, pois impediria que Lúcio e Tursan os enxergasse. Por outro lado, a cegueira acabava com seu senso de direção. Eles não sabiam para que lado deveriam seguir.

A verdade é que Otto não tinha ideia do que estava fazendo. A urgência de fugir de onde estavam sobrepôs qualquer outra decisão racional. Agora eles tinham que caminhar às cegas até encontrarem uma solução para a situação e, então, poderiam traçar um plano mais consistente.

Não tinham outra escolha.

Henrique puxou seu braço, fazendo com que estancasse o passo. Otto o encarou e o amigo sussurrou algo inaudível. O som da chuva ao seu redor era muito forte.

— O que você disse?

— Essa ch-chuva est-t-tá fria pra *caralho*! — Ele estava batendo os dentes e seus lábios estavam com uma coloração arroxeadada. — O q-q-q-que vamos f-f-fazer?

Aquela tempestade realmente estava gelada. Algo estranho para aquela região. Os dias anteriores foram todos quentes, com o sol escaldante saudando suas cabeças e, de repente, foram surpreendidos por aquela tempestade congelante.

— Vamos achar um abrigo... que Deus nos ajude! Davi, você tem alguma noção de onde estamos?

Atrás de Henrique, o velho também tremia e sua aparência estava bem pior. Ele abriu a boca e tentou dizer algo, mas não conseguiu. Deu alguns passos hesitantes para o lado e os outros o seguiram.

Pararam diante de uma casa e Davi a observou durante alguns segundos. Por fim, ele apontou para uma direção e começou a tossir.

— Vamos, meu amigo — Otto se aproximou para ajudá-lo, mas ele recusou. Ainda estava firme para caminhar.

Eles seguiram na direção apontada por mais alguns minutos. Apesar da névoa, Otto reconhecia levemente o pouco que conseguia enxergar ao seu redor. Estavam no centro do vilarejo, próximos da central administrativa.

Qualquer cobertura que encontrassem já seria de grande ajuda. A construção central pelo menos ofereceria meios para que se aquecessem.

No momento em que estavam de frente para o *saloon*, Davi continuou seguindo. Não era aquele o destino que o velho tinha em mente. Eles enfrentaram a chuva por mais alguns segundos e então pararam novamente em frente à maior construção do vilarejo.

— É claro... por que não pensei nisso antes? — Otto sussurrou para si mesmo.

As portas da igreja estavam fechadas, mas cederam quando Henrique as empurrou. Os três entraram e, assim que se trancaram, foram acolhidos pelo calor aconchegante do local.

Otto estava ajoelhado no chão empoeirado, diante da grande cruz de madeira. Não sabia dizer se estava rezando ou não, o momento era de tanto desespero que ele apenas torcia para que tudo se resolvesse. Sua mente fervilhava com diversos conflitos que estavam sendo travados ao mesmo tempo. Ele não sabia o que fazer. A melhor opção, dizia seu lado racional, era dar um jeito de fugir do vale. Porém, ele sabia que não podiam deixar Elias para trás, seu pai não aceitaria tal plano se não estivesse com o filho. Além disso, tinha também Rosa. Não permitiria que uma mulher inocente e grávida permanecesse nas mãos daquelas pessoas lunáticas.

O tempo continuou correndo em seu desfavor enquanto continuavam ali. Em um banco ao seu lado, Davi retirou sua camisa ensopada e tentava se aquecer com

alguns panos velhos que estavam espalhados pela igreja. Do lado de fora, a chuva continuava a cair, mas a névoa que cobria o vilarejo estava se dissipando.

— Pessoal — Henrique caminhava de um lado para o outro, em frente à porta de entrada, visivelmente desconfortável —, temos que sair daqui. Ficar parado não vai nos ajudar em nada.

O peso da verdade naquelas palavras afundou ainda mais o estado emocional de Otto. Sim, eles tinham que sair dali e fazer alguma coisa. Mas a pergunta era: o que?

Ele não sabia quantas pessoas exatamente estavam por trás das insanidades do culto de Samael. Assim que pusessem os pés para fora da igreja, só Deus sabe o que poderia acontecer. A triste realidade era que, por mais que soubesse que estavam perdendo tempo ali, ele sentia que aquele era um lugar seguro e, por isso, não tinha coragem de abandoná-lo.

Mas Henrique estava certo. Otto se pôs de pé, pronto para tomar uma decisão. Foi nesse momento que a porta da igreja se escancarou com um estrondo.

Tursan teve que se abaixar para passar pelo umbral, seguido por Lúcio, que segurava sua espingarda, apontando-a para frente.

— Muito bem — a barba do velho estava ensopada, respingando pelo chão enquanto falava —, eu sabia que vocês estariam aqui!

— Seus *filhos da puta...* ei, calma! — Henrique deu dois passos ameaçadores, mas parou e levantou suas mãos no momento em que o cano da espingarda foi apontado para ele. — Só quero saber o que está acontecendo aqui.

Os dois homens estavam vestidos com mantos pretos e não pareciam estar com frio. Otto reparou imediatamente em seus olhos, temendo ver uma luz amarelada emanando deles. Não havia nada ali. Lúcio mantinha apenas uma expressão séria e deu um sorriso cínico antes de responder.

— *O que está acontecendo aqui?* — Ele puxou um longo catarro e cuspiu no chão da igreja. — Eu vou lhes dizer o que está acontecendo aqui: um monte de *merda*! Desde que vocês chegaram, estamos vivenciando um caos. Rafael apareceu morto e hoje eu acabo de descobrir que sua casa foi incendiada! — Ele continuou falando, mas Otto ignorou tudo o que ele dizia. Apenas ficou o encarando com um olhar frio. Por fim, quando ele se calou, o padre disse:

— Pode parar, Lúcio. Nós já sabemos de tudo.

O velho arqueou as sobrancelhas em genuína surpresa.

— O que quer dizer com isso? — Ele olhou ao redor, encarando Tursan e Henrique, e depois voltou a olhar para o padre, esperando resposta.

— Não se finja de bobo — Otto manteve um tom ameaçador em sua voz. Não sabia o que estava fazendo, mas sentiu que aquele era o momento de virar o jogo. — Eu realmente estive na casa de Rafael...

— Ah, eu sabia, você...

— Cale a boca! Eu estava lá quando a incendiaram. Eu sei que a ordem foi sua. O jogo acabou! Eu já sei sobre o culto de Samael. Sei que vocês são loucos. E sei que não estou aqui por mera coincidência — ele deu alguns passos à frente, ignorando a espingarda apontada para seu peito. — Agora só me resta saber uma coisa, o que vocês querem comigo?

Lúcio abaixou a arma, passou a mão na cabeça e olhou novamente para Tursan, que apenas deu de ombros, sem dizer uma palavra.

— Otto, Otto... vejo que você andou fazendo o dever de casa — ele deu o seu sorriso cínico —, mas ainda tem muita coisa para aprender! Tursan, leve-o daqui.

De início, o padre achou que estavam falando dele, mas o gigantesco homem negro agarrou os pulsos de Henrique e começou a puxá-lo para fora da igreja. O amigo começou a protestar e tentou se livrar do aperto, mas Tursan era forte demais para ele.

— Não! — Otto correu em sua direção, mas estancou o passo no momento em que ouviu a espingarda sendo armada.

— Paradinho aí, padre — a voz rouca soava ameaçadora. Tursan e Henrique já estavam do lado de fora e Otto queria segui-los, mas temeu levar um tiro pelas costas.

— Por que vocês estão fazendo isso?

— Puxa vida, você é tão inteligente. Será mesmo que ainda não entendeu o que está acontecendo aqui?

Eram tantas as decisões a serem tomadas. Deveria arriscar tudo e seguir Henrique? Ou deveria ficar ali e esperar por outra oportunidade? Os acontecimentos das últimas horas pareciam sufocá-lo. Sentia-se perdido em um vórtice de questões incompreensíveis. Armadilhas se espalhavam por todos os lados e, a cada vez que pensava em salvar alguém, apenas colocava outra pessoa em perigo. Otto já não sabia mais que decisões tomar, temia que suas escolhas fizessem apenas o mal. Tudo estava dando errado. Ele estava afundando cada vez mais em suas próprias escolhas.

— Lúcio, você não acredita realmente nessa loucura — sua única arma naquele momento era a palavra. Argumentar com Lúcio seria o equivalente a cruzar o oceano a nado. O velho não era apenas um cabeça-dura, ele era louco. Mas, mesmo assim, teria que tentar. — Seja lá o que vocês estão fazendo aqui, não vai funcionar!

— Belas palavras, padre. Mas você mesmo sabe que elas são falsas! Eu sei que Samael falou com você, ele te tocou! Não adianta fingir que tudo é uma mentira, porque você sabe que não é — ele abaixou a arma e se aproximou. — Os pesadelos eram *reais*. Que explicação você pode dar para isso?

Até aquele momento, Otto não sentira medo de enfrentá-lo, mas seu corpo se estremeceu e ele não quis responder. O padre constantemente tentava apelar para seu lado racional para explicar os estranhos eventos que aconteciam naquele lugar, mas a verdade era que nem tudo tinha explicação. Para ser honesto, quase nada tinha explicação.

Percebeu naquele momento que sua falta de fé o cegara. Sua constante racionalidade o impedia de encarar aquela situação da forma correta. Desde que começou a se interessar por casos sobrenaturais, Otto esperava encontrar algo que pudesse regatar sua crença. Quando chegou ao Vale dos Sussurros, acreditou que aquele pudesse ser o caso que cumpriria esse papel, mas isso jamais aconteceria se ele não se dispusesse a aceitar essa realidade.

Talvez esse era o momento crucial para abraçar as razões que o levaram até ali. Aquela era a hora de aceitar que nem tudo poderia ser explicado. Ele tinha que abrir seus olhos. Ele tinha que acreditar.

Lúcio deu uma risada rouca ao perceber o olhar desolador do padre.

— É isso aí, eu sei no que você está pensando. Tem coisas que você ainda não entendeu, padre. É hora de parar de se achar tão esperto.

— Então me explique.

— Oh, jamais imaginei que ouviria isso de você — Lúcio apoiou a espingarda no chão, tirou um cigarro do bolso, e o acendeu com um fósforo. Deu uma tragada e exalou a fumaça sem pressa nenhuma para responder. Por fim, ele apenas disse: — Não.

— O que? Por que *não*?

— Oras, tudo tem o seu momento. Se você não fosse tão curioso, não estaria tão confuso. A verdade era que você não deveria saber de *nada*.

— Lúcio, por favor... eu sei que nasci aqui, sei que meus pais morreram, mas eu não entendo por que estou de volta. Por favor, diga-me pelo menos isso.

O velho deu outra tragada no cigarro e soltou uma risada enquanto liberava o ar.

— Ah, bem... já estamos quase no fim mesmo, acho que não custa nada eu te dar algumas satisfações, sem estragar a surpresa final — ele pegou a espingarda do chão e continuou com o cigarro aceso na outra mão. — Tudo é muito simples, Otto. O *Deus Cego* está dentro de você. Para trazê-lo de volta, precisamos retirá-lo daí.

Aquilo foi como um soco no estômago. Lúcio riu ao ver sua expressão.

— Você acha que é mentira, não é? Mas no fundo, bem no fundo, sabe que é verdade... você é o portador de Samael!

— NÃO! — Otto gritou. — Isso é loucura, você não percebe?

— É você quem não está percebendo as coisas! Basta juntar as peças, padre. Sim, bastava juntá-las.

Otto já suspeitava que, no passado, fora usado nos rituais de Samael. As datas nos registros encontrados na casa de Rafael levavam a essa conclusão. Mas ele jamais suspeitou que esse ritual tinha sido bem-sucedido. A verdade é que, até aquele momento, ele não tinha acreditado em nada disso.

Agora, porém, além de acreditar, ele se sentia sujo. A simples ideia de que tinha sido utilizado em um ritual satânico fazia com que ele se sentisse desconfortável, como se houvesse algo em seu corpo que não lhe pertencia. Um parasita.

Não! Não podia deixar se levar por isso. O que estava sentindo naquele momento era apenas um efeito psicológico da informação que recebera. Não era possível que um demônio habitasse seu corpo, isso era loucura. O lado racional de sua mente voltara a lutar contra suas crenças.

Sem saber o que estava fazendo, ele correu para cima de Lúcio, ignorando a arma em suas mãos. Aquelas pessoas estavam realmente delirando. Impossível dizer o que planejavam fazer com Otto ou Rosa para *tirar o demônio* dele.

Tudo aconteceu tão rápido que Lúcio não conseguiu se defender. O padre jogou seu corpo contra o dele antes que pudesse mover a espingarda. Os dois rolaram pelo chão da igreja, levantando poeira por todos os lados. A arma voou para o outro canto e um trovão ressoou do lado de fora.

— Seu *desgraçado* — Lúcio tentava empurrar Otto para longe, mas o padre era mais forte e o manteve preso ao chão. — Você vai morrer de qualquer jeito! O

Deus Cego precisa viver! — O velho estava alucinando, com baba escorrendo pelo canto de sua boca enquanto ele continuava xingando em tons incompreensíveis.

Um vulto de repente atravessou a igreja, chamando a atenção de Otto. Por um momento, ele se assustou, pois pensava que estava sozinho. Foi só quando viu Davi, que se lembrou que ele também estava ali. O amigo ficou calado durante todo o tempo, mas agora estava se aproximando, com a espingarda empunhada e gritou:

— Lúcio, onde está Elias?

Otto rapidamente se levantou, temendo que Davi fizesse alguma besteira. Lúcio continuou deitado no chão resmungando, mas se calou quando viu sua própria arma apontada para si. O espanto ficou evidente em seu rosto.

— Oras, Davi, abaixe isso — sua voz não soava tão confiante.

— *Onde está meu filho?* — Davi repetiu a pergunta entre os dentes cerrados. Ele estava sem camisa, deixando à mostra seu corpo magro, com o peito subindo e descendo em uma respiração pesarosa. — Responda, seu *desgraçado*!

— Pare de me encher o saco e abaixe...

Um estrondo ecoou pela igreja e Davi foi jogado para trás, caindo sentado no chão. Otto ficou confuso e só entendeu o que estava acontecendo quando ouviu os gritos de Lúcio.

— AH, SEU *FILHO DA PUTA*, EU VOU TE MATAR!

O velho continuou gritando de forma agonizante, enquanto se contorcia no chão. Sua perna direita estava empapada em uma massa pastosa de sangue, carne e osso. O tiro de espingarda destroçara boa parte de seu joelho e Otto sentiu uma dor no estômago ao ver aquela cena.

Davi se levantou, surpreso com o coice da arma. Aproximou-se e a apontou novamente para Lúcio.

— Onde ele está?

— VOCÊ VAI MORRER, SEU DESGRAÇADO! — Lúcio continuou xingando, enquanto se arrastava pelo chão, deixando um rastro de sangue por onde sua perna frouxa passava. — Você vai encontrar o seu filho no inferno!

Não havia mais para onde se arrastar. Lúcio estava com as costas apoiadas na parede da igreja e a arma continuava apontada para ele. O som da espingarda sendo armada encheu o ouvido de todos e o cartucho vazio quicou pelo chão.

— Cadê Elias?

— Davi — Otto se aproximou e apoiou a mão em seus ombros, temendo a decisão que o velho pudesse tomar —, se ele morrer, não conseguiremos resposta alguma.

— Eu sei — ele respondeu e continuou caminhando, guiado por sua fúria cega.

A ponta da espingarda ainda estava fumegante e ele a enfiou no machucado recém-aberto pelo tiro. O som da carne sendo cauterizada se misturou aos gritos de Lúcio, que começou a se contorcer em agonia. Sem retirar a espingarda de sua posição, Davi disse em tom ameaçador:

— Se você não responder à minha pergunta, juro que atiro novamente.

— NÃO! — Ele gritou em pânico. — Por favor, *não*!

— Então comece a falar.

Otto queria se intrometer. Não aguentava ver aquela tortura, mesmo se tratando de Lúcio. Mas sabia que aquela era a única maneira de conseguir tirar algo de útil daquele desgraçado.

— Ele está nas minas! Junto com os outros... AHH, tira essa merda daí, tá doendo! — Ao invés de afastar a arma, Davi a afundou ainda mais no meio da carne, fazendo Lúcio gritar.

— Continue falando!

— Ele está nas minas, *eu já disse*, porra!

— E por que vocês o prenderam? O que pretendem fazer com ele?

— TIRA ISSO DAÍ!

— Se eu tirar — ele afundou um pouco mais a arma, fazendo os gritos ecoarem mais altos que os relâmpagos —, você vai me responder? — A dor era tanta, que Lúcio apenas abanou a cabeça em concordância.

Davi afastou a arma, que trouxe consigo pedaços de pele dependurados no cano.

— *Put a que pariu!* Eu vou te matar! — Lúcio começou a resmungar, mas assim que viu a escopeta se aproximando, levantou as mãos para o alto. — NÃO! Tudo bem, eu respondo... — ele tomou um ar, sentindo todos os seus membros tremerem, e então começou a falar: — Não era para nada daquilo ter acontecido, foi tudo culpa desse padre intrometido.

— O que?! — Otto se virou para Davi. — Eu não fiz *nada*, eu juro!

— Fez sim, seu *filho da puta*! Você encontrou o garoto no meio da floresta!

— Do que você está falando?

Lúcio soltou um suspiro que Otto não soube dizer se era de dor ou impaciência.

— Era para ser uma encenação... no dia em que você me encontrou na floresta, era para Elias ter desaparecido. Mas como você nos fez o desserviço de encontrá-lo, eu tive que improvisar o final da história. A ideia era que ele ficasse desaparecido e a culpa do meu ataque e do assassinato de Rafael caísse sobre ele.

— Então foi você quem matou Rafael?!

Lúcio começou a rir, mas logo parou, pois sentiu uma forte dor na perna.

— Ah, Otto... você se acha tão esperto, né?

Antes que continuasse, Davi perguntou:

— Mas por que vocês o deixaram vivo no meio do mato? O que vocês querem fazer com meu filho?

— Eu não tinha muito tempo — ele soltou um gemido de dor. — Elias estava fazendo a ronda comigo, e eu tinha que nocauteá-lo com a ajuda de alguns... amigos. Ele precisava ficar vivo — ele deu um sorriso de escárnio para Davi —, porque ainda serviria como um *sacrifício* para o ritual. Agora, já deve estar morto — ele começou a rir com dificuldade. — E se não estiver, eu juro que vou matá-lo na sua frente, seu *filho da...*

Davi levantou a espingarda e a apontou para a cabeça de Lúcio.

— Espere! — Otto gritou, pensando nas perguntas que ainda queria fazer, mas era tarde demais. O gatilho foi puxado e a espingarda estourou com um coice violento. Pedacos de cérebro se espalharam pelas paredes da igreja, sujando tudo de sangue. O corpo de Lúcio caiu de lado com um baque macio. Seu rosto estava transfigurado em uma máscara monstruosa de crânio e músculos.

Quando o eco do tiro se dissipou, eles foram tomados por um silêncio fúnebre. Otto sentiu suas pernas fraquejarem, e então caiu no chão.

Capítulo 12

Ele já não conseguia mais distinguir o que era real ou ilusão.

Estava cercado por uma escuridão infindável, onde vozes sussurrantes ecoavam por todos os lados em um cântico aterrorizante.

Ave Dominus Mendacium. Ave Caecus Dei.

Nem se deu o trabalho de gritar ou tentar se mover. Ficou apenas parado, rezando para que tudo aquilo fosse apenas outro sonho. Queria acordar em sua cama em Pedra Branca. Queria nunca ter ouvido falar no *Vale dos Sussurros*.

Os sons demoníacos foram diminuindo pouco a pouco até desaparecerem por completo, deixando-o sozinho na mais densa escuridão.

— Rafael — disse uma voz feminina —, não temos mais tempo... leve-o daqui.

— Mas como vocês pretendem acabar com isso? — Perguntou uma voz masculina vagamente familiar.

— Com isso — respondeu outro homem.

— Dinamites... vocês sabem o que vai acontecer, não é?

— Sim — a mulher respondeu em um tom lamentoso —, mas não há mais nada que possamos fazer. Pelo menos acabaremos com essa loucura!

— Vá, meu amigo — disse o outro homem.

De repente, Otto se sentiu inundado por um estranho calor.

Carinho.

Era como se seu corpo estivesse flutuando na infinita escuridão, guiado por uma bondade até então desconhecida. Estava sendo abraçado por braços que nunca conheceu, mas que já amava.

— Vai ficar tudo bem, meu querido — a mulher sussurrou em seus ouvidos. — O mal deste lugar nunca irá te afetar. Tenho certeza disso.

Naquele momento, sentiu-se seguro como jamais sentira antes. Sabia que podia enfrentar qualquer infortúnio que viesse pela frente.

O momento de afeto então terminou, e Otto sentiu que estava se afastando.

Ele quis lutar para ficar ali. Não queria se separar daquelas pessoas. Queria aquele conforto pelo resto de sua vida. Mas ele não conseguia se mover.

Ouviu passos ligeiros abaixo de si, que estancaram no momento em que o homem gritou ao longe:

— Não se esqueça... seu nome é Otto! Eu sempre soube que seria um menino!

Otto...

— Otto! Acorde!

As lágrimas rolaram para fora no momento em que suas pálpebras se abriram. Davi o encarava com um olhar suplicante.

— O que aconteceu? Está tudo bem?

O padre se levantou, bateu a poeira de suas calças ainda úmidas e enxugou as lágrimas do rosto. Aquela era a primeira vez que desejava não ter acordado. A realidade o atingiu como um tapa na cara e ele imediatamente sentiu a dor como um peso em seu coração. Uma sensação nostálgica inexplicável o dominava. Ele queria voltar para aquele lugar confortante em que estava, para perto das pessoas que o amavam.

— *Otto!* — Davi se aproximou, encarando-o de perto. — Por que você está com essa cara sonhadora? Está se sentindo mal?

Ele abanou a cabeça e respondeu:

— Não, está tudo bem — olhou para o lado e viu o que restara de Lúcio. Mais uma vez a realidade estava ali para afrontá-lo. — Foi apenas um choque por presenciar essa violência toda.

— Eu sei, meu amigo. Eu gostaria que as coisas tivessem terminado de outro jeito, mas eu não tive escolhas — ele tocou seu braço com uma das mãos e, com a outra, estendeu-lhe a espingarda. — Você deveria ficar com isso.

— Acho melhor não — Otto se afastou. — Eu não gosto de armas.

— Tem certeza? Nós vamos precisar de proteção.

— Sim, eu sei. Mas acredito que existam outros meios.

— Tudo bem então. De qualquer forma, acredito que só tenha mais dois ou três tiros. Espero que eu não tenha que usá-la novamente.

— Eu também... vamos, temos que sair daqui agora.

Alguém com certeza ouviu o tiro. A igreja já não era mais um local seguro. Eles tinham que encontrar não apenas Elias e Rosa, mas também Henrique, que mais uma vez fora capturado.

Já não era a primeira vez que Otto tinha a sensação de que os problemas naquele lugar, ao invés de serem resolvidos, apenas se acumulavam.

Os dois homens saíram da igreja e encararam a chuva torrencial que continuava caindo. A névoa, porém, se dissipara por completo, revelando o vilarejo que se estendia à frente deles. Suas ruas estavam desertas e não havia qualquer sinal da direção que Tursan seguira. Mas não precisava ser nenhum gênio para adivinhar isso, eles tinham que ir para as minas.

Assim que deu o primeiro passo para fora e foi tomado pelas gotas de chuva, Otto sentiu o frio congelante da tempestade. Lembrou-se da dificuldade que passaram ao cruzar os poucos metros entre a casa de Davi e a pequena igreja. Para ir até as minas, teriam que cobrir uma distância pelo menos cinco vezes maior.

— Davi, você acha que aguenta ir até lá debaixo dessa chuva?

— Que escolha eu tenho?

— Bem... — Otto voltou para o lado de dentro, passando os olhos pelos bancos destruídos, pelo crucifixo de madeira e, por fim, pelo corpo inerte de Lúcio. O manto negro que ele usava parecia ser feito de algum material impermeável. Poderia funcionar como uma capa de chuva. Mas, infelizmente, aquele estava com as pernas e capuz destruídos pelo tiro. Além do mais, a ideia de roubar o manto de um homem morto soava bastante mórbida. — Onde podemos encontrar outros mantos como aquele?

— Eu não faço ideia. Mas eu consigo caminhar até as minas, Otto, acredite em mim.

Ele não acreditava. Davi estava em um estado lamentável quando chegaram na igreja. O velho não tinha condições de encarar aquela chuva novamente, não naquelas condições.

O local mais próximo da igreja que podiam ir era na central administrativa. Naquele horário, levando em consideração o fato de que os membros do conselho estavam todos *ocupados*, o lugar provavelmente estaria vazio. Otto esperava que lá houvesse algum manto parecido com aquele ou, ao menos, algo que os protegesse da chuva. Ao expor a ideia para Davi, ele disse:

— Então eu vou com você.

— Não, acho melhor esperar aqui. Voltarei assim que encontrar algo que nos ajude a atravessar esse temporal.

— Essa não é uma boa ideia. E se alguém estiver lá? Todos eles devem estar querendo nos matar a essa altura, Otto. Tome — ele lhe entregou a espingarda —, pelo menos leve isto com você.

— Eu não...

— Sem discussão! Se você vai sozinho, é melhor que tenha algo para se defender. Só por precaução.

O padre queria contestar, mas viu a razão por trás daquelas palavras. Por mais que não gostasse de armas, era melhor se prevenir. Ele pegou a espingarda com cuidado e saiu correndo pela chuva. Nem se despediu do amigo, pois esperava não demorar mais que alguns minutos para voltar.

A central administrativa ficava a apenas alguns passos de distância. Assim que parou em frente à construção, viu a corrente na porta de entrada e teve certeza de que o lugar estaria fechado. Mas, para sua surpresa, não havia nenhum cadeado ali. Assim que ele retirou as correntes, a porta se escancarou, arrebatada pelo vento feroz.

Como esperado, o salão estava vazio. Do lado de dentro, o som da chuva soava abafado, com um tamborilar incessante de gotas dardejando o teto de madeira. O cheiro de comida inundou suas narinas, fazendo com que se lembrasse do jantar fracassado da noite anterior. Na pressa, os habitantes do vilarejo devem ter levado os restos de comida para suas próprias casas, mas o cheiro ainda estava lá, fazendo o estômago de Otto roncar.

O padre deixou a espingarda apoiada em um banco de madeira e caminhou por lá, observando a longa mesa de reunião ainda desorganizada pelos preparativos do jantar. Lamentou-se novamente pela morte de Rafael, motivo que frustrara a noite de todos e que desencadeou a situação em que se encontravam agora.

Procurou por restos de comida na mesa, torcendo para que alguém tivesse esquecido algo ali. Encontrou um cesto de pães no cômodo ao lado, parecido com uma cozinha, onde eram preparadas as refeições noturnas. Otto pegou um deles, partiu-o pela metade e o enfiou na boca, aliviado por ter algo para preencher seu estômago vazio. Embrulhou os outros em um pano e os colocou por dentro da camisa, pensando em leva-los para Davi.

Enquanto mastigava, procurou em todos os cantos do salão por algo que pudesse protegê-los da chuva. Logo avistou um cabide ao lado da porta de entrada. Havia alguns chapéus pendurados ali e um estranho sobretudo preto, que não era impermeável como o manto de Lúcio, mas que poderia ajudá-los mesmo assim.

Engoliu o resto de comida que estava em sua boca, colocou o sobretudo em seu ombro, ajustou sua camisa para que os pães não caíssem, e pegou novamente a espingarda, preparando-se para voltar à igreja. Quando saiu e encarou novamente a chuva, seu coração disparou ao enxergar uma enorme figura negra caminhando ao longe. Tursan estava de volta. E Davi estava sozinho.

Otto saiu em disparada, rezando para que conseguisse chegar na igreja antes de Tursan. No fundo, ele já sabia que não dava tempo. Enquanto o padre ainda estava na metade do caminho, o homenzarrão já abria a porta da igreja.

Ouviu o grito no momento em que alcançou a porta. Um rugido feroz, que fez todos os pelos em seu corpo se arrepiarem.

Alguém estava com raiva.

Otto entrou veloz como uma bala, deixando os pães caírem no chão, e viu Tursan de costas para ele, apontando para o corpo de Lúcio.

— *Quem fez isso?* — Sua voz ribombante ecoava pelas paredes com tanta força que parecia ser capaz de fazer as telhas da igreja desmoronarem.

— Eu mesmo — Davi respondeu em um tom firme. Tentava soar confiante, mas não estava sendo muito convincente. Sua figura estava oculta pelo corpanzil de Tursan, mas Otto sabia que ele devia estar se encolhendo a cada passo dado pelo gigante.

Não houve tempo para qualquer tipo de reação. Tursan se jogou para cima de Davi como um leão atacando sua presa. Seus braços musculosos subiam e desciam em movimentos rápidos e constantes, esmurrando tudo que estava abaixo dele.

A única parte visível de Davi eram suas pernas, que tremiam em espasmos a cada soco levado. Tudo aconteceu tão rápido que Otto ficou sem reação. Seu pesadelo estava tomando formas reais. Ele levantou a arma, apontando-a para as costas de Tursan, e gritou a plenos pulmões.

— PARE COM ISSO — armou a espingarda — OU EU JURO QUE ATIRO.

Tursan não parou.

Ignorando o aviso, ele continuou socando. Seus punhos estavam manchados de sangue e, a cada movimento, borrifos avermelhados se espalhavam pelo chão. Otto ainda não conseguia enxergar o rosto de Davi, mas sabia que a situação não era boa. Ele não tinha outra escolha. Temia que sua mira falhasse, mas era tudo que podia fazer. Puxou o gatilho.

O estouro em si foi fraco, se comparado ao o coice da arma.

Otto voou para trás, com um terrível zunido em seus ouvidos. Caiu de costas no chão, sem saber o que tinha acontecido. Levantou-se rapidamente, sem soltar a espingarda e se sentiu zozzo. De repente, tudo parecia quieto demais.

À sua frente, o corpanzil de Tursan estava estatelado de bruços sobre Davi. A parte de trás de sua cabeça estava agora deformada em um monte encefálico sangrento. Ele parecia ter sido escalpelado. O tiro não o acertou por completo, caso contrário, o estrago teria sido muito maior. Parte dos projéteis disparados também acertaram a base da cruz de madeira, que agora estava esburacada e manchada com os restos mortais daquele gigantesco homem.

Otto inconscientemente fez um sinal da cruz, pedindo perdão por aquela profanação. Logo em seguida, lembrou-se de Davi e correu para retirar o corpo de Tursan de cima dele, na esperança de encontrar o velho ainda vivo.

Quando terminou de movê-lo, enxergou o que restou de seu amigo. Os punhos de Tursan tinham sido impiedosos, mais pareciam golpes de marreta do que meros socos. O rosto de Davi não passava de um monte de carne deformada e indistinguível. Seus óculos estavam partidos e um de seus olhos foi amassado para dentro do crânio, ocultado por um inchaço que se formou imediatamente ao seu redor. Seus lábios estavam com diversos cortes e sua mandíbula foi deslocada, fazendo a boca pender frouxamente para o lado. Seu nariz também estava quebrado, com sangue jorrando de ambas as narinas, escorrendo por seus bigodes que um dia foram brancos.

— Davi! Davi! — Otto segurou sua cabeça com cuidado, temendo que pudesse piorar os danos causados. — Você consegue me ouvir?

Por alguns segundos, o silêncio pairou sobre eles. O padre estava ajoelhado aos pés da cruz, com a cabeça do amigo em seus braços, temendo que ele estivesse morto. Mesmo que ele sobrevivesse, seria impossível escapar de um golpe daqueles sem sequelas. Lágrimas ameaçavam rolar de seus olhos no segundo que ouviu um gorgolejar saindo da boca de Davi.

— O que? — Foi inundado de alívio ao perceber que ele ainda estava vivo. — Não consigo entender, Davi. Mas não faça esforço para falar, vou procurar por ajuda... *vai ficar tudo bem* — Otto sentia a mentira daquelas últimas palavras, mas mesmo assim as pronunciou.

— Nh-n-ão... — o velho ainda tentava se comunicar — *E-eeee-eeee... e-ias...*

Ele parecia inquieto. Sabia que estava morrendo e tentava passar sua última mensagem à Otto. Continuava murmurando sílabas incompreensíveis, sons

engasgados que não faziam sentido nenhum, até que finalmente o padre conseguiu entender o que ele dizia... *Elias*.

— Ei, ei... está tudo bem, eu vou encontrá-lo e tirá-lo daqui — de alguma forma, sabia que aquelas palavras também eram falsas, mas aquilo era o melhor que podia fazer para um velho em seus últimos momentos. — Agora descanse. Poupe seus esforços. Nós vamos sair dessa...

Davi moveu sua boca em algo que talvez pretendesse ser um sorriso e sua respiração ficou cortante. O ar passava com dificuldade em sua garganta. Ele estava agonizando. Piscou seu único olho saudável algumas vezes e uma lágrima escorreu dali. Antes que ela alcançasse sua têmpora, o velho já estava morto.

Otto se pôs de pé e vomitou pedaços do pão e comera e um jorro de bile que irritou sua garganta. Quando terminou, olhou ao seu redor e viu os três corpos mortos espalhados por ali com sangue por todos os lados. Um verdadeiro show de horrores em um lugar que deveria ser sagrado. Já não tinha mais vontade de chorar. Estava inflamado por uma raiva cega e tudo que conseguia pensar era em acabar com aquilo.

Armou a espingarda, e a capsula vazia quicou no chão.

O vento assoprou para dentro da igreja, molhando a soleira da porta. Os pães ainda estavam caídos ali, junto com o sobretudo que encontrara. Ele caminhou lentamente para fora, sem olhar para trás, ignorando todo o resto. Só queria que tudo terminasse logo.

A chuva o atingiu como um balde de gelo, mas nem assim ele parou de andar.
— *Psiu*.

O som foi a única coisa que conseguiu chamar sua atenção.

Quando virou para trás, viu uma figura ao lado da igreja. Estava coberta por um manto preto. O capuz levantado ocultava seu rosto.

Otto apontou a espingarda, prestes a puxar o gatilho, mas então enxergou os olhos amarelos brilhando abaixo da sombra do capuz. Olhos que pareciam um vórtice, atraindo-o sem piedade. Estava hipnotizado por aquele olhar de pura maldade, sem conseguir manifestar o medo que sentia por dentro.

Seu sonho realmente estava se realizando. Davi estava morto pelas mãos de Tursan, e agora ele sentia que não podia se mover.

Mas aquilo era uma ilusão. Era apenas o medo tentando dominá-lo. Tudo que precisava fazer era enfrentá-lo. Não poderia deixar que um homem oculto por sombras o amedrontasse daquela maneira.

— Saia daí — Otto disse em uma voz fria e impassível. — Agora!

Aquilo não era um pesadelo, era real. Era ele quem comandava seu corpo e sua mente. Se aquela pessoa não se movesse, ele puxaria o gatilho. Estava prestes a fazer isso, quando ouviu a risada feminina.

— Ah, Otto — a figura se aproximou e abaixou o capuz, revelando o rosto de Beatriz —, você matou meu pai...

— Beatriz, pare aí!

— ...e acha que...

— Estou falando sério.

— ...vai ficar por isso mesmo?

— Eu vou atirar!

— Você vai *morrer* — ela deu um sorriso, mas dessa vez não havia nada de sensual naquele gesto. Pelo contrário, estava parecendo um animal raivoso prestes a atacar.

— Por favor, não me faça atirar — ela não parou, e ele não teve outra escolha.

Puxou o gatilho, mas nada aconteceu. Puxou novamente e Beatriz continuou se aproximando. Ela soltou uma risada sinistra. Já sabia desde o início que ele estava sem munição.

No desespero de sair correndo, Otto virou para trás apenas a tempo de ver um objeto se aproximando rapidamente de sua cabeça. Depois disso, sentiu uma forte dor e viu o chão de terra se aproximando. Tudo se apagou antes mesmo do impacto.

Os sussurros estavam por todos os lados. O mesmo cântico infernal de sempre. Mas havia algo mais. Som de fagulhas? Uma fogueira estalando? Ele não sabia dizer. Estava preso outra vez na escuridão, mas não sentiu medo, sabia que aquilo era um pesadelo. Pelo menos ele esperava que fosse.

Tentou se mover, mas não conseguiu. Sentia-se grogue, fora do comando de seu próprio corpo. Quis dizer algo, mas mal sentia sua língua. A boca estava dormente e tudo o que conseguiu foi emitir um som pastoso.

Shhhh...

O que era aquele som? Quem estava ali?

O crepitar das chamas vinha de um local próximo. Queria alcançá-la. Queria conseguir enxergar alguma coisa. Por um momento, sua mente viajou no tempo de volta ao acidente de carro que o trouxe ao Vale dos Sussurros. Teve a esperança de que estivesse de volta àquele lugar. Talvez o som que ouvia fosse apenas a chuva caindo sobre os destroços do carro.

Os sussurros persistiam ao longe. Eram baixos, quase abafado pelo som da suposta fogueira. A escuridão também perdurava. Esforçou-se novamente para se mover, mas não sentia nada. Era como uma mente vazia perdida em um espaço negro. Um viajante sem corpo. Tentou gritar, mesmo sem saber exatamente o que *era* sua boca, e sentiu como se estivesse falando debaixo da água.

Shhhhh! Cale a boca!

Alguém estava ali com certeza!

Otto já estava se acostumando com aquele tipo de pesadelo. Jurou que não iria se amedrontar. Já estava esperando enxergar os olhos amarelos e a voz sibilante do seu demônio inconsciente. Iria enfrentá-lo sem temor.

Mas nada aconteceu.

O tempo passava lentamente, como um líquido viscoso escorrendo por seus dedos. A espera pelo momento de acordar começava a se tornar insuportável. Não presenciou algo do tipo em nenhuma das outras vezes que adormecera.

Onde exatamente ele estava? Mesmo sendo aquilo um sonho, como ele foi parar ali? Sua mente estava turva, não conseguia raciocinar direito. Havia algo relacionado aos seus pais. Não os pais adotivos, mas sim os biológicos... o que era mesmo?

Lembrava-se do vale, de reencontrar Henrique, e do assassinato de Rafael, mas sentia que estava perdendo algo. Não enxergava um ponto importante à sua frente, como se as lembranças das últimas horas houvessem se apagado de sua memória.

Talvez esse sentimento fosse comum em sonhos. Ele não sabia.

Mesmo assim, continuou se esforçando. Onde adormecera? Ele estava tão cansado ultimamente, que poderia cair no sono em qualquer lugar que sentasse para descansar as pernas. Mas ele não se lembrava.

As chamas estalaram em algum lugar à sua frente e, junto com elas, uma centelha de pensamento veio em sua mente.

Uma palavra: Samael.

As memórias partidas despencaram como uma enxurrada em sua cabeça. Os pontos começaram a se ligar involuntariamente na medida em que se recordava de tudo que acontecera. As imagens saltavam em sua mente, surgindo como visitantes indesejáveis, que entravam sem bater na porta.

Lembrou-se do culto.

Elas vinham cada vez mais rápidas, de forma devastadora, causando dor e sofrimento a cada milissegundo que antecipavam o que estava por vir.

Lembrou-se de todas as mortes.

Otto quis gritar, correr, chorar... qualquer coisa que o tirasse dali.

De repente algo emergiu de seu inconsciente e tomou forma.

Vingança

Não, não era isso.

Vingança

Ele não queria se vingar, queria apenas acabar com aquilo.

VINGANÇA

— NÃO! — Sua voz ecoou pela escuridão infinita.

Seu próprio som fez com que recuperasse o controle de sua mente e ele finalmente abriu os olhos apenas para descobrir que estava chorando. Desejou permanecer no esquecimento. Arrependeu-se do segundo que decidiu sair de Pedra Branca para ir àquele lugar desgraçado.

— *Cale a boca, Otto!*

A voz era real!

Mesmo com os olhos abertos, sua visão estava embaçada. Percebeu que estava em uma sala pequena, cercado por uma nuvem de fumaça branca. A iluminação da fogueira no centro do local fez seus olhos doerem.

— Quem está aí? — Ele perguntou. Ainda sentia sua língua pesada e inchada. Estava falando como um bêbado, mas pelo menos conseguia se comunicar.

— Pelo amor de Deus, *cale a boca!*

— Elias? É você? — A voz vinha do outro lado da fogueira, mas a fumaça estava densa demais, impedindo-o de enxergar qualquer coisa.

— Sou eu, mas fique quieto! Eles não podem saber que você acordou.

Elias! Mal podia acreditar que finalmente o encontrara. Agora que estavam tão pertos um do outro, sentiu uma onda de esperança banhar seu peito.

— De quem... — antes de terminar a pergunta, ouviu uma porta ranger em algum ponto ao seu lado. A sala aquecida imediatamente começou a esfriar e a fumaça branca foi se dissipando, como se tragada por uma enorme boca.

Quando o ambiente ficou límpido, Otto pôde ver onde estava. Aquela era uma sala vagamente familiar, com paredes e teto rugosos de terra. Era uma caverna.

Para além da luz da fogueira, uma figura estava deitada no chão em posição fetal, lançando sombras dançantes pelo cômodo. Era Elias, e todos os seus membros estavam presos por correntes, não permitindo que se movesse. Apesar disso, o amigo parecia estar sem nenhum ferimento grave.

A mente de Otto ainda estava um pouco turva e, apesar de ter recuperado seu autocontrole físico, percebeu que seus membros também estavam presos e dormentes. Ele ainda não sabia se aquilo tudo era real ou apenas mais um pesadelo.

Na outra parede, entre ele e Elias, uma porta estava aberta, revelando apenas escuridão. Desde que a fumaça se dissipou, os sussurros que ouvira anteriormente se tornaram mais altos. Era uma ladainha satânica em adoração à Samael, pronunciada em diversas línguas diferentes. O som fez com que todos os seus pelos ficassem eriçados.

Uma pessoa entrou no quarto. Usava um manto preto com um capuz encobrindo-lhe o rosto. Otto imaginou que fosse Beatriz, mas descartou essa ideia ao ver a forma grosseira como ela se movimentava. A figura caminhou até a fogueira e seu rosto se iluminou.

— Laila...?

A velha estava sorrindo. Seus olhos cegos moviam-se de um lado para o outro, enquanto ela apanhava algumas ervas dentro de seu manto e as jogava no fogo.

— Laila, tire-me daqui! O que está acontecendo?

Quanto mais o padre gritava, mais a velha sorria. Por fim, ela soltou uma gargalhada rouca, virou-se para ele e, com os olhos inquietos, disse:

— Não se preocupe, garoto, falta só um pouco — depois disso, jogou um pó branco em cima do fogo, fazendo as chamas aumentarem. Saiu da sala dando uma risada baixa e fechou a porta atrás de si.

— O que foi isso? — Otto perguntou a Elias.

Ele soltou um suspiro e respondeu:

— Eles estão se preparando para alguma coisa — fez uma pausa e se remexeu desconfortavelmente. — Eu estou com medo, Otto.

A fogueira voltou a exalar uma fumaça branca que logo encheu o cômodo. Tinha um odor adocicado, quase agradável. Otto ficou com medo de se sufocar, mas isso não aconteceu. Ele apenas voltou a se sentir grogue e seus pensamentos pouco a pouco foram se afastando para um canto desconhecido de sua consciência.

Por diversas vezes, na fina linha entre a realidade e a ilusão, Otto viu o rosto de Laila. Algumas vezes ela estava rindo, noutras não. De vez em quando ela apenas o encarava com seus olhos brancos, ou então entornava um líquido em sua garganta, forçando-o a engolir. Ele não tinha forças para lutar. Estava constantemente embriagado por seja-lá-o-que-for que ela queimava na fogueira.

A fumaça branca não se dissipou mais.

Ele não conseguia mais enxergar Elias ou se comunicar. Ficava em um constante vai e vem do consciente para o inconsciente. Tinha momentos em que pensava que o amigo não estava mais lá. Desesperava-se com a solidão que sentia nessas horas.

E foi nesse estado de insanidade que o tempo passou. Não sabia distinguir quando estava realmente sendo drogado ou quando tudo era apenas alucinações de sua mente entorpecida. A sensação era de que dias haviam se passado, mas podiam ser apenas horas ou minutos.

Uma voz (não sabia dizer se era real ou não) lhe dizia para ficar calmo. Algumas outras vezes ela pedia para que ele parasse de gritar. Em outras, ela mesmo gritava com ele. Vozes, gemidos, gritos, ameaças e desculpas circundavam sua cabeça em um turbilhão de loucura. Em seus maiores momentos de pânico, ele ouvia a voz de Henrique, acusando-o de ter causado tudo aquilo, dizendo que eles nunca deveriam ter saído de Pedra Branca. Era tudo verdade. A obsessão de Otto com o sobrenatural acabou sendo a pá que ele utilizou para cavar a própria cova.

Nos poucos momentos em que *acreditava* estar são, ele se questionava se o quer que Laila estivesse fazendo não deixaria sequelas. Talvez aquele fosse o motivo pelo qual os membros do culto eram todos lunáticos. As substâncias tóxicas que ingeriram ao longo dos tempos acabaram fazendo com que perdessem a noção da realidade, culminando tudo em uma adoração a um ente demoníaco.

Otto ficou com medo. As palavras de Lúcio ecoaram em sua mente:

O poderoso Deus Cego está dentro de você.

Era tudo *mentira*! Tinha que ser! Como as pessoas podiam realmente acreditar naquelas coisas? Ele não queria terminar como elas. Tinha que lutar

contra essa demência. Tinha que permanecer são.

— Otto — alguém o chamou. Não sabia que aquilo era um eco de sua imaginação ou algo real, por isso nem tentou responder. Mas a voz repetiu: — Otto!

Me deixem em paz!

— Por favor, acorde!

Por que estão fazendo isso comigo?

— Eles estão chegando!

Parem com isso!

— Você precisa fazer alguma coisa... lute contra isso!

Papai? Mamãe?

Seu coração disparou. Se havia algo que pudesse ajudá-lo naquele momento, era a lembrança de ter descoberto seu passado. Foi ali que seus pais morreram para salvar sua vida. Não havia prova maior de amor do que aquela. A bondade daquele ato conseguia ultrapassar todo o mal existente no Vale dos Sussurros. Aquelas terras podiam ser a representação física da perversidade, mas também carregavam consigo a memória do amor de seus pais, pessoas que Otto jamais conheceu, mas por quem nutria profundo respeito e afeto.

Foi com esse pensamento em mente que ele conseguiu se livrar do vórtice de loucura que parecia querer consumi-lo.

— Otto? Você está aí?

O quarto ainda estava cheio de fumaça, mas ele conseguiu enxergar a silhueta de Elias por trás das chamas. Então era ele quem o chamava, e não seus pais. Ficou decepcionado por um momento, mas logo se recuperou.

— Estou — respondeu com a voz embriagada.

— Ah, graças a Deus! Escute, acho que já não temos muito tempo... você precisa se livrar dessas cordas que estão te prendendo.

Otto tentou mover os braços, mas seus membros estavam dormentes e os nós estavam firmes demais. Olhou para o amigo, questionando-se se não seria mais fácil para ele sair dali. Então viu as correntes refletindo o fogo. A situação dele era bem pior.

— Eu não consigo...

— Dê um jeito, meu amigo. Estou sentindo que aquelas pessoas já terminaram o que tinham para fazer e agora virão atrás de nós.

— Há quanto tempo estamos aqui? — Ele continuou esfregando os punhos, na tentativa de desfazer o nó que prendia seus braços.

— *Shh*, fale baixo. Eu não faço ideia, só sei que estou morrendo de fome.

Os dois ficaram em silêncio enquanto Otto ainda tentava se livrar das cordas. O único som audível era o crepitar da fogueira e o atrito de seus punhos. Para além da porta fechada, eles já não ouviam som nenhum. A melodia infernal parecia ter acabado, esse talvez fosse o motivo pelo qual Elias suspeitava que o culto estava a caminho.

Seus pulsos começaram a arder com a pressão das cordas. O padre também começou a mexer os pés, na tentativa de romper qualquer parte da corda. Durante esse processo cansativo e doloroso, pensou no que faria depois, caso obtivesse sucesso. As minas provavelmente eram um labirinto interminável com diversas bifurcações que os deixaria ainda mais perdidos. Tinham que ter um plano melhor.

Bastou ele pensar nisso para a porta da sala se abrir. Alguém passou sorrateiramente pelo umbral, tentando não fazer barulho. Otto se assustou com o movimento repentino e sentiu seu coração parar de bater por um segundo. Logo em seguida, sentiu um alívio imensurável ao ver quem estava ali.

A fumaça logo se dissipou, revelando a alta figura de Henrique parada diante dele. Ele estava com suas roupas surradas e segurava um punhal.

— Otto! — Ele arqueou as sobrancelhas e se virou para trás. — E Elias! *Porra!*

— Henrique, pelo amor de Deus, tire a gente daqui — o padre queria abraçá-lo e agradecer aos céus por ver seu amigo bem.

— Não se preocupem, eu consegui pegar isso — ele levantou o punhal — de um daqueles *filhos da puta*. Vamos ver o que dá para fazer...

Ele ficou de costas e correu na direção de Elias, que começou a dizer:

— Não, não, eu estou preso em correntes! Ajude Otto antes!

Mas Henrique não parou, agachou-se e agarrou as correntes.

— Puta merda, como vamos tirar isso daqui?

— Esqueça, vá ajudar Otto, ele está preso por cordas! *Rápido!*

Nesse momento, outra silhueta apareceu diante da porta. Era Beatriz, vestida em seu manto preto com o capuz abaixado. Henrique estava de costas para ela e não percebeu sua presença. Ela ficou parada ali, apenas observando o que acontecia.

— Cuidado! — Otto gritou, mas o amigo permaneceu parado. — Pelo amor de Deus, olhe para trás! *Henrique!*

E então ele ouviu uma risada que fez seu sangue gelar. Aquela era a risada de alguém que já tinha ultrapassado todos os níveis da insanidade.

Henrique de repente se levantou, ainda de costas, e virou seu rosto para Otto. Por um segundo, seus olhos refletiram as chamas da fogueira, adquirindo uma coloração amarelada. Ele sustentava um meio sorriso no rosto e, só então, o padre percebeu que a risada vinha dele. Seus ombros subiam e desciam enquanto ele continuava rindo.

— Meu Deus... — Otto sussurrou — o que está acontecendo?

Em resposta, Henrique apoiou o pé em cima da cabeça de Elias, abaixou-se e cravou o punhal em seu pescoço. As correntes tilintaram enquanto o filho de Davi tremia com espasmos. Não demorou para que seu corpo ficasse inerte e uma poça de sangue se acumulasse ao seu redor.

Capítulo 13

O tempo de repente parecia ter congelado. A cena de terror que acabara de presenciar foi marcada a ferro quente em sua cabeça. Aquilo tinha que ser um pesadelo. Não era possível que Henrique, um conhecido desde sua infância, estivesse agindo daquela forma. Tinha que ter outra explicação.

A fogueira ainda era refletida pelos olhos do amigo, deixando-os amarelados. Era como se a criatura de seus pesadelos acabasse de se materializar à sua frente. Estaria Henrique possuído? Se aquilo fosse real, essa era a única explicação plausível.

— Ah, Otto... — o tempo se descongelou no momento em que a voz de Henrique dispersou seus pensamentos. — Você parece surpreso. Será que, com toda sua inteligência, você não previu esse cenário?

Ele se aproximou, desviando-se do fogo, e agachou para ficar à altura do padre.

— Isso é realmente novidade para você? Sério? — Ele começou a rir. O som novamente parecia ser emitido por uma pessoa não só louca, mas também perigosa. — Eu achei que você fosse mais esperto que isso.

— Henrique... — ele queria dizer alguma coisa, mas a fala estava presa em sua garganta. Aquilo ainda era intragável, ele tinha que acordar! A sensação de irreabilidade era tanta que ele se sentia em uma projeção astral, fora de seu corpo, assistindo àquele *show de horrores* a partir de um ângulo diferente. Mas, no fundo de seu coração, temia que tudo fosse real. E se isso se confirmasse, ele simplesmente não saberia o que fazer.

— O que foi? Está sem palavras? — Ele se levantou e chutou a barriga de Otto. A dor subiu por suas entranhas, retorcendo seus órgãos internos, e foi expelida como um vômito seco. O gosto azedo da bile inundou sua boca enquanto ele arfava. — Diga-me uma coisa, *meu amigo*, em todos esses anos de amizade, você nunca se questionou qual era meu sobrenome completo?

Do que ele estava falando? O assunto foi tão inesperado, que Otto demorou alguns segundos para compreender. Ele sabia que o amigo se chamava *Henrique Vieira*, mas não se lembrava de que havia algo a mais ali. De repente, a capa de um dos livros escritos pelo amigo veio à sua mente, e lá estava seu nome completo: *Henrique S. Vieira*. Aquilo parecia tão irrelevante, que Otto nunca parou para pensar qual era o significado daquela abreviação. Agora, naquele momento, a

resposta surgiu em sua mente como um forte tapa na cara. Henrique percebeu sua expressão e sorriu de forma cínica.

— Sim, é isso mesmo. Meu nome é Henrique *Samael* Vieira — o sorriso se transformou em um esgar e ele continuou em um tom de ódio: — Você realmente cogitou a ideia de que *você* seria um substituto ao meu legado? Que uma escória como você, filho de um mineiro com uma *vagabunda*, tomaria meu lugar?

— Mas isso não faz sentido...

— Deixe de ser *idiota* — ele gritou e deu outro chute no estômago do padre. — Você não entende nada? Será que terei que preencher todas as lacunas para você?

E então Henrique começou a falar. Ele narrou uma sucessão de fatos que, por mais inacreditáveis que fossem, faziam sentido.

Há mais de trinta anos, naquela mesma data, Otto estava nascendo em frente à entrada das minas no Vale dos Sussurros. Isso já não era surpresa. Mas ele não era o único. Outra criança também estava vindo ao mundo junto com ele: Henrique, o filho de Laila.

Os boatos diziam que aquela mulher havia perdido o bebê no dia em que as minas desmoronaram, mas isso não era verdade. Henrique nascera forte e saudável. Ele estava destinado a ser o receptáculo de Samael. Todo o ritual estava sendo preparado dentro das minas, e seu nascimento ocorreu próximo à localização do suposto elo entre os dois mundos.

Mas algo deu errado no ritual. A invocação de Samael não foi completa, e ninguém conseguia entender o motivo. Foi então que descobriram que Joana também estava em trabalho de parto e Otto nascia no mesmo instante que Henrique. Isso interferiu no ritual e Samael ficou repartido em dois receptáculos: Otto e Henrique.

Os cultistas, ao perceberem o que tinha acontecido, foram atrás do outro recém-nascido, pois seria necessário seu sacrifício para finalizar aquilo que tinham começado. Os pais de Otto, porém, já haviam se preparado para aquela situação. Sabendo que seriam perseguidos, eles montaram uma cadeia de explosivos dentro das próprias minas e a explodiu para salvar o próprio filho. Na explosão, eles acabaram se matando, mas Rafael cuidou para que Otto saísse do vale.

Muitas outras pessoas morreram, inclusive mineiros inocentes que estavam apenas trabalhando. Mas Laila conseguiu escapar com seu bebê. A mulher, porém, estava em um estado lastimável e acabou ficando desacordada em algum lugar isolado da floresta. Rafael acabou cruzando seu caminho ao ouvir o choro de

Henrique, e acabou levando-o consigo, na esperança de que aquela criança pudesse crescer longe da influência maligna do vale.

Otto e Henrique acabaram sendo entregues ao orfanato em que cresceram. Rafael tinha a intenção de acompanhar o crescimento das crianças, mas acabou voltando ao Vale dos Sussurros para resgatar uma mulher chamada Isabela, irmã de Joana. Antes que os dois conseguissem sair de lá, acabaram sendo capturados por aqueles que restaram do culto. Foram presos e torturados por diversos anos. Tudo fazia parte de um plano maior, que começou a ser formado naquela época. Eles pretendiam tentar novamente invocar Samael no futuro, só não sabiam o tempo que seria necessário para isso.

Isabela conseguiu escapar vários anos depois, e Rafael, depois de todo o martírio que passou, acabou ficando louco.

— Isabela? — Otto perguntou. De toda a história que escutara, aquele foi o nome que mais lhe chamou a atenção.

Henrique começou a rir.

— Sim, Isabela! Soa familiar? — Ele mantinha um sorriso zombeteiro em seu rosto. — Sua mãe adotiva é, na verdade, sua tia! Não são tantas coincidências em um mesmo lugar? É uma *pena* que ela tenha morrido antes de te revelar qualquer coisa...

— Isso não é verdade! Você está mentindo! — Otto tentava mover seus braços e se livrar de suas amarras. Não queria escutar nenhuma outra palavra. Aquele não era seu amigo. — Por que está fazendo isso, Henrique? O que aconteceu com você?

— *O que aconteceu?! — Sua expressão zombeteira se transformou em puro ódio. Henrique franziu as sobrancelhas, cerrou seus dentes e disse em uma voz fria: — Vou lhe dizer o que aconteceu, Otto... você me abandonou! Todos que passaram pela minha vida me abandonaram! Você tem alguma ideia do que foi crescer naquele lugar sozinho?! Você não consegue nem imaginar as coisas pelas quais eu tive que passar naquele orfanato depois que você foi embora. Tudo porque sua querida mãe, digo, tia, não quis me adotar... aquela puta me via como o mal encarnado!*

Ele caminhava de um lado para o outro enquanto falava. Seus pés levantavam poeira do chão. Beatriz ainda estava parada na porta, assistindo a tudo em silêncio.

— Graças a você — ele continuou —, minha vida foi uma desgraça! *Você* foi o responsável pela morte do meu pai! *Você* foi o responsável por me tirarem deste lugar! *Você* foi o responsável por TUDO! Eu cresci sem pais, sem lar, sem as

alegrias que uma criança deveria ter. Minha única companhia era você, que acabou me abandonando.

— Henrique, eu sinto...

— NÃO SENTE NADA! Cale a boca, Otto! Você só merece a minha ingratidão — ele se virou de costas e ficou em silêncio, encarando a fogueira. Os segundos se arrastavam como horas e Otto não sabia o que dizer. Por um momento, sentiu pena do amigo, mas sabia que nada justificava a barbaridade da situação em que se encontravam agora. De repente, o corpo de Henrique começou a tremer, e o padre imaginou que ele estivesse chorando. Apenas quando ele se virou, percebeu que estava rindo. — Sabe... isso tudo é bem engraçado. Se Isabela não fosse tão egoísta, se ela também tivesse me adotado, nada disso jamais teria acontecido. Estou dizendo, Otto, a culpa de tudo está em suas mãos!

— Por que você diz isso?

— Ah, mas como você é *burro*, não percebe? A sua presença aqui não é uma ironia do destino, muito menos um chamado de Deus! Foi tudo minuciosamente planejado desde o dia em que minha mãe descobriu onde eu estava. É claro que, para isso, Rafael teve de ser torturado até os limites de sua sanidade. Aquele velho desgraçado se recusou até o último segundo a revelar aonde ele nos levou. Mas no fim, tudo se resolveu. Aconteceram alguns impasses, é claro, mas foi justamente no dia em eu completei meus dezoito anos e estava prestes a sair daquele maldito orfanato que Laila me encontrou.

“De início, pensei que fosse apenas uma louca e não lhe dei ouvidos. Mas Laila sabe ser uma pessoa insistente quando quer, e acabou me convencendo. Foi assim que, em segredo, vim para o vale pela primeira vez. Apenas Laila e meu tio, Lúcio, sabiam que eu estava aqui. Ah, eu fiquei encantado com este lugar. A tolice das pessoas que viviam por aqui despertou algo em mim que eu não conhecia. Eu tive prazer em ver como todos eles viviam em uma escuridão constante, acreditando que eram assombradas por forças invisíveis, quando, na verdade, era minha própria mãe quem os manipulava da mesma forma como se adentra um cachorro.

“Eles me contaram sobre Samael e os rituais e, mais uma vez, pensei que fossem loucos. As assombrações do Vale dos Sussurros eram apenas frutos da mente humana e imaginei que minha própria família também estivesse ficando louca ao fazer uso de seus próprios venenos entorpecentes. Mas eu estava enganado. Quando senti o poder de Samael fluindo em meu sangue, descobri que era tudo verdade! Só então fui compreender a complexidade do trabalho que faziam aqui, a importância de trazer o nosso *Deus Cego* para o mundo dos vivos! ”

— Henrique! Pelo amor de Deus, ouça o que você está dizendo — Otto estava aflito. Temia que o amigo estivesse perdendo sua lucidez. — Nada disso é verdade, e você sabe disso! Você não pode...

As mãos de Henrique agarraram sua garganta abruptamente, sufocando-o. Ele estava agachado, encarando-o com os olhos injetados de raiva.

— Deixe eu terminar minha história — ele disse com os dentes cerrados, e então soltou suas mãos, permitindo que Otto respirasse. — Já estou cansado de suas intromissões, *padre*. Estou chegando na melhor parte, escute bem — ele se levantou e continuou caminhando de um lado para o outro enquanto falava: — Laila me explicou o que deveria ser feito. Ela me contou sobre você, sobre como a sua presença seria necessária para terminar o ritual e, só então, trazer Samael ao nosso mundo em uma nova criança. Foi então que começamos os nossos preparativos.

“Sim, meu *amigo*, esse foi um plano longo e complexo. De alguma forma, eu tinha que reencontrá-lo e ganhar a sua confiança. Enquanto isso, minha mãe continuou usando suas medicinas para manter um controle de natalidade aqui no vale, impedindo que qualquer outra gravidez pudesse atrapalhar nossos planos — ele parou de caminhar por um momento e disse em um tom zombeteiro: — Pobres mulheres que se engravidaram por acidente neste período... acabaram *desaparecendo*, se é que me entende.”

Então essa era a explicação para a infertilidade no Vale dos Sussurros! Otto ficou abismado ao descobrir que aqueles lunáticos eram capazes de matar mulheres grávidas apenas para sustentar seus delírios. Naquele momento, enquanto observava a macabra transformação de seu único amigo em um *monstro*, Otto temeu pela vida de Rosa.

— Mas, enfim, eu acabei te encontrando em Santa Rita — continuou Henrique, ignorando todo o sofrimento do padre. — Reestabelecer a nossa amizade foi mais fácil do que eu imaginava. Sabe, eu pensei que você demonstraria algum arrependimento por ter me abandonado no orfanato, mas você sequer mencionou isso em todos esses anos! Para você, era algo que não tinha grande importância.

Ele parou de falar e caminhou em sua direção. Otto olhou para cima, sustentando seu olhar ameaçador. Jamais vira Henrique com tanta raiva.

— Você não faz ideia do quanto eu quis te matar durante esses anos! Do quanto foi difícil para mim *fingir* ser seu amigo, quando, na verdade, tudo que eu pensava era em te ver sofrendo! Ah, Otto... — ele continuou a encará-lo — a espera apenas tornou a recompensa mais prazerosa. No dia em que matei seus *pais* adotivos, eu me senti tão satisfeito que quase gozei nas calças...

Aquela confissão atingiu Otto com tanta força, que ele pensou que iria desmaiar. Sentiu seu estômago revirar e o vômito subiu queimando sua garganta. Como não conseguia se mover, acabou se engasgando ao expelir o líquido ácido.

Qualquer esperança que residia em seu coração de ver Henrique como seu amigo novamente, acabou indo embora, deixando um gigantesco rombo para trás. Uma das únicas pessoas que confiava era, na verdade, o assassino de seus pais. Aquilo não era uma simples alucinação momentânea, Henrique era um psicopata dissimulado. Otto se sentiu mal por ter sido seu amigo durante tanto tempo. Como pôde se deixar enganar?

Henrique começou a rir.

— Isso é tão bom — disse ele. — Durante três longos anos eu quis te contar isso apenas para ver essa expressão na sua cara. A espera valeu a pena — ele começou a rir novamente. — Sabe... naquele dia, quando Isabela abriu a porta, ela sorriu ao me ver. Achou que minha visita era uma surpresa para o seu aniversário. Júlio também estava lá, lendo o jornal no sofá...

— NÃO! — Otto gritou. — EU NÃO QUERO SABER!

— ...ele me cumprimentou com um aceno de cabeça e continuou lá. Só se levantou quando ouviu o disparo vindo da sala. Sua tia já estava morta quando ele chegou. Ao me ver com a arma na mão, correu como um louco para o quintal...

— CALE A BOCA! — Saliva respingava pelo chão a cada grito. — CALE A BOCA, SEU DESGRAÇADO!

— ...não sei o que ele estava pensando, ele não tinha para onde correr e eu o segui calmamente. Bastou ele olhar para trás e *BUM*, eu reguei as plantas com o que restou do seu cérebro.

— EU VOU TE MATAR — Otto se debatia para frente e para trás. Estava cegado pela fúria causada por aquelas palavras. Seu coração murchava com a tristeza que sentia, mas sua mente se inflamava de ódio. Tudo o que queria era calar a boca de Henrique, e queria fazer isso da pior forma possível.

— Você não vai fazer nada. Esse é o seu fim, Otto. O plano seguiu seu caminho exatamente da forma como o preparamos. Eu sabia que, quando você perdesse seus pais, você também perderia sua fé. Eu me aproveitei disso para fazer sua cabeça. Durante os últimos três anos, adaptei-o aos meus interesses, até o exato momento em que viemos para cá.

— Não... — a mistura de sentimentos fez com que Otto começasse a chorar.

— Sim! Você acha que Gabriel o encontrou por acaso? Que Rafael o enviou por conta própria? É claro que não! Tudo já estava planejado. Durante anos, nós

arquitetamos esse momento. Laila já sabia que, com a gravidez de Rosa, seu marido iria querer sair do vale. Também já sabia que Rafael tentaria ajudá-lo, enviando-o justamente para quem? Você! Aquele velho idiota acreditava que você era o único capaz de *salvar* este lugar — Henrique soltou uma risada —, como se precisasse de alguma salvação. E me diga uma coisa, o que acontece depois que as pessoas cumprem seus papéis? — Ele fez uma pausa, como se esperasse uma resposta de Otto, mas então continuou: — Elas se tornam descartáveis!

“Matar Rafael foi uma coisa tão simples. Ele era tão velho e fraco que nem teve muita graça. É claro que foi prazeroso, mas não chegou nem perto do que foi matar seus pais adotivos. E eu tenho certeza de que, quando chegar o momento, *te matar* será o prêmio final, minha maior recompensa!”

Henrique se aproximou e agachou outra vez para ficar cara a cara com Otto.

— Os preparativos já estão no fim. Meu filho está prestes a nascer e ele vai receber aquilo que nunca foi meu: o poderoso Deus Cego! E quando tudo acabar...

Otto cuspiu na cara de Henrique antes que ele terminasse de falar.

— Você é desprezível — disse o padre. — Tenho nojo de pensar que um dia pude ser seu amigo. E Rosa está grávida de Gabriel, seu desgraçado! Deixe aquela mulher em paz.

Por um momento, pensou que Henrique teria um ataque de raiva. Esperava que isso acontecesse. Mas ele apenas limpou o cuspido com a mão e se levantou sorrindo.

— *Caralho*, Otto! Eu não sei como ainda me surpreendo com a sua burrice — enquanto ria, ele caminhou em direção à porta, puxou Beatriz pelos braços, passou as mãos em sua cintura e começou a beijá-la. O beijo foi longo e lascivo. Otto se sentiu incomodado e desviou o olhar para o fogo. Por fim, Henrique a largou e Beatriz saiu do quarto, desaparecendo na escuridão. — Ufa... como eu queria que *aquela* fosse a mãe de meus filhos. Uma pena que ela seja estéril... por isso tive que usar a sua irmã.

Sua irmã? Do que ele estava falando? Otto sabia que Rosa estava grávida de Gabriel. Não era possível que aquele filho fosse de Henrique!

Percebendo o olhar vacilante do padre, ele respondeu:

— Você não entende nada mesmo, não é? — A risada de Henrique já estava se tornando um som insuportável. Otto quis tapar seus ouvidos, mas não conseguia mover as mãos. — O filho de Rosa *não* é de Gabriel. É meu!

— Isso é impossível... cale a boca! — Apesar de sua resposta, Otto não se sentia confiante. Estava com medo.

— Impossível? É claro que não! Eu precisei apenas da ajuda de Tursan, um servo fiel de Samael.

— Não, não, não... — *pobre Rosa* — isso não é verdade!

— Claro que é. Mas não se preocupe, ela estava desacordada. Eu não queria que ela soubesse de nada, por isso pedi para minha mãe dopá-la. Rosa jamais soube que foi estuprada. Ela realmente pensa que o filho é de Gabriel — ele começou a rir. — *De Gabriel! HAHHAHA*. Como se aquele imbecil soubesse o que fazer com o próprio pau!

A risada era um som perturbador que parecia entrar como alfinetes nos ouvidos de Otto. Ele não suportava mais escutá-lo. Aquilo era pior que os sibilos demoníacos que assombravam seus sonhos. Henrique era a personificação do mal em si. O padre fechou os olhos com força e sussurrou para si mesmo:

— *O Senhor é meu pastor e nada me faltará...*

Pouco a pouco, Henrique foi parando de rir.

— *Em verdes prados me faz descansar, e para águas tranquilas me guia em paz...*

— O que é isso?

— *Restaura-me o vigor e conduz-me nos caminhos da justiça por amor do seu Nome...*

— Você está rezando, Otto?

— *Ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte...*

Henrique se abaixou, deu-lhe um forte tapa no rosto e perguntou:

— A quem você acha que está enganando? Você não tem fé...

— *...não temerei mal algum* — Otto o encarou em desafio e continuou em alto e bom tom: —, pois tu estás comigo...

— *O seu Deus não existe aqui, padre! Descanse seu fôlego.*

— *...a tua vara e o teu cajado ME PROTEGEM...* — agora ele estava gritando, queria enfrentá-lo, acabar com aquela loucura.

— Tudo bem — Henrique deu de ombros. — Faça como quiser.

— **TU PREPARARÁS UM BANQUETE PARA MIM NA PRESENÇA DOS MEUS INIMIGOS. UNGES A MINHA CABEÇA COM ÓLEO, O MEU CÁLICE TRANSBORDA...**

Henrique se virou de costas, saiu do quarto e fechou a porta atrás de si. Otto gritou ainda mais alto:

—A FELICIDADE E A MISERICÓRDIA CERTAMENTE ME ACOMPANHARÃO TODOS OS DIAS DA MINHA VIDA, E HABITAREI NA CASA DO SENHOR POR DIAS SEM FIM!

O silêncio subjugou o ambiente. Ele estava sozinho. A única resposta que recebeu foi o estalar do fogo à sua frente.

O tempo parecia estar paralisado. Ficar ali, apenas com seus pensamentos atormentando sua mente, era um suplício. Em certo momento, ele desistiu de tentar se livrar das cordas que o prendiam. Seus braços e pernas já estavam em carne viva depois de tanta fricção sem resultados.

Sem nada para fazer, além de encarar o fogo crepitante, Otto não conseguia impedir o fluxo de pensamentos que revivia segundo a segundo tudo aquilo que acabara de passar. Ainda estava atônito por descobrir que Henrique não apenas era o assassino de seus pais, como também era o responsável por estarem ali. Parte de sua mente ainda tentava acreditar que aquilo era uma loucura momentânea, que tudo foi inventado, ou até mesmo que o amigo estivesse possuído por alguma entidade maligna. Mas ele sabia que nada disso era verdade.

Mesmo naquele momento, depois de tudo que aconteceu, Otto ainda duvidava que houvesse alguma explicação paranormal para os fatos. Para ele, Henrique era apenas um psicopata que acreditou em tudo que lhe fora dito por pessoas tão loucas como ele. Aqueles cultistas realizavam sacrifícios humanos e diversos outros crimes em nome de uma entidade sobrenatural que claramente não existia. Os eventos *paranormais* do Vale dos Sussurros podiam ser facilmente explicados pelas manipulações de Laila. A velha tinha conhecimentos suficientes para criar venenos capazes de levar uma pessoa ao delírio e, além disso, estava em uma posição privilegiada no vilarejo, o que lhe permitia espalhar esses venenos sem que ninguém soubesse.

A verdade era que todos naquele lugar, com exceção dos próprios membros do culto, eram vítimas. Todos estavam sendo induzidos a acreditarem em algo que não existia. Tudo isso com o objetivo de satisfazer os delírios insanos daqueles que acreditavam que Samael realmente pudesse surgir em nosso mundo.

Otto tinha que estar certo em sua teoria. Caso contrário, enfrentaria poderes que estavam muito além de suas capacidades.

Mesmo com esses pensamentos em mente, o padre não pôde deixar de se sentir mal por Henrique. Por mais que suas palavras expressassem um nível preocupante de insanidade, havia verdades ali. Otto se questionou se eles estariam naquela situação caso não tivesse abandonado o amigo no passado. Talvez, tudo o que tinha acontecido até aquele momento seria, na verdade, sua culpa.

Durante a vida inteira, tentou ser uma boa pessoa, fiel a Deus e livre de pecados. Mas não teria ele cometido seu maior erro ao sair do orfanato e jamais ter retornado para salvar Henrique? Imaginou as dificuldades que o amigo passou sozinho naquele lugar e sentiu um aperto em seu coração. Talvez as coisas pudessem ter sido diferentes.

Mas não! Nada justificava aqueles atos horrendos. Se alguém deveria ser culpado pela situação em que se encontrava agora, esse alguém era Laila e o próprio culto. Essas pessoas tentaram, no passado, sacrificar Otto, uma pobre criança inocente, e acabaram matando seus pais. Esse ato culminou no sumiço do próprio Henrique e, finalmente, no momento em que se encontravam agora. Eles eram os culpados por tudo!

Era *vingança* que Otto queria agora. Não tinha vergonha em admitir isso. Tentou rezar, pedindo a Deus que o salvasse daquela situação, mas nada aconteceu. Tentou ser otimista, acreditando que pudesse se salvar sem partir para a violência, mas isso não foi possível. Agora, jogado em uma cela com os braços e pernas amarrados, a única coisa que impedia sua mente de viajar pelos caminhos lamentosos das revelações que acabara de descobrir era a esperança de poder se vingar.

O tempo continuou correndo e as chamas da fogueira começaram a se extinguir. Em pouco tempo, além de ficar sozinho no silêncio, também ficaria no escuro. Ele tentou continuar rezando, mas não sentia confiança nas próprias palavras. Sua fé se esvaiu por completo. Ficou apenas em silêncio, aguardando.

Quando o fogo já não passava de uma pequena chama que mal iluminava o cômodo, a porta se abriu. A figura encurvada de Laila cruzou o caminho, parando em frente ao padre. Seus olhos cegos refletiam a baixa luz do fogo e ela mantinha uma expressão maliciosa no rosto. Retirou um pequeno frasco de suas mangas e se abaixou, ficando cara a cara com Otto.

— Muito bem, garoto, chegou a hora — suas mãos magras agarraram seu rosto, forçando-o a abrir a boca. Ela queria que ele bebesse o conteúdo daquele frasco, mas Otto se recusou. Juntou todas as suas forças para lutar contra a mulher. Num impulso desesperado, ele se jogou para frente, conseguindo romper a

extremidade da corda que o prendia à parede. Seus braços e pernas ainda estavam amarrados, mas seu corpo estava livre.

Laila se levantou rapidamente, assustada com o movimento brusco do padre. Percebendo que ele estava solto, ela se apressou em direção à porta, mas Otto foi mais rápido e, em outro impulso, jogou seu corpo contra o dela, empurrando-a para a parede. A cabeça de Laila colidiu com as pedras e frasco caiu no chão, estilhaçando-se. Ela tentou se recompor, mas estava atordoada. Otto aproveitou a deixa para empurrá-la novamente e, dessa vez, a colisão fez com que seu corpo frágil caísse inerte no chão.

Sem conseguir se equilibrar, ele também caiu no chão. Seu coração estava disparado e ele ofegava. Ficou com medo de tê-la matado, mas sua maior preocupação no momento era se livrar das cordas que prendiam seus braços e pernas. Tentou friccioná-los, mas tudo o que conseguiu foi irritar ainda mais os seus ferimentos. Alguém apareceria a qualquer momento. Aquela era sua única chance de escapar.

Ele olhou para o lado e viu a fogueira. Uma ideia nada agradável surgiu em sua mente, mas ele não tinha escolhas. Arrastou-se até lá da melhor forma que conseguiu e ficou de costas para as chamas. Sem pensar duas vezes, aproximou seus pulsos do fogo e sentiu o ardor imediatamente. Seu impulso foi gritar e retirar os braços dali, mas ele resistiu. Mordeu a língua e manteve os pulsos no fogo até que as cordas comessem a queimar. A dor era insuportável e ele ficou com medo de que o fogo se alastrasse para suas roupas. Começou a esfregar os pulsos enquanto lágrimas de dor escorriam dos seus olhos. As cordas finalmente se romperam e o padre soluçou aliviado. Levou suas mãos para frente e só então viu o estado em que estavam. Bolhas haviam se formado por toda a parte externa do antebraço e a pele estava com uma aparência gelatinosa. A dor excruciante deu espaço a uma estranha sensação de formigamento, e Otto não conseguia mover muito bem os seus dedos. Temeu as possíveis sequelas daquele ato desesperado.

Com as mãos livres tentou retirar os nós que prendiam suas pernas. Cada movimento era uma tortura. Acabou levando bastante tempo, mas, por fim, conseguiu se livrar completamente das cordas.

Pôs-se de pé e correu para a porta. Antes de alcançá-la, ouviu um rastejar atrás de si e só então se lembrou de Laila. A velha estava de pé, segurando um punhal nas mãos. Com uma voz embriagada, ela disse:

— Volte aqui, seu desgraçado. Não há saída para você!

Otto cogitou a ideia de deixá-la para trás, já que ela não tinha forças para fazer nada. Mas ele não podia correr esse risco. Ela se aproximava a passos

cambaleantes. Ele não queria matá-la, não tinha estômago para isso, por mais que quisesse se vingar. O melhor seria deixá-la desacordada e presa.

Enquanto ele pensava, Laila acelerou seus passos em um bote e quase o acertou com a adaga. Por instinto, Otto se desviou e a velha acabou se desequilibrando, caindo deitada em cima da fogueira. Suas vestes imediatamente se inflamaram e ela começou a se debater como uma tocha humana. Seus gritos de dor ecoavam pelo quarto e logo chamaria a atenção de qualquer pessoa que estivesse por perto. Quanto mais ela se debatia, mais o fogo se espalhava e mais ela gritava. As paredes da caverna começaram a tremer e Otto temeu que o teto fosse desabar. Tinha que fazer alguma coisa para calá-la, caso contrário, seriam soterrados vivos.

Ele se aproximou do corpo em chamas. O cheiro de carne queimada embrulhou seu estômago. A velha iria morrer de qualquer forma e ele esperava que isso fosse um consolo para o que estava prestes a fazer. Ele agachou, tomando cuidado para que as chamas não o alcançassem, ergueu a adaga e cravou-a no pescoço de Laila.

Os gritos cessaram e foram substituídos por um gorgolejo. Os olhos brancos de Laila se fixaram em Otto no momento em que ela exalava seu último suspiro de vida. Ele puxou a adaga de volta para si, mal sentindo os próprios dedos, e se afastou do cadáver em chamas. Benzeu-se em um ato mais instintivo do que de crença e saiu da sala.

Estava em um corredor que se estendia para a escuridão. Um archote estava preso na parede ao seu lado, iluminando apenas alguns metros à frente. O padre o apanhou e deu o seu primeiro passo em direção ao desconhecido. Ele só tinha uma direção a seguir. Ignorou a dor em suas mãos e não teve medo, pois só tinha duas coisas em sua mente: encontrar Rosa e abandonar aquele lugar para sempre.

Os passos de Otto ecoavam pelas paredes à medida que avançava. O corredor começou a se alargar até dar espaço a uma área onde o caminho se bifurcava em três direções. Não havia estalactites no teto como em seu sonho, era apenas um amontoado de terra e pedras, que pareciam frágeis o suficiente para despencar a qualquer momento. A escavação daquele lugar parecia ter sido feita às pressas, tornando-o sufocante. O padre se sentia claustrofóbico e, na pressa de se decidir, seguiu pelo caminho da esquerda.

Estava em outro corredor, dessa vez muito mais apertado que o anterior. Enquanto caminhava, a passagem se estreitava cada vez mais, terminando em um ponto sem saída. Otto se virou, prestes a voltar, quando chutou sem querer um objeto. Abaixou a tocha para enxergar o que era e se deparou com diversas ferramentas de mineração. Pás, enxadas, capacetes e cordas se espalhavam por ali. Próximo à parede estavam algumas caixas empilhadas e, quando chegou perto, viu que estavam cheias de bananas de dinamite.

Otto imediatamente se afastou, temendo causar um acidente com a tocha. Devia haver centenas de dinamites ali. A ideia de pegar uma delas e levar consigo surgiu como uma comichão em sua mente, mas ele sabia o quanto aqueles explosivos eram instáveis e preferiu não se arriscar.

Voltou pelo caminho de onde viera. Chegando na bifurcação, sentiu uma corrente de ar vindo pelo corredor central. Aquela direção levava a uma subida constante e ele imaginou que este deveria ser o caminho para sair das minas. Seus instintos lhe diziam para seguir por ali e não olhar para trás. Mas ele sabia que não podia deixar Rosa nas mãos de Henrique. Sabia que estava arriscando a própria vida ao tentar salvá-la e que talvez não tivesse outra oportunidade de fugir. Mesmo assim, seguiu em frente pelo outro corredor.

Logo nos primeiros passos, percebeu que estava em uma descida. Caminhou por vários minutos, como se estivesse se dirigindo ao centro da terra. A descida era tortuosa e interminável, mas ele finalmente acabou chegando em uma área plana, que se abriu em uma longa sala redonda iluminada por diversos archotes espalhados pelas paredes.

Otto rapidamente apagou sua tocha, jogando-a no chão de terra, quando percebeu as figuras espalhadas pelo local. Diversas pessoas estavam paradas ali, de costas para ele. Todas com mantos e capuzes cobrindo suas cabeças. Suas sombras dançavam pelo chão como fantasmas negros seguindo o ondular das chamas.

Ninguém emitia som algum. A sala estava dominada por um silêncio sepulcral. Pilastras naturais de pedra se erguiam por ali e Otto caminhou até uma delas com cuidado, temendo fazer qualquer barulho que revelasse sua presença. Ele se escondeu atrás da pilastra e esticou seu pescoço para fora, tentando enxergar além daquelas pessoas.

Na outra extremidade da sala havia uma espécie de altar, onde um homem caminhava de um lado para o outro, destacando-se do resto da multidão. Ele não estava vestido com um manto negro, mas sim com roupas simples e surradas. Daquela distância, Otto não conseguia enxergar seu rosto, mas sabia que era Henrique.

— Maldição — ele exclamou em um sussurro que percorreu a sala silenciosa.
— Onde está Laila? Por que ela está demorando tanto?

As pessoas de negro permaneceram paradas.

— Já está quase na hora — ele estancou os passos e se virou para alguém que estava à sua frente. — Beatriz, vá ver o que aconteceu!

De repente, as pessoas começaram a se afastar, uma a uma, criando uma abertura entre a multidão enquanto Beatriz caminhava entre elas. A mulher passou bem ao lado de Otto, mas não o enxergou. Continuou seguindo em frente e desapareceu pelo corredor.

No altar, Henrique continuava inquieto. Otto percebeu que, atrás dele, uma mulher estava deitada no chão. Era Rosa, e ela parecia estar desacordada. Sua barriga grávida se destacava naquela distância e o padre temeu o que estava por vir.

Tinha que pensar em alguma coisa. Seria impossível passar por todas aquelas pessoas para resgatar Rosa. Tinha apenas duas opções: atrair todos para fora da sala ou fazer com que levassem Rosa para outro lugar. De qualquer forma, Beatriz logo encontraria o corpo morto de Laila e, depois disso, Otto não tinha ideia do que poderia acontecer. O tempo estava correndo contra ele.

Henrique de repente se virou e fez um gesto com as mãos para as outras pessoas. Todos eles começaram a sussurrar o já conhecido cântico infernal em adoração à Samael. Pareciam estar hipnotizados, não passavam de zumbis incapazes de raciocinar por conta própria. Essa era a única explicação para aquela loucura. Todos ali eram vítimas de uma indiscutível lavagem cerebral.

Aproveitando aquela quebra de silêncio, Otto caminhou até uma das paredes, tomando cuidado para não ser visto. Tentou se esconder da luz dos archotes e foi se aproximando, passo a passo, do altar, sempre rente à parede.

Estava agora a apenas alguns passos de Rosa e Henrique, oculto por uma pilastra de terra. Ao olhar para a multidão, reconheceu alguns rostos e então se lembrou de uma frase dita por Henrique: *talvez exista muito mais gente envolvida nisso do que você imagina*. Aquele desgraçado já sabia, desde o início, o que estava acontecendo e soube interpretar seu papel de vítima perfeitamente.

Otto deixou esses pensamentos de lado. A prioridade agora era pensar em alguma forma de distrair aquelas pessoas para que pudesse resgatar Rosa.

Atrás do altar havia uma abertura na parede de pedras. Parecia ser mais um corredor que, talvez, levasse a outra saída das minas. Isso explicaria como Laila, no passado, conseguiu escapar do desmoronamento. Ela provavelmente devia ter escapado por outra saída antes que fosse soterrada junto com os outros mineiros.

O cântico sussurrado de repente começou a ficar mais alto e Otto sentiu um leve tremor nas paredes e chão do local. Henrique levantou suas mãos e um sinal de alerta e o som novamente diminuiu, não passando de um sussurro.

Uma ideia perigosa começou a se formar na mente de Otto, mas ele não podia colocá-la em prática enquanto não criasse uma distração. Nesse momento, Beatriz surgiu ofegante.

— Laila... está morta — ela tomou fôlego e continuou: — O padre escapou.

O cântico cessou imediatamente. Henrique permaneceu parado em silêncio. Seu corpo estremeceu levemente e, em uma voz fria, ele disse:

— Ele não pode estar longe. Procurem por ele em cada canto deste lugar! Tenho certeza de que ele ainda está por aqui! *Encontrem aquele filho da puta!*

A multidão imediatamente começou a se dispersar de forma desorganizada. Otto se encolheu atrás da pilastra com o coração disparado. Não tinha para onde correr, teria que ficar parado ali e rezar para que ninguém o encontrasse.

As pessoas esvaziaram a sala em bandos. Algumas saindo pela entrada, outras pela saída atrás do altar e o restante por um outro corredor que Otto não percebera, pois estava oculto por uma pilastra do outro lado da sala.

As minas provavelmente eram maiores do que Otto imaginava e, agora, estava infestada pelos adoradores de Samael em todos os cantos. Os únicos que permaneceram no grande salão foram Henrique, Beatriz e Otto.

— E você? — Beatriz se aproximou. — O que vai fazer?

— Vou ficar bem aqui. Otto jamais iria embora sem levar Rosa consigo. Eu sei que aquele *imbecil* está por aqui em algum lugar — ele fez uma pausa e então continuou com uma voz rascante — E ele matou minha mãe... tudo bem que aquela velha já estava me enchendo o saco, mas eu não aguento mais ver aquele padre desgraçado *fodendo* com a minha vida.

— Não se preocupe, nós vamos encontrá-lo.

— Ah, mas disso eu tenho certeza! Só não sei o que vou fazer com ele depois que terminarmos o ritual...

— Pode deixar que eu te ajudo. Venha cá.

Otto ouviu passos e, em seguida, o som deles se beijando. Aproveitou o momento para arriscar espiar além da pilastra. Henrique e Beatriz estavam atracados um com o outro em movimentos lascivos. Ao seu lado, Rosa de repente começou a se mover lentamente, como se estivesse despertando.

Antes que pudesse entender o que estava acontecendo, Otto ouviu um grito estridente e as paredes começaram a vibrar. Henrique imediatamente se afastou e olhou para Rosa.

— *Cale a boca, caralho!*

Rosa o ignorou e continuou gritando desesperadamente. Ela se debatia, mas também parecia estar presa por cordas. Seus gritos eram ensurdecedores e grãos de terra começaram a cair do teto.

— *Puta merda* — Henrique se virou para Beatriz —, onde está a *porra* do veneno para desacordá-la?

— Eu não sei! Era Laila quem andava com eles.

— Então me ajude a calar a boca dessa *puta* — ele ergueu uma das mãos, prestes a dar um soco em Rosa, mas Beatriz o impediu.

— Não! Temos que tomar cuidado com o bebê.

— Você tem outra ideia? Se ela continuar gritando desse jeito, esse lugar vai cair em nossas cabeças!

Henrique tentou abafar os gritos com as próprias mãos, mas Rosa se debatia como um animal ferido, mordendo sua mão e chutando tudo que conseguia.

— *Ai!* Eu vou acabar com essa desgraçada — ele afastou as mãos em um acesso de raiva e então as jogou para o pescoço de Rosa em uma tentativa de sufocá-la. Beatriz tentou afastá-lo, mas não conseguiu.

— PARE COM ISSO — ela gritou —, se ela morrer, não haverá ritual!

— Que se *foda*! Se for necessário, eu arranco esse bebê com minhas próprias mãos.

Os gritos de Rosa começaram a ficar sufocados. Sem tempo para pensar, Otto engoliu em seco e então pulou para fora da pilastra, revelando sua presença. Por um momento, Henrique pareceu não o notar, mas então ele virou o rosto perplexo e largou o pescoço de Rosa.

A mulher começou a gritar novamente. Otto inspirou o máximo de ar que conseguiu e também soltou um longo berro. Henrique se levantou e começou a se aproximar, ignorando tudo ao seu redor. Atrás dele, Beatriz continuou tentando fazer com Rosa se calasse.

O padre continuou gritando sem se mover, torcendo para que aquela loucura funcionasse. Não apenas as paredes tremiam, mas também o chão. A poeira de terra que caía foi engrossando e logo algumas pedras começaram a se desprender do teto, caindo por todos os lados.

Quando Henrique estava a apenas alguns passos de alcançá-lo, um grande pedregulho caiu do teto, acertando sua cabeça. Ele tombou no chão e permaneceu inerte. Otto parou de gritar, mas os tremores continuaram.

Percebendo o que estava acontecendo, Beatriz desistiu de calar Rosa e saiu correndo em direção ao corredor que Otto não sabia para onde levava. No momento em que ela cruzou o portal, um monte de terra se desprende do teto, soterrando aquela passagem. Otto pôde ver a mulher sendo engolida pelo desmoronamento. Apenas seus pés ficaram para fora. O resto do corpo fora esmagado pelos destroços.

— Rosa! — Otto correu até ela e, com a adaga em mãos, cortou as cortas que a prendiam. — Rosa! Pelo amor de Deus, você precisa parar de gritar.

A mulher continuou se debatendo e berrando. Agora, com as mãos livres, ela começou a socar o ar e estapear o rosto do padre.

— ROSA — ele a segurou pelos ombros —, fique quieta!

— *O meu filho* — ela gritou — *tire ele de mim! É um demônio!*

— Pare com isso! Acalme-se!

— *Tire ele de mim! Eu não quero essa criança!* — Ela começou a socar a própria barriga, mas Otto segurou seus braços firmemente.

— Rosa! Não temos tempo para isso, olhe ao seu redor... se ficarmos parados aqui, vamos morrer!

Ela o ignorou e continuou gritando coisas incoerentes. Em desespero, Otto lhe deu um tapa na cara e pediu para que ela se acalmasse novamente. Os gritos pouco a pouco se transformaram em um balbuciar lamentoso e, por fim, foram contidos.

— Otto? — Ela perguntou, soluçando. — Otto! E-essa criança n-não é de Ga-Gabriel... ah! Isso é horrível! Tire ele de mim, por favor!

Então ela já sabia de tudo. Henrique lhe contara a verdade apenas com o intuito de fazê-la sofrer.

— Minha filha, fique tranquila. Nós vamos resolver tudo isso, mas, antes, precisamos sair daqui. Você consegue andar? — Ainda chorando, ela se pôs de pé e assentiu com a cabeça. — Então vamos.

Otto lhe deu uma das mãos e olhou para as duas saídas, tentando decidir qual caminho tomar. Os tremores ainda não haviam cessado. Pedregulhos despencavam por todos os lados e ele temeu ser soterrado a qualquer momento, assim como

acontecera com Beatriz. Como não sabia para onde a saída ao lado do altar levava, decidiu seguir pelo caminho que viera.

Assim que cruzaram o portal, eles ouviram um som e Rosa se virou para trás.

— Padre... temos que correr.

Diversos homens em mantos negros surgiram pelo outro corredor do lado oposto. Eles corriam em sua direção.

QUINTO DIA

01/12/1999

Quarta-feira

Capítulo 14

Os dois saíram em disparada de mãos dadas. Otto temia que o esforço físico fizesse mal para Rosa, mas eles não tinham outra opção. Se não corressem, seriam pegos pelos outros membros do culto.

Voltar pelo corredor significava enfrentar uma íngreme subida. Não demorou para que ficassem cansados e perdessem distância dos cultistas. As pessoas que estavam atrás deles pareciam furiosas, ignorando todo o desmoronamento que acontecia ao seu redor. Eles só tinham uma única coisa em mente: acabar com Otto.

Eles não podiam se dar ao luxo de parar para descansar, por isso continuaram correndo contra todos os protestos dos seus corpos. O esforço mostrou resultado quando finalmente chegaram à área de bifurcações da mina. Assim que a subida terminou, um grande pedregulho caiu no chão com um estrondo e começou a rolar descida abaixo, atrasando o percurso dos cultistas. Otto ouviu gritos vindo de lá no momento em que a rocha colidiu com eles. O som fez apenas com que os tremores aumentassem ainda mais.

— Para onde vamos agora? — Rosa perguntou.

— Por ali — Otto apontou para o caminho que subia em direção à saída. Nesse momento, o som de novos perseguidores surgiu pelo outro corredor. — Vá! Eu te alcanço mais tarde!

— Como assim? O que você está pensando em fazer?

— Vá, Rosa! — Otto pegou o archote preso em uma parede, acendeu e o entregou para Rosa. — Vou acabar com essa loucura e te encontro do lado de fora.

— Eu não vou sem você!

— Vai sim, por favor. Eu voltei aqui por você e preciso ter certeza de que ficará bem. Por favor, vá!

— Mas eu preciso de você para sair daqui...

— Nós nos encontraremos lá fora, eu prometo — ele já tinha feito promessas que não conseguiu cumprir, mas guardou isso para si mesmo.

Rosa parecia tão frágil à luz das chamas. Seu rosto encovado mantinha uma expressão de desalento e, por um momento, Otto pensou que ela não fosse obedecê-lo. Por fim, ela assentiu e se virou de costas, subindo pelo corredor com dificuldades.

Assim que a luz de seu archote desapareceu pela escuridão, Otto correu pelo corredor que levava aos explosivos. Quando alcançou as caixas, apanhou algumas cordas que estavam no chão, empilhou-as da melhor forma que conseguiu e encostou sua tocha nelas. A chama começou a se espalhar mais rápido do que imaginava e ele correu de volta para a área das bifurcações.

Ele já estava preparado para seguir o mesmo caminho de Rosa, quando alguém pulou da escuridão, derrubando-o com o peso do seu corpo. A tocha voou de suas mãos, pousando a alguns passos de distância.

— *Achei o desgraçado!* — O homem gritou, enquanto prendia Otto no chão.
— *Vamos acabar com ele!*

Do outro lado, passos rápidos se aproximavam enquanto Otto lutava para se livrar do aperto. Não reconheceu o rosto do homem que o segurava, mas imaginou que fosse apenas mais um dos moradores do vilarejo que estavam ali apenas por causa do Culto de Samael. Ele tentava estrangulá-lo enquanto os outros se aproximavam.

Otto não tinha muito tempo. Logo a chama envolveria os caixotes de dinamite e tudo aquilo seria soterrado. Se ele não conseguisse se livrar daquele homem, morreria ali mesmo.

Sua garganta estava dolorida e ele começava a sentir seus sentidos falharem enquanto tentava inspirar, mas nenhum ar entrava em seus pulmões. Em um último ato de desespero, ele encontrou a adaga em suas calças e, às cegas, cravou-a no pescoço de seu algoz.

O sangue jorrou em sua cara no momento em que o aperto cedeu e o homem tombou para o lado. Otto se levantou e respirou aliviado, sentindo uma forte dor de garganta. Ele correu pela subida, esquecendo a tocha para trás. Quando a escuridão o envolveu, manteve-se confiante de que aquele caminho logo o levaria para a saída.

Sem qualquer fonte de iluminação, ele manteve as mãos apoiadas na parede para não tropeçar. O corredor serpenteava em diversos momentos, mas, finalmente, ele pôde ver a luz no fim do túnel indicando que estava próximo à saída.

Foi nesse momento que veio o estrondo.

O som da explosão parecia ser o próprio demônio engolfando a terra na fúria de seu fracasso. O ar se deslocou rapidamente, empurrando Otto para frente, enquanto o chão tremia como se estivesse vivenciando o mais forte terremoto de todos os tempos.

O padre tapou os ouvidos, fechou os olhos e correu o mais rápido que conseguiu. Uma onda de desmoronamento o perseguia agora e ele apostava corrida contra a própria morte. Quando supôs que estava a apenas alguns passos da saída ele acabou tropeçando e caiu no chão. Temeu abrir os olhos, pensando que fosse morrer, mas continuou apenas ouvindo o terrível som do desmoronamento sem que nada acontecesse. Sentiu apenas o deslocamento do ar e uma chuva de poeira o atingir.

Ficou assim por vários segundos e então resolveu abrir os olhos. Soltou um suspiro aliviado ao perceber que estava deitado do lado de fora das minas. Estava de bruços no chão de terra, próximo aos equipamentos abandonados.

Otto se levantou e observou o estrago causado. A alguns metros de distância, onde a boca da caverna se abria para uma escuridão absoluta, agora havia apenas uma entrada barrada por um monte de pedras e detritos. O portal de madeira que segurava a entrada das minas fora esvaado pelo desmoronamento.

Tudo terminou da mesma forma como começou. No passado, Miguel causara o desmoronamento que acabou com o Culto de Samael, da mesma forma como o arcanjo de mesmo nome esmagou a cabeça do Demônio. Mas o culto tinha sobrevivido e agora, mais de trinta anos depois, Otto voltou ao Vale dos Sussurros para terminar o trabalho de seu pai.

Apesar de todo sofrimento dos últimos dias, ele se sentia aliviado. Finalmente aquela história tinha terminado. Quando se virou para trás, viu que ainda era noite, mas não demoraria para amanhecer. Não sabia ainda quanto tempo tinha ficado dentro daquele lugar amaldiçoado, mas suspeitou que não tivesse sido mais que um dia.

Rosa de repente apareceu entre as árvores, com um olhar suspeito e, assim que o avistou, correu em sua direção. Ela estava sorrindo e chorando ao mesmo tempo e o abraçou sem dizer palavra alguma. Aquele simples gesto bastava para expressar sua gratidão.

O chão ainda estava tremendo por causa dos deslocamentos de terra dentro da montanha. Não era seguro permanecer ali.

— Vamos, minha filha — Otto segurou a mão de Rosa e, juntos, eles seguiram a trilha de volta para o vilarejo.

O sol estava nascendo timidamente, iluminando as águas cristalinas do rio. O céu ainda estava nublado, mas a chuva cessara. Foi no momento em que alcançaram a orla da lagoa que avistaram Henrique.

Ele estava em um estado lastimável, quase irreconhecível. Seu corpo inteiro estava coberto de terra e uma crosta de sangue seco estava pregada em seu rosto.

— *Você!* — Rosa gritou. — Por que não está morto?

Henrique estava de pé em frente ao rio e começou a dar alguns passos cambaleantes na direção deles sem dizer palavra alguma. Apenas mantinha um olhar de ódio em seu rosto. Otto concluiu que ele provavelmente recobrou a consciência em meio ao desmoronamento e escapou das minas pela outra saída da montanha.

— Henrique, pelo amor de Deus, não faça nenhuma idiotice.

Ele ignorou o alerta do padre e continuou se aproximando.

— *Seu Deus* não existe aqui! — Ele respondeu em um esgar de ódio e então acelerou seus passos, jogando seu corpo contra o de Otto.

O padre caiu no chão e os dois homens começaram a lutar um com o outro. Eles rolavam pelo chão, engalfinhando-se entre socos e pontapés. Pareciam dois animais selvagens brigando.

Em um determinado momento, ambos caíram dentro do lago e Henrique agarrou os ombros de Otto, tentando afundá-lo nas águas na tentativa de afogá-lo. O padre se debatia desesperadamente, conseguindo emergir a cabeça por alguns segundos, apenas para ser empurrado novamente para baixo. Ele estava perdendo suas forças e logo não conseguiria mais lutar.

Foi então que Rosa surgiu com uma grande pedra nas mãos e afundou-a na cabeça de Henrique. Otto aproveitou a oportunidade para se livrar dele e sair das águas.

— Me dê isso — Otto pegou a pedra das mãos de Rosa.

Henrique também saiu do rio, mas parecia estar desorientado. Em seu primeiro passo, tropeçou e desabou de costas no chão. Otto se aproximou, apoiou seu pé em seu peito e disse:

— Você está certo... *meu Deus* pode não estar aqui. Mas eu também garanto que o *seu Samael* também não está, nem nunca esteve.

— *Eu te odeio, Otto...* — Henrique sussurrou com a voz fraca.

— Este lugar é ruim, Henrique. E não foi um demônio que o fez assim, foram as pessoas que vieram para cá. O bem e o mal não estão em uma divindade, mas nas próprias pessoas, nas suas escolhas.

— *Cale a boca... e acabe logo com isso.*

— Você pode me odiar, mas eu apenas lamento as escolhas que você fez. As coisas não precisavam terminar assim, sabe?

— *Essa vai ser sua única chance, seu filho da...*

Ele se calou no momento em que Otto se abaixou, arremessando a pedra na direção de sua cabeça. Henrique fechou os olhos, esperando pelo impacto, mas isso nunca aconteceu. A pedra foi cravada no chão, rente ao seu rosto.

— *P-por quê?* — Sua expressão era de dúvida genuína.

— Eu já tenho sangue demais em minhas mãos.

Durante as últimas horas, Otto foi guiado apenas pela sua sede de vingança. Mas agora, naquele momento, ele não sentia que matar Henrique com suas próprias mãos iria satisfazer sua sede. O homem estava debilitado, sem forças nem para se levantar. Matá-lo não seria vingança, nem um golpe de piedade, seria apenas um derramamento de sangue desnecessário. Era muito provável que ele sequer sobrevivesse. Ou talvez sim, e um dia ele poderia ir atrás de Otto para terminar o que começou. Mas, fosse qual fosse o seu destino, ele não estava nas mãos de ninguém, a não ser dele próprio.

Quando Otto levantou sua cabeça, viu que diversas pessoas estavam se amontoado do outro lado do lago. Os moradores do vilarejo provavelmente foram atraídos pelo som do desmoronamento e vieram ver o que estava acontecendo.

O padre segurou a mão de Rosa e, juntos, terminaram de contornar as águas. Quando chegaram do outro lado, as pessoas estavam alvoroçadas. Otto levantou seus braços e pediu silêncio, tentando acalmar os ânimos. Quando conseguiu a atenção de todos, ele explicou em poucas palavras tudo o que se passara durante o último dia.

Muitos não acreditaram em nada do que ele disse. Outros ficaram abismados e temerosos. Outros simplesmente o ignoraram. Independentemente das reações, Otto disse em voz alta:

— Não existem assombrações, nem sussurros, nem espíritos que os impeçam de ir embora. As pessoas que os prendiam aqui estão todas mortas, vocês agora estão livres para fazer o que quiserem!

Otto era um estranho, um forasteiro contando para aquelas pessoas uma história que dificilmente alguém acreditaria. Eles viveram uma vida sob as sombras da maldade do Vale dos Sussurros e não seria ele a pessoa que os traria para a luz. Mas ele esperava que suas palavras tivessem plantado uma semente e que, com o tempo, frutos pudessem advir dessa semente.

Rosa tentou ajudá-lo, confirmando sua história, mas mesmo assim os moradoras a ignoraram. Otto simplesmente deu de ombros e seguiu seu caminho.

— Otto... — Rosa o chamou timidamente — esse bebê... tudo que aquele homem falou... é verdade?

Aquele assunto surgiria a qualquer momento, Otto sabia disso. A pobre Rosa devia estar aflita. Ele estancou seus passos, deu um suspiro e se virou para ela:

— Eu não sei, Rosa, de verdade. Mas eu acho que, independentemente do que Henrique nos disse, você deve acreditar que esse filho é de Gabriel. Henrique poderia muito bem tomar o lugar de Samael em relação ao título de *senhor da mentira*, nós nunca saberemos se o que ele disse é verdade ou não. Mas o que importa é que essa criança tem o seu próprio caminho para seguir. Ele poderá fazer suas próprias escolhas e, tendo você como mãe, eu tenho certeza de que fará boas escolhas.

Rosa enxugou as lágrimas em seu rosto e assentiu.

— É... eu acho que você está certo. Gabriel tinha certeza de que este era o filho dele e, se ele ainda estivesse vivo, eu sinto que ainda teria essa certeza.

Otto sorriu para ela e os dois continuaram seguindo o caminho para longe do vilarejo.

Eles estavam na mesma estrada que Otto percorrera no dia em que chegou ao vilarejo. Àquela altura, as nuvens já haviam se dissipado e o sol estava quente em suas cabeças. Rosa estava cansada e decidiu parar para tomar um fôlego.

— Eu não aguento mais — ela soltou um gemido de dor. — Padre, nós vamos precisar de ajuda...

— Está tudo bem. Descanse, minha filha.

A condição de Rosa não era favorável para eles irem embora daquele lugar. Otto esqueceu de levar isso em consideração quando decidiu seguir o caminho a pé. Ele ficou de pé, pensando em alguma solução, quando viu uma nuvem de poeira na estrada.

Um carro estava se aproximando. Otto percebeu que era uma grande caminhonete e seu estômago se revirou de medo, pois não sabia o que esperar. Pensou em se esconder, mas quando disse isso a Rosa, ela o acalmou:

— É o Eduardo!

— Quem?

— Eduardo Caronte! Ele pode nos ajudar!

Caronte... Otto tinha se esquecido do motorista que levava suprimentos para a vila. Depois de tudo que aconteceu, ele imaginou que Eduardo fosse apenas mais uma invenção, mas então viu que era verdade.

— Você acha que ele é confiável?

— Ah, acho que sim — Rosa hesitou. — Não temos nenhuma outra escolha, temos?

Aquilo infelizmente era verdade.

A caminhonete diminuiu a velocidade e parou ao lado deles. Um velho barbudo, com óculos de sol e cabelos brancos compridos, abaixou o vidro e os encarou. Otto imediatamente o comparou com um daqueles motoqueiros de gangue. De dentro do carro vinha o som de um rock pesado e ele percebeu que não havia carga na parte traseira.

— Otto Weergang — o velho falou com uma voz grave e rouca —, então quer dizer que deu tudo certo.

— O que? Como você me conhece?

— Oras — Caronte soltou uma sonora gargalhada — há trinta e poucos anos, fui eu quem te levou para longe daqui. Mas eu sempre soube que você voltaria um dia para terminar o serviço que Miguel começou — ele fez uma pausa, acendeu um cigarro e o tragou lentamente. — Falando nisso, sinto muito por seus pais...

— Mas... como?! Como você sabe de tudo isso? Quem é você?

— Eu sei de muitas coisas, garoto — ele tragou novamente. — Sou apenas um motorista, e agora vim buscar vocês.

— Não! Você está louco?! Eu não confio em você.

— Otto — Rosa segurou seu braço —, nós não temos escolha...

— Meu Deus! Mas como esse homem sabe de tudo isso? Ele é muito suspeito, Rosa, não podemos confiar nele.

— Ah, pare com isso, Otto — Caronte deu outra gargalhada. — Que mal você acha que eu vou fazer a vocês?

— Eu não sei, mas enquanto você não me disser como sabe de tudo isso, eu me recuso a entrar nesse carro. Você não faz ideia do que acabamos de passar.

— Eu faço sim — ele abanou a cabeça com um sorriso no rosto. — E é por isso que estou aqui. O seu trabalho acabou, Otto. O meu também. Essa é a última vez que vim para este vale. Eu sou o que sou, não consigo explicar mais que isso.

Otto o encarou atônito. Depois de tudo que aconteceu no vale, Eduardo Caronte era a coisa mais surreal e estranha que cruzara seu caminho. Ele não entendia exatamente o porquê, mas aquele velho inspirava algum tipo de confiança.

Ele olhou para Rosa, e então de volta para Eduardo. Por fim, decidiu entrar no carro. Afinal, eles realmente não tinham outra escolha.

— Muito bem — o velho disse enquanto manobrava o carro para voltar pelo caminho de onde viera —, então você decidiu não matar Henrique. Acho que foi uma boa escolha... mas você sabe que isso pode gerar consequências, certo?

— Sim, eu sei — Otto nem desperdiçou seu tempo perguntando como ele sabia daquilo, simplesmente respondeu sem questioná-lo.

O carro seguiu pela estrada de terra chacoalhando levemente. Rosa estava na cabine de trás e não demorou para cair no sono. Otto a observou pelo retrovisor e sentiu um pequeno alívio em seu peito. Pelo menos conseguira salvar uma pessoa de toda aquela loucura. Logo depois, sentiu um aperto ao se lembrar de Davi, Henrique e Gabriel. Foram tantas mortes, tanto sangue derramado... mas no fim, pelo menos, estavam indo embora dali.

— Você é uma boa pessoa Otto. Eu sempre soube disso, e Isabela também sabia. Quando eu a levei embora deste lugar, eu lhe disse isso. Você é a maior prova de que, independentemente do lugar de onde veio ou onde foi criado, a bondade está dentro da pessoa, e você soube cultivá-la. Eu lamento que as coisas tenham acontecido do jeito que aconteceram... não esperava que fosse assim.

A rádio do carro continuava tocando um rock pesado. Otto aumentou um pouco o volume. Estava segurando o choro e não queria ouvir mais nada.

Eduardo continuou dirigindo em silêncio. Eles serpentearam as montanhas em uma subida e logo começaram a descida de volta para a civilização. Otto ficou olhando pensativo para o lado de fora do vidro e, em um determinado momento, uma figura chamou sua atenção ao longe. Era um homem montado em um cavalo negro, com um chapéu de palha em sua cabeça. Estava parado, olhando diretamente para o carro e, quando cruzou seus olhos azuis com os de Otto, ele tirou o chapéu e fez um aceno com a cabeça, como se estivesse o cumprimentando.

O carro seguiu em frente, deixando o homem para trás. Otto pensou em perguntar para Eduardo se ele o conhecia, mas acabou ficando calado. Certas perguntas simplesmente não tinham repostas.

Ele apoiou a cabeça no encosto do banco e fechou os olhos. O sono não demorou a chegar. Dormiu tranquilo e sem pesadelos.

Epílogo

Otto Weergang se levantou da cama alguns minutos antes do nascer do sol.

Olhou para as cicatrizes em suas mãos, como fazia todas as manhãs, e agradeceu por estar vivo. Ligou a cafeteira e olhou para o calendário, aquele era um dia importante.

Enquanto o café passava, arrumou sua cama e foi tomar banho.

Abriu a porta do armário e se deparou com diversos ternos pretos. Olhou um por um com um sorriso dançando em seus lábios e, por fim, acabou escolhendo uma calça jeans com uma blusa branca.

Tomou seu café da manhã, saboreando cada migalha e foi para a sala.

Abriu a janela que ficava em frente à sua mesa e observou o belíssimo amanhecer em Pedra Branca. O céu estava límpido, deixando seu humor ainda melhor.

Sentou-se em sua cadeira, colocou os óculos de leitura e olhou para a máquina de escrever à sua frente. Desde os eventos de um ano atrás, ele perdeu boa parte do movimento de suas mãos e, por isso, não conseguia mais usar um lápis ou caneta. Mas isso não foi um problema. Acabou comprando uma máquina de escrever e agora se aventurava no mundo da escrita.

Estava prestes a terminar seu primeiro livro, baseado em tudo o que acontecera no Vale dos Sussurros e estava contente por ter um meio para tirar aquele peso de seu peito. Ele nunca mais teve pesadelos tão vívidos como os que o aterrorizaram naquele lugar, mas, por diversas vezes, era assombrado por suas próprias lembranças.

Começou a digitar lentamente, letra por letra, palavra por palavra e as horas foram passando. Já era quase meio dia quando a campainha tocou.

Otto se levantou e olhou pela janela, reconhecendo imediatamente a cabeleira loira de Jonas. Foi até a porta e a abriu.

— Olá, padre — o enfermeiro o cumprimentou com um aceno de cabeça.

— Ah, Jonas, já disse que você não precisa mais me chamar assim.

— É o costume, desculpe-me — pouco tempo depois que retornara do Vale dos Sussurros, a igreja decidiu que Otto poderia voltar às suas atividades eclesiais, mas ele acabou recusando. Não se tratava de uma questão de fé. Ele simplesmente não queria mais ser padre, sabia que aquela não era a sua vocação e estaria prestando um desserviço se continuasse naquela posição sem vontade.

Na verdade, tudo o que aconteceu acabou fortalecendo a sua fé, mas de uma maneira diferente. Ele via o mundo com outros olhos, percebeu que a bondade e a maldade estavam alheias a qualquer religião ou espiritualidade, era algo inerente aos seres humanos. Ele, como pessoa, não podia dizer aos outros o que era certo ou errado, pois isso era uma concepção individual. O que ele podia fazer, porém, era tentar ser bom à sua própria maneira, ajudando outras pessoas.

Foi com esse pensamento que acabou assumindo o cargo de educador infantil em uma escola municipal e decidiu também escrever seu livro, demonstrando nele as suas conclusões sobre a luta entre o bem e o mal num lugar chamado *Vale dos Sussurros*.

— Tudo bem — Otto sorriu. Sua constante seriedade foi outra coisa que ficou para trás. Ele conseguiu aceitar a morte de seus pais adotivos e, também, dos biológicos sem que isso deixasse marcas escuras em seu coração. — Mas, então, quais são as novidades?

— Bem, já faz um ano do... ah, você sabe. Então nós pensamos em dar uma passada por aqui para visitá-lo.

Nesse momento Otto avistou Rosa saindo de uma loja do outro lado da rua. Ela segurava o bebê em seu colo e acenou animadamente com a outra mão ao ver Otto. Atravessou a rua e o cumprimentou com um sorriso.

— Otto, meu querido! Como é bom te ver!

— Olá, Rosa! Como está o pequeno Gabriel? — Otto brincou com a criança em seu colo, que começou a sorrir ao vê-lo.

— Está ótimo! Daqui a pouco vai estar andando pela casa toda. Pode pegá-lo, vai — o bebê passou de suas mãos para as dele, gargalhando durante o processo. — E você? Como está?

— Melhor impossível — ele respondeu, tentando ajeitar Gabriel em seu colo.

O bebê de Rosa nasceu poucos dias depois que eles voltaram para Pedra Branca. Durante os primeiros meses, ela ficou morando na casa de Otto, recuperando-se de todo trauma que passara no vale.

Jonas foi uma figura importante na recuperação de Rosa. Ele sempre esteve presente, apoiando-a como um verdadeiro amigo e não demorou para que eles se apaixonassem. Os dois haviam se casado há apenas dois meses e irradiavam felicidade quando estavam juntos. Rosa agora morava com ele, mas os dois sempre visitavam Otto e sua amizade se manteve firme e constante.

— O natal está chegando — Jonas disse — e nós queremos que você venha passar conosco.

— É claro! Muito obrigado pelo convite — Otto se afastou, abrindo a porta e os convidou para entrar. — Eu estou quase terminando o livro, espero que até o próximo final de semana ele esteja finalizado. Vocês serão os primeiros a lê-lo. Vamos, entrem!

Rosa e Jonas cruzaram a soleira da porta e Otto a fechou atrás de si. Ele estava na companhia de amigos e estava feliz.

Do outro lado da rua, sentado à mesa de um bar que ficava na esquina, alguém os observava com um copo de cerveja nas mãos. Ele sorriu quando a porta foi fechada, ergueu o copo em um brinde invisível e tomou um gole.

Notas e agradecimentos

Finalmente chegamos ao fim dessa jornada! Muito obrigado por comprar este livro. Espero que você tenha gostado.!

Antes de mais nada, eu gostaria de pedir um favor: será que você poderia deixar uma avaliação na Amazon? É uma coisa rápida e fácil que ajuda demais a publicidade do livro e é também um incentivo ao autor. Além disso, o *feedback* do leitor é muito importante para que eu saiba se vocês estão gostando (ou não) do que eu escrevo.

Agradeço, desde já, sua colaboração!

Agora sim, vamos às notas e agradecimentos:

Primeiramente, gostaria de deixar claro que tanto o *Vale dos Sussurros*, como todas as personagens que compõem este livro são fictícios. Otto Weergang foi baseado em meu falecido avô, e *Pedra Branca* foi inspirada em *Pedralva*, uma pequena cidade localizada no sul de Minas Gerais, onde meus pais nasceram, e cujo nome já foi *Pedra Branca*.

Peço desculpas por eventuais equívocos cometidos em relação à *Goetia* e quaisquer outros assuntos que tratei neste livro. Por mais que tenha estudado, admito que usei um pouco da minha liberdade poética ao tratá-los neste livro.

Agora, vamos aos agradecimentos:

Aos meus pais, que sempre me incentivaram a escrever, mesmo sabendo que o caminho para o sucesso é longo e árduo.

À Luísa Rodrigues, que, além de me apoiar, também exigiu um ritmo de escrita, que me fez ser mais produtivo.

Ao meu amigo, Bruno Munayer, que fez a incrível capa deste livro, sem cobrar absolutamente nada por isso.

A todos os amigos e familiares que foram meus *leitores betas*, criticando, elogiando e acrescentando ideias ao desenrolar da história.

Por fim, e mais importante, a todos os meus leitores, pois o sonho de me tornar um escritor profissional algum dia está completamente nas mãos e apoio de vocês!

Obrigado, e um grande abraço a todos!

Para entrar em contato com o autor, envie um e-mail para:
lucasbvw@hotmail.com